



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

GABRIELA REMPEL

**A PRODUÇÃO DO JORNAL ESCOLAR E O JORNALISMO
INDEPENDENTE: ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA
EM UMA PERSPECTIVA CRÍTICA**

Florianópolis

2020

GABRIELA REMPEL

**A PRODUÇÃO DO JORNAL ESCOLAR E O JORNALISMO
INDEPENDENTE: ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA
EM UMA PERSPECTIVA CRÍTICA**

Tese submetida ao Programa de Pós-graduação
em Linguística da Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do título de doutora em
Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Adair Bonini

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Rempel, Gabriela

A produção do jornal escolar e o jornalismo independente: ensino e aprendizagem de língua portuguesa em uma perspectiva crítica / Gabriela Rempel ; orientador, Adair Bonini, 2020.

263 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Linguística, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Jornal escolar. 3. Análise Crítica de Gênero. 4. Ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa. 5. Transitividade crítica. I. Bonini, Adair. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Gabriela Rempel

A produção do jornal escolar e o jornalismo independente: ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa em uma perspectiva crítica

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Graciela Rabuske Hendges, Dra.
Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Neil Armstrong Franco de Oliveira, Dr.
Universidade Estadual de Maringá

Profa. Terezinha da Conceição Costa-Hübes, Dra.
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Marcos Antonio Rocha Baltar, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutora em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística.

Prof. Atilio Butturi Junior, Dr.
Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Prof. Adair Bonini, Dr.
Orientador

Florianópolis, 2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço às alunas e aos alunos da escola Lázaro Marques, protagonistas desta pesquisa, pela troca de conhecimento ao longo do trabalho de campo e de produção dos dois jornais escolares. Agradeço à escola e seu corpo docente pela receptividade. Em especial, agradeço à Professora Edna, também colega de pesquisa, pela parceria estabelecida desde nosso primeiro encontro. Obrigada, Edna, pelo acolhimento sempre tão presente.

Agradeço aos portais de jornalismo independente que contribuíram com esta pesquisa, principalmente, ao Portal Desacato pelo trabalho contra-hegemônico tão necessário na conjuntura atual. Obrigada Mayara e James pelas trocas. Para além do que foi possível desempenhar nesta tese, vocês ajudaram a criar uma rede colaborativa com as alunas e alunos da escola Lázaro Marques.

Agradeço ao Professor Adair Bonini, orientador de pesquisa, pelo seu acolhimento e confiança. O professor Adair tem sido uma inspiração para suas orientandas e seus orientandos na construção de pesquisas que tenham como objetivo questionar as estruturas de dominação. Obrigada, Professor Adair, pelo exemplo de engajamento com o trabalho crítico e de luta em defesa da universidade pública e da educação de qualidade.

Agradeço às professoras e professores que participaram da banca de defesa desta tese pela leitura cuidadosa e pelas contribuições para a conclusão desta pesquisa: Dra. Graciela Rabuske Hendges, Dr. Marcos Baltar, Dr. Neil Armstrong Franco de Oliveira e Dra. Terezinha Costa Hübes. Agradeço também à professora Dra. Maria Inêz Probst Lucena e Dra. Vanessa Arlésia de Souza Ferretti-Soares pelas contribuições muito construtivas dadas na banca de qualificação.

Agradeço aos professores e professoras do PPGL da UFSC: Atilio Butturi Junior, Ana Paula Santana, Cristine Gorski Severo, Daniel do Nascimento e Silva, Edair Maria Gorski, Gilvan Muller Oliveira, Heronides Maurilio de Melo Moura, Leandra Cristina de Oliveira, Marcos Antônio Rocha Martins, Mary Elizabeth Cerutti Rizzatti, Rodrigo Acosta Pereira, Rosângela Hammes Rodrigues, Rosângela Pedralli e Sandro Braga. Agradeço a vocês pelas aulas enriquecedoras que despertaram e embasaram esta pesquisa e pelas falas em eventos pós. Os ensinamentos e reflexões vindos dessas situações estarão sempre comigo.

Aos secretários do PPGL da UFSC. Ao Lucas Rovaris Cidade pelo imenso auxílio no processo de qualificação desta tese e ao Ruan Rocha Souto dos Santos pelos esclarecimentos finais na etapa de defesa.

Agradeço aos colegas de orientação. À Vanessa por ser um exemplo de pesquisadora e pela amizade. À Marília pela parceria formada nos primeiros anos de pesquisa e por me ensinar como ser uma professora tão comprometida com a educação básica. Ao Marcos e à Dani: as nossas tardes de estudos nas bibliotecas da UFSC e da UDESC renderam muitas das páginas desta tese. À Dani de novo pelo companheirismo que vai muito além das relações acadêmicas. Obrigada pelas conversas, quase diárias, debates

construtivos e referências. Obrigada por ser um alento para minhas incertezas e crises de ansiedade. Sem tua parceria eu não teria concluído este texto.

Agradeço aos amigos/colegas da UFSC: Alcione, Ana Carolina, Arthur, Daiana, Lais, Stephanie. Obrigada pelas jantãs, almoços, cafés, manifestações, cervejas. Obrigada pelos conselhos, desabafos e, principalmente, pelos momentos de luz.

Agradeço à minha mãe, Terezinha, e ao meu pai, Werner, por desde de tão cedo terem me ensinado sobre empatia e sensibilidade. Obrigada por tudo que fizeram para que eu tivesse uma educação completa. Agradeço também ao Matias, meu irmão, por ser uma inspiração no engajamento e nas lutas sociais.

Agradeço às amizades: Bruna, Carolina, Franciele, Damaris, Daiane, Juliana, Jana, Kamila. Nossas conversas puderam dar continuidade e serenidade para a elaboração desta pesquisa. À Letícia e às Natálias por acreditarem junto comigo que a transformação da sociedade é possível. E ao André por ser meu amigo e companheiro de vida.

Por fim, agradeço à CAPES pela bolsa recebida durante os quatro anos de percurso desta pesquisa.

Assumo que o desenvolvimento de uma consciência crítica do mundo, e as possibilidades para mudá-lo, devem ser o principal objetivo de toda a educação, incluindo a educação linguística.

(Fairclough, 1992)

RESUMO

O processo de produção de um jornal escolar pela via do jornalismo independente e sua relação com o ensino e a aprendizagem críticos de Língua Portuguesa é o tema desta tese. A pesquisa procura contribuir para o desenvolvimento de possibilidades de trabalho pedagógico com os gêneros da esfera jornalística para além daquelas possibilidades postuladas pela mídia dominante. Entende-se que tais gêneros precisam ser pensados por distintas vias na escola para que se solidifique um ensino crítico do texto jornalístico, que busque por meio de diferentes práticas sociais e gêneros discursivos desvelar as relações de poder presentes na esfera do jornalismo. Assim, a pesquisa aqui relatada objetivou analisar o processo de produção de um jornal escolar desenvolvido a partir do jornalismo independente em uma turma dos anos finais do ensino fundamental de uma escola estadual da rede pública de Florianópolis. O estudo se guiou pela seguinte questão: “como um jornal escolar produzido a partir do jornalismo independente pode favorecer uma experiência de ensino e aprendizagem crítica de Língua Portuguesa?”. O conceito de transitividade, ou consciência crítica, é tomado a partir de Freire (1967) e pode ser entendido como uma forma de educação dialogal e ativa, voltada para a responsividade social e política. A presente pesquisa tem como embasamento teórico-metodológico a Análise Crítica de Gênero (ACG) (BONINI, 2010; 2013; 2017), aporte que promove uma investigação crítica de gêneros do discurso a fim de elucidar de que maneira os gêneros, como os midiáticos, são mobilizados para legitimar discursos particulares e representações ideológicas, segundo interesses de instituições e grupos (RECHETNICOU; LIMA; BONINI, 2016). Para tanto, nessa abordagem são considerados: os gêneros discursivos como as formas relativamente estáveis do enunciado (BAKHTIN, 1997 [1952/53]); as práticas sociais como formas habituais de agir no mundo (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003); e a transitividade crítica (FREIRE, 1967) como forma de constituição da consciência social e política. A orientação etnográfica e a Pesquisa Participante (PP) foram eleitas como metodologias do estudo em questão. Como resultados, foram levantados indicativos que permitem apontar um deslocamento da transitividade das/dos estudantes durante as atividades de produção do jornal escolar. Também pode ser observado que o jornal escolar inspirado pelo jornalismo independente e não dominante favorece uma formação crítica de mundo. Conclui-se ainda que a colaboração entre jornais independentes e a escola viabiliza experiências significativas para alunos e alunas em termos de educação crítica.

Palavras-chave: Jornal escolar. Análise Crítica de Gênero. Jornalismo independente. Ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa. Transitividade crítica.

ABSTRACT

The theme of this thesis is the production process of a school newspaper from the independent journalism perspective and its relation with critical process of teaching and learning Portuguese language. The research aims to contribute to the development of possibilities of pedagogical practices using journalistic genres different from ordinary genres postulated by mainstream media. Such genres can be formulated by other perspectives in school context to solidify a critical teaching of journalist text. This can be achieved by the revelation of power relations present in journalistic sphere, social practices and discursive genres. The aim of this research is to analyze the production process of a school newspaper developed from independent journalism perspective in a class in the final years of elementary school of a public school in Florianópolis city, in Brazil. The study was guided by the following question: "how can a school newspaper produced from independent journalism favor a critical teaching and learning experience in the Portuguese language?" The concept of transitivity, or critical awareness, is based on Freire (1967) and can be understood as a form of dialogical and active education focused on social and political responsibility. This thesis is based on Critical Genre Analysis (CGA) (BONINI, 2010; 2013; 2017), a theoretical and methodological approach which promotes critical investigation of discourse genres in order to elucidate how genres, such as the mediatic ones, are mobilized to legitimize private discourse and ideological representations, according to institutions and groups interests (RECHETNICOU; LIMA; BONINI, 2016). Therefore, this approach articulates the concepts of: discursive genre as relatively stable forms of enunciation (BAKHTIN, 1997 [1952/53]); social practices as usual forms of action in the world (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003); and critical transitivity (FREIRE, 1967) as a way to constitute social and political consciousness. Ethnography and Participatory Research (PR) were taken as methodologies of the study. Results indicate a transitivity shift of students' texts during the text production activities for the school newspaper. In addition, the school newspaper modeled by independent and non-dominant journalism favors a critical formation of world view. Moreover, the collaboration between independent newspapers and school enables significant experiences for students in terms of critical education.

Keywords: School newspaper. Critical Genre Analysis. Independent journalism. Portuguese Language Teaching / Learning. Critical transitivity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Planos de estudo na Análise Crítica de Gêneros.....	26
Figura 2 – Etapas para a construção da primeira edição da Folha Lázaro Marques.....	84
Figura 3 – Primeira edição da Folha Lázaro Marques.....	87
Figura 4 – Ciclo de fases para o desenvolvimento da segunda edição da Folha Lázaro Marques.....	88
Figura 5 – Segunda edição da Folha Lázaro Marques.....	91
Figura 6 – Capa dos jornais Miguelito, Trindade, Santa Mônica e Conexão Comunidade.....	97
Figura 7 – Capa dos jornais Lado Sul, Daqui, Folha de Coqueiros e Rio Tavares.....	97
Figura 8 – Exemplo de texto jornalístico-propaganda presente nos jornais Miguelito e Santa Mônica.....	98
Figura 9 – Roda de Conversa do Portal Desacato com o nono ano da escola Lázaro Marques.....	123
Figura 10 – Folha Lázaro Marques como um hipergênero.....	141
Figura 11 – Categorias bakhtiniana.....	159

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Rede de práticas e de gêneros que são articuladas no desenvolvimento do jornal escolar.....	37
Quadro 2 – Relação de alunos e alunas que construíram o jornal Folha Lázaro Marques.....	78
Quadro 3 – Referências dos diários de campo elaborados no processo de pesquisa.....	83
Quadro 4 – Síntese comparativa entre a produção das duas edições do jornal escolar.....	92
Quadro 5 – Editoriais/textos institucionais dos jornais comunitários.....	101
Quadro 6 – Editorial da Folha de Coqueiros ano XXI/número 200.....	107
Quadro 7 – Texto institucional da NSC Comunicação.....	109
Quadro 8 – Formas de poder.....	111
Quadro 9 – Exemplos de textos que apareceram na primeira edição do jornal.....	132
Quadro 10 – Exemplo de texto da segunda edição do jornal.....	139
Quadro 11 – Texto da entrevista produzida por Franco, Laura, Lúcio e Léo.....	161
Quadro 12 – Texto da carta aberta produzida por Lara e Liliana.....	168
Quadro 13 – Marcas linguísticas que ilustram o jornal escolar como um projeto de dizer da turma.....	175
Quadro 14 – Marcas linguísticas que ilustram o jornal escolar como um projeto de transformação social.....	176

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Os gêneros produzidos nas duas edições de Folha Lázaro Marques..... 143

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACD Análise Crítica do Discurso

ACG Análise Crítica de Gêneros

LA Linguística Aplicada

LP Língua Portuguesa

LSF Linguística Sistêmico-Funcional

OP Observação Participante

PIBID Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PNLD Programa Nacional do Livro Didático

PP Pesquisa Participante

PPP Projeto Político Pedagógico

PROFLETRAS Programa de Mestrado Profissional em Letras

SIGET Simpósio Internacional de Gêneros Textuais

TCLE Termo de Consentimento Livre Esclarecido

TA Termo de Assentimento

UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	23
2.1 A ANÁLISE CRÍTICA DE GÊNERO E A POSSIBILIDADE DE UM ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA CRÍTICO E EMANCIPADOR.....	23
2.1.1 Contribuições bakhtinianas para a ACG.....	28
2.1.2 Contribuições da ACD para análise de gêneros	34
2.1.3 Contribuições de Paulo Freire para a ACG.....	40
2.2 O JORNAL ESCOLAR.....	46
2.3 O JORNALISMO INDEPENDENTE E SEU CONTRASTE COM O JORNALISMO DOMINANTE.....	52
2.4 A PRODUÇÃO DE TEXTOS DENTRO DE UM JORNAL ESCOLAR	60
3. METODOLOGIA.....	66
3.1 A ABORDAGEM QUALITATIVA DE ORIENTAÇÃO ETNOGRÁFICA E A PESQUISA PARTICIPANTE.....	66
3.2 O CONTEXTO DA PESQUISA: A ESCOLA LÁZARO MARQUES E SEUS PARTICIPANTES	71
3.3 A GERAÇÃO DE DADOS.....	80
3.4 A FORMA COMO FORAM CONDUZIDAS AS ANÁLISES	93
4. UM OLHAR PARA O CENÁRIO DO JORNALISMO NÃO DOMINANTE EM FLORIANÓPOLIS E PARA AS PRÁTICAS COLABORATIVAS DESENVOLVIDAS NA ESCOLA	95
4.1 LEVANTAMENTO DE JORNAIS COMUNITÁRIOS DE FLORIANÓPOLIS E SUA FORMA DE ATUAÇÃO	95
4.2 DO JORNALISMO COMUNITÁRIO DE FLORIANÓPOLIS PARA O INDEPENDENTE.....	112
4.2.1 A forma de atuação do jornalismo independente em Florianópolis	116
4.3 AS PRÁTICAS COLABORATIVAS ENTRE O JORNALISMO INDEPENDENTE E A ESCOLA LÁZARO MARQUES	119
5. OS TEXTOS PRODUZIDOS PARA O JORNAL ESCOLAR E A SUA RELAÇÃO COM A ATUAÇÃO SOCIAL DAS/DOS ESTUDANTES.....	126
5.1 O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE TEXTOS PARA O JORNAL ESCOLAR	126
5.2 O JORNAL ESCOLAR COMO UM HIPERGÊNERO E OS GÊNEROS QUE PODEM SER DESMEMBRADOS NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE TEXTOS	141

5.3 A RELAÇÃO ENTRE GÊNERO DISCURSIVO E PRÁTICA SOCIAL NA ELABORAÇÃO DOS TEXTOS PARA O JORNAL ESCOLAR	147
6. A TRANSITIVIDADE DAS/DOS ESTUDANTES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DOS TEXTOS PARA O JORNAL.....	151
6.1 A PRÁTICA DE COPIAR TEXTOS DA INTERNET E SUA RELAÇÃO COM A TRANSITIVIDADE DOS/DAS ESTUDANTES.....	151
6.2 A TRANSITIVIDADE DOS/DAS ESTUDANTES MANIFESTADA EM DOIS TEXTOS PUBLICADOS NO JORNAL ESCOLAR	157
6.2.1 Análise de uma entrevista publicada na primeira edição do jornal escolar	160
6.2.2 Análise de uma carta aberta publicada na segunda edição do jornal escolar	167
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	178
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	186
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA PAIS/RESPONSÁVEIS.....	196
ANEXO B – TERMO ASSENTIMENTO (TA)	199
ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA EDITORES DE JORNAIS.....	202
APÊNDICE A – DIÁRIOS DE CAMPO PRODUZIDOS EM 2018	205
APÊNDICE B – DIÁRIOS DE CAMPO PRODUZIDOS EM 2019.....	220
APÊNDICE C – DIÁRIOS DE CAMPO DAS CONVERSAS COM EDITORES DE JORNAIS INDEPENDENTES	241
APÊNDICE D – PRIMEIRA EDIÇÃO DA FOLHA LÁZARO MARQUES	244
APÊNDICE E – SEGUNDA EDIÇÃO DA FOLHA LÁZARO MARQUES	250

1. INTRODUÇÃO

No final da década de sessenta, Paulo Freire já considerava educação e política como duas noções inseparáveis. Para o autor, a educação precisa ser vista como um projeto de emancipação social no qual sujeitos se tornam autocríticos a respeito de sua natureza historicamente construída (GIROUX, 1990). A educação na perspectiva aberta por Freire pode ser entendida como um processo dialógico, centrado nos alunos e alunas. Educar, nos termos do autor, viabiliza a formação da consciência transitiva – conceito que se refere ao deslocamento e agenciamento entre visões de mundo. Em especial, há o desenvolvimento da consciência transitiva crítica, que é quando a negociação de posicionamentos sociais promove o autogoverno, ou seja, “a possibilidade da autonomia dos atores sociais pela crítica e tomada de posição” (FIGUEIREDO; BONINI, 2017, p. 764).

As orientações de Freire têm refletido também no ensino e nas aprendizagens de línguas. Pode-se dizer que tem sido recorrente nos estudos sobre ensino de Língua Portuguesa (LP) no Brasil – e também nos parâmetros, diretrizes e outros documentos oficiais publicados pelo governo desde o final da década de noventa – a noção da linguagem como prática social, em que o foco passa ser o ensino orientado pelo texto, pelas práticas de leitura, produção textual e análise linguística (GERALDI, 1991). Nesse horizonte, a linguagem passa a ser vista como forma de interação refletindo, entre outras abordagens, as ideias do Círculo de Bakhtin que coloca a interação social como espaço constitutivo da linguagem, uma vez que a enunciação só acontece dentro de contextos sociais situados (BAKHTIN [VOLOCHINOV], 2009 [1929]). Dessa forma, tem havido um esforço para que se rompa com o ensino puramente tradicional/bancário que privilegia a língua em seus aspectos formais e metalinguísticos em detrimento de seus usos sociais.

Embora essas questões já tenham sido discutidas em larga escala nos últimos anos, nas esferas acadêmicas e escolares, a conjuntura atual faz com que seja necessário reiterá-las. Certo tipo de discurso despolitizado tem ecoado em projetos antidemocráticos, como o do movimento Escola Sem Partido, que ao sustentar a separação entre escola, política e ideologia, prega disfarçadamente sua própria ideologia. Freire falava na relação intrínseca entre política e educação há décadas, apontando a impossibilidade de se separar os dois conceitos. Ele defendia uma educação

centrada nas classes populares. Em contrapartida, os promotores do Escola Sem Partido promovem uma educação tecnicista, elitizada e excludente, que nega os avanços das pesquisas dos últimos anos ao propor valores conservadores da alta sociedade.

Os anos 2000 foram marcados por um grande número de investimentos federais na escola pública advindos dos governos Lula/Dilma, sendo exemplos: a seleção e compra de livros didáticos e paradidáticos, a criação da TV Escola, a organização de repositórios de objetos de aprendizagem, a execução dos projetos Pibid (de iniciação à docência), Mais Educação, e Observatório da Educação, os mestrados profissionais, os programas de formação continuada como os Pactos pela Alfabetização e Ensino Médio, a transformação do Ensino Médio e a implantação da educação em tempo integral (FIGUEIREDO; BONINI, 2017, p. 769). Paradoxalmente, esses anos também têm sido marcados pela ascensão da extrema direita e pela despolitização, rompendo com as significativas ações produzidas em termos de políticas públicas, rupturas mais visíveis a partir do governo de Michel Temer.

Nesse contexto, pode-se apontar a mídia dominante¹ como uma impulsionadora e influenciadora de concepções que modificaram a política. O jornalismo dominante, no contexto brasileiro, sempre foi gerido por empresas representativas da elite (HAUBRICH, 2015). Por isso, mesmo que de forma velada, alegando um discurso de objetividade e neutralidade, esse tipo de jornalismo alinha-se com práticas neoliberais de dominação e funciona como porta-voz dos valores da elite (BARBOSA, 2012; SOARES, 2015b; FIGUEIREDO; BONINI, 2017). Percebe-se que essas empresas têm intenção de zelar pelos seus próprios privilégios de classe, o que não seria um problema desde que elas assumissem sua posição ao invés de dissimular suas intenções com um discurso de jornalismo neutro e imparcial.

Tendo em vista a influência da imprensa na conjuntura social dos últimos anos, pesquisas que objetivam entender e estudar o campo da mídia e do jornalismo na escola foram desenvolvidas (p. ex.: BALTAR, 2003, 2009, 2010; RODRIGUES, 2008; BONINI, 2017, 2019). Os estudos dos gêneros midiáticos também têm sido tópicos sugeridos em documentos oficiais para o currículo escolar e aparecem como conteúdos

¹ Na tese estou conceituando mídia como “a forma tecnológica material de mediação da interação linguageira” (BONINI, 2011a, p. 693). Além disso, destaca-se que em diferentes mídias os gêneros discursivos são mobilizados de acordo com suas condições de circulação, produção e interpretação (BONINI, 2017). Com isso, a mídia dominante e a independente possuem atuações distintas, conforme discuto nos próximos capítulos. Também destaco que o objeto de pesquisa são as práticas jornalísticas independentes e escolares, entretanto, por vezes uso o termo mídia para me referir a este objeto com a intenção de sinalizar práticas mais amplas.

nos Livros Didáticos. Embora não se negue a importância de estudos deste tipo, um questionamento ainda precisa de mais debate: “como trabalhar os gêneros da esfera do jornalismo na escola?”. Ou, mais especificamente, se poderia indagar sobre como mobilizar esses gêneros de forma a favorecer a reflexão de alunos e alunas sobre as práticas sociais midiáticas, principalmente as jornalísticas não dominantes.

Nessa direção, Bonini (2018) faz uma consideração importante, quando sugere que os Livros Didáticos, ao tratarem dos gêneros da esfera jornalística, podem estar priorizando o jornalismo dominante. Nesse estudo, o autor analisa as coleções de Livros Didáticos que participaram do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ensino Médio em 2018, especialmente focalizando duas delas, e conclui que:

As coleções atuais evidenciam um trabalho mais concreto de linguagem do que suas similares pretéritas, com avanço na direção de práticas autorais; mas se mantêm ainda distantes de um trabalho de autoria crítica. Em geral, o material didático arbitra em demasia as atividades, limitando muito o campo de autoria. Além disso, se os exemplos são autênticos, a diversidade é restrita, recaindo, em termos da esfera jornalística, na exemplificação e ratificação das mídias mais poderosas e na reprodução *ipsis litteris* do discurso jornalístico hegemônico. As propostas de exercícios de análise no campo do jornalismo, ainda que muitas vezes com técnica pertinente, são quase sempre superficiais, servindo mais como forma de legitimação das práticas dominantes do que como leitura crítica e reflexiva. (BONINI, 2018, p. 348)

As reflexões propostas pelo autor ilustram que, embora existam muitos avanços nos estudos sobre o ensino de gêneros do campo jornalístico na escola, ainda há necessidade de avançar no tratamento didático, principalmente a fim de promover um ensino crítico² que busque, por meio de diferentes práticas sociais e gêneros discursivos, desvelar relações de poder pelas quais a linguagem da esfera do jornalismo é permeada. Para alcançar esses objetivos, o jornal escolar pode ser considerado uma prática pedagógica bastante produtiva, principalmente em termos do ensino de gêneros do campo da mídia no ensino e aprendizagem críticos de LP. Dentro deste cenário, se desenvolve a temática desta pesquisa que se associa ao estudo da relação entre o processo de produção de um jornal a partir de práticas do jornalismo independente.

² Ao longo desta pesquisa, adoto o termo crítico e/ou crítica em diferentes momentos do texto com finalidade de destacar um posicionamento de mundo libertário, que busque a conscientização sobre as condições históricas das/dos sujeitos sociais em diferentes estruturas de dominação e exploração (BONINI, 2013).

Nesta tese, o jornalismo independente³ é tomado como uma prática não dominante, capaz de oferecer olhares mais situados e inclusivos sobre a realidade social, sendo assim um contraponto às práticas hegemônicas do jornalismo convencional. Diante dessas considerações, nesta pesquisa busco respostas para o seguinte questionamento: **como um jornal escolar produzido a partir do jornalismo independente pode favorecer uma experiência de ensino e aprendizagem crítica de Língua Portuguesa?**

A fim de responder esta questão de pesquisa, a presente tese propõe a criação de um jornal escolar em uma escola estadual da rede pública de Florianópolis, a escola Lázaro Marques⁴. Uma metodologia inspirada na Pesquisa Participante (PP) é adotada para o desenvolvimento deste jornal. A PP é uma metodologia de natureza interventiva que visa a mudança e a transformação social, à medida que atua para a emancipação dos participantes envolvidos no processo de produção de saber (DEMO, 2004). No contexto desta pesquisa, a PP orientou o desenvolvimento de um jornal escolar a partir do jornalismo independente com uma turma de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e com uma professora, também pesquisadora, do Ensino Fundamental durante os anos de 2018 e 2019⁵. Nesse período, duas edições do jornal escolar (denominado aqui com o pseudônimo “Folha Lázaro Marques”) foram produzidas pelos alunos e alunas da turma. Dois portais de jornalismo independente colaboraram com o processo de desenvolvimento das edições: o coletivo Maruim e o Portal Desacato, esse último principalmente⁶. A elaboração de um jornal escolar modelado pelo jornalismo independente objetiva que alunos e alunas assumam posições de protagonistas, incentivando posturas transitivas, especialmente de transitividade crítica.

³ Em síntese, o jornalismo independente tem as seguintes características: (i) possui autonomia (financeira e editorial); (ii) usa a internet como meio de atuação; (iii) adota o *crowdfunding* (financiamento coletivo como forma de sustentabilidade econômica); e (iv) marca seu posicionamento por meio de práticas de ativismo social (ASSIS et al, 2017). Discorro com maior detalhamento sobre o jornalismo independente no próximo capítulo, na seção 2.3.

⁴ Por questões relativas aos procedimentos de ética em pesquisa, conforme expresso no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e no Termo de Assentimentos (TA), o nome real da escola não é divulgado neste relato. Uso ao longo da tese um nome fictício, escola Lázaro Marques. Também as alunas e os alunos tiveram seus nomes trocados por outros nomes, a fim de preservar suas identidades.

⁵ A tese teve aprovação no Comitê de ética da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob o número CAAEE 74920517.3.0000.0121. Nos anexos deste texto, constam os TCLEs e o TA, para os/as alunos/as menores de idade (Anexos A, B e C).

⁶ Representantes dos dois portais de jornalismo, Maruim (<https://maruim.org/>) e Desacato (<http://desacato.info/>), assinaram o TCLE, concordando com a colaboração. Os dois também disseram que preferiam manter seus nomes originais ao serem citados por esta pesquisa, não havendo assim necessidade de substituição de seus nomes por um nome fictício.

A Análise Crítica de Gênero (ACG) é a perspectiva teórico metodológica que sustenta o estudo. Grosso modo, pode-se dizer que esse aporte teórico se origina da fusão de dois campos: a análise de gêneros e a Análise Crítica do Discurso (ACD) (BONINI, 2010). Embora a ACG possa ser embasada de diferentes formas, na proposta de Bonini (2013; 2014; 2017) ela baseia-se no conceito de gênero discursivo proposto pelos escritos do Círculo de Bakhtin, especialmente no texto “Os gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1997 [1952/53]), aliados à perspectiva crítica, proposta pela ACD (FAIRCLOUGH 2016 [1992]; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003) e articulados à prática libertadora, ou emancipatória, segundo as teorizações de Paulo Freire (1967; 1987 [1968]; 2006 [1996]).

Na orientação de Bonini (2010; 2013; 2014; 2017), a ACG é uma abordagem que considera os gêneros do discurso como meios de realização das práticas sociais e analisa como eles são investidos, discursivamente, de relações de poder, podendo ser estas de dominação ou de libertação. Para tanto, a ACG parte sempre de um problema social. No caso deste estudo, o obstáculo seria o desafio do ensino dos gêneros discursivos do jornalismo na escola. Depois disso, o aporte teórico em questão busca analisar o problema tanto para evidenciar as relações desiguais de dominação implicadas nele como para procurar alternativas para sua superação. No âmbito desta pesquisa, pretendo refletir sobre o papel e os efeitos do jornalismo hegemônico, na escola, buscando, principalmente, encontrar outros caminhos e possibilidades para seu ensino.

A ACG, como um subcampo da Linguística Aplicada (LA), também compartilha de seus objetivos. Para Moita-Lopes (2006), a LA procura construir pesquisas que dialoguem com o mundo contemporâneo, com as práticas sociais e com as pessoas que vivem no mundo. Como refletem as pesquisas compiladas em Signorini e Cavalcanti (1998), bem como nas obras organizadas por Moita Lopes (2006; 2013), a LA tem buscado a construção de uma investigação situada, que contemple pesquisas de natureza interpretativa, possibilitando a criação de alternativas sociais para os que sofrem da desigualdade social. Para Moita Lopes (2006), os pesquisadores dessa área entendem a LA como um campo comprometido com a redescritção da vida social, capaz de problematizar as complexas e desiguais relações de poder que perpassam os usos que os sujeitos fazem da linguagem.

A pesquisa justifica-se, pois, apesar de haver muitas dissertações e algumas teses sobre o jornal escolar nos últimos anos (p. ex.: PINHEIRO, 2009; CARNEIRO, 2011; CARVALHO, 2011; PARENTE, 2012; CAMPOS-ANTONIIASSI, 2014; TIMO, 2015; BARÚA, 2015; MARQUES, 2017; PIOVEZAN, 2017), identifico que existe ainda uma carência em experiências que busquem a elaboração do jornal pelo jornalismo independente e/ou que busquem questionar o papel dos jornais dominantes na produção de jornais escolares, reflexão iniciada em Bonini (2017). Esta pesquisa também justifica-se, pois, por dar continuidade a essas reflexões.

Além disso, esta tese busca contribuir com o projeto guarda-chuva “O jornal escolar como mídia comunitária e o ensino de Língua Portuguesa” (BONINI, 2016), ao qual é vinculada. Este projeto está inserido na área de concentração de “Linguística Aplicada” do Programa de Pós Graduação em Letras da UFSC, mais especificamente, na linha de pesquisa “Ensino e aprendizagem de língua materna e de língua estrangeira” e no grupo de trabalho “Núcleo de Estudos em Linguística Aplicada” (NELA/UFSC). O referido projeto tem o objetivo de “entender como a relação entre jornais comunitários e jornal escolar podem favorecer o aprendizado de Língua Portuguesa por parte das/dos estudantes, bem como viabilizar a participação social crítica e cidadã” (BONINI, 2016, p. 3).

Vinculadas a este projeto, estão também as pesquisas de Couto (2016), Bonini (2017) e Bergamo (2018) que podem ser vistas como pesquisas antecedentes sobre o jornal escolar, com as quais esta tese estabelece ligação. Juntamente com o objetivo de contribuir com o projeto guarda-chuva, a elaboração desta pesquisa também pretendeu embasar minha própria formação, como professora em formação inicial no curso de Letras, licenciatura cursada simultaneamente com o curso de doutorado. Minha primeira graduação ocorreu no curso de Publicidade e Propaganda.

Diante disso, fundamentada na ACG e considerando a formação crítica no âmbito escolar, esta pesquisa tem por base os seguintes objetivos:

Objetivo geral:

Analisar o processo de produção de um jornal escolar desenvolvido a partir do jornalismo independente e sua relação com o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa em uma turma dos anos finais do ensino fundamental de uma escola estadual da rede pública de Florianópolis.

Objetivos específicos:

- a) Entender a forma de atuação do jornalismo não dominante na cidade de Florianópolis, identificando pontos de possível cooperação e trabalho coletivo com esses jornais na escola;
- b) Desencadear processos cooperativos da escola com o jornalismo independente com vias à produção de um jornal escolar, analisando os resultados dessa cooperação;
- c) Analisar a atuação social das/dos estudantes na produção de textos do jornal escolar a partir do jornalismo independente; e
- d) Refletir sobre a relação entre a produção de textos representativos de determinados gêneros do jornal escolar, a partir do jornalismo independente, e a transitividade discursiva dos/as estudantes.

Para dar conta dos objetivos acima especificados, esta tese organiza-se da seguinte forma: o próximo segmento, o **capítulo dois**, é de fundamentação teórica, no qual apresento e discuto os conceitos-chave da pesquisa. Começo com a ACG, na perspectiva defendida por Bonini (2013), que propõe um diálogo em termos de três bases teóricas: o conceito de gênero de Mikhail Bakhtin, o conceito de prática social da ACD de Norman Fairclough e o conceito de consciência crítica de Paulo Freire, itens retomados em subseções específicas. Após a apresentação da ACG, as discussões passam para o objeto de pesquisa, os jornais escolares e o contexto do jornalismo independente. Finalizo o capítulo debatendo o ensino/aprendizagem de LP por meio de práticas de produção textual.

No **capítulo três**, trato do percurso metodológico: apresento o tipo de pesquisa, (qualitativa de cunho etnográfico) e o método utilizado (Pesquisa Participante). Também detalho o contexto da pesquisa. Mesmo sem mencionar o nome real da escola e dos alunos e alunas onde o jornal foi desenvolvido, apresento características importantes deste contexto, que devem ser levadas em conta nas análises tecidas. Neste capítulo, também falo sobre a construção dos dados de pesquisa e sobre a forma como as análises foram conduzidas.

No **capítulo quatro**, dou início às análises. Exponho o cenário do jornalismo independente na cidade de Florianópolis, falando dos jornais comunitários da cidade e

de alguns portais independentes. Ainda neste capítulo, apresento as ações colaborativas que puderam ser realizadas entre um dos veículos de jornalismo independente e a escola.

No **capítulo cinco**, discorro sobre a relação entre os textos produzidos para o jornal escolar e a atuação social das/dos estudantes. Para tanto, na primeira parte deste capítulo, retomo as etapas de construção do jornal escolar, detalhando momentos da produção dos textos. Em um segundo momento, situo o jornal escolar como um hipergênero e trago os gêneros que podem ser identificados nesse macro-enunciado. Na parte final do capítulo, exponho a relação entre gênero discursivo e prática social na elaboração de textos para o jornal.

No **capítulo seis**, o último capítulo analítico, reflito sobre a transitividade das/dos estudantes no processo de produção dos textos para o jornal. Para essa discussão, faço um debate sobre textos copiados da internet e sua relação com a consciência crítica. Também analiso dois textos produzidos pelos alunos/alunas, um da primeira edição do jornal e outro da segunda edição. Essa análise busca evidenciar o deslocamento da transitividade das/dos estudantes durante a construção do jornal escolar.

Por fim, no **capítulo sete** faço as considerações finais, explanando sobre as contribuições, limitações e encaminhamentos do estudo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, organizo e apresento as perspectivas teóricas adotadas na presente pesquisa. Começo abordando assuntos mais gerais, conceitos de base, para depois entrar em noções mais específicas. Para tanto, na primeira seção debato os pressupostos teóricos e metodológicos da ACG, perspectiva que sustenta o estudo. Na sequência, faço uma explanação do objeto de pesquisa, os jornais escolares e o jornalismo independente. Finalizo esta fundamentação debatendo a produção textual em um jornal escolar.

2.1 A ANÁLISE CRÍTICA DE GÊNERO E A POSSIBILIDADE DE UM ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA CRÍTICO E EMANCIPADOR

A ACG pode ser identificada como uma abordagem teórica que, no Brasil, vem se estabelecendo nas discussões de autores como Meurer (2002), Motta-Roth (2008a; 2011; 2013), Bonini (2010; 2013; 2017) e Motta-Roth e Heberle (2015). Esses autores, embora filiados à mesma perspectiva teórica, oferecem olhares distintos sobre o que vem a ser uma análise de gêneros de caráter crítico. Sucintamente, nesta seção exploro as contribuições de cada um desses autores para a construção do arcabouço teórico da ACG⁷.

Os trabalhos realizados por Meurer, embora não identifiquem o quadro da ACG da forma como ela é concebida hoje, podem ser considerados os percussores para a criação desse aporte teórico no Brasil. Em Meurer (2002), o autor propõe uma análise de gêneros textuais embasada na ACD, entendendo que qualquer texto/gênero pode ser analisado pelo viés do poder construtivo tríplice do discurso, a saber: texto, prática

⁷ A cada nova edição do Simpósio Internacional de Gêneros Textuais (SIGET), que teve sua décima edição em 2019, pode-se perceber a diversidade e a complexidade de linhas de pesquisa que investigam gêneros no Brasil. Dentro desse quadro, a ACG pode ser considerada uma das muitas abordagens para o trabalho com os gêneros discursivos. Pode-se dizer que o que caracteriza a ACG, em relação às outras vertentes de estudos, é sua articulação com a perspectiva crítica vinculada, principalmente, à ACD. Para um panorama mais completo sobre as perspectivas de estudos de gêneros no Brasil recomenda-se a leitura de Bezerra (2017).

discursiva e prática social (FAIRCLOUGH, 2016 [1992])⁸. Nas palavras de Meurer (2002, p. 28):

Descrever e explicar gêneros textuais relativamente às representações, relações sociais e identidades neles embutidas poderá servir para evidenciar que, no discurso, e através dele, os indivíduos produzem, reproduzem, ou desafiam as estruturas e as práticas sociais onde se inserem. Uma abordagem crítica dessa natureza poderá ajudar a entender que representar o mundo de uma determinada maneira, construir e interpretar textos evidenciado determinadas relações e identidades constituem formas de ideologia. E uma abordagem dessa natureza poderá ajudar a perceber que “a ideologia é mais efetiva quando sua ação é menos visível” (FAIRCLOUGH, 1988, p. 85), quando representações, relações e identidades são vistas como senso comuns, naturais, inquestionáveis.

Fora do Brasil, mesmo não sendo interlocutor direto de Meurer, Bhatia (2004, *apud* BONINI, 2013) sugeriu uma análise de gêneros semelhante, fundamentada em quatro focos de atenção: texto, conhecimento do gênero, prática profissional e discurso⁹.

Dando continuidade aos estudos iniciados por José Luiz Meurer, as pesquisas empreendidas por Motta-Roth (2008a; 2011; 2013) e Motta-Roth e Heberle (2015), propõem o estudo de gênero discursivo a partir da relação dialógica entre texto e contexto, assim como a partir do cruzamento de quatro abordagens teóricas: perspectiva sociológica ou sócio-histórica (BAKHTIN, 1997 [1952/53]), Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; HASAN, 1989; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), Sócio-retórica (MILLER, 1984; SWALES, 1990; ASKEHAVE; SWALES, 2009; BAZERMAN, 2011, por exemplo) e ACD (FAIRCLOUGH, 2016 [1992]; 2003; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, por exemplo). Para Motta-Roth (2008a, p. 375), uma análise orientada para esta ACG pode ser considerada:

um arcabouço teórico rico que permite: a) uma descrição dos atos de fala (a ação comunicativa) realizados num texto representativo de um gênero; b) a identificação dos expoentes linguísticos que realizam esses atos e que fazem referência aos contextos de situação e de cultura que definem o gênero, e c) a interpretação do(s) discurso(s) que permeia(m) e que constituem relações e tensões sociais num dado evento discursivo.

⁸ Neste estudo, utilizo dois tipos de referências: entre parênteses, estão as datas das edições consultadas na escrita deste texto; entre colchetes, estão as datas originais, que remetem ao ano em que a obra foi lançada pela primeira vez.

⁹ Nesta pesquisa, optei por realizar um breve panorama de como a ACG vem sendo construída no Brasil. No entanto, considero importante marcar para os leitores que a ACG também é desenvolvida por Bhatia (2004) fora do país.

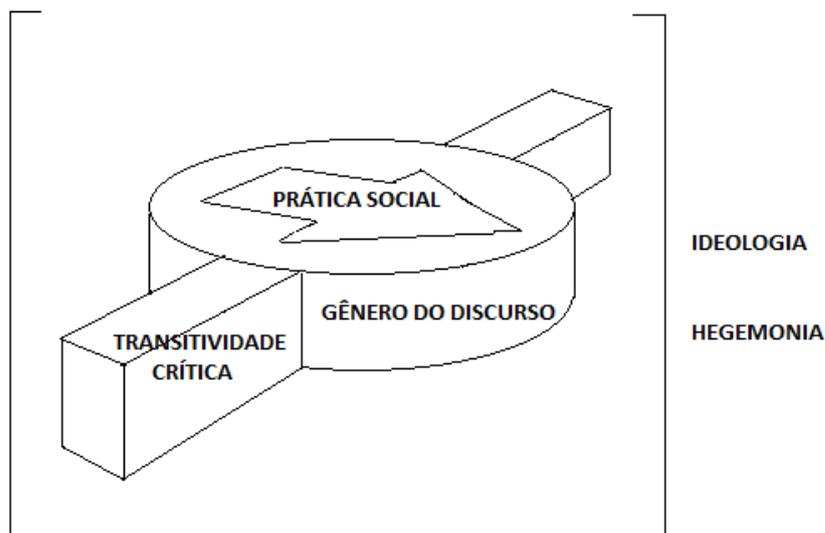
A ACG que combina Linguística Sistêmico Funcional (LSF), Sócio-retórica e ACD, nos moldes desenvolvidos por Motta-Roth, também tem aparecido nas pesquisas de Hendges e Nascimento (2016), Hendges, Nascimento e Marques (2013) e Nascimento, Bezerra e Heberle (2011), por exemplo, em estudos sobre gêneros multimodais. Nesse caso, além da associação com as três abordagens citadas acima, também há a articulação com a abordagem da Gramática do *Design* Visual, desenvolvida por Kress e Wan Leuween (2006).

Um outro olhar sobre a ACG emerge nas pesquisas concebidas mais recentemente por Bonini (2013; 2014; 2017). Tais estudos têm tomado o conceito de gênero discursivo proposto pelos escritos do Círculo de Bakhtin, especialmente no texto “Os gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1997 [1952/53]), aliados à perspectiva crítica, proposta pela ACD, articulando-os à prática libertadora, ou emancipatória, segundo as teorizações de Paulo Freire.

Em sua elaboração da ACG, Bonini (2010; 2011a) propõe categorias para compor enquadramentos de estudo do gênero discursivo. Para o autor, existem três componentes maiores: estrutura social, discurso e gênero. Com base no pensamento de Fairclough, a estrutura social pode ser entendida como uma entidade abstrata (por exemplo, o campo religioso, econômico, uma classe social, etc.). Ela compreende um conjunto de práticas sociais e gêneros que dão origem a um, ou vários, discursos (BONINI, 2010). O discurso pode ser caracterizado como a representação de visões de mundo, identidades e relações sociais que reproduzem e constituem a estrutura social, a prática social e os gêneros (BONINI, 2010). Por último, os gêneros podem ser definidos como um conjunto de ações típicas de textualização, produção e compreensão, que realizam pelo menos uma prática social (BONINI, 2010). As práticas sociais reconfiguram ou criam discursos, que agem na constituição de estruturas sociais (BONINI, 2011a).

Em uma publicação mais recente, Bonini (2017) sugere outras reflexões sobre a relação entre os gêneros discursivos, as práticas sociais e a transitividade crítica. Essa relação é ilustrada na Figura 1.

Figura 1 – Planos de estudo na Análise Crítica de Gêneros



Fonte: Bonini (2017, p. 169)

Na Figura 1, há a articulação de três conceitos centrais para este viés de ACG: o de gênero discursivo de Bakhtin (1997 [1952/53]), como formas relativamente estáveis do enunciado; o de prática social, com base em Fairclough (2003), que pode ser compreendida como formas habituais de agir no mundo; e o da transitividade crítica, de Freire (1967), que seriam as relações entre vozes, na construção da consciência social.

A Figura 1 também esboça a constituição mútua existente entre gêneros do discurso e práticas sociais. A transitividade crítica, que ocorre no quadro social de ideologias e de lutas por hegemonia social, atravessa os gêneros e as práticas. Nas palavras de Bonini (2017, p. 168):

De acordo com esse enquadre teórico, o gênero como ação interacional de sujeitos (homens/mulheres) sociais é visto sempre como parte constituinte de práticas sociais, que podem ser de dominação ou emancipação, e que tomam lugar na sociedade por meio de processos dialógicos. É no interior da cadeia discursiva que esses agentes sociais irão construir e implementar projetos de mundo e de existência. A transitividade da consciência, portanto, é parte constituinte desse processo, sendo que a consciência será tanto mais transitiva quanto mais envolver conhecimentos históricos dos eventos sociais, debate e negociação das ações sociais e discursivas.

Noto que nos trabalhos mais recentes de Bonini (2013; 2014; 2017) o conceito de prática social começa a assumir maior centralidade, ocorrendo um deslocamento do gênero enquanto organização textual para o gênero enquanto lugar de práticas sociais. Essa mudança pode ser justificada, pois as práticas sociais podem ser consideradas

“dimensões intermediárias entre as estruturas sociais (e seus mecanismos) e os eventos sociais concretos e específicos – um extrato intermediário entre a ‘sociedade’ e as pessoas vivendo suas vidas diárias.” (FIGUEREDO; BONINI, 2017, p. 762).

Ainda sobre a perspectiva defendida por Bonini, constato que a ACG é enriquecida com as reflexões da ACD e o pensamento crítico de Paulo Freire, resultando em uma teoria de análise de gêneros que busca um caráter crítico/libertário. Nas palavras de Bonini (2013, p. 109), ao analista crítico de gênero compete:

[...] contribuir para: desmitificar a realidade (desmassificando, desconstruindo a consciência mágica e construindo a consciência transitiva crítica), favorecer processos de dialogação e deslocamentos das posições dos grupos dominantes rumo ao autogoverno (mediante a objetivação da realidade e a construção de soluções coletivas efetivas – “não românticas”).

A ACG parte da evidência de um problema social, busca analisá-lo e problematizá-lo. Cabe aos pesquisadores que mobilizam o pensamento da ACG promover a discussão em torno de práticas sociais desiguais, a fim de levar à conscientização e a uma prática libertadora. Tendo em vista isto, na presente pesquisa considero o seguinte problema: o jornalismo no Brasil exerce grande poder social, econômico, político. Por isso, há uma necessidade de discussão sobre experiências alternativas, que demonstre o contraste delas com as práticas de jornalismo dominante. No contexto escolar, a produção de um jornal influenciado pelo jornalismo independente tenderia a favorecer práticas de produção textual mais autorais e mais emancipatórias por parte das/dos estudantes de uma turma dos anos finais do Ensino Fundamental.

Assim, como uma abordagem de ensino/aprendizagem de LP, a ACG pode ser relacionada à adoção de posturas que rompem com o ensino tradicional e que se aproximem de um ensino crítico e problematizador. Conforme os apontamentos de Freire (2006 [1996]), as ações da professora, das alunas e alunos, em uma perspectiva como essa, devem ser dialógicas, abertas, curiosas, indagadoras e não apassivadoras. Nas palavras de Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011, p. 97)¹⁰:

[...] o aluno já não pode mais ser visto como sujeito passivo a quem cabe aprender os conteúdos, mas como interlocutor que, com seu horizonte

¹⁰ Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011), trabalham com a questão de ensino e aprendizagem de LP inserida em uma perspectiva de LA e não especificamente pelo viés da ACG. Entretanto, considerando que a ACG funciona como um subcampo da LA, por isso, as considerações das autoras também podem ser válidas para a ACG.

axiológico, traz à escola conhecimentos de mundo e valores com os quais a escola precisa interagir para construir pontes dialógicas que propiciem a aprendizagem de alunos e professores, em contextos sociais histórica e socialmente situados, a partir do respeito à diversidade de saberes, culturas e valores.

Ou seja, a posição defendida pela ACG, e por esta pesquisa, é de que as/os estudantes têm muito o que dizer, mas precisam de incentivos para aflorar posições mais ativas que já fazem partes delas e deles como sujeitos sociais.

Nesse sentido, ao considerar a ACG e o ensino/aprendizagem de LP, também é preciso levar em conta a finalidade do Português enquanto uma disciplina. A seguinte pergunta deve ser realizada: “por que ensinar o que se ensina hoje aos alunos?” (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011), e, ainda, que tipo de estudantes que se quer formar. O ensino pragmático de conteúdo e gramática são importantes, mas é preciso ir além e pensar na formação de sujeitos mais críticos, capazes de se engajarem nos diversos campos e esferas de uso da linguagem. Assim, possibilitar situações reais de uso da língua, por meio do jornal escolar e de atividades de escrita e leitura, tende a favorecer um ensino que contemple tanto os conteúdos curriculares obrigatórios, quanto uma concepção crítica de mundo.

Realizada essa síntese sobre os fundadores da perspectiva da ACG e de seus principais preceitos, assinalo que, na presente pesquisa, sigo as orientações dos trabalhos de Bonini. Por conta dessa filiação, nas próximas seções discutirei pontos importantes das abordagens que são articuladas nesta proposta de ACG: o conceito de gênero desenvolvido por Bakhtin (seção 2.1.1), a ACD (seção 2.1.2) e a pedagogia freireana (2.1.3).

2.1.1 Contribuições bakhtinianas para a ACG

Para Bakhtin, os sujeitos mobilizam a linguagem em situações de interação que correspondem, invariavelmente, a momentos históricos sociais situados. Para essa perspectiva, a linguagem, no seu uso, é inseparável de seus contextos, de seus falantes e de valores ideológicos (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011). Pode-se dizer que o Círculo de Bakhtin deixou marcas significativas nos estudos da linguagem, principalmente a partir da década de 90, em um momento em que as discussões sobre o

ensino de língua no Brasil ainda eram marcadas por uma linguística que seguia uma linha mais estrutural e formal. Essas marcas podem ser percebidas em documentos oficiais orientados à educação e também em grande parte dos estudos sobre gêneros discursivos, que seguem, em alguma medida, a definição proposta pelos autores russos.

Nesse contexto, um dos conceitos mais recorrentes do autor é o de gênero discursivo¹¹. Para ele, as mais variadas atividades humanas acontecem por meio da linguagem, sendo que a utilização da língua se dá na forma de enunciados concretos e únicos elaborados por interlocutores nas diferentes esferas da atividade humana. Cada enunciado reflete as condições específicas de uma esfera social no seu conteúdo, no seu estilo e na sua composição. Cada esfera de utilização da linguagem elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo estes tipos denominados de gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997 [1952/53], p. 279).

Os três elementos que compõem os enunciados são: conteúdo temático, composição e estilo. O conteúdo temático pode ser entendido como o objeto discursivo do enunciado, sua unidade de sentido e sua orientação ideológica específica (ACOSTA-PEREIRA, 2013). A composição diz respeito aos procedimentos de disposição, orquestração e acabamento do enunciado (ACOSTA-PEREIRA, 2013). O estilo tem relação com a manifestação da individualidade do interlocutor, podendo ser considerado a forma como um sujeito seleciona os recursos da língua, sejam eles lexicais, fraseológicos ou gramaticais, para constituir seu enunciado. Além disso, em um sentido mais amplo, há também o estilo do gênero, que se refere à historicidade do enunciado em sua relação com a historicidade das práticas (FERETTI-SOARES, 2018).

Existem situações de comunicação em que o estilo pode ser manifestado de forma mais intensa, como nos gêneros da esfera literária. A crônica, por exemplo, é um gênero que transita entre a esfera jornalística e a literária. Outras situações, como as leis que circulam no âmbito judiciário, oferecem pouca abertura para manifestação do estilo, seja este entendido como manifestação individual do autor ou como estilo do gênero.

¹¹ Entendo que postulações de Bakhtin, assim como as dos demais autores do Círculo, não podem ser desvinculadas de outras noções centrais na obra dos autores russos. Desse modo, embora esteja nesta tese enfatizando o conceito de gêneros discursivos, faço isso tendo cuidado para não o tirar de seu contexto. Destaco as palavras de Rodrigues (2005, p. 154): “[...] para apresentar a noção de gênero do discurso na perspectiva do Círculo de Bakhtin é necessário aprender seu lugar e papel no conjunto de suas formulações, ou seja, compreender a noção de gêneros a partir de fundamentos nucleares como concepção sociológica e ideológica da linguagem, o caráter sócio-histórico, ideológico e semiótico da consciência e a realidade dialógica da linguagem e da consciência. Portanto, não dissociá-la das noções de interação verbal, comunicação discursiva, língua, discurso, texto, enunciado, atividade humana, pois somente na relação desses conceitos pode se aprender sem reduzir a noção de gêneros.”.

Os enunciados e, portanto, os gêneros, podem ser vistos a partir de duas dimensões: uma verbal e uma social. O horizonte extraverbal de um enunciado pode ser analisado a partir de três elementos constituintes: a) horizonte espacial e temporal (onde e quando do enunciado; espaço e tempo históricos); b) horizonte temático (conteúdo temático, sobre o que se fala, a finalidade do enunciado) e c) horizonte axiológico (atitude valorativa dos participantes do acontecimento [próximos, distantes] a respeito do que ocorre [em relação ao objeto do enunciado, em relação aos outros enunciados, em relação aos interlocutores]) (RODRIGUES, 2005, p. 161).

Para Bakhtin (1997 [1952/53], p. 281), “cada esfera da atividade humana comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa”. Isso significa que nas mais variadas esferas da vida social existem diferentes e infinitos gêneros do discurso, que se modificam e se atualizam, acompanhando o desenvolvimento da sociedade. É por conta disso que Bakhtin destaca que existe uma relativa estabilidade dos enunciados e gêneros. Ou seja, ao mesmo tempo que regula um tipo de enunciado, o gênero do discurso precisa ser flexível para permitir a renovação dos enunciados a cada situação social e interação entre os falantes (RODRIGUES, 2005).

Essa característica de flexibilidade pode ser evidenciada ao se considerar os gêneros midiáticos. Muitas vezes, as fronteiras entre esses gêneros podem ser bastante permeáveis. Ainda, ao considerar como os gêneros do jornal são mobilizados na escola, diversas vezes, se torna difícil definir o que é uma reportagem e o que é uma notícia, por exemplo. Ou se a notícia produzida por um aluno tem as mesmas características de uma notícia produzida por um jornalista em um ambiente formal de produção jornalística.

Os gêneros do discurso podem ser de dois tipos: os primários (simples) e os secundários (complexos). Segundo Bakhtin, podem ser classificados como gêneros secundários o romance, o teatro, enunciados representativos do discurso científico, entre outros gêneros que aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída (BAKHTIN, 1997 [1952/53]). Importa, para o autor, que os gêneros complexos absorvem os gêneros primários que se transformam durante esse processo de incorporação – por exemplo, a réplica de um diálogo cotidiano ou uma carta dentro de um romance (BAKHTIN, 1997 [1952/53]).

Bakhtin (1997 [1952/53]) defende que os gêneros do discurso organizam a fala humana, uma vez que se eles não existissem a comunicação verbal seria quase impossível. A partir disso, pode-se inferir que o funcionamento da linguagem ocorre por meio dos gêneros do discurso ou, como propõe Motta-Roth (2008b), a linguagem passa a ser vista como gênero. Das conversas cotidianas às situações mais complexas (como comícios da esfera política), há sempre uma situação social em que certos tipos de gêneros do discurso moldam as formas de dizer e agir.

Outro ponto levantado pelo autor é o fato de que se pode compreender e mobilizar determinados gêneros e esferas sociais e não saber agir de modo eficaz em outras. Essa característica é bastante proveitosa para o ensino, pois, muitas vezes, se um aluno ou aluna não consegue alcançar seus objetivos em um gênero, debates orais, por exemplo, não significa que ele não possa fazer isso em outro, redação, por exemplo. Assim, é necessário que se contemple no ensino tanto a organização textual quanto social de determinado gênero e os tipos de práticas sociais que o atravessam.

Na concepção de Bakhtin (1997 [1952/53]) gêneros, enquanto enunciados, são diferentes de orações. Uma oração é entendida como uma unidade da língua, já o enunciado é visto como uma unidade da comunicação verbal. Nas palavras do autor:

As pessoas não trocam orações, assim como não trocam palavras (numa acepção rigorosamente linguística), ou combinações de palavras, trocam enunciados constituídos com a ajuda de unidades da língua — palavras, combinações de palavras, orações; mesmo assim, nada impede que o enunciado seja constituído de uma única oração, ou de uma única palavra, por assim dizer, de uma única unidade da fala (o que acontece sobretudo na réplica do diálogo), mas não é isso que converterá uma unidade da língua numa unidade da comunicação verbal. (BAKHTIN, 1997 [1952/53], p. 298).

Sobre isso, importa frisar que, em situações de ensino e aprendizagem de LP, precisa se considerar o enunciado como um todo, em seu contexto de uso e de acordo com os objetivos da interação. Ou seja, a linguagem precisa ser tomada no seu contexto social e situado.

É próprio dos enunciados e não das orações e das palavras, apresentar: atitude responsiva ativa e compreensão responsiva ativa. Tais conceitos referem-se ao fato de que um enunciado é sempre uma resposta a outro enunciado, em que um interlocutor assume uma posição ativa responsiva frente a um enunciado que é compreendido e respondido por outro interlocutor (BAKHTIN, 1997 [1952/53]). Essa característica pontua que um enunciado não pode ser analisado isoladamente, mas sim em relação

dialógica com outros enunciados, pois cada “enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica” (BAKHTIN, 1997 [1952/53], p. 320). Nesse sentido, para Bakhtin, os enunciados, gêneros, discursos são sempre dialógicos e orientados para o outrem, pois tratam-se de fenômenos sociais. Mesmo que não exista um interlocutor real, a enunciação, na perspectiva dialógica do Círculo, é sempre é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, podendo, em determinadas circunstâncias, ser substituída pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor (BAKHTIN [VOLOCHINOV], 2009 [1929]).

A atitude e a compreensão responsiva ativa ilustram outra característica dos enunciados, o momento da alternância dos sujeitos. Essa alternância é vista como a troca entre enunciados, quando o locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro (BAKHTIN, 1997 [1952/53]). Além disso, os enunciados também têm como marca o acabamento, ou seja, o fato de que um locutor disse (ou escreveu) tudo o que queria dizer em um preciso momento e determinadas condições, e, ao ouvir ou ao ler, pode perceber o fim de um enunciado (BAKHTIN, 1997 [1952/53]).

Destaco que, para os autores do Círculo, as relações entre os enunciados, e, portanto, também entre os gêneros, são sempre dialógicas, pois eles não existem sem sujeitos, nem apartados de momentos históricos e sociais específicos e situados. Nesse sentido, na obra dos autores russos, a interação verbal é o lugar da constituição da linguagem e do sujeito. Ou seja, na leitura de Acosta-Pereira (2016, p.4), “o uso da língua se realiza na forma de enunciados concretos e as dimensões e as formas desses enunciados são determinadas pela situação de interação”.

Todo enunciado também carrega um grau de expressividade, pois é a “instância de expressão da posição valorativa do seu autor frente ao objeto do seu discurso e aos outros participantes da comunicação discursiva e seus enunciados (já ditos, pré-figurados)” (RODRIGUES, 2005, p. 161). Na perspectiva bakhtiniana, não existem enunciados neutros; todos carregam visões de mundo.

A questão da expressividade dos enunciados é considerada no sexto capítulo, quando analiso dois textos produzidos pela turma para o jornal escolar. Uso como ponto norteador da análise as vozes sociais manifestadas nesses textos. Sobre esse conceito, em *O discurso no romance*, Bakhtin diz:

Todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas e que organizam no romance em um sistema estilístico harmonioso, expressando a posição sócio-ideológica *diferenciada* do autor no seio dos diferentes discursos da sua época. (BAKHTIN, 1998 [1934/35], p. 106)¹².

Para Bakhtin, em cada contexto histórico-social a linguagem é permeada por marcas pluridiscursivas que coexistem, algumas em consonância, outras em dissonância, pois os diversos grupos sociais possuem posicionamentos sócio-ideológicos diferentes entre presente e passado e entre diferentes épocas do passado (BAKHTIN, 1998 [1934/35]). Essa multiplicidade de vozes sociais diz respeito à ideia de heteroglossia, que, para Faraco (2006), faz referência à realidade heterogênea da linguagem, permeada por confrontos entre uma multiplicidade de vozes sociais.

Esse conceito tem potencialidade para a ACG (em sua articulação com a ACD). A investigação de como vozes sociais entram em confronto pode ser uma forma de detectar mudanças sociais ou, no caso desta pesquisa, marcas de transitividade dos/das estudantes. Nas palavras de Ferretti-Soares (2018, p. 96):

[...] o embate de diferentes posições axiológicas, sua negociação e a relativa estabilização de certos sentidos – significação – apontam para a possibilidade de processos de deslocamentos no horizonte axiológico de interlocutores, de grupos sociais e de esferas de atividades. Mais do que “apontar”, esse aspecto [...] possibilita a emergência de sentidos outros, que, a depender do manejo discursivo dos interlocutores nas práticas sociais, podem contribuir para efetivação de processos de (in)transitividade ou transitividade crítica (FREIRE, 2006), sendo esse um dos pontos centrais na pesquisa em ACG.

Nas análises dos textos dos alunos/alunas, tematizadas no sexto capítulo, há indícios desse movimento. Investigo duas produções: uma publicada na primeira edição do jornal e outra veiculada na segunda edição. Entre os textos das duas edições do jornal, é possível notar um deslocamento. O primeiro texto é marcado por vozes sociais que representam posições de mundo mais conservadoras. O segundo texto adota posicionamentos mais progressistas e inclusivos.

Ao longo desta seção, debati sobre algumas reflexões propostas por Bakhtin e pelo seu Círculo. Para a ACG (BONINI, 2010; 2013; 2017), importa pensar a

¹² Nessa obra, Bakhtin desenvolve reflexões, tendo o romance como objeto analítico. No entanto, nas suas palavras, “a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso do outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa” (BAKHTIN, 1998 [1934-35], p. 88).

linguagem a partir dos gêneros discursivos. Os gêneros são meios de interação social pelos quais sujeitos e sujeitas sociais agem no mundo e constroem suas vozes, a partir de posições valorativas. Para a abordagem teórico-metodológica que está sendo mobilizada neste estudo, essas conceituações – articuladas conjuntamente com o pensamento crítico proposto pela ACD (ponto de discussão da próxima seção) – abrem caminhos para, entre outras questões, pensar na forma como gêneros e práticas sociais são atravessados por relações de poder.

2.1.2 Contribuições da ACD para análise de gêneros

A ACD é uma abordagem interdisciplinar que pode ser vista tanto como uma teoria como um método para a análise de práticas sociais (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Seu quadro teórico propõe a reflexão sobre como a linguagem é investida de relações de poder e de dominação, de modo crítico, com objetivo de promover mudanças sociais nessas relações. Assim, segundo Wodak (2004), ao analista crítico compete:

[...] analisar relações estruturais, transparentes ou veladas, de discriminação, poder e controle manifestas na linguagem. Em outras palavras, a ACD almeja investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso da linguagem (ou no discurso) (WODAK, 2004, p. 225)

O termo *crítica* na ACD implica adotar uma posição política de forma explícita, assim como focalizar a autorreflexão (WODAK, 2004). Vieira e Resende (2016 [2011], p. 14) também explicam a função do “C” na ACD. Segundo as autoras, este “justifica-se por seu engajamento com a tradição da *ciência social crítica* que visa oferecer suporte científico para a crítica situada de problemas sociais relacionados ao poder como controle”. Ainda sobre o tema, para Bonini (2013), *crítico* visa marcar uma postura marxista de conscientização sobre as condições históricas dos/das sujeitos sociais. A intenção do termo não é de se relacionar com uma concepção dicotômica *acrítica*, mas sim evidenciar um posicionamento que vai contra estruturas de dominação e exploração (BONINI, 2013). No contexto brasileiro – e desta pesquisa – adotar o termo implica se opor ao conservadorismo ligado à elite dominante, aos interesses

coloniais estrangeiros e ao colonialismo expresso em grande parte das empresas midiáticas do país (BONINI, 2013).

Muitas das ideias da ACD chegaram ao Brasil a partir da tradução do livro *Discurso e mudança social (Discourse and social change)* de Norman Fairclough, publicado pela Universidade de Brasília (UNB)¹³. Ao longo dessa obra, Fairclough retoma algumas reflexões da Análise do Discurso, principalmente da tradição francesa, e apresenta um modelo de ACD orientado para a transformação e a mudança social. Fairclough (2016 [1992]) considera o discurso como a linguagem em uso, como uma prática social e um modo de ação. Além disso, é uma forma pela qual as pessoas podem agir sobre o mundo e também sobre as outras pessoas, como também um modo de representação da realidade (FAIRCLOUGH, 2016 [1992]).

Na percepção do autor, o discurso e a estrutura social têm uma relação dialética, quer dizer, ao mesmo tempo em que o discurso é moldado e restringido pela estrutura social, em todos os níveis, ele também age, transformando a mesma estrutura (FAIRCLOUGH, 2016 [1992]). Por exemplo, nas matérias escritas pelos alunos e alunas para o jornal escolar aqui estudado são articulados discursos dentro de um texto que representam um modo de ver o mundo. Ao introduzir uma forma de representação, os/as estudantes operam na manutenção ou no rompimento de determinada concepção social com possibilidade ou não de modificar a estrutura social, mesmo que de forma local e situada.

Ainda em *Discurso e mudança social*, é proposto um modelo para investigação de enunciados, que une a Análise Linguística e a Teoria Social a partir do conceito tridimensional de discurso, com eixo para três dimensões analíticas: o texto (como lugar de descrição léxico-gramatical, coesão e estrutura), a prática discursiva (investigação da produção, distribuição e consumo de textos) e a prática social (o que as pessoas fazem em relação aos conceitos de ideologia e hegemonia). Esse modelo de três dimensões para análise do discurso é revisto em publicações posteriores de Fairclough. De acordo com Resende e Ramalho (2006), em Chouliaraki e Fairclough (1999), essas dimensões são mantidas, mas de maneira mais pulverizada na análise. As autoras também apontam que, no livro de 1999, é possível observar um deslocamento do discurso para as práticas

¹³ *Discourse and Social Change* foi publicado por Norman Fairclough no ano de 1992 e traduzido para o português no ano 2001 pela UNB. Em 2016 teve uma segunda edição lançada. Nesta pesquisa utilizo a versão de 2016 para consulta.

sociais, no qual o discurso passou a ser visto como um momento das práticas sociais (RESENDE; RAMALHO, 2006).

As práticas sociais são entendidas em *Discourse in late modernity* como:

[...] maneiras habituais, vinculadas a tempos e espaços particulares, nas quais pessoas aplicam recursos – materiais e simbólicos – para agirem juntas no mundo. Práticas são constituídas ao longo da vida social – nos domínios especializados da economia e da política, por exemplo, mas também no domínio da cultura, incluindo a vida cotidiana (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21, tradução nossa)¹⁴.

Para Figueiredo e Bonini (2017), o foco atual nas práticas sociais acontece por essas serem estruturas intermediárias entre estruturas sociais (sociedade) e eventos sociais específicos (atividades diárias). Além disso, “o discurso em si não possui força ou efeitos sociais; ele só se torna relevante e poderoso na medida em que passa a ser parte integrante e constitutiva das práticas sociais diárias (FIGUEIREDO; BONINI, 2017, p. 762). Desse modo, um discurso só existe dentro de um gênero discursivo que é constituído de práticas sociais, que são as instâncias com potencialidade de modificar discursos e configurações de gêneros. Voltando ao exemplo dos textos produzidos para o jornal, dentro de um gênero (artigo de opinião, por exemplo), as maneiras de representar o mundo (os discursos) vão estabelecer determinadas práticas sociais, que podem ser críticas, quando se posicionarem contra um tipo de opressão, ou pouco críticas, quando se articularem na manutenção de determinada estrutura de dominação.

As práticas sociais dificilmente são vistas como atividades humanas isoladas, pois geralmente são localizadas dentro de uma rede de práticas (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Essas redes são mantidas por relações sociais de poder (que envolvem ideologias e hegemonia) nas quais é possível surgir deslocamentos e lutas pelo poder (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Nesse sentido é que, por exemplo, nas atividades do jornal escolar aqui analisado foi possível visualizar as distintas práticas sociais operando em rede e mobilizando diferentes gêneros discursivos, que se relacionavam a determinadas esferas da atividade humana. No Quadro 1, se pode verificar essa relação entre as práticas, os gêneros e as esferas das atividades do jornal escolar.

¹⁴ No original: “By practices we mean habitualised ways, tied to particular times and places, in which people apply resources (material or symbolic) to act together in the world Practices are constituted throughout social life – in the specialised domains of the economy and politics, for instance, but also in the domain of culture, including every life” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21)

Quadro 1 – Rede de práticas e de gêneros que são articuladas no desenvolvimento do jornal escolar Folha

Lázaro Marques

PRÁTICAS SOCIAIS	GÊNEROS DISCURSIVOS	PRINCIPAIS ESFERAS DE ATIVIDADE HUMANA RELACIONADAS
Escolha das pautas do jornal Folha Lázaro Marques	- Assembleia - Jornal (como hipergênero)	- Mídia - Escola
Discussão das pautas escolhidas pelos alunos/alunas	- Debate - Roda de conversa	- Mídia - Escola - Família - Judicial - Artes
Conversa com o jornalismo independente	- Debate - Roda Conversa	- Mídia - Escola
Escrita dos textos	- Jornal (como hipergênero)	- Mídia - Escola
Revisão dos textos	- Jornal (como hipergênero) - Roda de conversa	- Mídia - Escola
Diagramação do jornal	- Jornal (como hipergênero) - Roda de conversa	- Mídia - Escola
Avaliação do processo de construção do jornal	- Assembleia	- Mídia - Escola

Fonte: com base em Bonini (2010) e Ferreti-Soares (2018)

No Quadro 1, esboço algumas das principais práticas que podem ser recuperadas do processo de fazer o jornal. Contudo, é preciso dizer que cada prática poderia ser ainda desmembrada em mais outras práticas. Por exemplo, na discussão das pautas escolhidas pelos/pelas estudantes, no interior do gênero debate, surge uma nova prática: a expressão de um posicionamento coletivo da turma sobre um assunto (se manifestar contra o racismo, por exemplo).

Para Resende e Ramalho (2006, p. 43), a abordagem das redes de prática torna-se importante para ACD por dois motivos: (i) as práticas assim compreendidas são determinadas umas pelas outras, sendo que cada uma pode articular outras gerando diversos efeitos sociais; e (ii) as redes são sustentadas por relações sociais de poder,

estando as articulações entre práticas ligadas a lutas hegemônicas. De acordo com as autoras a:

[...] permanências de articulações são compreendidas como efeito de poder sobre redes de práticas, enquanto tensões pela transformação dessas articulações são vistas como lutas hegemônicas. Dado o caráter inerentemente aberto das práticas sociais, toda hegemonia é um equilíbrio instável, e a ADC, no seu papel de teoria crítica, trabalha nas brechas ou aberturas existentes em toda relação de dominação. (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 43).

No Quadro 1, a conversa com representantes do jornalismo independente, por exemplo, é pensada como uma forma de questionar, mesmo que em pequena escala, a influência exercida pelo jornalismo dominante com os alunos e alunas e, a partir disso, promover práticas que possibilitem mudanças.

Ao dar mais destaque às práticas sociais em comparação com o que se vinha fazendo até então, um novo modelo de análise é proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999). Esta nova orientação analítica propõe que a investigação seja dividida nas seguintes etapas: (i) percepção de um problema social; (ii) identificação de obstáculos para a superação do problema (que envolve: análise da conjuntura, da prática particular e do discurso); (iii) verificação da função do problema nas práticas discursiva e social; (iv) exploração dos possíveis modos de ultrapassar os obstáculos; e, por fim, (v) reflexão sobre a análise (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 37).

Embora nesta pesquisa eu não tenha dividido a análise de modo a seguir à risca esse enquadre, é possível identificar a adoção de algumas das etapas descritas. Por exemplo, o ponto de partida da pesquisa foi a identificação de um problema social: a grande influência exercida pelo jornalismo dominante no Brasil e a necessidade da discussão sobre esse tema no contexto escolar. Ao longo da fundamentação teórica, busquei identificar obstáculos para a superação do problema, debatendo a sua conjuntura. O modo encontrado de ultrapassar esse problema, visto como um obstáculo, para formação de sujeitos emancipados, foi a criação de um jornal escolar com uma turma de alunos/alunas dos anos finais do Ensino Fundamental, que tivesse como norte o jornalismo independente. Nos capítulos analíticos, busquei refletir sobre as análises propostas marcando possíveis mudanças sociais.

Na ACG os conceitos de *discurso* e *prática social*, debatidos até esse momento, são os principais pontos de articulação com a ACD, enquanto o conceito de

gênero do discurso é tomado a partir das formulações de Bakhtin. Pode-se dizer que a forma como Fairclough considera os gêneros no quadro da ACD varia de acordo com a obra que é tomada como referência, e tem sido feita a partir de uma mescla advinda de concepções de diferentes abordagens, principalmente, da Sócio-retórica e da Linguística Sistêmico-funcional (FERRETI-SOARES, 2018). Desse modo, embora esta pesquisa não siga a mesma linha de Fairclough na definição de gênero discursivo, algumas das reflexões propostas pelo autor são aqui encampadas.

Assim, em *Analysing Discourse: textual analysis for social research*, livro publicado por Fairclough em 2003, o autor propõe que enquanto o discurso é uma forma de representar o mundo, os gêneros seriam uma forma de agir no mundo. Dito de outro modo, os gêneros correspondem “a formas de agir pela linguagem, sendo também um dos elementos mediante os quais as práticas são reproduzidas ou alteradas” (FIGUEREDO; BONINI, 2017, p. 763).

Fairclough também propõe que os gêneros variam bastante em termos de seu grau de estabilização e homogeneização. Para o autor, enquanto alguns gêneros possuem uma estrutura mais regular, com nomes e classificações próprias, como os gêneros acadêmicos, outros podem variar bastante quanto a sua estabilidade e suas denominações. Um exemplo desse tipo de gênero são os da esfera mercadológica e midiática (FAIRCLOUGH, 2003). Além disso, conforme Resende e Ramalho (2006), a discussão de Fairclough sobre gêneros aponta que alguns podem atuar em escala local, sendo associados a redes de práticas sociais relativamente limitadas, enquanto outros são especializados na interação em escala global.

Devido a esta característica dos gêneros, Fairclough propõe o conceito de gêneros mistos ou híbridos. Segundo o autor, um texto, por vezes, não faz referência há um único gênero, mas a gêneros diferentes ao mesmo tempo. Por exemplo, um *chat* televisivo mistura características de uma conversa, de uma entrevista e de entretenimento (FAIRCLOUGH, 2003). Os gêneros mistos são um aspecto da interdiscursividade presente nos textos e também marcadores de mudanças. Essa característica dos gêneros híbridos é retomada nas análises do presente estudo (quinto capítulo), quando discuto as diferenças entre gêneros do campo do jornalismo publicados nas esferas do jornalismo dominante e independente. Muitas vezes, apesar de se tratar de um mesmo tipo de enunciado, há mudanças nas práticas sociais mobilizadas entre os dois contextos. Também recorro à reflexão sobre a hibridez dos

gêneros para discutir as produções textuais dos alunos e alunas que apresentam características híbridas. Sobre isso, pode-se indicar que as matérias das/dos estudantes mesclam particularidades de duas esferas distintas (jornalismo e escola) e, dessa fusão, surgem gêneros mistos com traços próprios.

Em síntese, a ACD oferece muitas conceituações e categorias analíticas que a fazem uma abordagem teórico-metodológica produtiva para a investigação da linguagem e, especialmente, de como a linguagem pode ser investida por diferentes discursos e relações de poder, muitas vezes desiguais. Ao longo desta seção, a intenção foi apresentar essa abordagem teórica, enfatizando os conceitos-chave para a ACG, como as noções de *discurso* e *prática social*. Na próxima seção, dando continuidade às articulações que embasam a análise de gêneros crítica, debato algumas obras de Paulo Freire, salientando, principalmente, as noções de transitividade da consciência e educação dialógica.

2.1.3 Contribuições de Paulo Freire para a ACG

O pensamento proposto por Paulo Freire tem como temática a luta de classes e as situações de opressão oriundas desse embate, normalmente, em situações ligadas ao contexto da educação. No cerne das discussões desse autor, está a defesa de uma educação de caráter libertário (emancipadora) e com base no diálogo (que leve em conta a voz das alunas e dos alunos). Esse posicionamento é fundamental para a orientação da ACG seguida por esta pesquisa e, por isso, ao longo desta seção debato algumas das discussões propostas pelo autor.

Em *Educação como prática de liberdade*, publicado em 1967, Freire relaciona a condição de libertação do sujeito à transitividade crítica ou consciência crítica. Segundo ele, a consciência crítica é o único modo pelo qual os/as sujeitos sociais realizarão sua vocação natural de se integrar ao mundo, superando atitudes de simples ajustamento ou acomodação (FREIRE, 1967). Sobre a criticidade, o autor relata a existência de três estágios: intransitividade da consciência, transitividade ingênua e transitividade crítica.

A intransitividade da consciência é a fase caracterizada pelo não compromisso entre sujeitos sociais e sua existência, pois, nesse estágio, falta à homens e mulheres a

compreensão do seu papel histórico, político e social. Nesse momento, se vive de maneira externa aos problemas sociais. A transitividade ingênua (consciência ingênua) seria o momento de transição entre a intransitividade e a transitividade crítica. Nesse estágio, há uma simplicidade na interpretação dos problemas, seja:

Pela tendência a julgar que o tempo melhor foi o tempo passado. Pela subestimação do ser humano comum. Por uma forte inclinação ao gregarismo, característico da massificação. Pela impermeabilidade à investigação, a que corresponde um gosto acentuado pelas explicações fabulosas. Pela fragilidade na argumentação. Por forte teor de emocionalidade. Pela prática não propriamente do diálogo, mas da polêmica. Pelas explicações mágicas. (FREIRE, 1967, p. 59).

Em contrapartida, a transitividade crítica é marcada por uma educação dialogal e ativa, voltada para a responsabilidade social e política, pela profundidade na interpretação dos problemas e pela ênfase na democracia (FREIRE, 1967). A consciência “será tanto mais transitiva quanto mais envolver conhecimentos históricos dos eventos sociais, debate e negociação das ações sociais e discursivas” (BONINI, 2017, p. 168). A transitividade crítica pode ser vista, portanto, como o momento em que o sujeito começa a reconhecer seu papel no mundo, se tornando capaz de travar embates e agir pelo sentido de coletividade e de bem-comum.

É importante destacar que as reflexões desenvolvidas por Freire marcam problemas sociais e tematizam lutas de classe ocorridas em épocas passadas. Assim, compreendo que o conceito de transitividade foi concebido em um contexto social e histórico específico. Nesta pesquisa, ao tomar o conceito pelo viés da ACG (BONINI, 2013; 2014; 2017), há uma tentativa de situá-lo em uma nova conjuntura. Além disso, sinalizo que o conceito de transitividade de Freire está sendo construído, principalmente, na articulação com a orientação dialógica de Bakhtin. Assim, considero que a noção também tem relação com as negociações e os agenciamentos entre visões de mundo. Nesse sentido, há consciência transitiva crítica quando as negociações de posicionamentos sociais promovem o autogoverno, ou seja, “a possibilidade da autonomia dos atores sociais pela crítica e tomada de posição” (FIGUEIREDO; BONINI, 2017, p. 764).

Além disso, também se considera que Freire tem sido alvo constante de críticas advindas de diversos governos de direita, principalmente do governo Bolsonaro, que o categoriza como doutrinador ideológico (YANO, 2019). Muitas das ideias de Freire têm

sido interpretadas erroneamente por essas pessoas, que disseminam ideias falsas, e carentes de embasamento sobre seu trabalho (YANO, 2019). Sobre isso também pode-se dizer que não há interesse de parte do governo – que tem representado cada vez mais abertamente a elite, apenas – pela tomada de consciência de pessoas das classes populares sobre suas condições de opressão e busca por seus direitos.

Tais relações de opressão são o tema central de *Pedagogia do Oprimido* (1968), livro em que Freire contrapõe dois modelos de educação: o modelo bancário e o modelo dialógico de educação como prática de liberdade. Segundo o autor, em uma concepção bancária da educação:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem depósitos, guardá-los e arquivá-los [...] Na visão bancária da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (FREIRE, 1987 [1968], p. 33).

O termo bancário é adotado para se referir ao ato de depositar, transferir ou transmitir. A linha bancária da educação pode ser vista como reflexo de uma sociedade conservadora que não busca a superação e transformação social. Nas palavras de Freire (1987 [1968], p. 34), “o educador que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis, será sempre o que sabe. Enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como um processo de busca”.

Freire, ao longo de várias de suas obras, sugere a dialogicidade como a essência da educação, sendo a alternativa ao modelo bancário. Em suas palavras:

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a revolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. (FREIRE, 1987 [1968], p. 47).

O trabalho do educador em uma vertente dialógica não está em impor a sua visão de mundo ou os saberes esperados pela classe dominante. Em um modelo libertador, cabe ao educador dialogar sobre visões de mundo, considerando sempre o

conhecimento de seus educandos. Pode-se dizer que, enquanto um modelo opressor de educação busca impor saberes, um modelo libertador busca a construção conjunta do conhecimento. A criticidade de sujeitos aflora em um modelo dialógico, pois em um modelo bancário e opressor não há espaço para a construção de uma transitividade crítica; apenas para intransitividades e transitividades ingênuas.

O papel do professor em um contexto de educação dialógica, como proposto por Freire, está ancorado no processo de ouvir e dar voz aos estudantes. Entretanto, isso não nega o fato de que existem métodos e técnicas pelas quais conteúdos sejam ensinados e aprendidos. Nesse sentido, destaco a reflexão presente em *Pedagogia da Autonomia*, publicado em 1996, sobre a função do professor:

Estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com esta e com aquela pergunta em lugar da passividade em face das explicações discursivas do professor, espécies de respostas a perguntas que não foram feitas. Isso não significa realmente que devemos reduzir a atividade docente em nome da defesa da curiosidade necessária, a puro vai-e-vem de perguntas e respostas que burocraticamente se esterilizam. A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que o professor e o aluno saibam da postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora, e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve [...] (FREIRE, 2006 [1996], p. 86).

Com base no olhar de Freire, pode-se dizer que o ensino e a aprendizagem de línguas devem ir além de uma concepção tradicional – que enxerga a língua de forma descontextualizada apenas como um código a ser usado corretamente. A língua é viva e se manifesta em processos interativos e, por isso, deve-se respeitar sua dialogicidade inerente. Docentes precisam considerar as visões de mundo de seus alunos e alunas, mas também ultrapassar aquilo que estudantes já sabem instigando sempre novos conhecimentos.

As noções de conhecimentos prévios, de visões de mundo, da cultura popular ou de um conhecimento não formal estão presentes direta ou indiretamente em várias obras e reflexões de Freire. Esta temática também é recorrente em *A importância do ato de ler*, publicado em 1981. Nesse livro, o autor aborda os conceitos de leitura da palavra e leitura de mundo, que implicam importantes significados sobre o conceito de leitura em uma perspectiva crítica (que vai muito além do ato de codificação e decodificação), pois, para ele, a palavra só ganha significado para um estudante a partir do momento em

que ela tenha sentido no seu mundo (SAMPAIO e BORGES DA SILVA, 2019). Nas palavras de Freire:

Me parece indispensável, ao procurar falar de tal importância, dizer algo do momento mesmo em que me preparava para aqui estar hoje; dizer algo do processo em que me inseri enquanto ia escrevendo este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1987 [1981], p. 9).

A definição proposta por Freire de que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” envolve pelo menos dois pontos. Um se refere à aceitação de que todos sujeitos têm seu próprio conhecimento de mundo e que este não pode ser ignorado. Outra questão, decorrente da reflexão do autor, é de que não existe ruptura entre leitura da palavra e do mundo. Conforme a interpretação de Ferretti-Soares (2016, p. 340):

Ler um texto é ler seu autor, o contexto histórico, as condições de produção desse texto, ou seja, a leitura implica tanto o domínio do código linguístico (leitura da palavra) quanto a compreensão profunda do mundo, do lugar que nele ocupam o texto, o autor e, principalmente, o si enquanto sujeito-leitor. Assim, implica a leitura da palavramundo. Também implica ler a leitura que outros sujeitos fazem do mundo, já que a instância que medeia as relações sociais – o que Bakhtin (1997) vai chamar de enunciado – é a instância em que a vida penetra na língua e a língua penetra na vida, de modo que a leitura não se esgota na palavra, na língua [...].

Voltando ao colocado anteriormente, sobre o papel do professor em uma perspectiva de educação libertadora, sugerir que a leitura de mundo precede a leitura da palavra é dizer que cabe ao educador ler a leitura de mundo de seus alunos e alunas. Não é possível nessa abordagem desconsiderar o saber das/dos educandos, suas experiências, suas explicações de mundo e a compreensão de sua própria presença na sociedade (FREIRE, 2006 [1996]). Além disso, é função do educador mediar a discussão entre texto e contexto, dando suporte para que as/os estudantes entendam as situações sócio históricas envolvidas.

Freire (1987) também destaca a relação entre educação e política. Para o autor, alfabetização, educação e política são noções inseparáveis, por isso, alfabetizar é sempre um ato político. Nessa concepção, a alfabetização é libertação, é uma forma de desativar

a voz dos dominantes e devolver a voz aos dominados. Giroux (1990) sugere que a alfabetização desenvolvida por Freire é parte de um projeto de *empowerment* (empoderamento), pois para ele alfabetizar é muito mais amplo do que aprender a ler e escrever (no sentido de codificar e decodificar). Alfabetização é parte do processo pelo qual alguém se torna autocrítico a respeito da natureza historicamente construída de sua própria experiência (FREIRE, 1987).

Destaco que, na perspectiva freireana, ser alfabetizado não significa ser livre. Ser alfabetizado é estar presente e ativo na luta pela reivindicação da própria voz, da própria história e do próprio futuro (GIROUX, 1990). A alfabetização, nessa concepção teórica, funciona como uma condição para a emancipação, o empoderamento e a libertação do sujeito, não sendo sinônimo imediato de mudança, mas um marcador de seu início. Nas palavras de Freire (1996 [2006], p. 112):

Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante. O que quero dizer é que a educação nem é uma força imbatível a serviço da transformação da sociedade, porque assim eu queira, nem tampouco é perpetuação do “status quo” porque o dominante o decreta. O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isto reforça nele ou nela a importância de sua tarefa político-pedagógica.

No contexto deste estudo, ao propor atividades de produção de um jornal escolar modelado pelo jornalismo independente, esperei iniciar um processo que permitisse aos alunos e alunas experimentar situações em que eles/elas pudessem ser protagonistas do jornal. No entanto, não existe uma “fórmula mágica” capaz de tornar indivíduos críticos instantaneamente. O que existe é a possibilidade de trazer para as/os estudantes contrapontos entre visões históricas de eventos sociais (no caso desta pesquisa, diferenças entre o jornalismo dominante e o independente). A partir dessas visões, a turma poderia negociar posicionamentos frente a determinados eventos sociais. Também é importante sinalizar que não se nega que a alfabetização e a consciência crítica são processos que envolvem toda a formação de um sujeito, sendo de difícil mensuração. Assim, o que se esperou com o desenvolvimento do jornal é que se pudesse identificar momentos de deslocamento da consciência das/dos estudantes.

Conforme mencionado na seção sobre ACG (Seção 2.1 deste estudo), as ideias de Freire têm embasado uma análise de gêneros de caráter crítico, de acordo com a

orientação de Bonini (2010, 2011a, 2013, 2017), que tem proposto uma articulação deste autor com os pressupostos da ACD e a concepção de gênero bakhtiniana. Assim como a ACD, os trabalhos de Freire têm forte preocupação social em evidenciar determinadas relações de poder envolvidas em diferentes práticas sociais, a fim de desvelar e questionar estruturas de opressão. Por sua vez, a articulação com a teoria de Bakhtin é possível já que ambas enfatizam as relações dialógicas. As reflexões propostas por Freire também podem fortalecer uma ACG que tenha como objeto de pesquisa o contexto educacional (FERRETI-SOARES, 2016). Os escritos do autor permitem que se pense um cenário de transformação e libertação na educação, a partir de um processo de dialogização para que se alcance cada vez mais consciências transitivas e críticas.

Ainda, no contexto desta pesquisa, pode-se pensar que, para além do campo da educação, o pensamento libertador proposto por Freire inspira a reflexão sobre o papel ocupado pela imprensa na sociedade. Essa articulação viabiliza, assim, o questionamento sobre como a imprensa pode servir de instrumento de dominação ou como meio de transformação social, temática das próximas seções, quando começo a falar do jornal escolar pela perspectiva do jornalismo independente.

2.2 O JORNAL ESCOLAR

Desde a obra clássica de Freinet (1974), o jornal escolar tem sido tema de diversos estudos em diferentes áreas do saber. No contexto brasileiro, é possível encontrar muitas pesquisas realizadas acerca dessa temática. Em comum, esses trabalhos situam o jornal escolar como um instrumento ou como uma abordagem bastante proveitosa para o ensino de diversas disciplinas.

Além disso, a partir da publicação de documentos oficiais e de diretrizes de ensino como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os gêneros da esfera jornalística se tornaram conteúdos escolares. O desenvolvimento de investigações acadêmicas e de políticas públicas refletem na prática profissional de professores e professoras de escolas (BONINI, 2019), pois jornais escolares têm sido utilizados como práticas pedagógicas em sala de aula, mesmo que nem todas as experiências sejam documentadas. Em outras palavras, pode-se dizer que muitos jornais escolares são

produzidos em escolas de diferentes regiões do Brasil, o que consolida sua função social e pedagógica como objeto de pesquisa.

Atentando-se às experiências documentadas, em termos de dissertações e teses, Bonini (2011b) realizou uma varredura no banco de teses da CAPES e citou onze trabalhos elaborados de 1990 a 2008. Em uma pesquisa realizada no mês de junho de 2018, na página da “Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações”, encontrei mais onze estudos desenvolvidos sobre o jornal escolar. Essa nova varredura pretende mostrar o que foi desenvolvido entre ano de 2009 até 2017, em termos de dissertações e teses¹⁵.

Identifiquei muitas dissertações e algumas teses sobre o jornal escolar desenvolvidas nos últimos anos (p. ex.: PINHEIRO, 2009; CARNEIRO, 2011; CARVALHO, 2011; PARENTE, 2012; CAMPOS-ANTONIASSI, 2014; TIMO, 2015; BARÚA, 2015; MARQUES, 2017; PIOVEZAN, 2017). A varredura também ilustrou que existe uma lacuna quanto a experiências que elaborem jornais escolares a partir do jornalismo independente. Por isso, pode-se dizer que o jornal escolar não se trata de um tema esgotado.

Ademais, a partir da varredura realizada, percebi que algumas das pesquisas produzidas acabam reforçando o discurso do jornalismo dominante. Por exemplo, a dissertação de Parente (2012) analisa a elaboração de um jornal em uma comunidade do interior do Mato Grosso do Sul. O jornal foi produzido a partir de um vínculo com programa “O Progresso Ensinando a Ler o Mundo”, que é um jornal televisivo dominante da região de Dourados, MS. A parceria estabelecida entre escola e jornalismo possibilitou que uma profissional desse veículo ajudasse alunos/alunas e professores/professoras nas etapas de construção do jornal escolar. Além disso, o

¹⁵ Para essa varredura, na página da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (<http://bdtd.ibict.br/vufind/>), coloquei no buscador a palavra-chave *jornal escolar*. Apesar de ter aparecido cerca de 50 páginas de resultados para esta busca, considerei apenas dissertações e teses que relatassem a criação de um jornal pelas/pelos estudantes/professores/professoras ou a análise de um jornal escolar já existente em uma instituição. A partir dessa averiguação, cheguei a treze pesquisas. No entanto, após uma análise mais detalhada dos trabalhos acadêmicos, desconsidere dois estudos. Em Souza (2011) o jornal não foi o tema central da pesquisa, mas pareceu como uma ferramenta para a divulgação de ações desenvolvidas em educomunicação. Na dissertação em questão, a autora realizou um trabalho de conscientização ambiental e um jornal mural foi o instrumento de divulgação das atividades dos alunos e alunas. De modo semelhante, em Silva (2014), o jornal também não foi o tema central da pesquisa. Em sua tese, o autor realizou um estudo sociolinguístico do português afro-indígena utilizado na comunidade de Jurussaca, no interior do estado do Pará. Dentre os textos que constituíram o *corpus* da tese estão algumas edições de um jornal produzido em uma escola da região, que fez parte do projeto “O Liberal na escola” (jornal dominante, filiado à rede Globo). Analisei que, nesses dois casos, o jornal não era objeto central das investigações realizadas.

projeto também sofreu influência do quadro “Repórter por Um Dia” (do programa televisivo Fantástico da Rede Globo). Em sua dissertação, Parente (2012) pontua que o projeto de criação do jornal trouxe mudanças significativa para as/os estudantes, a escola e a comunidade. Segundo a autora, a elaboração do jornal permitiu que estudantes realizassem questionamentos em relação à parcialidade da mídia, por exemplo, formando, segundo ela, um senso crítico.

No entanto, também é possível avaliar que a pesquisa de Parente (2012) exemplifica como a mídia dominante se infiltra na escola. Há diversos projetos no Brasil organizados por grandes empresas de mídia que implementam jornais escolares por meio de programas educacionais. Como exemplo local há o “Diário Catarinense na sala de aula”. Nesse tipo de empreendimento, uma empresa oferece edições e metodologias de trabalho estrategicamente preparadas que refletem o modo de produção do jornalismo dominante (BONINI, 2019). O projeto até pode proporcionar um trabalho interdisciplinar e contextualizado, mas tende a não avançar em relação ao pensamento crítico sobre tipos de mídia.

De forma não tão direta quanto a pesquisa de Parente (2012), as dissertações de Pinheiro (2009) e de Marques (2017) também exprimem o modo como o jornalismo dominante influencia as práticas do jornal escolar. As duas pesquisas analisam a produção de jornais escolares por alunos do Ensino Médio. Em Pinheiro (2009) a produção do jornal acontece em uma cidade do interior do Paraná. Em Marques (2017) o projeto, de um jornal digital, é realizado no interior do Rio Grande do Sul. Durante as atividades de produção do jornal, os dois estudos utilizam exemplos de gêneros da esfera jornalística retirados da mídia dominante como modelo de escrita para as produções textuais dos alunos e alunas. Nessas pesquisas não são questionados os efeitos de sentido da utilização desses textos na formação crítica das/dos estudantes, por exemplo.

Ainda nesse tópico, a pesquisa de Carneiro (2011) analisa os processos de escrita das várias versões de textos argumentativos de opinião publicados em jornais do projeto Primeiras Letras da ONG Comunicação e Cultura. Essa ONG tem sede em Fortaleza/CE e atuação nacional, promovendo trabalhos sociais em torno dos jornais estudantis e escolares. Sobre esse projeto, vale levantar as considerações de Bonini (2019) que, apesar de entender a ONG como um importante projeto de atuação social no Brasil, atenta para o fato de que o projeto pode privilegiar o discurso do jornalismo

dominante, uma vez que a ONG defende um jornal pluralista e neutro, princípios dos jornais convencionais e hegemônicos.

A varredura de dissertações e teses também mostrou que as pesquisas produzidas relatam um embate entre posições que colocam o jornal como mídia das/dos estudantes ou como espaço da escola para publicação de textos de caráter institucional. De um modo geral, todas as pesquisas encontradas relatam em alguma medida essa problemática. No entanto, esse tipo de discussão aparece de forma mais aprofundada nas pesquisas que fazem a análise de um jornal escolar já existente. São elas: Carvalho (2011), Campos-Antoniassi (2014), Timo (2015) e Barúa (2015). Essas dissertações relatam que, em muitos casos, se confunde o papel do jornal escolar com o de um portal de divulgação de assuntos escolares. No entanto, segundo Carvalho (2011), quando isso acontece se perde o propósito do jornal como mídia das/dos estudantes, ou seja, como lugar de seu protagonismo.

Ainda segundo varredura realizada, existe uma discussão entre pesquisas que colocam o jornal escolar como prática pedagógica para produção textual dos alunos e alunas e estudos que entendem o jornal escolar como projeto profissional. Por exemplo, a pesquisa de Campos-Antoniassi (2014) cita que na escola onde a pesquisa foi realizada havia uma estrutura de estagiários do curso do jornalismo, além de apoio gráfico para impressão do jornal em larga escala. Por conta disso, por vezes havia uma confusão se o jornal deveria ser visto como uma prática de ensino para crianças e adolescentes do Ensino Fundamental ou como uma prática de formação de redatores mirins, do jornalismo profissional. A autora finaliza sua pesquisa defendendo que prevaleça o aspecto pedagógico do jornal.

Piovezan (2017) faz a análise de um jornal já existente em uma instituição escolar, que ele ajudou a criar. O autor tinha formação em jornalismo e era o editor chefe do jornal. As/os estudantes eram convidados a cada bimestre para trabalhar como redatores. A pesquisa de Piovezan (2017) não deixa claro o quanto o projeto permitiu autonomia das alunas e dos alunos nas ações referentes ao jornal. Além disso, pode-se dizer que propor o jornal escolar a partir de um viés profissionalizante, no qual se perde sua função pedagógica, pode ser mais uma forma de reverenciar a mídia dominante, colocando as/os alunos/alunas como escritores técnicos.

Para além das pesquisas citadas até o momento¹⁶, encontrei alguns estudos que propõem uma discussão crítica sobre os tipos de jornalismo. São as pesquisas de Lima (2014) e Couto (2016). Lima (2014) elaborou uma tese que teve como proposta a análise da relação entre gênero e prática social. A autora, assim como nesta pesquisa, utilizou uma metodologia inspirada na PP e embasou seu estudo na ACG. Durante o desenvolvimento do projeto, houve um trabalho com diferentes tipos de jornais em que ela buscou questionar as relações de poder e lutas sociais que os atravessam.

Por exemplo, em uma atividade, a turma assistiu diferentes telejornais e, a partir disso, formulou impressões sobre o funcionamento desses programas. Segundo a autora, essa discussão buscou desconstruir e ressignificar os conceitos de mídia. Outro exercício que surgiu em Lima (2014) foi o debate sobre os significados postos no vídeo institucional do jornal Folha de S. Paulo de 1988¹⁷. Para a autora, esse comercial possibilitou discussões sobre parcialidade/imparcialidade da imprensa, relações de poder e também sobre classes sociais. A tese principal trazida por Lima (2014) é a da relação indissociável entre gênero discursivo e prática social.

A dissertação de Couto (2016) teve o objetivo de estudar a revisão de textos como prática social na atuação crítica dos alunos durante a produção de um jornal escolar. Durante o desenvolvimento do projeto houve um trabalho com jornais regionais que circulavam na cidade de Palhoça (local onde a pesquisa foi desenvolvida) e estaduais (nesse caso, característicos da mídia dominante). A autora não detalha de que forma

¹⁶ Destaco que a varredura das pesquisas produzidas nos últimos anos sobre o jornal escolar não tem a intenção de desvalorizar o modo como esses trabalhos foram desenvolvidos. Também não tenho a intenção de reduzir a relevância das pesquisas já realizadas sobre este objeto de pesquisa. Percebo que em todas as onze pesquisas aqui citadas, a prática do jornal escolar trouxe resultados positivos para as escolas e as/os sujeitos envolvidos. Em muitos casos, o jornal surgiu para melhorar o ensino, partindo da necessidade de avançar sobre índices de mau desempenho escolar e teve êxito nisso. Além disso, algumas experiências possibilitaram o desenvolvimento da comunidade no entorno da escola, caso das pesquisas de Barúa (2015) e Parente (2012). Ao problematizar alguns pontos dessas pesquisas, já elaboradas, meu objetivo é explicitar as possibilidades de estudos que ainda podem ser desenvolvidos sobre o tema jornal escolar.

¹⁷ Esse comercial tinha como tema a credibilidade do jornal perante seu público leitor e ficou famoso. Essa propaganda se inicia com pontos em branco e preto, tendo o todo da sua imagem revelada aos poucos enquanto um narrador diz os seguintes dizeres: “Este homem pegou uma nação destruída, recuperou sua economia e devolveu o orgulho ao seu povo. Em seus quatro primeiros anos de governo, o número de desempregados caiu de 6 milhões para 900 mil pessoas. Este homem fez o produto interno bruto crescer 102% e a renda per capita dobrar. Aumentou o lucro das empresas de 175 milhões para 6 bilhões de marcos e reduziu a hiperinflação a no máximo 25% ao ano. Este homem adorava música e pintura e quando jovem imaginava seguir a carreira artística”. Por fim, o todo da imagem é revelada e o espectador descobre que se trata de Adolf Hitler, ao mostrar toda imagem o narrador encerrava o vídeo dizendo: “É possível contar um monte de mentiras, dizendo só a verdade. Por isso, é preciso tomar muito cuidado com a informação e o jornal que você recebe. Folha de São Paulo, o jornal que mais se compra e que nunca se vende”.

houve um exercício de discussão sobre as diferenças entre os jornais (o foco da sua pesquisa foi o processo de produção e revisão textual). No entanto, essa presença na pesquisa de jornais que não sejam os dominantes deve ser destacada como um item de sua abordagem.

Percebe-se que as pesquisas de Lima (2014) e Couto (2016) procuram, em alguma medida, elaborar exercícios de questionamento sobre o papel jornalismo dominante no mundo. Além das propostas das duas autoras, Bonini (2011b; 2017; 2019) e Bergamo (2018) também realizam investigações relevantes sobre a temática.

Para Bonini (2011b) o jornal escolar deve funcionar como mídia própria das alunas e dos alunos e, portanto, como um instrumento de suas identidades e protagonismo. Em termos de estrutura, ele respeita os diversos gêneros e a organização de jornais não escolares, mas sua função principal é a de prática pedagógica. Em publicação mais recente, Bonini (2017) defende ainda que o jornal escolar funcione como um projeto coletivo, proveniente de um debate democrático entre todas as partes. Além disso, o autor sugere que o jornal escolar seja modelado por mídias não dominantes, de modo a favorecer o desenvolvimento de um jornal que não seja reproduzidor das estruturas opressoras da mídia conservadora mas sim, transformador, que possibilite maior transividade crítica das/dos estudantes, sobre suas identidades e suas visões de mundo. Esta tese recebe forte influência das considerações de Bonini (2017) e busca colocar em prática um jornal construído a partir dessas orientações.

A dissertação de Bergamo (2018) teve o objetivo de compreender a leitura de textos jornalísticos como parte do percurso de construção de um jornal escolar que se configurasse como uma mídia das/dos estudantes alternativa às dominantes e que pudesse contribuir no processo de formação escolar para a emancipação dos alunos e alunas envolvidos. Bergamo (2018) se focou em práticas de leitura, a partir do contraste entre jornais dominantes e alternativos, com um grupo de estudantes do sétimo ano de uma escola da rede municipal de Florianópolis. Minha pesquisa, inicialmente, pretendia ser desenvolvida de maneira colaborativa e complementar a de Bergamo (2018). Entretanto, não foi possível dar continuidade ao trabalho. Aprofundo essa questão no próximo capítulo, quando detalho informações de ordem metodológica.

Por fim, Bonini (2019) realiza um estudo comparativo entre políticas de ensino relacionadas às práticas com jornal escolar no Brasil e na Argentina. Para dar conta disso, ele compara jornais escolares produzidos em duas cidades dos dois países

(Florianópolis e Buenos Aires). Como resultados, Bonini sugere que nas políticas de ensino de práticas de jornalismo, tanto na Argentina como no Brasil, são adotados os princípios do discurso dominante, principalmente no que se refere aos pressupostos de neutralidade e imparcialidade (BONINI, 2019). Esses princípios, para o autor, são desenvolvidos através de um discurso técnico que elimina agências políticas, transformando a comunicação de massa em um discurso supostamente guiado por leis universais, o que garantiria a existência de regimes democráticos (BONINI, 2019). O autor também identifica que os jornais argentinos tendem a dar mais ênfase ao discurso escolar enquanto os brasileiros tendem a dar mais espaço ao discurso da mídia dominante.

De modo geral, pode-se dizer que os trabalhos desenvolvidos por Bonini mostram o interesse do autor e a necessidade da continuidade de estudos acerca do jornal escolar. Infiro que, em um primeiro momento, o autor buscou entender jornal escolar quanto a sua estrutura, características e os gêneros que o constituem. Na fase atual de pesquisa do autor, as práticas sociais, podendo ser estas de dominação ou emancipação, passam a ser o ponto central dos estudos. Esta tese vincula-se à questão atual da pesquisa de Bonini. Procuo trazer os jornais independentes como ponto de referência para a elaboração do jornal escolar com a finalidade de promover práticas sociais que visem superar a mídia dominante. As características desse tipo de jornal é o assunto da próxima seção.

2.3 O JORNALISMO INDEPENDENTE E SEU CONTRASTE COM O JORNALISMO DOMINANTE

Para discorrer sobre o jornalismo independente é necessário apresentar antes o conceito de mídia. Para Bonini (2011a, p. 693), o termo relaciona-se à “forma tecnológica material de mediação da interação languageira”. Cada tipo de mídia é constituído por um ou mais suportes, sendo que suporte refere-se ao “elemento material (de registro, armazenamento e transmissão de informação) que intervém na concretização dos três aspectos caracterizadores de uma mídia (suas formas de organização, produção e recepção)” (BONINI, 2011a, p. 688). Em diferentes mídias, os

gêneros discursivos são mobilizados de acordo com suas condições de circulação, produção e interpretação (BONINI, 2017).

Sendo as mídias lugares de mediação, elas sempre serão construídas socialmente (BONINI, 2017). Desse modo, as formas de organização das mídias são diferentes entre si, existindo espaço para, por exemplo, mídias mais engajadas com mudanças sociais e outras que são mais comprometidas com os interesses da elite, que funcionam como grandes conglomerados, as mídias dominantes. Nesse contexto, o jornalismo independente pode ter relação com um tipo de comunicação ou mídia denominada popular. Conforme indica Peruzzo (2009), podem ser usados como seus sinônimos os termos: alternativo, participativo, participatório, horizontal, comunitário, dialógico e radical, dependendo do lugar social, do tipo de prática em questão e da percepção dos estudiosos.

Dentre todas essas terminologias, mobilizo a de jornalismo independente por ser a forma como O Portal Desacato e o Coletivo Maruim se denominam. A partir da leitura de Assis et al (2017), pode-se sintetizar a noção de jornalismo independente¹⁸ como um tipo de prática que: (i) possui autonomia (financeira e editorial); (ii) usa a internet como meio de atuação; (iii) adota o *crowdfunding* (financiamento coletivo) como forma de sustentabilidade econômica; e (iv) marca seu posicionamento por meio de práticas de ativismo social. Essas quatro características estão presentes no modo de ação dos portais Desacato e Maruim, conforme discuto com mais aprofundamento no quarto capítulo.

Na visão de Raul (jornalista do portal Desacato), a noção de jornalismo independente se encaixa melhor no trabalho desempenhado pelo seu portal. Independente, para ele, privilegia a ideia de criação de pauta livre, em que os/as jornalistas integrantes do portal têm controle sobre sua própria pauta de forma participativa¹⁹. Ou seja, os membros escolhem o que, como e quando noticiar (Conf. diário de campo do Apêndice C). Representantes do Maruim também relataram esses motivos para a preferência pelo termo jornalismo independente.

¹⁸ A noção de jornalismo independente na literatura de pesquisadores da Comunicação Social se mostra complexa (MUNIZ JR, 2016; FIGARO; NONATO; KINOSHITA, 2017). Especificamente para construir uma fundamentação sobre essa noção, nesta tese, sigo as análises de Assis et al (2017). Também destaco que os autores reconhecem a heterogeneidade do termo e sugerem que, para uma definição mais precisa de jornalismo independente, se conheça a realidade e o contexto de cada jornal que se designa como independente.

¹⁹ A denominação pauta é bastante corrente na prática jornalística. Em um sentido amplo pode ser vista como o conjunto de assuntos que compõem a edição de um jornal. Mas mais pontualmente também se refere ao tratamento que será dado a um assunto específico. Por vezes, o jornalista recebe uma pauta pronta como demanda para produzir um texto. Outras vezes, tem mais liberdade para criá-la.

Posto isso, para Peruzzo (1998), a comunicação popular²⁰ tem sua origem nos movimentos sociais em que a questão participativa, voltada para mudança social, é uma de suas características. Nas palavras de Peruzzo (2009, p. 49-50):

[...] a comunicação popular, alternativa e comunitária se caracteriza como expressão das lutas populares por melhores condições de vida, que ocorrem a partir dos movimentos populares e representam um espaço para participação democrática do “povo”. Possui conteúdo crítico-emancipador e reivindicativo e tem o “povo” como protagonista principal, o que a torna um processo democrático e educativo. É um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa.

Por possuir esse caráter educativo e de transformação social, esse tipo de comunicação pode ser visto como um movimento de contra-comunicação ou de uma outra comunicação, “elaborada no âmbito dos movimentos sociais, ‘comunidades’ e outros grupos sociais orgânicos às classes subalternas com a finalidade de exercitar a liberdade de expressão e oferecer conteúdos na ótica das mesmas” (PERUZZO, 2011, p. 86). Trata-se de um tipo de comunicação preocupado em oferecer espaços mais justos, dentro de um jogo de estruturas injustas, tendo intenção de promover maior igualdade social, no âmbito comunicacional, por meio de transformação social. Por conta dessas características, Peruzzo (2017) traz a reflexão de que o pensamento crítico de Paulo Freire pode ter deixado ressonâncias nas práticas de comunicação popular.

Aprofundando mais a discussão no campo do jornalismo, Soares (2006) contrapõe dois tipos de jornalismo. Para a autora, de um lado, existe uma superestrutura produzida pelo jornalismo comercial/industrial dominante, promotor e gerenciador de uma estrutura do pensamento público vigente, que dita informações de acordo com interesses específicos. Entretanto, partindo dessa mesma superestrutura, abre-se espaço para a experimentação em direção a um jornalismo relacional, interativo com a realidade atual e em benefício da agregação de valor humano à ordem social, o jornalismo comunitário (SOARES, 2006). A autora defende que o segundo tipo de

²⁰ Vejo que é importante salientar que autores como Peruzzo (1998; 2009; 2011; 2017), Barbosa (2012), Soares (2006; 2015a; 2015b) e Haubrich (2015) fazem reflexões importantes para discussão tematizada nesta seção. No entanto, esses autores nem sempre se referem a terminologia de jornalismo independente. Peruzzo (1998; 2009; 2011; 2017) e Haubrich (2015) optam por meios alternativos e/ou comunicação popular. Soares (2006; 2015a; 2015b) fala da questão do jornalismo comunitário e Barbosa (2012) elege jornalismo contra-hegemônico. Embora nesta tese eu esteja adotando a denominação jornalismo independente, aproveito as considerações desses autores, pois vejo que elas também têm relação com o contexto dos dois portais que participaram da pesquisa. Além disso, as suas reflexões ajudam a construir uma posição de jornalismo que contrasta com o modelo de jornalismo dominante.

jornalismo deve ter a capacidade de produzir novos e inclusivos olhares sobre as coletividades e sobre o outro e, para tanto, a narrativa inclusiva deve ser estruturada a partir da presença de uma apuração ampliada dos atores envolvidos (SOARES, 2006). Nesse sentido, comunitário pode ser uma forma de igualar os espaços sociais, de forma inclusiva, garantido participação de todos e todas.

Soares (2015a) defende que o jornalismo comunitário tem se tornado um espaço de resgate e redenção do jornalismo. Para a autora, ele representa um modelo integrado e preocupado com o bem-estar social geral (SOARES, 2015a). Em outro texto, Soares (2015b) defende que, potencialmente, a comunicação de grupos minoritários pode promover projetos sociais inclusivos que priorizem a existência harmônica entre os cidadãos, fazendo frente a mídias dominantes, consideradas por ela hegemônicas.

Barbosa (2012) também sugere a existência de dois tipos de imprensa: a das classes subalternas e a da indústria jornalística dominante, sendo que, para o autor, as duas estão em campos opostos da luta hegemônica. Conforme relata Barbosa (2012), a indústria jornalística dominante, mesmo que de forma aparentemente velada, reforça a ideologia capitalista, enquanto que, historicamente, coube à imprensa alternativa a tarefa de resistir. Ao apontar as diferenças entre os dois tipos de jornalismo, o autor lembra que, em muitos casos, os dois cobrem o mesmo fato, e a diferença está na abordagem e na construção da notícia (BARBOSA, 2012). Enquanto o jornalismo dominante privilegia uma versão do fato, “a imprensa proletária, como forma de mostrar ao público essa diferença, tira o fato de sua condição singular e apresenta os contraditórios e a contextualização” (BARBOSA, 2012, p. 239).

Segundo Figueiredo e Bonini (2017), com base em Gerzson (2007), para a ACG e a ACD, interessa o estudo de como grande parte da mídia jornalística funciona como um dispositivo ideológico neoliberal ao reproduzir as práticas neoliberais de dominação. Como indica Bonini (2013), no contexto brasileiro, muitas das empresas jornalísticas podem ser caracterizadas como conservadoras, pois se colocam como divulgadoras dos interesses das elites dominantes.

Percebo, a partir dessas citações, como podem se tornar problemáticas as práticas escolares que trabalham com o jornalismo dominante sem fazer uma leitura crítica sobre seu funcionamento ou quando propõem atividades de escrita de textos representativos de um gênero que meramente repliquem princípios da mídia dominante,

como *neutralidade e objetividade*. Ao fazer isso, como alerta Bonini (2019), ao invés de favorecer um pensamento crítico e questionador, práticas de ensino/aprendizagem contribuem, ainda mais, para legitimação e institucionalização do jornalismo hegemônico, enquanto pouco, ou nada, se fala na escola sobre outra forma de fazer comunicação.

Haubrich (2015) aponta que enquanto a mídia dominante é historicamente ligada aos donos do poder político e econômico do país, “a mídia alternativa vincula-se às classes populares, seja diretamente conduzida por elas, seja através de vinculação discursiva e política” (HAUBRICH, 2015, p. 1). Entretanto, como sugere o autor, a forte concentração midiática, da mídia dominante, impede a emergência de mais espaços de mídia alternativa, assim como o fortalecimento dos já existentes. Mesmo assim, e apesar da concorrência que sofrem das mídias dominantes, mídias alternativas como jornais e rádios comunitários surgiram e continuam a existir.

Haubrich (2015, p. 5), entende que:

[...] para ser de fato democrático e democratizante, um veículo participante do espectro da mídia alternativa deve, independentemente de sua organização e dinâmica interna, ter com o “exterior”, ou seja, com a sociedade geral e com os movimentos populares que nela atuam, uma relação de constante diálogo e de resposta às demandas que ali nascem e ganham relevância.

Nesse sentido, o autor, assim como os demais autores citados nesta seção, associa mídia alternativa como uma mídia oriunda das lutas populares e das transformações sociais. Haubrich (2015, p. 11-12) propõe uma síntese das características centrais das mídias alternativas. Segundo o autor, uma mídia é considerada alternativa quando possui: (i) constituição organizacional democrática, participativa e assentada em bases populares; (ii) diferenciação em relação à mídia dominante (quanto à organização e ao conteúdo); (iii) independência em relação ao Estado e ao poder econômico; (iv) veiculação de conteúdos de caráter crítico-emancipador, transformador; e (v) um sentido de busca por transformações sociais.

Ainda sobre o trabalho de Haubrich (2015), há um apontamento importante sobre as mudanças em mídias comunitárias/alternativas advindas da internet no que se refere ao surgimento de *blogs*. Nas palavras do autor:

A partir dos anos 2000, multiplicaram-se blogs de centro-esquerda, com a ascensão de blogueiros vinculados ao Partido dos Trabalhadores, que

acabaram se consolidando como blogueiros progressistas. A chegada e a crescente popularização da internet no Brasil alteraram e seguem alterando o cenário midiático do país. Embora os velhos conglomerados de comunicação sigam dominantes, a dinâmica da internet abre novas perspectivas para a mídia alternativa e para a comunicação como expressão horizontalizada. (HAUBRICH, 2015, p. 2).

Assim, no contexto da sociedade em rede tem sido comum o surgimento de novas denominações como *ciberativismo*, *miialivrisimo* (ou Mídia Livre) e *netativismo* para se referir as práticas do jornalismo alternativo e independente²¹. Grosso modo, a mídia livre tem por trás a ideia de que a comunicação é um direito humano e tem como objetivo a democratização das mídias. Já o ciberativismo poderia ser definido como “ações coletivas coordenadas e mobilizadas coletivamente através da comunicação distribuída em rede interativa” (MALINI; ANTOUN, 2013, p.19/20 *apud* PARENTE, 2014, p. 11).

Um exemplo desse tipo de fazer comunicação que junta ativismo social com internet está na proliferação nos últimos anos de canais do *Youtube* que visam debater questões sociais, como é o exemplo do canal de divulgação científica e política Tese Onze²². Não nego a existência de canais para todos os assuntos, inclusive aqueles que têm como meta promover o conservadorismo, mas destaco aqui, como exemplo de ciberativismo, aqueles que tem como objetivo tratar de causas sociais.

Segundo as propostas dos autores apresentadas até este momento, o jornalismo independente pode ser visto como uma mídia que tem como objetivo a mudança social. Entretanto, no dia-a-dia, nem todos os jornais intitulados dessa forma conseguem fazer isso. Peruzzo (1998) comenta que é comum que os meios populares sejam produzidos por poucos dentro do cenário da comunidade, o que pode acarretar que haja uma reprodução do dirigismo e do controle, comum das mídias comerciais, por parte de lideranças e/ou instituições mediadoras da comunicação popular.

Além disso, segundo Peruzzo (2009), ainda há a participação de setores populares na mídia dominante, como as programações locais e regionais que, em tese, também podem favorecer o desenvolvimento social e a cultura local. Quando isso

²¹ Pode-se dizer que no Brasil há um crescimento de iniciativas desse tipo a partir de 2013, em referência às manifestações de rua que eclodiram nessa época (FIGARO; NONATO; KINOSHITA, 2017). É interessante citar nesse contexto o Mapa do Jornalismo Independente publicado pela Agência Pública (<https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>) que busca fazer um levantamento das iniciativas de jornalismo independente e/ou alternativo atuantes no país.

²² O canal está disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC0fGGprijDIIQ3ykWvcb9hg>. Último acesso em: janeiro de 2020.

acontece, alerta a autora, nem sempre há a emancipação cidadã nem a modificação da lógica de manipulação característica da grande mídia comercial.

Noto que até mesmo a conceituação de jornalismo independente, como veículo que tem controle sobre sua pauta, também pode acabar favorecendo representantes do jornalismo conservador. Um exemplo disso é a forma como Jair Bolsonaro, assim como o Movimento Brasil Livre (MBL), se utilizaram de mídias sociais, antes e durante as eleições de 2018, como um meio alternativo de comunicação, que cria sua pauta livremente, e até fundamentado em informações falsas, para se promover.

É nesse sentido que a denominação de jornalismo independente pode se mostrar complexa. Como indica Figaro, Nonato e Kinoshita (2017, p. 7), “os adjetivos *independente* e/ou *alternativo* vêm sendo apropriados por diferentes enunciadores e formações discursivas/ideológicas, inclusive com características organizacionais divergentes e diferentes”. Para além da forma de comunicação que tem sido adotada por Bolsonaro e outros representantes da direita e extrema direita, atualmente a rede Globo tem recebido o título de veículo independente pela sua posição contrária ao governo. A parceria firmada com outros veículos, também dominantes, para dar transparência aos dados em relação ao número de casos e mortes da Covid-19, por exemplo, tem dado à emissora o título de mídia independente, nesse caso em relação ao Estado.

Nesse sentido, a conjuntura atual da política brasileira reforça a necessidade de que se discuta mídia e jornalismo na escola de forma crítica. Isso é necessário, pois considerações levantadas por Peruzzo (1998, 2009) e Figaro, Nonato e Kinoshita (2017) evidenciam que a noção de jornalismo independente pode se tornar complexa, uma vez que nem sempre ela representa o jornalismo engajado com mudanças sociais. Pode-se observar isso quando se toma o contexto de parte dos jornais de bairro²³ que circulam na cidade de Florianópolis, conforme levantamentos feitos para a presente pesquisa. Uma parcela representativa destes acaba por reproduzir os gêneros e as práticas sociais habituais da mídia dominante em alcance local, do bairro ou da região onde o jornal é publicado.

²³ É importante dizer que inicialmente se pretendia trabalhar especificamente com o jornalismo comunitário impresso, pois esse era o tipo de prática prevista no projeto guarda-chuva de Bonini (2016). No entanto, a partir da coleta de jornais comunitários de Florianópolis e a partir da escolha da escola em que o jornal seria produzido, optamos (eu e orientador) por flexibilizar a noção de comunitária. Entre outros motivos, explorados no quarto capítulo, está o fato do local da escola onde a pesquisa foi desenvolvida não contar com um jornal do bairro atuante para que fosse possível desencadear um trabalho cooperativo entre escola e comunidade.

Por outro lado, pode-se dizer que, em Florianópolis, no campo digital, existem jornais mais comprometidos com a produção de conteúdos críticos. São exemplos desses os coletivos de jornalismo Desacato e Maruim, que participaram desta pesquisa em diferentes graus de envolvimento. Exploro mais as relações desenvolvidas com esses jornalistas no capítulo quatro. No entanto, a título de elucidação, trago algumas informações sobre esses jornais nesta seção.

Resumidamente, Portal Desacato pode ser visto como uma cooperativa de jornalismo independente bastante atuante na cidade de Florianópolis e também no estado de Santa Catarina. Atualmente, o portal possui correspondentes em outros lugares do Brasil e também na América Latina, conseguindo a partir disso cobrir uma diversidade de assuntos. Segundo um de seus colaboradores, Desacato é um sítio independente progressista de esquerda, sendo o maior desse tipo em Santa Catarina. Faz um jornalismo posicionado, pois tem uma postura anticapitalista e anti-imperialista²⁴.

O Coletivo Maruim é um jornal eletrônico que surgiu da iniciativa de estudantes do curso de jornalismo da UFSC. O nome *maruim* refere-se a um tipo de mosquito do mangue, comum na cidade. Com esse nome, o coletivo quis propor um jornalismo que incomodasse, que gerasse desconforto a partir de suas matérias, que também são construídas a partir de uma perspectiva discursivamente marcada.

Os dois portais possuem as características listadas no início desta seção por Assis et al (2017): atuam na internet; usam projetos de financiamento coletivo como uma maneira de garantir sua independência editorial e financeira e possuem um posicionamento explícito sobre o tipo de jornalismo produzido, o que os coloca em contraste com o jornalismo dominante, que defende a neutralidade, objetividade e imparcialidade como discurso. No entanto, em relação ao Desacato, Maruim é um portal de jornalismo menor e atualmente encontra problemas para conseguir se manter enquanto portal (trato disso com mais aprofundamento no capítulo quatro). Conforme também exploro no capítulo quatro, a opção por um viés de jornalismo que marcasse posicionamento foi um dos motivos da escolha por trabalhar com esses dois portais. Além disso, também considero que os dois jornais são exemplos de meios populares que têm como objetivo a transformação da sociedade.

²⁴ Informação retirada do Diário de Campo da conversa presencial com o Desacato ocorrida no dia 01/03/2019, que se encontra nos apêndices desta tese.

Com finalidades de encerramento desta seção, destaco que os apontamentos levantados revelam a importância de compreender a variedade de nuances da prática jornalística no trabalho com jornal escolar, principalmente em uma perspectiva crítica, que queira oferecer uma alternativa à dominante. Para Bonini (2017), colocar as/os estudantes em contato com a diversidade de jornais como os de bairro, de igreja, de partido, de sindicato e de mídias como rádios, blogs independentes, entre outros, rompe a lógica de experiências que se debruçam, exclusivamente, nos jornais convencionais para a elaboração de um jornal.

Além disso, o trabalho com diferentes tipos de jornais é proveitoso não apenas para o ensino de LP, por meio da experimentação dos diferentes modos de escrita em diferentes modos de mobilização de gêneros discursivos e de práticas sociais, mas principalmente porque tem o potencial de contribuir com momentos de emancipação cidadã de produtores e de leitores. Na próxima seção abordo algumas considerações sobre ensino e aprendizagem de LP e práticas de produção textual.

2.4 A PRODUÇÃO DE TEXTOS DENTRO DE UM JORNAL ESCOLAR

Nesta pesquisa, focalizo as práticas de produção textual para a construção de um jornal escolar pelo viés da ACG. Isso significa pensar na escrita, inevitavelmente, como uma prática situada e crítica. Os gêneros discursivos são uma forma de organizar o ensino da produção dos textos dos alunos e alunas, uma vez que o processo de escrita sempre se dá dentro de um gênero. No entanto, para além disso, na abordagem da ACG, os gêneros são uma forma de mobilizar práticas sociais que visem a superação de um modelo dominante de jornalismo e abram caminhos para um projeto independente, que contribua para a formação de sujeitos sociais emancipados.

Para pensar o processo de produção de textos dessa forma me valho da concepção social da escrita, tal como defendida por Kleiman (2007) em seus estudos sobre letramento e ensino²⁵. Para a autora, o letramento quando visto socialmente, se torna uma prática discursiva com múltiplas funções e inseparável de seu contexto. Essa

²⁵ Não estou propondo um trabalho com projetos de letramento nesta tese. No entanto, a noção de uso social da escrita trazida por Kleiman é relevante para o contexto desta pesquisa.

perspectiva se opõe a um paradigma tradicional em que a produção textual se torna sinônimo de aprendizagem de competências e habilidades individuais. Conceber a escrita socialmente significa opor-se ao ensino de língua tradicional, descontextualizado, que privilegia aspectos gramaticais frente ao uso da linguagem. Assim, adotar essa postura implica colocar o texto como mediador das práticas escolares.

Não é novidade dizer que a crítica ao ensino tradicional tem sido ponto de debate para diversos pesquisadores, e os avanços dessa discussão já se fazem presentes, inclusive, em documentos oficiais como PCNs e atual BNCC (BRASIL, 1998; 2017). Nessas propostas de ensino também se encontram metodologias de ensino e aprendizagem de língua por meio dos gêneros do discurso e de práticas de análise linguística.

Um dos trabalhos mais representativos dessa discussão é o de Geraldi (1991). Segundo o autor, em contextos interacionais de uso da linguagem existem ações que se fazem com a linguagem, ações que se fazem sobre a linguagem e ações da linguagem. Essas ações relacionam-se à distinção entre atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas. Atividades linguísticas são aquelas que “referem ao assunto em pauta, ‘vão de si’, permitindo a progressão do assunto” (GERALDI, 1991, p. 20). As atividades epilinguísticas tomam os próprios recursos expressivos como seu objeto, compreendem o questionamento sobre o que os interlocutores querem dizer em um enunciado. Podem ser caracterizadas como “operações que se manifestariam nas negociações de sentido, em hesitações, em autocorreções, reelaborações, rasuras, pausas longas, repetições, antecipações, lapsos, etc.” (GERALDI, 1991, p. 24). Por fim, as atividades metalinguísticas tomam a linguagem como objeto e conscientemente constroem uma metalinguagem sistemática com a qual falam sobre a língua (GERALDI, 1991).

Para Geraldi, a partir dessas atividades de linguagem o ensino deveria ocorrer em duas etapas: (i) primeiro, os sujeitos precisam aprender sobre como usar a linguagem em diferentes situações; e (ii) concluído esse tipo de aprendizado, se inicia a etapa do ensino sobre a língua e seus mecanismos estruturais, ou seja a etapa da metalinguagem. A ideia do autor consiste em “levar o aluno à consciência da língua só depois de ter ele posse da língua” (GERALDI, 1991, p. 120). Nessa proposta o ensino seria orientado em três unidades: (i) leitura de textos (caracterizada por ser um momento

em que o aluno tem que ter uma razão para ler, seja para contrapor os seus saberes, seja para construir novos saberes); (ii) produção de textos; e (iii) análise linguística (momento de reflexão sobre os processos anteriores, que envolve atividades metalinguísticas, de ensino da gramática a partir de práticas situadas) (GERALDI, 1991). Para uma prática de análise linguística também é importante ao estudante reconhecer a dimensão social do gênero, que permite compreender melhor sua dimensão verbal e, com isso, as escolhas linguístico-discursivas dos enunciados (COSTA-HÜBES, 2017).

Segundo Geraldi (1991), as atividades de leitura e escrita acontecem juntas, mas são debatidas separadas para fins didáticos sendo que aqui também as dividimos pelos mesmos motivos. No contexto de desenvolvimento do jornal foram desencadeadas tanto práticas de leitura quanto de escrita, mas foi feito um recorte focando na análise das práticas de produção textual que levaram à construção do jornal. Dito isso, para o autor, em uma situação de escrita, devem ser garantidas ao aluno oportunidades de interação efetiva, de modo que sejam contempladas as condições de: i) ter o que dizer; (ii) ter uma razão para dizer o que se tem a dizer; (iii) ter para quem dizer o que se tem a dizer; (iv) ter um locutor que se constitua como tal, enquanto sujeito que diz para quem diz; e (v) escolher as estratégias para dizer.

As diretrizes propostas por Geraldi foram levadas em conta no momento de construção do jornal Folha Lázaro Marques. Embora a iniciativa de criação do jornal não tenha partido diretamente da turma, mas sim da pesquisadora e professora, os alunos e alunas escolheram as pautas das duas edições da publicação, não houve temas impostos, sendo assim tinham o que dizer e razões para tal. O jornal foi distribuído para turma e para professores da escola, dessa forma sua escrita teve interlocução. Por fim, para cada pauta escolhida houve um processo de debate coletivo em torno do assunto criando assim estratégias de dizer. Durante o processo de escrita e revisão das primeiras versões de textos que iriam compor o jornal houve o desenvolvimento de atividades epilinguísticas e metalinguísticas, conceituadas anteriormente.

A prática de escrita de um texto é marcada por um momento de revisão textual. Para entender como funciona esse processo, cito a pesquisa de Ruiz (1998). Em sua tese, a autora investigou produções textuais elaboradas em escolas municipais, estaduais, públicas e particulares, tendo o objetivo de entender qual seria a melhor

forma de correção textual²⁶. Seu trabalho retoma a crítica ao ensino tradicional de LP, uma vez que a autora percebeu que a maioria dos comentários realizados pelos professores sujeitos de sua pesquisa são no sentido de detectar violações de ordem gramatical, embora se deva frisar que essa pesquisa foi realizada há mais de 20 anos.

Ruiz (1998) encontra nos textos analisados os três tipos de correções cunhados pela autora italiana Serafini (1989): as do tipo resolutivas, indicativas e classificatórias. Além desses tipos de revisão, também percebe e conceitua um tipo não previsto por essa autora, denominado por Ruiz (1998) de correção textual interativa. Uma correção indicativa, como o nome sugere, indica e sinaliza um problema textual para o aluno. A revisão classificatória faz a identificação de erros a partir de uma classificação (por exemplo, siglas para um problema de pontuação). Uma abordagem resolutiva corrige os erros, reescrevendo palavras, frases e até períodos inteiros. Nela o professor assume o lugar do aluno na reformulação do texto. Por esse motivo Ruiz (1998) a caracteriza como uma prática monofônica, enquanto as outras podem ser vistas como polifônicas.

A correção textual interativa tem como princípio a realização de comentários mais longos que assumem a forma de pequenos bilhetes, geralmente, postos abaixo dos textos dos alunos. Ela tem como característica o uso de um tom mais afetivo por parte do/da professor/professora. Ruiz (1998) aponta que essas ações geram mudanças mais positivas na reescrita das/dos estudantes.

Inicialmente eu pretendia usar os bilhetes como estratégia para o momento da revisão dos textos que iriam formar o jornal Folha Lázaro Marques. Entretanto, as práticas de escrita e de revisão aconteceram no espaço da aula. Não houve uma entrega antecipada dos textos por parte dos alunos e alunas para que a leitura fosse realizada fora da escola e um bilhete pudesse ter sido construído. Mesmo assim, foi adotada uma postura textual interativa nas revisões. Essas não se deram no formato de bilhete, mas a partir de uma roda de conversa entre eu, a professora, alunas e alunos da turma (em que se destaca que os/as estudantes assumiram o papel de revisores e não somente a professora). Importa dizer que, nessas situações, foram feitas sugestões, em um tom afetivo, que destacava os aspectos positivos de cada texto, mas que a decisão final sobre a revisão foi do aluno/aluna autor.

²⁶ Ruiz (1998) adota o termo *correção*, mas nesta tese prefiro usar a palavra *revisão* por entender que essa denominação implica um processo mais dialógico nas práticas de produção textual. Vejo que a ideia de *correção* passa um tom mais impositivo ou monológico. No entanto, para falar especificamente da pesquisa da autora mantenho a forma escolhida por ela.

Outro autor que oferece contribuições sobre o processo de escrita é Menegassi (1998). Em sua tese, ele analisou as etapas de revisão e reescrita no processo de construção do texto de estudantes de uma turma do primeiro ano do Curso de Letras e investigou influências de comentários e sugestões de revisão feitos pelo professor nesses textos. Para Menegassi (1998), a revisão e a reescrita são processos pertinentes e contínuos na construção do texto e etapas necessárias ao sistema de ensino de escrita. Entretanto, na escola, muitas vezes, são desconsiderados os rascunhos e as várias versões, sendo apenas o produto final do texto avaliado.

Sobre a prática dos comentários, Menegassi (1998) pontua que eles têm papel relevante no processo de desenvolvimento da escrita podendo orientar, auxiliar, mas também dificultar a construção do texto do aluno. Por isso, o professor deve compreender a importância do papel dos comentários nas práticas de produção textual em processos de revisão e reescrita e conscientizar-se sobre a qualidade das observações pontuadas para que essas de fato possam servir para orientar o aluno.

Como resultados de seu estudo, Menegassi (1998) identificou que o professor apresentou mais comentários com sugestões de revisões nos níveis de palavra, grafema e de aspectos de estruturação de unidades menores do texto. Para o autor, esse dado pode refletir uma formação mais tradicional sobre o ensino de escrita por parte do professor. Mesmo assim, as/os estudantes manifestaram importantes mudanças nos textos, as quais foram além das observações feitas pelo professor.

Menegassi (1998) considera que comentários que instiguem revisões de estruturação interna de ideias podem acarretar em textos mais ricos, com uma postura mais crítica em relação à reescrita do texto. Nas palavras do autor, a “reescrita é um momento de trabalho, em que o aluno se posiciona como leitor de seu próprio texto e o professor assume o papel de orientador e não de mero juiz-avaliador” (MENEGASSI, 1998, p. 206). No mesmo sentido de Ruiz (1998), a pesquisa de Menegassi revela a importância da prática de uma revisão mais dialógica no processo de escrita do/da aluno/aluna. Foi essa postura que busquei construir conjuntamente com a professora da turma no desenvolvimento das atividades de construção do jornal.

Couto (2016) e Couto e Bonini (2017) relatam uma experiência com a produção de textos em um jornal escolar. Os pesquisadores sugerem que a revisão funciona como um momento importante no desenvolvimento do jornal escolar, pois, através dela, alunos e alunas realizam tomadas de decisão e, assim, se constroem como

sujeitos autores. Para Couto e Bonini (2017), a escrita em um jornal escolar e a prática da revisão devem dar conta de várias camadas de um texto: devem contemplar questões da gramática, mas, principalmente, se orientar pelos projetos de dizer de cada aluna/aluno.

Em síntese, a ACG é a abordagem teórica que sustenta este estudo tanto em uma concepção de gêneros, discursos, práticas sociais, como também nas reflexões sobre o ensino/aprendizagem de LP por meio da escrita. Por conta disso, eu trouxe ao longo desta seção algumas perspectivas de ensino que dialogassem com a ACG. Dentro desse quadro, assumo um olhar freireano para a produção de textos, e isso significa dizer que o objetivo principal foi o desenvolvimento de um jornal que respeitasse a voz do aluno e suas vivências. Com essa discussão, encerro o capítulo de fundamentação teórica e passo a apresentar as escolhas metodológicas que guiaram o estudo.

3. METODOLOGIA

Conforme já exposto ao longo das seções passadas, a ACG foi a abordagem teórico-metodológica que sustentou o desenvolvimento de um jornal escolar que buscasse uma maior aproximação com o modelo de jornalismo independente. Como também já debatido, a ACG parte de um problema social e busca compreender o papel do gênero e das práticas sociais na manutenção de estruturas de opressão e/ou na transformação/mudança social. Além disso, a ACG investiga textos considerando seus contextos. Tendo isso em vista, determinadas abordagens se coadunam melhor com esses objetivos teóricos-metodológicos. Por isso, nesta pesquisa adoto uma abordagem qualitativa, de inspiração etnográfica e, dentro desse quadro, elejo uma aproximação com a PP, em consonância com a teorização de Demo (2004). Também considero como base inicial para a pesquisa, a minha experiência em campo e experiências prévias do grupo de pesquisa da UFSC do qual participo (COUTO, 2016; BONINI, 2017; BERGAMO, 2018). Detenho-me nestas escolhas nas seções seguintes deste capítulo.

3.1 A ABORDAGEM QUALITATIVA DE ORIENTAÇÃO ETNOGRÁFICA E A PESQUISA PARTICIPANTE

A pesquisa do tipo qualitativa focaliza o modo como a experiência social é criada e adquire significado. Trata-se de um “conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17). Se diz que a pesquisa qualitativa é socialmente situada, pois, segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 32), esta “não pode mais ser vista a partir de dentro de uma perspectiva positivista, neutra ou objetiva. A classe, a raça, o gênero, a etnicidade influenciam o processo de investigação, fazendo da pesquisa um processo multicultural”.

Nessa mesma linha de pensamento, Pennycook (1998) entende que o linguista aplicado precisa se perceber como um intelectual situado em um lugar social, cultural e histórico bem específico. Além disso, para o autor, o sujeito-pesquisador precisa compreender que o conhecimento que produz é sempre vinculado a interesses, por isso

necessita romper com modos de investigação associal, apolítico e ahistórico (PENNYCOOK, 1998)²⁷.

Percebo a partir dessas considerações que uma pesquisa interpretativista desse tipo sempre carrega certa subjetividade de quem a conduz. Sendo assim, situo meu lugar de fala como mulher branca, pesquisadora da ACG, no macrocampo da LA. Também desempenho o papel de publicitária e professora de LP em formação. Tenho interesse em atuar como docente ou do Ensino Fundamental e Médio ou na formação de professores de Letras, em universidades. Além disso, pretendo dar continuidade às pesquisas que tenham como objeto a escola pública a partir de práticas sociais que promovam o ensino crítico e emancipador.

A pesquisa que construí dá continuidade e desenvolve alguns pontos levantados em trabalhos de Bonini (2017; 2018; 2019). Primeiramente, com base nesses estudos, busquei fazer uma leitura alternativa ao discurso do jornalismo dominante e, sendo assim, focalizo aqui nos pontos que caracterizam esse discurso dominante, bem como os aspectos que a ele se opõem e possam caracterizar outro tipo de jornalismo – alternativo e comunitário, como sugere Bonini (2017), ou independente, como prefiro denominar neste trabalho. Procuro também levar adiante a proposta de Bonini (2017) de se trabalhar nas escolas, mais detidamente e com maior profundidade, o jornalismo não dominante, ou o que este autor coloca mais recentemente como “a versão não dominante da prática jornalística” (2019, p. 109, 110).

Procuro, portanto, perspectivar neste estudo um jornalismo que, a partir de embasamento no plano social, teórico e metodológico, assume posição, se opondo, assim, ao jornalismo dito imparcial. O conhecimento produzido nas práticas de linguagem tem posicionamento político e histórico-social marcado. A minha postura é de questionar estruturas dominantes e pensar em alternativas para que, em alguma medida, se consiga modificar um *status* de passividade frente ao jornalismo dominante. Fiz isso a partir da construção de um jornal inspirado em características do jornalismo independente.

²⁷ Destaca-se que a neutralidade e objetividade na pesquisa científica também é sempre ideológica (RESENDE; RAMALHO, 2006). Adotar uma postura desse tipo pode carregar significados que, no caso, poderia ser associado a um posicionamento conservador que pouco busca mudanças e transformações sociais.

Realizado esse detalhamento sobre as subjetividades envolvidas na condução deste estudo, ressaltos os motivos pelos quais a pesquisa qualitativa tem sido a orientação escolhida no escopo da LA. Para Signorini (1998, p. 91):

O objeto da tradição linguística clássica é, pois, um híbrido purificado, isto é, no qual foram desemaranhadas as linhas do objetivo e do subjetivo social. Apesar de não escapar completamente à tradição científica moderna [...], a LA tem buscado cada vez mais uma língua real, ou seja, uma língua falada por falantes reais em suas práticas reais e específicas, numa tentativa justamente de seguir essas redes, de não arrancar o objeto da tessitura de suas raízes. Daí a especificidade do objeto de pesquisa em LA – o estudo de práticas específicas de uso da linguagem em contextos específicos –, objeto esse que a constitui como campo de estudo outro, distinto, não transparente e muito menos neutro (SIGNORINI, 1998, p. 91).

Segundo essa orientação, em pesquisas da LA, assim como da ACG, há necessidade de analisar textos em contextos sociais situados. O desafio nessa perspectiva é de que não existe um modelo posto a ser seguido; cada pesquisa cria seu próprio roteiro de análise. Para isso, é necessário ter consciência de que “as opções práticas interpretativas a serem empregadas não são necessariamente definidas com antecedência” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 18), pois dependem do contexto de pesquisa de cada sujeito social/pesquisador.

O contexto e os objetivos desta tese exigiriam uma pesquisa de cunho etnográfico²⁸ por alguns motivos. Primeiro, seria impossível construir um jornal escolar sem entrar no terreno da escola, sem participar de aulas semanais ao longo de quase um ano, sem ter adesão de uma turma de alunos/alunas além do apoio de uma professora.

Segundo, em uma perspectiva de construção de um jornal libertador, como proposto aqui, a análise dos dados precisa ser situada e recorrer aos apontamentos coletados na prática etnográfica recorrentemente. Dito de outra forma, a interpretação dos dados e o relato dos resultados se beneficia de um olhar qualificado em que os dados de pesquisa não sejam tirados de seu contexto etnográfico (GARCEZ; SCHULZ, 2015). Os dois autores enfatizam que, se esse cuidado não for tomado, há risco de que as interpretações da pesquisa sejam unilaterais. Por consequência, as análises advindas

²⁸ Tem sido comum denominar as pesquisas de entrada em campo como estudos de cunho etnográfico ao invés de pesquisas etnográficas no campo da LA. Faz-se isso por conta de que as pesquisas na área de linguagem, em geral, não dispõem do mesmo tempo e dos mesmos objetivos em relação aos projetos propostos na área da antropologia (campo do saber que possui extensa tradição com a etnografia). Por esse motivo são adotados termos modalizadores como *de cunho*, *de orientação*, *de inspiração* para se referir a etnografia.

de alguns dados podem não estar contando a história que de fato aconteceu entre os participantes da prática analisada.

Por fim, concordo com Lucena (2015), quando ela sugere que a etnografia permite de certa forma democratizar formas de conhecimento. Para a autora, esta democratização tem relação com uma busca em “revelar os significados das ações do ponto de vista dos participantes, considerando a relação entre linguagem, contextos específicos e questões sociais e políticas” (p. 79). Com essa orientação de pesquisa, espero considerar a história desses participantes a partir de um olhar mais sensível que contextualize suas práticas e sua vida, colocando esses sujeitos sociais com maior protagonismo no processo de pesquisa.

Para realizar uma pesquisa de cunho etnográfico, alguns métodos podem ser adotados a fim de organizar e sistematizar informações coletadas. Entre eles, tem-se a observação participante, as entrevistas, a aplicação de questionários. Nesta tese, busquei aproximação com o modelo de PP, tal como esta é proposta por Demo (2004) e conforme foi explorada em estudos prévios do grupo do qual participo na UFSC (COUTO, 2016; BONINI, 2017; BERGAMO, 2018). Esse tipo de pesquisa tem como característica o engajamento e o envolvimento efetivo da população participante como sujeitos da pesquisa, onde todos os participantes avaliam todo processo e todo tipo de decisão a ser tomada na execução de um projeto. Assim, em Couto (2016), Bonini (2017) e Bergamo (2018) já foram construídas instâncias de decisão em sala de aula durante o curso de produção de jornais escolares, experiências das quais me vali para desenvolver os passos da proposta de ensino e aprendizagem aqui relatada.

A PP, conforme desenvolvida por Demo (2004), é orientada para a politização e a emancipação dos sujeitos participantes, que deixam de ser vistos ou analisados como objetos e passam a ser compreendidos como agentes da pesquisa. Nessa abordagem, o tipo de conhecimento produzido é politicamente engajado, compromissado com mudanças sociais que visem dar visibilidade e melhorar a condição de determinado grupo social (DEMO, 2004). É importante dizer que, ao se propor isso, não se despreza, de nenhuma forma, a metodologia científica e seus rigores metódicos (DEMO, 2004). Sobre esses critérios de construção da pesquisa científica, detalho mais nas próximas seções.

A PP, para Demo, não seria a mesma coisa que a Observação Participante (OP). Em linhas gerais, para o autor, pode-se dizer que na OP o pesquisador coleta

dados sem participar efetivamente do processo de construção da narrativa. Além disso, como pontua Demo (2004, p. 114), não necessariamente existiria na OP “[...] identidade ideológica com o grupo estudado, supõe apenas proximidade e convivência”.

Cabe nesse ponto da discussão realizar uma reflexão sobre o termo *identidade ideológica*. Talvez, essa ideia proposta por Demo poderia ser mais facilmente aplicada a contextos de pesquisas desenvolvidas com grupos minoritários mais característicos. Por exemplo, um projeto de estudo que tivesse como objetivo construir um jornal junto com integrantes do Movimento Sem Terra (MST), em que há interesse tanto do pesquisador como do grupo em divulgar as ações dessa comunidade e de reivindicar por mudanças sociais. Sendo a escola, um lugar bastante heterogêneo e com diferentes visões de mundo, não sei se posso afirmar que tive uma identidade ideológica com todos/todas as/os alunos/alunas e com todos/todas os/as professores/professoras. O que talvez fosse um critério mais preciso para diferenciar OP e PP, no caso desta pesquisa, se refere ao fato da PP exigir mais sensibilidade e engajamento do pesquisador com a comunidade estudada. Nesse sentido, o que busquei construir coletivamente com o grupo, ao longo do tempo de entrada em campo, foi o desenvolvimento de uma relação mais dialógica que considerasse a voz dessas pessoas em todos os momentos do projeto.

Pode-se pensar ainda que, em muitos tipos de OP, o pesquisador participa de encontros com os membros de uma comunidade estudada desempenhando o papel de observador, que anota e descreve tudo que acontece. Nem sempre na OP há participação efetiva. Na PP, em contrapartida, o pesquisador se torna sujeito da comunidade, construindo dados de pesquisa juntamente com os demais membros do grupo.

Segundo Demo, a PP também é diferente da pesquisa-ação. Para o autor, as duas consistem em um projeto de intervenção, mas a pesquisa-ação não implica necessariamente em construir um processo participativo entre pesquisador e comunidade estudada (DEMO, 2004). O autor faz uma crítica a esse tipo de pesquisa, pois, de acordo com ele, a pesquisa-ação seria um tipo de pesquisa mais cômoda para o pesquisador conduzir, uma vez que embora ela possibilite um processo de intervenção e mudança, nem sempre ela partiria de uma preocupação social e de uma relação de comprometimento com o grupo social estudado.

Em resumo, percebo que a metodologia da PP tem forte preocupação social, assim como proximidade com uma perspectiva freireana de educação pelo diálogo. No contexto da produção de um jornal escolar, em uma turma dos últimos anos do ensino

fundamental, assumir uma metodologia de aproximação com a PP significa entender que a professora não é mera reprodutora de conhecimentos e que as/os estudantes não são apenas objetos das práticas de ensino e aprendizagem. Segundo Demo (1998 [1996]), a base da educação escolar deve ser a pesquisa construída de forma engajada entre todos os participantes²⁹.

Na próxima seção apresento o contexto da pesquisa, a escola Lázaro Marques, onde juntamente com um grupo de alunos e alunas foram produzidos dois jornais escolares, no período de outubro a dezembro de 2018 e de março a julho de 2019.

3.2 O CONTEXTO DA PESQUISA: A ESCOLA LÁZARO MARQUES E SEUS PARTICIPANTES

Considero como contexto central desta pesquisa a escola Lázaro Marques e os alunos e alunas que desenvolveram o jornal. No entanto, também há um contexto secundário, o dos portais de jornalismo independente que colaboraram com a pesquisa. Com finalidades de organização da tese, durante a metodologia detalho as características da escola e deixo para aprofundar o cenário do jornalismo independente no próximo capítulo, quando apresento os portais analisando as relações que foram estabelecidas com eles. Explicado isso, sigo o restante desta seção apresentando a escola e seus participantes.

Inicialmente este estudo foi planejado para ser um trabalho conduzido de forma colaborativa com Bergamo (2018). A autora desenvolveu uma pesquisa de mestrado pelo Profletras (Programa de Mestrado Profissional em Letras) da UFSC sob orientação

²⁹ Em relação ao método de PP, cabe pontuar que a ideia de se produzir um jornal escolar com base no jornalismo independente partiu do orientador, da pesquisadora e da professora da turma. Além disso, algumas etapas de pesquisa, principalmente as planejadas para 2018, que são apresentadas nas próximas seções, também foram construídas pela pesquisadora e pela professora. Sobre isso, observo que mesmo que algumas decisões e atividades tenham sido levadas para turma, o projeto buscou sempre respeitar as escolhas e as decisões dos alunos e alunas ao longo de todas as fases, colocando assim pontos para negociação coletiva. Por exemplo, nas revisões finais dos textos, a turma decidiu de forma coletiva as mudanças que seriam feitas. Em nenhum momento essas foram impostas. Ainda sobre isso, destaca-se que, se no primeiro ano, foi a pesquisadora e a professora que levaram o jornal para escola, no segundo ano foi uma decisão de toda turma dar continuidade aos trabalhos. Ao longo desta pesquisa, por meio de uma aproximação com a metodologia de PP, buscou-se um ambiente participativo, em que os sujeitos pudessem se expressar e colaborar ativamente em todas as escolhas. No entanto, entendo que para ser uma PP, nos moldes de como ela é sugerida por Demo (2004), até mesmo os objetivos desta pesquisa deveriam ter sido construídos coletivamente com as alunas e alunos da escola Lázaro Marques. Por esses motivos, destaco que este estudo tem inspirações etnográfica e na metodologia de PP.

do mesmo orientador desta tese. Sua dissertação estudou a leitura crítica de textos jornalísticos como parte do desenvolvimento de um jornal escolar. O projeto de Bergamo foi desenvolvido no segundo semestre do ano de 2017 com uma turma de sétimo ano do Ensino Fundamental, da qual ela era docente. Participei da pesquisa da autora, acompanhando todos os encontros como professora/pesquisadora voluntária.

Pensávamos³⁰ que, pela proximidade de nossos estudos, considerando a orientação e a temática, poderíamos desenvolver um trabalho conjunto. Ou seja, esta pesquisa partiria do contexto das/dos mesmos/mesmas estudantes, que já haviam tido a oportunidade de discutir práticas de jornalismo através de atividades de leitura. Em uma segunda etapa, mais precisamente, no ano de 2018, com esse mesmo grupo, minha tese detalharia questões sobre atividades de produção textual do jornal.

No entanto, Bergamo não permaneceu na escola após o ano de 2017. No ano de 2018 um novo professor de Português foi designado para esta instituição e não havíamos previsto, até aquele momento, que ocorreria uma falta de acertos entre o novo professor e a escola para o prosseguimento do estudo. Nos próximos parágrafos relato como foram essas negociações, uma vez que elas podem ser vistas como uma parte importante do fazer pesquisa de cunho etnográfico e de PP nas escolas. O sentido da discussão é ilustrar um pouco da relação de engajamento que estas exigem, entre todos os participantes, e também das burocracias envolvidas no processo.

Os primeiros contatos com o colégio e esse novo professor, que nomearei de modo ficcional de Daniel, foram entre o final de fevereiro e o início de março de 2018. Marcamos um encontro presencial no qual eu apresentei o projeto, seus objetivos e a metodologia de PP. Nessa ocasião, o professor pareceu demonstrar interesse pela pesquisa, embora tenha dito que já tinha um planejamento fechado de aulas e conteúdos para esse ano letivo. Além disso, ele argumentou sobre projetos próprios da escola de caráter prioritário e obrigatório. Por conta disso, sugeri que ao invés de desenvolver o jornal durante todo ano de 2018 (que era a ideia inicial), se deixasse para dar início às atividades a partir do segundo semestre daquele ano (de agosto a dezembro) com encontros quinzenais (o que totalizariam dez aulas de apenas um período para a construção do jornal).

³⁰ No capítulo da metodologia adoto algumas vezes a terceira pessoa do plural, nesse caso foi para fazer referência a Bergamo. Nos outros casos, essa marcação é feita para relatar ações que foram pensadas de forma coletiva com a professora da escola onde a pesquisa foi realizada.

A partir dessa devolutiva por parte dele, destinei o primeiro semestre de 2018 para realizar leituras e para escrita da fundamentação teórica da pesquisa, a fim de tentar adiantar o que fosse possível para a etapa de qualificação da tese. Concomitante a isso, iniciei as conversas com os/as representantes de jornais que havíamos selecionado (eu e o orientador) para o trabalho conjunto de rodas de conversa e outras atividades³¹.

Em julho fiz um novo contato com o professor Daniel, quando enviei mensagem eletrônica com o planejamento das ações com o jornal³². Nesse contato, eu disse que estava apresentando uma proposta de planejamento inicial e pedi que ele desse sugestões e que fôssemos construindo as ações coletivamente a fim de respeitar as orientações teórico-metodológicas da pesquisa no sentido de serem processos de construção dialógica.

Não obtive repostas dele por um período de uma semana e, por isso, fiz um novo contato. Dessa vez, ele me respondeu dizendo que estava em uma viagem e que responderia na semana seguinte. No entanto, até o final da nova semana não tive resposta dele e fiz um novo pedido de contato no qual sugeri o agendamento de um encontro presencial para acertar as ações e as datas. Ele respondeu dizendo que só tinha uma data e um horário disponível para conversar, mas acabou desmarcando também essa data, posteriormente.

Diante dessa resposta, busquei orientação junto com o orientador sobre a melhor forma de dar prosseguimento à pesquisa. As conversas com o professor Daniel não estavam fluindo facilmente, e todo o processo de espera de novas repostas gerava angústias e incertezas quanto aos prazos da pesquisa, que já eram apertados e estavam ficando cada vez mais comprometidos. Aliado a esses acontecimentos, minhas conversas com os/as representantes dos jornais também não geravam retornos rápidos: eles/elas demoravam a dar respostas e um deles me disse que para marcar uma ida a escola para falar sobre jornalismo seria necessário fazer uma solicitação com 30 dias de antecedência.

³¹ A negociação com esses jornalistas também não foi muito simples como demonstrarei em parte ainda neste capítulo de metodologia. Essa discussão é o tema do próximo capítulo, lugar onde busco entender, apresentar e analisar sobre parte da organização do jornalismo independente em Florianópolis, bem como descrever e interpretar como foi o desenvolvimento das ações desse grupo na escola.

³² Avaliando a situação agora na redação final da tese, penso que cabe realizar uma autocrítica. Talvez tenha faltado da minha parte ser mais incisiva com o professor nos meus contatos ou, talvez, eu tivesse que ter começado a troca de mensagens mais cedo tendo já previsto que esse processo seria demorado. Percebo essas falhas e, apesar de que agora não possa mais corrigi-las, acho importante apontá-las para que em um contexto de pesquisa semelhante elas possam ser mais facilmente detectadas e ajustadas.

Foram essas questões que expus ao orientador da pesquisa: não estava conseguindo manter um diálogo tão aberto e acessível com o professor Daniel e nem com representantes dos jornais. Dos dez encontros quinzenais que teria para desenvolver o jornal, já estávamos na metade de agosto e ainda não tinha começado o projeto. Sendo a tese uma pesquisa de cunho etnográfico e com a adoção da metodologia de PP, o engajamento do professor em todas as etapas da pesquisa era ponto chave para que o projeto cumprisse com seus objetivos. Como não estávamos sentindo esse apoio por parte dele, resolvemos repensar a escola em que a pesquisa seria construída. Pensamos que seria melhor atrasar o cronograma e o planejamento inicial do estudo para desenvolver uma pesquisa que seguisse os princípios teórico-metodológicos do que continuar insistindo na relação com o professor Daniel (que na nossa avaliação, naquele momento, não parecia ter interesse em desenvolver e participar da pesquisa).

Por esses motivos eu tive que procurar uma nova escola e estabelecer uma nova parceria com alguém que se sentisse engajado em desenvolver o projeto do jornal escolar. A solução encontrada foi trabalhar de forma colaborativa com a professora Edna que havia iniciado seus estudos no Profletras da UFSC no ano de 2018, sob orientação do orientador desta tese. Edna tem experiência no contexto escolar, atuando há 23 anos no ensino público. Trabalhou em diferentes instituições nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Desde nossas primeiras conversas houve interesse mútuo no desenvolvimento da pesquisa e uma relação de troca. De um lado, contei com a experiência de Edna³³ em sala de aula, que participou de todo o planejamento das atividades de construção do jornal. De minha parte, busquei auxiliá-la na construção do projeto de sua dissertação, aprovação no Comitê de Ética e compartilhamento de referências teóricas. Juntas geramos dados coletivos, que culminaram nesta tese e em uma dissertação (DIATEL, 2019).

Até esse momento, realizei essa contextualização sobre a forma com a escola e a professora, parceira de pesquisa, foram delimitados, pois acredito ser parte importante do fazer pesquisa de orientação etnográfica. A partir desse momento, apresento a escola,

³³ Conforme já mencionado, o nome real da escola e dos/das estudantes não é revelado. Uso ao longo da pesquisa um nome fictício, escola Lázaro Marques. Também as alunas e os alunos tiveram seus nomes trocados por outro nome a fim de preservar suas identidades. No entanto, mantive a identidade real da professora, que também é pesquisadora da UFSC.

cenário onde o projeto foi desenvolvido, e os alunos e alunas que participaram da construção do jornal.

A escola Lázaro Marques é uma instituição estadual localizada em Florianópolis. Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP), ela foi fundada na cidade há mais de um século, sendo que inicialmente funcionava apenas como instituição de Ensino Fundamental, mas no momento da pesquisa também ofertava turmas de Ensino Médio (do primeiro e ao segundo ano).

Lázaro Marques é tombada pelo patrimônio histórico da cidade e por conta disso não pode ser reformada, apenas reparada. Segundo as informações do PPP, devido às instalações antigas, a instituição necessita de reparos constantes, que não são feitos na periodicidade esperada. Na minha presença na escola pude perceber como esses problemas atrapalham o cotidiano. Por vezes, nossos encontros nos dias de chuva foram em meio a goteiras e com o chão acumulado de água. Outras vezes, novamente pela chuva, mas também pelo frio do inverno, tivemos que trocar a sala onde usualmente nossas aulas ocorriam. No verão, por conta do calor, realizamos pelo menos uma aula no pátio da escola, pois os ventiladores da sala não funcionavam. No ano de 2019, a escola ficou quase uma semana fechada e sem aulas devido a um problema de falta de água por conta do sistema antigo de encanamento.

Em termos de infraestrutura, existem dez salas de aula no colégio, uma sala de professores, uma sala de direção, uma sala de especialista, uma sala de apoio à educação física, uma sala para os funcionários de serviços gerais, uma sala para almoxarifado, uma secretaria, um auditório, uma quadra de esportes (não coberta), uma cozinha, um refeitório, uma biblioteca e um laboratório de informática. Dessas salas, o ambiente que mais usamos foi a sala de aula da turma (do oitavo ano em 2018 e do nono ano em 2019). Além desses espaços, nos encontros em que trabalhávamos com o recurso de *slides*, debates de vídeos ou de textos, ficávamos no auditório da escola, que tem uma boa estrutura e tamanho, embora, por falta de ventilação, apresente problemas de mofo.

O laboratório de informática também foi o local de algumas aulas, embora tenha sido menos utilizado do que a sala e o auditório. Esse laboratório possui mais ou menos cinco computadores que funcionam (de um total de 15). Na Lázaro Marques não há um servidor técnico que fique no laboratório para auxiliar os/as estudantes, como havia na escola onde a pesquisa de Bergamo foi realizada. Os computadores também não possuem programas básicos de produção e edição de texto. Por isso, a maioria dos

textos desenvolvidos pela turma ou foi enviada por mensagens em aplicativos de comunicação de celular ou entregue em folha de caderno (nesse caso eu os digitei em casa).

Usamos o laboratório de informática em aulas destinadas a pesquisas de pautas, fotografias, escrita dos textos, principalmente na fase inicial da pesquisa, em 2018, quando houve uma tentativa maior de fazer com que cada aluno/aluna entregasse seus textos digitados. No ano seguinte, aceitamos outras formas de envio dos textos, pois sentimos que muitas vezes elas/eles tinham melhores condições de trabalho fazendo os textos no caderno do que nos computadores.

A diagramação do jornal, por falta de recursos no ambiente da escola, foi definida no quadro e/ou em cartazes na sala de aula (os diários de campo #2018/09 e #2019/16, localizados nos apêndices A e B desta pesquisa trazem fotografias dessas situações). Posteriormente, eu diagramava a estrutura de *layout*, definida no momento da aula, em meu computador. Nesse processo busquei respeitar o mais fielmente possível as escolhas elegidas pelo grupo durante o encontro. No entanto algumas decisões precisaram ser tomadas por mim em casa, no momento de edição do jornal (como espaçamento entre os textos). Nesses casos, nos encontros seguintes, mostrava para a turma as decisões para ver se todos e todas concordavam com o que havia sido realizado.

Quanto à vertente teórica adotada pela instituição, conforme o PPP, a escola está alinhada com a pedagogia sociocultural. Essa abordagem entende o sujeito como construído e construindo-se em suas tessituras históricas e relações culturais. Ainda segundo o PPP, a escola pretende propor um ambiente em que todos se reconheçam como sujeitos críticos e participativos. Conforme consta no documento, a escola:

[...] busca a formação de um sujeito baseado nos princípios de justiça, igualdade, solidariedade, buscando colaborar com a promoção humana, a paz e a justiça social. Para garantir, na prática, os princípios filosóficos e pedagógicos que dão suporte ao Projeto Político Pedagógico e a humanização das relações sociais, a E.E.B. Lázaro Marques procura criar um espaço onde todos se reconheçam como sujeitos responsáveis, críticos e participativos. Nesse contexto, é responsabilidade do professor(a) orientar e avaliar o importante processo de aprendizagem. ORIENTAR, não substituir o esforço próprio do aluno(a). AVALIAR, para garantir o direito do aluno(a) de

aprender. (ESCOLA ESTADUAL LÁZARO MARQUES, [Sem Ano], p. 7)³⁴.

No entanto, ao longo de quase um ano frequentando a instituição, percebi algumas incoerências quanto ao que era proposto no PPP de Lázaro Marques e o que acontecia na prática escolar. Por exemplo, na primeira vez que eu fui à escola, juntamente com a professora Edna, minha primeira ação foi falar com a diretora para me apresentar e explicar o projeto. Nessa ocasião, também fiz a entrega de uma via do projeto impresso, de um documento de autorização da Secretária de Educação do estado de Santa Catarina para fazer a pesquisa e das autorizações do Comitê de Ética da UFSC. Nesse encontro, a diretora deu mais atenção à documentação que eu entreguei, observando se eu tinha entregue todos os officios necessários, do que ao projeto em si.

Quando eu disse para ela que iria levar alguns jornalistas ligados a veículos independentes para fazer uma fala com os/as estudantes, logo ela apontou que eu não poderia levar nenhum tipo de mídia *partidária* para dentro da escola. Noto que se a escola tem como horizonte formar alunos/alunas críticos e participativos, então discutir diferentes perspectivas ideológicas deveria ser uma preocupação essencial da escola e de sua representante diretora. Em contraste com essa situação, presenciei, principalmente durante o ano de 2018, ano eleitoral, mais de um professor fazendo propaganda explícita a um candidato dentro da escola (no caso o candidato que foi eleito atual presidente).

Acredito ser importante ainda, para uma melhor contextualização sobre o ambiente no qual a pesquisa foi desenvolvida, relatar que escutei na sala dos professores, algumas vezes, reclamações desses sujeitos quanto às decisões da diretora. Além disso, presenciei muitas queixas quanto à falta de estrutura da instituição e sobre a falta de apoio pedagógico na escola para que esses professores pudessem desempenhar melhor sua função. Por exemplo, uma professora disse que esse era o motivo pelo qual estava pedindo transferência da escola ao final de 2018.

Não se pode dizer que essa seja a realidade de todas as escolas de Florianópolis, mas em comparação com a escola onde a pesquisa de Bergamo foi realizada e da qual eu participei como voluntária, havia uma diferença nesse sentido. O corpo docente naquela escola parecia mais satisfeito quanto as suas condições de

³⁴ Na citação acima, como nas referências finais da tese, substitui o nome da escola pelo nome fictício que está sendo adotado ao longo da pesquisa. No entanto, todo restante da citação corresponde a uma cópia integral do texto do PPP da instituição.

trabalho. Penso que esses fatores acerca do contexto refletem nos dados, como nos próximos capítulos irei discutir.

Antes de encerrar esta seção, busco apresentar os alunos e alunas que participaram desta pesquisa construindo os dois jornais que produzimos. O Quadro 2 ilustra os/as estudantes que estiveram presentes no ano de 2018 e os/as presentes no ano de 2019. Neste quadro, os nomes em azul fazem referência a estudantes que participaram de apenas uma edição do jornal. São alunos/alunas que saíram da escola depois de 2018 ou que entraram na escola durante o ano de 2019. O asterisco ao lado do nome identifica estudantes que estavam matriculados na turma e que participaram de algumas atividades de construção da segunda edição do jornal, mas que ou não entregaram nenhuma versão do texto ou não entregaram a versão final para publicação.

Quadro 2 – Relação de alunos e alunas que construíram o jornal Folha Lázaro Marques

Estudantes oitavo ano de 2018	Estudantes nono ano de 2019
Gael	Diego
Kiko	Graciela*
Laura	João*
Lúcio	Renata
Anita	Anita
Dado	Dado
Guto	Guto
Henrique	Henrique
Kátia	Kátia
Karla	Karla
Kamila	Kamila
Lara	Lara
Liliana	Liliana
Léo	Léo
Natália	Natália*
Paulo	Paulo
Tatiana	Tatiana*
Vivian	Vivian
Ygor	Ygor

Fonte: elaboração da autora

Diatel (2019) elaborou um questionário contendo algumas perguntas a fim de levantar informações mais detalhadas sobre cada estudante. Ela compartilhou essas informações comigo, uma vez que nossas pesquisas são construídas tendo esses mesmos alunos e alunas como participantes. Os questionários foram aplicados no ano de 2019 e a turma respondeu, em sua maioria, de forma anônima. Respeitamos o anonimato, pois consideramos que o compartilhamento dessas informações poderia deixá-los constrangidos. Por esse motivo, não traço um perfil de cada aluno, mas sim uma síntese das respostas dadas.

Sendo assim, a maioria desse grupo tem catorze e quinze anos de idade (as idades variam de treze a vinte anos). Grande parte se entende como parda, mas também se declararam negros e brancos. A renda da família, em geral, vai de um a três salários mínimos, e a maior parte não trabalha no contraturno escolar, podendo se dedicar integralmente ao estudo. Quanto à região em que moram, um número significativo do grupo indicou morar no centro da cidade, mas ainda as seguintes localidades foram marcadas: Saco dos Limões, José Mendes, Capoeiras, Monte Serrat, Ingleses, Agrônômica, Jardim Atlântico, Sertão do Maruim (São José) e Barreiros (São José).

Diatel (2019) também fez perguntas relacionadas aos hábitos de leitura da turma. Houve praticamente um empate entre os que relataram participar dessa prática e os que disseram não ter o hábito. Dos que disseram ler, grande parte do grupo escreveu que costuma ler livros, quadrinhos, *sites*, jornais e revistas. Nos questionários também foram propostas indagações sobre os meios de comunicação que mais usualmente eram acessados. Nesse sentido, a internet foi o meio mais citado, seguido pela televisão aberta. Jornais e rádio apareceram em menor número. Quanto ao acesso à internet, grande parte usa os celulares para navegação; computadores são usados apenas por alguns.

Sobre essas respostas acredito ser importante pontuar que, mesmo que esses sujeitos não tenham colocado o jornal como um meio de comunicação muito utilizado em seu cotidiano, em relação à internet, considero que o desenvolvimento de textos escritos para um jornal foi algo importante e possibilitou que a turma escrevesse textos para interlocutores reais de forma contextualizada. A pesquisa de Diatel (2019) pretende dar seguimento às atividades com o jornal, ampliando a pesquisa para o campo digital de produção de vídeos que devem circular *online*. Assim, entendo que foi necessário,

em uma primeira fase do projeto, compreender a produção de textos impressos para depois trabalhar com gêneros audiovisuais.

Convivendo por quase um ano com essa turma, percebi que, de modo geral, eles e elas têm problemas de frequência. É difícil marcar um encontro que estejam todos/todas presentes, e isso gera uma dificuldade para a continuidade das atividades planejadas, o que por consequência se torna uma limitação da pesquisa. Além disso, o problema das faltas se torna um obstáculo para os/as professores da escola. Em especial, a Edna via essa questão de modo bastante negativo, pois muitas ações que ela gostaria de implementar, com base na sua inserção no programa de mestrado, se tornavam complicadas por conta da frequência. Além disso, percebi um índice significativo de evasão escolar; muitos alunos e alunas iniciavam o ano da escola, outros/outras apareciam no meio do ano em algumas aulas, mas depois paravam de frequentar a escola, ou por pararem de estudar ou por pedir transferência para outra instituição.

Vejo que isso gerou um problema de engajamento da turma e da escola com o projeto, principalmente no primeiro ano da pesquisa. No início, não parecia haver tanto interesse em participar do jornal, o que levou, em parte, a um grande número de textos copiados da internet (discutirei isso nos próximos capítulos). No segundo ano de pesquisa houve uma melhora significativa na qualidade do jornal, que pode ser sentida no seu tamanho (dobrou o número de páginas), tamanho dos textos, temáticas escolhidas, problematizações propostas. No entanto, se houvesse uma forma da escola promover ações para diminuir os problemas de frequência e de evasão escolar, acredito que os resultados poderiam ser melhores.

Realizada essa contextualização acerca da escola e dos/das alunos/alunas, participantes deste estudo, na próxima seção detalho como os dados de pesquisa foram construídos.

3.3 A GERAÇÃO DE DADOS

A criação do jornal escolar compreendeu um período de aproximadamente nove meses. A primeira etapa da pesquisa teve início em outubro e foi até a metade de dezembro de 2018, e resultou na primeira edição do jornal Folha Lázaro Marques. A segunda etapa foi retomada no início de março e prosseguiu até a metade de julho de

2019, com a conclusão de mais uma edição do jornal. Os encontros com a turma foram semanais, nos horários das aulas de português. Acompanhei uma turma que estava no oitavo ano em 2018, período vespertino e com duas aulas geminadas no último período da sexta-feira³⁵.

Em 2019 esses alunos passaram para o nono ano e mudaram seu horário para o período matutino. Na segunda etapa da pesquisa estive em todas as aulas de português, que ocorreram nos últimos períodos das quartas e das sextas-feiras. Nem todas as aulas que eu acompanhei foram destinadas para o desenvolvimento do jornal, mas optei por estar presente em todos os encontros, pois essa imersão é importante para a pesquisa de cunho etnográfico. Todas as atividades desenvolvidas no contexto da criação do jornal foram aproveitadas pela professora para avaliações para as notas bimestrais. Sendo assim, todos/todas os/as alunos/alunas participaram das práticas propostas.

As atividades que desenvolvemos eram pensadas, em um primeiro momento, por mim e pela professora coletivamente. Depois, levávamos as propostas aos alunos/alunas, que poderiam opinar sobre as ações. No entanto, a partir de 2019, com o projeto mais fortalecido, começamos a incluir os alunos e alunas também na fase de planejamento das ações. Em nossa organização, para cada encontro elaborávamos um plano de aula, no qual descrevíamos o tema, o objetivo, o conteúdo abordado e a metodologia prevista para cada encontro.

Além dos planos de aula, recorremos também aos diários de campo que serviram para organizar as informações durante o desenvolvimento da PP. Os diários de campo foram adotados a fim de registrar os acontecimentos de cada encontro com as/os estudantes. Eles podem ser definidos, segundo Viera e Resende (2016 [2011], p.86), como:

[...] produtos escritos do trabalho de campo que têm propósito catártico para os etnógrafos/as porque registram reações pessoais, frustrações e conquistas do trabalho de campo. Além disso, o diário de pesquisa é um ambiente intertextual no sentido de que entre as impressões anotadas também se registram as relações percebidas entre a prática de pesquisa particular e a 'teoria de método' adotada – entre a previsão abstrata do desenho da pesquisa e a realização concreta do trabalho de campo – e entre o método e as teorias adotadas na pesquisa. Daí sua utilidade no favorecimento da autorreflexão

³⁵ Destaco que a professora Edna participou de todas as atividades da pesquisa, nas duas edições do jornal, e esteve presente em todas as aulas, ajudando na construção das etapas. Seu conhecimento da turma, uma vez que ela era professora da maioria desses estudantes desde o sexto ano, foi de extrema importância no planejamento das atividades. Todas as ações desenvolvidas com o jornal aconteceram nos horários regulares das aulas de português, não se configurando assim como atividades extracurriculares.

sobre prática de pesquisa: o diário não é só um mecanismo de reflexão sobre o objeto de investigação, é também uma oportunidade de reflexão sobre a própria prática.

Pode-se dizer ainda que os diários têm a função de auxiliar a memória do pesquisador durante o percurso etnográfico, podendo, também, serem usados no momento da análise dos dados, uma vez que eles ajudam na escolha de quais assuntos são mais ricos para estudo na pesquisa (VIERA; RESENDE 2016 [2011]).

A fim de dar suporte aos diários de campo, fiz gravações em áudio das aulas. Entretanto, não fiz uma transcrição formal das gravações. Elas foram realizadas apenas com intuito de ser um material que embasasse os diários de campo auxiliando na recuperação dos acontecimentos. Durante as aulas eu não costumava fazer anotações, pois a metodologia de PP requer uma participação mais ativa da pesquisadora. Os diários de campo, por isso, eram produzidos em um arquivo digital em horário posterior a aula. Nesses arquivos, eu procurava retomar os objetivos do encontro, narrar o que havia acontecido, registrar falas ou impressões que eu achasse mais significativas. Por fim, ao final de cada diário, eu buscava avaliar o encontro, se tinha conseguido alcançar os objetivos do plano de aula e/ou se determinadas ações precisavam ser reavaliadas.

Percebe-se que há um caráter subjetivo nas anotações, pois elas relatam um ponto de vista sobre os acontecimentos. Sobre isso, ressalto que esse teor não invalida os diários como fonte de dados, uma vez que os textos em uma pesquisa qualitativa como esta são analisados, sempre, com base na subjetividade do analista (VIERA; RESENDE 2016 [2011] *apud* CHOULIARKI; FAIRCLOUGH, 1999).

Todos os diários de campo constam nos apêndices da presente pesquisa (Apêndices A e B) sendo que o Quadro 3 organiza como os diários aparecem nesta seção. Conforme o Quadro 3 ilustra, tivemos dez encontros para a produção do jornal em 2018 e dezoito aulas, em 2019.

Quadro 3 – Referências dos diários de campo elaborados no processo de pesquisa

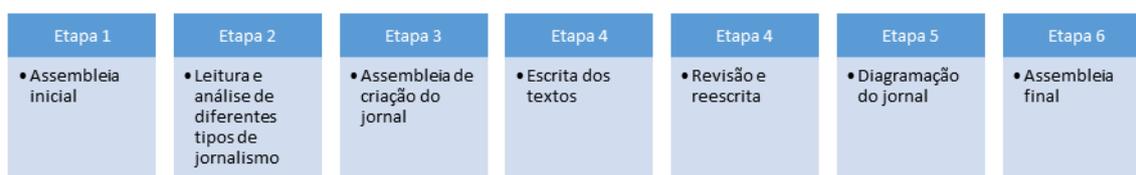
DIÁRIOS DE CAMPO PRODUZIDOS EM 2018	DIÁRIOS DE CAMPO PRODUZIDOS EM 2019
Diário de campo #2018/01	Diário de campo #2019/01
Diário de campo #2018/02	Diário de campo #2019/02
Diário de campo #2018/03	Diário de campo #2019/03
Diário de campo #2018/04	Diário de campo #2019/04
Diário de campo #2018/05	Diário de campo #2019/05
Diário de campo #2018/06	Diário de campo #2019/06
Diário de campo #2018/07	Diário de campo #2019/07
Diário de campo #2018/08	Diário de campo #2019/08
Diário de campo #2018/09	Diário de campo #2019/09
Diário de campo #2018/10	Diário de campo #2019/10
	Diário de campo #2019/11
	Diário de campo #2019/12
	Diário de campo #2019/13
	Diário de campo #2019/14
	Diário de campo #2019/15
	Diário de campo #2019/16
	Diário de campo #2019/17
	Diário de campo #2019/18

Fonte: elaboração da autora

Ao longo do período em que estive na escola, foram desenvolvidos, como já dito, dois jornais, um em 2018 e outro em 2019. Algumas etapas com atividades e ações de elaboração de cada edição podem ser aqui apresentadas a fim de ilustrar como ocorreu o processo. Parte das etapas descritas têm inspiração nas pesquisas prévias acerca do jornal escolar de Couto (2016), Bonini (2017) e Bergamo (2018)³⁶. Posto isso, as ações desenvolvidas para a elaboração do primeiro jornal estão expostas na Figura 2.

³⁶ A instauração de assembleias e a abertura de momentos de leitura de diferentes jornais foram práticas também realizadas por Bergamo (2018). Em Couto (2016) também houve um momento para discussão em torno de diferentes tipos de jornal. E, em Bonini (2017) ocorreram palestras com jornalistas representantes de veículos não dominantes e análises de jornais dominantes e não dominantes, embora o relato não detalhe como foram realizadas as atividades. Sendo estas pesquisas desenvolvidas dentro de um mesmo grupo de pesquisa da UFSC, procurei trazer para o contexto da presente pesquisa algumas atividades já desenvolvidas por estes pesquisadores.

Figura 2 – Etapas para a construção da primeira edição da Folha Lázaro Marques



Fonte: elaboração da autora

O projeto para criação do jornal teve início com uma assembleia em que houve uma apresentação da pesquisa e de seus objetivos. Além disso, houve a leitura dos termos de consentimento e assentimento (documentos necessários para pesquisas etnográficas, eles constam nos anexos A e B). Nesse primeiro encontro a turma foi convidada a colaborar com a construção coletiva do jornal escolar, sendo que a ideia foi buscar a adesão da turma para iniciar o projeto. Nesse sentido é que chamamos essa etapa inicial de assembleia, pois ocorreu como uma reunião em que um grupo de pessoas decidiu algo coletivamente.

A segunda fase do processo de produção do jornal, que teve início no encontro seguinte e que teve duração de três encontros, consistiu em um momento de leitura e análise de diferentes textos jornalísticos. Nesse momento, nossa primeira atividade foi realizar uma sondagem sobre que tipos de mídias e jornais os/as estudantes conheciam. Também foi proposta uma atividade com jornais de bairro que tinham sido coletados no primeiro ano de pesquisa desta tese. Essa atividade objetivou identificar aspectos observáveis desses jornais, como assuntos tratados, disposição do texto e imagens, anúncios, preço, localidade de produção, mas também aspectos que não se mostram explícitos em uma primeira leitura, como leitura dos editoriais e análise dos dados levantados na atividade anterior (quais causas/objetivos/grupos/ideologia/classe social esses veículos servem? Quem seriam seus prováveis leitores?).

Ainda nessa etapa, desenvolvemos uma atividade que consistiu na leitura e na discussão sobre como um mesmo assunto era tratado em diferentes jornais. No caso, lemos e debatemos algumas notícias sobre violência nas ações policiais em

Florianópolis, buscando identificar as semelhanças e as diferenças na forma como tal notícia tinha sido construída em diferentes *sites* (em veículos dominantes e independentes)³⁷. Essas atividades objetivaram viabilizar uma comparação para trabalhar de forma prática com o conceito de jornalismo dominante e independente.

Uma segunda assembleia foi a próxima etapa da pesquisa e, dessa vez, o tema a ser discutido era a de criação do jornal. Definimos nesse dia o nome do jornal, Folha Lázaro Marques, através de votação, assim como o modo de circulação, a estrutura e o seu modo de confecção, sendo tudo feito por meio de votação com a turma. Também foram escolhidos os assuntos (pautas) que iriam compor a primeira edição. Grupos foram formados, sendo cada grupo responsável por uma seção ou matéria jornalística. Após a escolha das pautas, o ideal era que houvesse um momento destinado à discussão e aprofundamento das temáticas de cada grupo; no entanto isso não ocorreu por dois motivos. O primeiro é que, durante o ano de 2018, tive apenas dez encontros com a turma, prazo curto para implementar todas as ações planejadas. O segundo é que a produção do primeiro jornal pode ser vista como uma fase inicial e piloto da pesquisa. Com base nos erros e acertos, apontados por todos os participantes ao final do processo, a metodologia foi corrigida no ano seguinte.

As etapas quatro e cinco ocorreram de maneira intercalada, principalmente, durante o primeiro ano de produção do jornal. Em grupo ou individualmente, os/as alunos/alunas foram elaborando seus textos e, à medida em que os iam produzindo, eu e a professora Edna auxiliávamos no processo de revisão. Durante a revisão também foi incluído o momento de diagramação do jornal que, conforme já mencionado, foi feito a partir de um esqueleto no quadro da sala de aula e, posteriormente, editado em um programa de computador por mim. Essas duas fases da pesquisa foram bastante difíceis porque muitos alunos e alunas pareciam não ter tanto interesse em desenvolver e finalizar seus textos. Muitas vezes eu e a professora tínhamos que sentar com cada grupo e insistir para que eles/elas elaborassem alguma coisa. Na assembleia final isso foi apontado pelos próprios estudantes e, a partir de debate e reflexão, conseguimos melhorias significativas na segunda edição do jornal.

³⁷ Embora não tenha sido o foco da pesquisa em alguns momentos do projeto com o jornal, notícias retiradas do jornalismo dominante entraram em nossas ações. Este foi um dos casos em que ela apareceu. Outras vezes, os próprios alunos e alunas levavam alguma informação desses veículos ou pegavam dados delas para construção de seus textos. Nessas situações buscávamos debater e comparar esse tipo de texto em relação a outros. E, também sobre as significações implicadas nessas ações.

Durante a quarta etapa da pesquisa estavam previstas conversas com diferentes representantes de jornais e de mídias independentes. Seria, em nosso planejamento, uma oportunidade para conversar com esses representantes sobre a prática de produção textual de conteúdos jornalísticos na qual as/os estudantes poderiam, em alguma medida, vivenciar com profissionais da área como funciona a elaboração de textos para jornais alternativos. No entanto, não foi possível incluir essas atividades na elaboração do primeiro jornal, pois, conforme discuto no próximo capítulo, representantes dos jornais não puderam comparecer à escola, possivelmente, em função de 2018 ter sido um ano eleitoral, o que os deixou sobrecarregados.

Por fim, a última etapa de pesquisa realizada para construção do primeiro jornal foi uma assembleia final. Nesse encontro, os participantes avaliaram os resultados das atividades desenvolvidas. A intenção dessa assembleia final do encontro foi estabelecer um momento de reflexão para todos e todas participantes. Ao final, a turma explicitou ter gostado da experiência de produção do jornal e reconheceu que faltou mais envolvimento da sua parte para que o trabalho ficasse melhor encadeado. A Figura 3 ilustra a capa da primeira edição da Folha Lázaro Marques (consta no Apêndice D uma cópia integral desta edição).

Figura 3 – Primeira edição da Folha Lázaro Marques



Fonte: elaboração dos alunos e alunas da escola Lázaro Marques

A partir do ano de 2019, o planejamento foi revisto e teve uma participação mais inclusiva dos/das alunos/alunas como um resultado direto da assembleia final, em que houve o reconhecimento da turma sobre seu papel no processo de produção do jornal. A figura 4 ilustra a configuração que as ações e atividades tomaram no segundo ano de elaboração do jornal. Uma das mudanças foi que o processo de desenvolvimento do jornal deixou de ser um desdobramento de etapas e foi visto como um ciclo.

Figura 4 – Ciclo de fases para o desenvolvimento da segunda edição da Folha Lázaro Marques



Fonte: elaboração da autora

Como já tinha ocorrido com a elaboração do jornal anterior, nossas atividades iniciaram com uma assembleia, na qual retomamos o projeto e falamos sobre a experiência de elaboração do jornal. Debates sobre o que tinha dado certo no jornal anterior e como poderíamos abrir outras possibilidades nessa nova edição. Nesse primeiro encontro, os temas e as pautas que iriam compor a segunda edição foram definidos pelos alunos e alunas, sendo que as primeiras aulas foram destinadas a essa assembleia de retomada do projeto. Também fizemos um trabalho de apresentação do projeto para os novos alunos/alunas.

Antes do início das atividades na escola, entre o final de fevereiro e início de março de 2019, tive um encontro presencial com representantes de jornais independentes para falar do projeto e pensar algumas ações. Os encaminhamentos oriundos desses encontros são analisados com mais detalhe no próximo capítulo. Nesses momentos houve a sugestão desse grupo em incluir uma fase que privilegiasse o momento de debate e de construção das pautas do jornal. Na assembleia inicial, que

fizemos com os alunos e alunas, em março para retomar o projeto, a turma também apontou esse ponto como algo que poderia melhorar o processo. Eles e elas sentiram falta de ter um momento de discussão de cada assunto, tema dos textos que deveriam produzir. Por isso, incluímos a fase de debate de pautas no ciclo das atividades desse novo semestre.

A maior parte dos nossos encontros no ano de 2019 foi destinada aos debates de cada tema. Nesses encontros, eu e a professora levávamos materiais para discussão assim como os/as estudantes responsáveis por uma determinada pauta eram incentivados a levarem suas próprias considerações sobre o que gostariam de dizer futuramente em seus textos. Nos debates de pautas, líamos textos e/ou víamos vídeos e por meio de rodas de conversas íamos construindo pontos de vistas e recortes sobre a pauta. Cada aluno/aluna responsável pelo tema, a partir das discussões realizadas, ia construindo seu texto.

Os debates, nesse sentido, proporcionaram que o jornal adquirisse um corpo de projeto coletivo da turma, permitindo que emergisse uma PP, da forma como foi descrita anteriormente. Além disso, essas situações foram uma maneira prática de questionar a mídia dominante e abrir espaço para canais alternativos de comunicação, sendo os canais de *Youtube* o meio preferido pelos alunos e alunas como fonte de informação³⁸.

Cada debate de pauta também era aproveitado para discutir em qual gênero discursivo o texto seria produzido. A partir das considerações levantadas no encontro, conversávamos também sobre a estrutura que o texto iria ter. A maior parte da turma acabou desenvolvendo artigos de opinião (a discussão mais detalhada acerca dos gêneros discursivos envolvidos nas práticas de produção textual está no quinto capítulo da tese). Como colocado anteriormente, a proposta da pesquisa foi dar mais espaço para as práticas sociais mobilizadas na situação e não para a questão mais formal do gênero. Para dar conta disso, cito o exemplo de duas meninas que escolheram trabalhar com o tema do machismo. A proposta de pauta delas era fazer um texto coletivo em nome das

³⁸ Entendo que muitos canais do *Youtube* contribuem para perpetuar a cultura da mídia dominante, não sendo todos os que a questionam. Ainda há muitos canais que acabam sendo ligados a essas próprias redes de comunicação. No entanto, considero que levar esses vídeos para a escola foi uma forma de desencadear esse tipo de discussão e, a partir dela, buscar questionar o modo de funcionamento desses canais. Além disso, acredito ser tarefa impossível não discutir em alguma medida as práticas da mídia dominante em sala de aula, pois os próprios alunos e alunas trazem ela de alguma forma para os encontros. Assim, destaque-se que essa tese buscou desenvolver um jornal escolar inspirado no modelo de jornalismo independente, mas não conseguiu, em tudo, romper com a lógica reprodutiva do viés dominante.

demais colegas se posicionando contra essa prática. A partir do que elas trouxeram, trabalhamos alguns aspectos do gênero carta aberta, que acabou sendo a forma que elas encontraram para produzir o seu texto (esta carta aberta é analisada no quinto e no sexto capítulo desta tese).

Foram destinados alguns encontros para a produção textual. Nessas aulas, eu e a professora íamos orientando cada aluno e aluna sobre a construção de cada matéria jornalística. A turma entregou seus textos em folhas de caderno ou digitados no celular por mensagens. Em horário fora da aula, eu coloquei todas as produções em um arquivo, e tivemos ao menos três aulas para revisão coletiva, na forma de uma roda de conversa, em que cada participante leu seu texto e a turma toda foi decidindo as alterações que precisariam ser realizadas.

Conforme já havia acontecido no ano anterior, a diagramação do jornal foi feita em sala de aula, utilizando o recurso do quadro. Para essa edição, a turma criou um texto de editorial do jornal (que havia faltado na edição anterior) coletivamente. Em casa, a partir de todas as orientações colocadas pela turma, eu diagramei o jornal para ser entregue e aprovado no próximo encontro. Nossas atividades se encerraram com uma última assembleia em que novamente avaliamos todo o processo do nosso trabalho e, nesse momento, também da construção dos dois jornais. A Figura 5 ilustra a capa da segunda edição da Folha Lázaro Marques (consta no Anexo H a segunda edição completa do jornal).

Figura 5 – Segunda edição da Folha Lázaro Marques



FOLHA LÁZARO MARQUES

Jornal escolar dos alunos e das alunas do nono ano da Escola Estadual Lázaro Marques - Florianópolis - SC
Julho de 2019 - Ano 02 - Número 01 - Distribuição gratuita

EDITORIAL

Nós estamos de volta! Na segunda edição da Folha Lázaro Marques, apresentamos variedades de assuntos e opiniões.

Na primeira parte, vamos relatar temas como maus-tratos a animais, feminismo, aborto e preconceito. Também trazemos uma carta aberta das meninas do nono ano sobre as suas experiências com o machismo.

Na segunda parte, teremos histórias sobre a Copa do Mundo Feminina e Masculina de Futebol, resenhas sobre games e também uma enquete sobre música!

Depois de muitos encontros, finalizamos mais esta edição. Esperamos que você goste e que nossos textos acrescentem algo para sua vida.

Confira os resultados dos nossos trabalhos!

Expediente:
Elaboração: Alunos e alunas do nono ano da Escola Estadual Lázaro Marques
Diagramação: Alunos e alunas do nono ano da Escola Estadual Lázaro Marques e Gabriela Rempel
Impressão: JT Cópias
Tiragem: 30 exemplares.

Assuntos que ninguém quer falar!



Fotos retiradas da internet

Leia sobre machismo, feminismo e aborto nas páginas 02, 03, 04 e 05 .

Nós temos opiniões

Artigos sobre maus-tratos a animais, racismo, xenofobia e violência nos games. Páginas 06, 07, 08 e 09.



Diversidades: games, esporte e música! Páginas 11, 12 e 13

A fim de sintetizar as informações dispostas ao longo desta seção, no Quadro 4, apresento uma comparação das atividades que envolveram a produção do jornal escolar durante o ano de 2018 (primeira edição da Folha Lázaro Marques) e em 2019 (segunda edição). O Quadro 4 apresenta as datas, a duração e um resumo dos encontros que compuseram cada etapa da pesquisa.

Quadro 4 – Síntese comparativa entre a produção das duas edições do jornal escolar

	DURAÇÃO DE CADA ETAPA DE PESQUISA	QUANTIDADE DE ENCONTROS REALIZADOS NA SEMANA	DURAÇÃO DOS ENCONTROS
2018 1ª edição do jornal	<p>1. Assembleia inicial (Realizada em um encontro ocorrido no dia 28/09/18)</p> <p>2. Leitura e análise de textos de diferentes tipos de jornalismo (Realizada em quatro encontros do dia 05/10/18 ao dia 26/10/18)</p> <p>3. Assembleia de criação do jornal (Realizada em um encontro ocorrido no dia 09/11/18)</p> <p>4. Escrita dos textos (Realizada em três encontros do dia 14/11/18 ao dia 30/11/18)</p> <p>5. Revisão e reescrita (Realizada em três encontros, junto com a escrita dos textos, do dia 14/11/18 ao dia 30/11/18)</p> <p>6. Diagramação do jornal (Realizada em um encontro ocorrido no dia 07/12/18)</p> <p>7. Assembleia Final (Realizada em um encontro ocorrido no dia 14/12/18)</p>	Encontros realizados uma vez por semana nas sextas-feiras no período vespertino.	1h30min (duas aulas geminadas)
2019 2ª edição do jornal	<p>1. Assembleia inicial (Realizada em dois encontro do dia 13/03/19 ao dia 20/03/19)</p> <p>2. Debate das pautas (Realizada em seis encontros do dia 02/04/19 ao dia 17/05/19)</p> <p>3. Roda de conversa com os jornalistas independentes (Realizada em um encontro</p>	<p>Encontros realizados duas vezes por semana nas quartas-feiras e nas sextas-feiras no período matutino.</p> <p>Observação: as atividades com o jornal, geralmente, continuaram acontecendo uma vez por semana. Porém, optei por</p>	<p>1h30min na quarta-feira (duas aulas geminadas).</p> <p>1h30min na sexta-feira (duas aulas geminadas)</p>

	<p>ocorrido no dia 29/05/19)</p> <p>4. Escrita dos textos (Realizada em quatro encontros do dia 24/05/19 ao dia 07/06/19)</p> <p>5. Revisão dos textos (Realizada em três encontros do dia 12/06/19 ao dia 28/06/19)</p> <p>6. Diagramação do jornal (Realizada em um encontro ocorrido no dia 04/07/19)</p> <p>7. Assembleia de fechamento (Realizada em um encontro ocorrido no dia 10/07/19)</p>	<p>acompanhar todas as aulas de Português da turma a fim de aprofundar meu olhar qualificado/etnográfico (GARCEZ; SCHULZ, 2015).</p>	
--	---	--	--

Fonte: elaboração da autora

Tendo explicado o processo de geração dos dados da pesquisa, na próxima e última seção deste capítulo discuto os métodos e procedimentos da análise dos dados.

3.4 A FORMA COMO FORAM CONDUZIDAS AS ANÁLISES

As análises dos dados da presente pesquisa estão divididas em três capítulos, sendo que cada um focaliza em um ou mais dos objetivos específicos.

No próximo capítulo (capítulo 4), me detenho nos dois primeiros objetivos. Para tanto, primeiro apresento um levantamento dos jornais de bairro existentes na cidade de Florianópolis, buscando discutir sua forma de atuação e o princípio de objetividade que opera nesses meios. Desse levantamento, faço a aproximação com os jornais independentes, também discutindo a atuação destes na cidade. Por fim, falo sobre as práticas colaborativas entre jornais e escola. O primeiro capítulo da análise consiste em grande parte em um relato etnográfico, mas nele também volto aos conceitos previamente apresentados na seção 2.3 da fundamentação teórica (sobre o jornalismo independente) e, a partir dessas noções, tento explicar como esses jornais funcionam inseridos em um modelo independente de mídia.

No segundo capítulo da análise (capítulo 6 da tese) falo sobre a relação entre os textos produzidos para o jornal escolar e a atuação social das/dos estudantes. Esse capítulo é dividido em três partes: em um primeiro momento, descrevo e analiso como

foi todo o processo da produção dos textos. Realizado esse relato, analiso o jornal escolar como um hipergênero e discuto as relações genéricas entre os gêneros discursivos que surgiram deste macro-enunciado. Por fim, debato as considerações que puderam ser levantadas na relação entre gênero discursivo e prática social na elaboração de textos para um jornal escolar.

Encerro as análises no sexto capítulo refletindo sobre a transitividade (FREIRE, 1967) das/dos estudantes no fazer um jornal escolar a partir do jornalismo independente. Para essa discussão, em um primeiro momento, investigo a relação entre textos copiados da internet e a criticidade dos alunos e alunas. Após isso, analiso dois textos produzidos por estudantes: um publicado na primeira edição do jornal, em que prevalece pouca transitividade; e outro, publicado na segunda edição, em que se encontra certo deslocamento da consciência crítica das/dos estudantes.

Para dar conta da análise sobre a transitividade, faço uma discussão sobre as vozes sociais (BAKHTIN, 1998 [1934/35]) presentes nas matérias produzidas pelas alunas e alunos. O levantamento das posições valorativas manifestadas em cada texto permite refletir se no jornal estão sendo sustentadas/defendidas posições de mundo que podem ser caracterizadas como emancipadas e inclusivas ou se essas representações servem para manter estruturas de dominação. Posto de outro modo, os textos dos/das estudantes refletem vozes que marcam certos contextos históricos, que podem representar diferentes discursos e formas de representar o mundo.

A transitividade, ou a intransitividade, surge dependendo do tipo de prática social e das posições de mundo que serão articuladas na produção do texto, podendo ser críticas quando houver práticas de emancipação ou passivas quando houver dominação. São encontrados os dois tipos de situação na análise dos textos, sendo que há indícios de certo deslocamento em direção ao crítico na formação das/dos estudantes ao longo do desenvolvimento do projeto.

4. UM OLHAR PARA O CENÁRIO DO JORNALISMO NÃO DOMINANTE EM FLORIANÓPOLIS E PARA AS PRÁTICAS COLABORATIVAS DESENVOLVIDAS NA ESCOLA

Entender pontos de funcionamento do jornalismo independente em Florianópolis e discutir modos de trabalho colaborativo entre esse jornalismo e a escola Lázaro Marques são os objetivos deste capítulo. Para isso, primeiro apresento uma relação de jornais comunitários impressos levantados na primeira fase desta pesquisa, quando a previsão (conforme colocado no segundo capítulo, seção 2.3) era trabalhar especificamente com esse tipo de jornal, conforme sugere Bonini (2017). Depois, relato uma análise do discurso jornalístico que constitui esses jornais e procuro mostrar como o resultado dessa análise me ajudou a repensar o enquadramento da pesquisa, e, portanto, a produzir uma aproximação com o jornalismo independente por ver aí mais possibilidades de um contraponto ao discurso e às práticas jornalísticas dominantes. Por fim, relato como foi possível desencadear atividades colaborativas com o jornalismo independente na escola. Houve colaboração de dois jornais independentes: do Coletivo Maruim e, principalmente, do Portal Desacato.

4.1 LEVANTAMENTO DE JORNAIS COMUNITÁRIOS DE FLORIANÓPOLIS E SUA FORMA DE ATUAÇÃO

Em uma fase exploratória da pesquisa, em 2016 (primeiro ano do curso de doutorado), iniciei o processo de coleta de jornais de bairro em Florianópolis. A busca por esse tipo de jornal ocorreu de duas formas. Em uma primeira fase, foi por meio de uma pesquisa na internet na qual procurei informações sobre experiências jornalísticas de cada bairro/comunidade da cidade. Nessa pesquisa encontrei algumas publicações e entrei em contato com os responsáveis por cada jornal a fim de conseguir um exemplar para análise. Outro modo de coleta foi o de ir até a região, circular pelo comércio, conversar com moradores para ver se existia um jornal local (contei com a colaboração de amigos e colegas de doutorado para conseguir alguns exemplares dessa maneira).

Sobre o levantamento dos jornais que realizei, destaco que nem todas as publicações coletadas tinham informações disponíveis *online* para busca. Consegui algumas edições apenas indo até a região onde elas circulavam, por exemplo. Por outro

lado, obtive informações sobre dois jornais na internet (dos bairros Lagoa e Jurerê), mas não consegui contatar seus representantes e coletar um exemplar. Por isso, mesmo fazendo uma investigação extensa sobre essas publicações, possivelmente a amostra não compreende todos os jornais de bairro/comunitários publicados em Florianópolis.

Além disso, a coleta de periódicos foi feita no período de dois anos, 2016 e 2017, e nos anos que sucederam alguns novos jornais podem ter surgido bem como publicações citadas nesta seção podem ter desaparecido. Esse foi um dos motivos pelos quais adoto como título do capítulo *um olhar para o cenário* ao invés de *o cenário do jornalismo independente em Florianópolis*.

Outro ponto ainda precisa ser considerado. Juntei um exemplar de cada jornal para que pudesse analisá-los e, dessas análises prévias, tentei eleger aqueles que poderiam possibilitar um trabalho colaborativo na escola. Entendo e indico (para pesquisas futuras) que o ideal seria que, para cada jornal, tivessem sido examinadas várias edições além de também terem sido realizadas entrevistas com representantes para conseguir estabelecer com mais precisão sua linha editorial. No entanto, não consegui desenvolver uma análise com essa profundidade nesta etapa de pesquisa.

Em um momento da pesquisa, precisei fazer uma escolha: embora entendendo que o trabalho com esses jornais refletiria diretamente no desenvolvimento do jornal escolar, o foco deste estudo foi a escola. Acredito que uma investigação completa dos jornais de bairro e independentes em Florianópolis renderia uma tese (ou algumas teses). Assim sendo, neste capítulo faço uma análise restrita e a partir de um recorte de alguns jornais comunitários que atuavam em Florianópolis durante 2016 e 2017. Também traço algumas considerações sobre seu funcionamento.

Postas estas questões, consegui exemplares de oito jornais comunitários, sendo eles: Miguelito, Jornal Trindade, Jornal Santa Mônica, Jornal Conexão Comunidade, Jornal Lado Sul, Jornal Daqui, Folha de Coqueiros e Jornal do Rio Tavares. As Figuras 6 e 7 ilustram as capas desses periódicos.

Figura 6 – Capa dos jornais Miguelito, Trindade, Santa Mônica e Conexão Comunidade



Fonte: Foto da autora

Figura 7 – Capa dos jornais Lado Sul, Daqui, Folha de Coqueiros e Rio Tavares



Fonte: Foto da autora

Algo que se sobressai nessas imagens é a quantidade de anúncios destacados já nas capas de algumas publicações. Isso pode ser justificado, pois a venda de espaços publicitários é a forma de subsistência de muitos dos jornais desse tipo, já que eles são distribuídos de forma gratuita para moradores dos lugares onde atuam. Infiro, no entanto, que a dependência financeira de determinados anunciantes limita a postura adotada pelo jornal, ditando o tom que cada publicação pode assumir. Por exemplo, se o anunciante não concorda com a linha editorial de tal jornal, não vai comprar espaço e, sem essa venda, o jornal não consegue subsidiar seus custos e se manter operando. Maruim e Desacato funcionam hoje a partir de financiamentos coletivos, e, por isso, não dependem, totalmente, dessa lógica capitalista e neoliberal. Abordo isso na próxima seção.

O jornal Miguelito³⁹ (primeira capa da Figura 6) é distribuído nas regiões de Santa Mônica, Córrego Grande, Itacorubi, Trindade, Pantanal, Carvoeira, Carianos, Rio Tavares, Campeche, Bacia da Lagoa, sul da ilha e norte da ilha. Ou seja, está presente em quase toda a cidade não se direcionando a uma região específica. Consegui coletar alguns de seus exemplares falando diretamente com um de seus representantes, que também era responsável pelo desenvolvimento do jornal Santa Mônica⁴⁰ (terceira capa na Figura 6).

Por serem produzidos pela mesma equipe, os dois possuem uma configuração parecida: falam da sua localidade de forma bastante generalizada, por exemplo, com matérias sobre saúde e assuntos jurídicos que têm o propósito de fazer propaganda de determinado profissional ou grupo empresarial. Na Figura 8, em vermelho, ilustro a forma de veiculação desse tipo de texto.

Figura 8 – Exemplo de texto jornalístico-propaganda presente nos jornais Miguelito e Santa Mônica

The image shows two newspaper pages. The left page is from 'Jornal Miguelito' and features a legal advertisement titled 'Divórcio Extrajudicial - uma solução mais prática para um momento difícil'. The text discusses the benefits of extrajudicial divorce, such as speed and cost. A red circle highlights the contact information for 'Lia Anne de Borja F. Gil', an attorney, including her phone number (3237-4525) and email (lia@sefcoimbra.adv.br). The right page is from 'Santa Mônica' and features an advertisement for 'TERAPIA COM PNL E HIPNOSE'. The text describes the benefits of these techniques for personal growth and emotional well-being. A red circle highlights the contact information for 'Atendimento: Clínica Sattva', including the address (Rua Clodoricó Moreira, 62 - Santa Mônica) and phone number (3233-4272 / 9952-6292). Red arrows point from the text in the caption to these circled areas.

Fonte: foto da autora

³⁹ A edição número 142 do ano XIV, de julho de 2016, deste jornal foi analisada nesta tese.

⁴⁰ A edição 64 do ano V deste jornal foi analisada nesta tese. Não há especificação que indica o ano que esse jornal foi produzido.

Tomando como ponto de partida o jornalismo comunitário como uma prática ligada à transformação social e à reivindicação de lutas de determinados grupos/comunidades (PERUZZO, 1998; 2009; SOARES, 2006), poderia ser questionado em que medida esse tipo de matéria oferece uma informação relevante para a comunidade. Ao que indica, esse texto tem a intenção de apresentar o serviço de empresas do bairro e, ainda, esses assuntos poderiam ser veiculados em qualquer local, pois não se configuram como demandas específicas das pessoas que moram nessa região. Desse modo, esse poderia ser um exemplo de como o jornalismo comunitário, por vezes, acaba replicando o modelo dominante (PERUZZO, 1998; 2009).

Uma diferença entre as duas publicações é que o jornal Santa Mônica circula em uma região um pouco menor: Santa Mônica, Parque São Jorge, Córrego Grande, Itacorubi, Trindade, Pantanal e Carvoeira. Nenhuma dessas duas publicações apresenta o gênero editorial⁴¹ ou outro tipo de informação de caráter institucional. Nas análises que conduzo nesta seção, recorro a esses textos, pois eles costumam tornar mais visível o tipo de postura adotada pelo jornal (se é inclusiva e preocupada com transformações sociais, por exemplo).

Obtive um exemplar do Jornal Trindade⁴² (segunda capa da Figura 6) contatando um de seus representantes. Essa publicação mantém um site atualizado⁴³. Na versão impressa não há editorial, mas na página *online*, há uma descrição do jornal, da qual me utilizo para falar sobre sua linha editorial (ver 5). Em geral, essa publicação apresenta muitas publicidades, mas também disponibiliza algumas matérias de interesse mais local (matéria sobre horta comunitária do bairro, por exemplo), ao contrário de Miguelito e Santa Mônica.

⁴¹ Grosso modo, o gênero editorial pode ser definido como um gênero opinativo que traz a assinatura do autor (ou, no caso, do jornal como um todo) (MELO; ASSIS, 2016). É importante dizer que em editoriais de outras publicações, com periodicidade maior, muitas vezes, o produtor do texto faz uma apresentação do que será abordado na edição como um todo. No entanto, os jornais comunitários examinados neste capítulo, são publicações mensais. Por isso, a leitura dos editoriais também permite identificar marcas linguísticas mais posicionadas sobre o ponto de vista das/dos produtores do jornal. Contudo, friso que na análise tecida neste capítulo busquei perceber o perfil de cada jornal. Para essa investigação, recorri a textos institucionais, quando o jornal apresentava um tipo de *site* indicando essa linha. Porém, nos casos em que não existia esse tipo de página *online*, fiz a análise dos editoriais por encontrar nesses textos marcações desse tipo.

⁴² A edição 110 do ano 10, de julho de 2016, deste jornal foi analisada nesta tese.

⁴³ Disponível em: <http://jornaltrindade.com.br/>. Último acesso em novembro de 2019.

O jornal *Conexão e Comunidade*⁴⁴ é um jornal comunitário da região do norte da ilha de Florianópolis. Circula nos seguintes bairros: Cacupé, Santo Antônio de Lisboa, Daniela, Jurerê, Canasvieiras, Ponta das Canas, Lagoinha, Cachoeira do Bom Jesus, Ratoles, Sambaqui, Sítio de Baixo, Sítio de Cima, Vargem Grande, Vargem Pequena, Vargem do Bom Jesus, Ingleses, Rio Vermelho, Santinho. Foi fundado em 2009 e mantém site atualizado⁴⁵. De todos os jornais que coletei, esse é o que apresenta maior número de páginas (35) sendo dividido em diversas seções e tendo colunistas fixos nas suas edições. No Quadro 5, analiso uma descrição institucional retirada de sua página *online*.

Da mesma forma que *Conexão Comunidade*, o *Lado Sul*⁴⁶ (primeira capa na Figura 7) é um informativo da região do sul da ilha, sendo distribuído nos bairros dessa localidade (a publicação não especifica essa informação). Embora *Lado Sul* apresente um editorial, esse texto não aborda nem o que será tratado no jornal, nem faz uma apresentação da postura da publicação; contém comentários sobre jogos olímpicos. Por isso, não o analiso no Quadro 5.

Na segunda capa da Figura 7 está o jornal *Daqui*⁴⁷, publicação do distrito de Santo Antônio de Lisboa. Consegui, diretamente com seu editor, alguns exemplares dessa publicação (edições dos anos 2010, 2011 e 2012). Em 2016, quando conversei com o jornalista responsável por sua construção, fui informada que *Daqui* não estava mais funcionando como jornal impresso, mas como *blog*, devido aos altos custos de produção. Posteriormente, em 2018, ao participar do Seminário *As rádios comunitárias e a mídia independente* realizado na Assembleia Legislativa de Florianópolis no dia 27 de novembro fiquei sabendo que o jornalista responsável por esse jornal havia falecido, pois na ocasião houve uma homenagem ao seu trabalho. Ainda existe uma página no *Facebook* destinada a este portal de comunicação, no entanto ela não é mais alimentada⁴⁸. No Quadro 5, trago o texto de editorial do jornal para análise.

A experiência de jornal comunitário mais antiga, e talvez a mais bem sedimentada, é a *Folha de Coqueiros* (terceira capa da Figura 7, considerando as oito publicações coletadas). Criado em 1995, essa publicação tem jornal impresso, um *site* e

⁴⁴ A edição de janeiro de 2017 deste jornal foi analisada nesta tese.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.jornalconexao.com.br/>. Último acesso em 30 de outubro de 2019.

⁴⁶ A edição de julho de 2016 deste jornal foi analisada nesta tese.

⁴⁷ A edição especial de setembro/outubro de 2011 deste jornal foi analisada nesta tese.

⁴⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/daquinarede/>. Último acesso em 30 de outubro de 2019.

uma página no *Facebook* que são atualizados com frequência⁴⁹. No Quadro 6, analiso o editorial da edição comemorativa de 22 anos publicada em agosto/setembro de 2017. Por ser um texto bastante longo, optei por deixar sua análise separada dos demais jornais.

A última capa da Figura 7 ilustra o Jornal do Rio Tavares⁵⁰. Essa publicação tem uma página em rede social que é atualizada com certa frequência⁵¹. Segundo informações disponíveis de seu *Facebook*, o Jornal Rio Tavares também produz edições impressas. No Quadro 5, analiso uma descrição institucional desse periódico.

Realizada uma breve apresentação de todos os jornais coletados, no Quadro 5 trago os textos, em sua maioria, publicados em seus sites na aba *quem somos*⁵². Apenas o jornal Daqui não apresenta descrição e, por isso, trago o editorial do jornal como fonte de caracterização. Busco entender e discutir o perfil dos jornais a partir dessas descrições.

Quadro 5 – Editoriais/textos institucionais dos jornais comunitários

Jornal Trindade	Com 13 anos e edições mensais, oferecemos aos leitores, de forma gratuita, uma excelente alternativa de leitura e também um guia de anúncios diferenciado voltado para consumidores exigentes. Com uma leitura fácil, manuseio confortável e cores vibrantes. Há mais de uma década, o Jornal Trindade tem como principal objetivo entregar um conteúdo jornalístico de qualidade para os leitores e também resultado para os anunciantes. Com foco no que acontece no dia a dia de Florianópolis e região metropolitana, o JT inova trazendo todo mês uma entrevista com alguma celebridade do cenário nacional ou internacional. São formadores de opinião como jornalistas, blogueiros, cantores que vão da jovem guarda a jovem música e artistas de teatro e/ou televisão, entre outros. Hoje o Jornal Trindade é multiplataforma e está presente no seu computador, <i>tablet</i> , <i>smartphone</i> e na sua mão. Sempre visando oferecer um produto com qualidade e credibilidade .
Conexão Comunidade	O Jornal Conexão Comunidade, fundado em 16 de setembro de 2009, tem circulação regional em 19 bairros no Norte da Ilha, entre eles: Cacupé, Santo Antônio de Lisboa, Sambaqui, Daniela, Jurerê Tradicional e Internacional, Canasvieiras, Ponta

⁴⁹ Os links do site e da página do Facebook são, respectivamente: <http://www.folhadecoqueiros.com.br/contato/default.aspx> e <https://www.facebook.com/folhadecoqueiros/>. Último acesso em 30 de outubro de 2019.

⁵⁰ A edição de agosto de 2016 deste jornal foi analisada nesta tese.

⁵¹ Link disponível: <https://www.facebook.com/jornalriotavares>. Último acesso em 30 de outubro de 2019.

⁵² Conforme mencionado nesta seção, os jornais Miguelito, Santa Mônica e Lado Sul não apresentavam editoriais ou textos institucionais que pudessem ser considerados para análise. Por isso, não aparecem no Quadro 5. Além disso, optei por analisar o jornal Folha de Coqueiros separadamente. O editorial deste jornal aparece no Quadro 6.

	<p>das Canas, Lagoinha, Cachoeira do Bom Jesus, Ratonos, Vargem Grande, Vargem Pequena, Vargem do Bom Jesus, Sítio de Baixo, Sítio de Cima, Ingleses, Rio Vermelho e Santinho, com cerca de 20 à 25 mil leitores mês com 10 mil exemplares/mês. O jornal regional, (de bairro) busca a qualificação de leitores por meio de seu conteúdo editorial e pela distribuição segmentada e regionalizada. “O Conexão é um veículo hiperlocal, focado nos bairros do norte da ilha. Construímos uma comunicação de qualidade em diversas plataformas”.</p>
Daqui	<p>Estamos de volta. Com esta edição especial sobre a última Festa do Divino Espírito Santo e Nossa senhora das Necessidades de Santo Antônio de Lisboa, retomamos as edições do Daqui Jornal. Com periodicidade mensal, tiragem de três mil exemplares, o jornal circula nas comunidades de Cacupé, Sambaqui, Santo Antônio, Barra do Sambaqui e Ratonos. A publicação também é recebida por vereadores, integrantes da mídia e dirigentes de entidades comunitárias da região. Nosso objetivo central é dar visibilidade as ações e iniciativas locais nas áreas comunitária, cultural, esportiva, social, religiosa e do lazer, apoiando reivindicações e estimulando a participação e o envolvimento das pessoas. Sem ligações político-partidárias, daremos suporte às iniciativas pontuais que visem melhorias no distrito e região, mas seremos críticos no acompanhamento do cumprimento de promessas de campanha. Sempre atentos à diversidade de pensamentos, visões de mundo e orientações filosóficas e à pluralidade de gostos, hábitos e costumes constituintes da riqueza espiritual de nossas comunidades, procuraremos refletir esse universo respeitando todas essas diferenças. Todas as contribuições são bem-vindas, sejam elas de jornalistas ou não-jornalistas, na forma de textos, fotos ou outras imagens, cartas, sugestões, alerta e reivindicações. A partir desta edição estaremos mais presentes nas escolas da região, trocando experiências, promovendo intercâmbios e publicando desenhos e redação dos estudantes.</p>
Jornal do Rio Tavares	<p>O Jornal do Rio Tavares contribui para a divulgação do bairro, com o objetivo de repercutir fatos importantes para a comunidade, escolhida por muitos para trabalhar e para viver. Levamos informação de qualidade, voltada aos interesses comuns da sociedade, divulgando também oportunidades comerciais, visando o desenvolvimento econômico da região. A cada mês temos uma reportagem especial: Lazer, educação, saúde e segurança são os temas principais da edição.</p>

Fonte: síntese da autora

Primeiramente, destaco as seguintes palavras marcadas em negrito presentes nos jornais Trindade, Conexão e Comunidade e Rio Tavares: *conteúdo jornalístico de qualidade, qualidade e credibilidade, qualificação de leitores, comunicação de qualidade, informação de qualidade*. O que estou propondo nesta análise é que parece

haver uma insistência desses jornais em marcar um posicionamento de portal de confiabilidade e excelência, sendo que essas marcas linguísticas seriam formas diretas de defender conceitos de *neutralidade* e *objetividade* que são os discursos da mídia dominante. Aliás, essa é a mesma forma de falar de si usada pela NSC Comunicação (grupo midiático de jornalismo local de Santa Catarina ligado à Rede Globo), como é ilustrado mais adiante no Quadro 7.

Entendo que tais grupos se colocam como *confiáveis* (com *credibilidade*) ao defenderem que apresentam um relato com fidelidade aos fatos e *neutralidade*, ou seja, supostamente informam sem tomar partido de nenhum lado. Ao se colocarem como detentores de um jornalismo com essas características, se permitem afirmar que seu jornalismo tem *qualidade*, algo que aparece bem marcado na linha editorial de muitos jornais, como demonstra o Quadro 5. Esses dois conceitos são pilares para o conceito de *objetividade*, que na esfera do jornalismo, portanto, tem relação com a pressuposição de observação imparcial da realidade e omissão de preferências individuais, sendo todos os três, projeções discursivas.

Bonini (2018; 2019) já defendia que essas seriam formas de caracterizar o jornalismo dominante. Nas palavras do autor:

O discurso jornalístico hegemônico se baseia em pressupostos como “neutralidade” na apuração de dados, “objetividade” da narrativa, e “pluralidade” de visões, itens que buscam, no plano ideológico, alocar as empresas de jornalismo dominante como legítimas mediadoras dos debates sociais, guardiãs da democracia, e narradoras da história. Essa representação como discurso desinteressado e não defensor de uma posição particular não se sustenta em termos da própria natureza da linguagem que sempre será ideológica, mesmo quando diz que não o é (sendo até mais, quando assim se pronuncia) [...]. (BONINI, 2018, p. 7)

Intencionalmente ou não, esses jornais sustentam que há maneiras de ser objetivo e neutro, quando, na verdade, tais ações são impossíveis. Ao adotar essa postura, os jornais se aproximam de uma posição conservadora, que nega individualidades e advoga pela homogeneização. Ao fazer isso, como defende Bonini (2018), se intensifica um discurso e uma ideologia que diz não ser ideológica. Percebo que esse é o mesmo tipo de falácia do Projeto Escola sem Partido, pois assim como é impossível existir uma escola sem ideologia, também é impossível existir um meio de comunicação imparcial.

Essa questão também é levantada por Franco de Oliveira e Polato (2015). Para os autores, a objetividade e a imparcialidade funcionam como pretextos para esconder a verdadeira posição do jornal. Além disso, conforme sugerem os autores, no jornalismo uma notícia, por exemplo, costuma estabelecer relação com outros gêneros que aparecem no jornal. Nas palavras de Franco de Oliveira e Polato (2015, p. 439):

A notícia não aparece sozinha no jornal. Sempre se relaciona com outros textos, como reportagens, editoriais, artigos de opinião. Sua função é a de ser aparentemente imparcial e sob esse artifício, o jornal (eu) se dirige ao outro (leitor), embora, implicitamente, com o intuito de direcioná-lo a uma interpretação (x), mas, explicitamente, com o intuito de mantê-lo informado. Só a notícia serve a isso e de forma tão peculiar. Por isso, a fim de lê-la, além de recorrer a seus aspectos internos é preciso recorrer às relações dialógicas (extralinguísticas), ou seja, aos outros textos com os quais se relaciona no mesmo jornal e em outros, dos quais recupera discursos. Os cruzamentos de discurso que se efetivam na notícia servem para observar a posição sustentada pela empresa jornalística, que mantém uma coerência enunciativa com seus interlocutores.

Os gêneros editoriais, que são analisados no Quadro 5, marcam de forma mais nítida a postura do jornal através das marcas linguísticas de *qualidade*, *credibilidade* e *confiabilidade*. No entanto, esses editoriais estabelecem ligação com os outros textos dos jornais, como notícias e reportagens. Por isso, é importante destacar que são nas relações estabelecidas entre todos esses gêneros, que são construídos efeitos de objetividade e imparcialidade.

Outro ponto que destaco, do Quadro 5, é que, ao falar de si, o jornal Trindade diz ser uma leitura fácil, dinâmica com muitas cores e também se coloca como um guia de anúncios que proporciona resultados aos seus anunciantes. Infiro, a partir desse trecho, que antes de ser um periódico comunitário que quer promover visibilidade para o bairro e mudanças positivas para as pessoas que moram nessa região, o jornal funciona mais como um negócio do sistema capitalista que deve ser lucrativo.

Sobre isso, entendo ser a venda de espaços publicitários uma forma de subsistência desses jornais uma vez que o desenvolvimento desse tipo de informativo tem custos, mas ao se identificar apenas dessa forma, o veículo acaba por negar suas outras funções, mantendo apenas a lógica do capital. Os jornais Conexão e Comunidade, e, principalmente, o do Rio Tavares, em contrapartida, marcam de forma expressiva que, para além de se constituírem como meios moldados pelo discurso da

credibilidade e da qualidade jornalística, sua proposta é trazer uma segmentação de informação, com preocupação específica pela comunidade onde atuam.

Esse traço do jornalismo comunitário é bastante aparente no editorial do jornal *Daqui*. No texto do Quadro 5, deixei em negrito passagens que sugerem o quanto o jornal pretende ser um meio de divulgação das demandas do bairro. Além disso, uma primeira leitura da posição defendida por esse periódico, considerando o texto do editorial, poderia categorizá-lo como um exemplo consistente de meio de comunicação alternativo, tal como proposto por Peruzzo (1998; 2009) e Soares (2006). Ao longo do editorial o jornalista traz trechos como: “*Nosso objetivo central é dar visibilidade as ações e iniciativas locais nas áreas comunitária, cultural, esportiva, social, religiosa e do lazer, apoiando reivindicações e estimulando a participação e o envolvimento das pessoas [...]*” e “*A partir desta edição estaremos mais presentes nas escolas da região, trocando experiências, promovendo intercâmbios e publicando desenhos e redação dos estudantes*”.

Minhas impressões quando conversei com o jornalista responsável pelo desenvolvimento dessa publicação foi a de uma pessoa engajada com a comunidade onde vive e que fez da sua profissão e dessa preocupação objetivo de vida. O jornal *Daqui*, assim, traz questões das lutas do bairro e teria potencialidade para funcionar como uma ferramenta de mudança social. Ou seja, esse periódico poderia ser um jornal para o trabalho colaborativo na escola, se ele ainda existisse e se a escola em que a pesquisa foi conduzida se situasse nessa região.

Porém, uma leitura mais atenta desse editorial faz com que algumas questões sejam problematizadas. Por exemplo, quando se coloca: “*Sempre atentos à diversidade de pensamentos, visões de mundo e orientações filosóficas e à pluralidade de gostos, hábitos e costumes constituintes da riqueza espiritual de nossas comunidades, procuraremos refletir esse universo respeitando todas essas diferenças.*”. É necessário sinalizar que a mídia dominante também se utiliza do discurso de pluralidade de vozes e do interesse local para falar de si e dessa forma se “vender” como meio promotor de causas sociais (ver Quadro 7 que traz a imagem da NSC Comunicação)⁵³.

⁵³ Nas discussões que proponho neste capítulo tenho objetivo de refletir sobre a forma de como esses veículos de comunicação falam de si, a partir de textos que foram publicados por eles, mas que são um recorte bastante pequeno de todo campo de atuação desses jornais. Portanto, as análises que são feitas não têm função de prescrever o modo de atuação dessas publicações. O que faço é, a partir dos exemplares de jornais que coletei, justificar escolhas desta tese. Acho importante que fique claro para o leitor que de

Noto, contudo, que o jornalismo dominante, ao defender a diversidade de pontos de vista, produz uma forma desenvolvida e, por isso, velada, de manipulação, que é a projeção de um efeito de imparcialidade. Ao negar a adoção de um viés para narrar os fatos – como é feito pelos veículos independentes que são analisados na próxima seção – e ao dizer que traz todas as perspectivas para dar conta da cobertura de um tema, a mídia dominante assume, de uma forma bastante sofisticada, a defesa da neutralidade e objetividade.

Outro ponto que chama a atenção no editorial de Daqui é o seguinte trecho: “*Sem ligações político-partidárias, seremos suporte às iniciativas pontuais que visem melhorias no distrito e região*”. Da mesma forma que é impossível pensar em um jornal que seja neutro e imparcial na cobertura das notícias também é bastante difícil se identificar como uma mídia que não seja política, pois todas as ações humanas carregam questões políticas e ideológicas. O jornal, nesse caso, não precisa estabelecer filiação com um partido político, por exemplo, mas negar a política é uma forma de promover um tipo de política que pode ser denominado como pós-política.

De acordo com Fernandes (2019, p. 2017), que aborda o conceito com base em Žižek, a pós-política pode ser definida como “um tipo de despolitização que age no campo do senso comum como uma forma de pós-ideologia, na qual assuntos relacionados ao *status* político, social e econômico são efetivamente gerenciados”. Segundo a autora, a pós-política coloca especialistas como gestores para comandar o Estado, pois, para essa visão, os problemas de um país seriam simplificados e equiparados aos resultados de uma má administração pública. Esse tipo de despolitização defende que o país seja gerido por técnicas, ética e neutralidade, ou seja, por imparcialidade quando não se busca identificação nem com a esquerda, nem com a direita⁵⁴ (FERNANDES, 2019). Ainda segundo a autora, o discurso da pós-política ganhou muito espaço no Brasil, principalmente após as manifestações de junho de 2013.

No entanto, tal conduta soa equivocada, pois a despolitização já é uma forma de fazer política. Todas as ações humanas, assim como a linguagem, são permeadas por práticas ideológicas, que também são perpassadas pelo campo político. É desse modo que se torna inconsistente e até contraditória a definição do jornal Daqui como mídia

forma alguma quero cristalizar a forma de conduta desses periódicos, mas sim fazer uma reflexão sobre os sentidos expressos nos textos analisados.

⁵⁴ A autora coloca como exemplo de pós-política no Brasil a atuação do Partido Novo, criado por um grupo de empresários da elite e que ao defenderem esse tipo de atuação pretendem manter o conservadorismo justamente da velha política (FERNANDES, 2019).

sem filiação político-partidária, pois de um lado o periódico se posiciona como meio aberto à pluralidade de vozes e preocupado com as questões de seu bairro, mas, de outro lado, nega a política.

Mesmo assim, em um primeiro momento de condução da pesquisa, considerei trabalhar com esse jornal por se tratar de um meio bem estabelecido na sua comunidade. Todavia, o fato de o informativo não circular na região onde a escola se situa foi levado em conta na escolha dos veículos para o trabalho colaborativo em Lázaro Marques. Sobre isso, aponto que nenhum dos jornais comunitários apresentados neste capítulo atuavam em regiões próximas à escola, sendo esse um dos motivos pelas quais procurei outras alternativas de práticas jornalísticas.

No Quadro 6 aparece o editorial da edição especial comemorativa de 22 anos de atuação da Folha de Coqueiros. Esse jornal não disponibiliza em suas redes sociais ou em seu *site* um texto de caráter institucional, mas, neste editorial, é possível entender um pouco suas características.

Quadro 6 – Editorial da Folha de Coqueiros ano XXI/número 200

Folha de Coqueiros	Um novo tempo percorrido e chegamos à marca dos 22 anos. Se contabilizadas as 200 edições, completadas neste mês de setembro, foram mais de 3 mil páginas diagramadas, cerca de 6 mil fotos baixadas e mais de 10 mil anúncios veiculados. Um balanço, é verdade, de causar orgulho à direção e redação da Folha de Coqueiros. Ao longo desse período muitos fatos – tantos bons como ruins – aconteceram. Vimos as praias se tornarem poluídas, assistimos à construção civil avançar no verde, acompanhamos os equipamentos públicos se deteriorarem, debatemos o aumento da criminalidade, lamentamos o fechamento de casas tradicionais do comércio, e registramos com tristeza o falecimento de personagens conhecidos da nossa região. Ao lado de tantos flagelos, também presenciamos muitas coisas boas e positivas na nossa região de Coqueiros. A Via Gastronômica se expandiu, as entidades comunitárias se fortaleceram e conquistaram melhorias que vão desde a criação de novas áreas verdes até a manutenção de festas populares como o Carnaval na Praça da Praia do Meio e em frente à Merceria do Ori, e ainda fomos parceiros do Conselho de Segurança de Coqueiros (Conseg 31), que completou 16 anos de existência. Criado em 2001, se consolidou como um Conseg atuante, que sempre se pautou em resultados. De lá para cá, oito gestões estiveram à frente da entidade. Como presidente atual do Conselho, essa editora gostaria de registrar, aqui, algumas conquistas: o aumento da participação de moradores nas reuniões mensais; a abertura de espaço para debater assuntos de interesse da comunidade e a presença de secretários de governo, diretores de órgãos públicos e outras autoridades que, a convite do Conseg, tiveram a possibilidade de expor suas opiniões e explicar as medidas que estavam sendo adotadas em benefício dos moradores. Por último, essa editora tomou posse – junto com os demais membros dos Consegs da Capital – no Conselho Municipal de Segurança, criado em dia 31 de julho (foto). Tudo
--------------------	---

isso faz parte da trajetória da Folha que agora reserva um grande acervo da região. Com certeza, um espaço rico para pesquisa. E se o jornal chegou até aqui, ele deve muito ao comércio local que sempre prestigiou e acreditou na sua força, aos demais parceiros comerciais, aos leitores e aos colaboradores. Nessa edição, resgatamos um pedaço da história de Coqueiros em matéria publicada nas páginas 8 e 9, destacamos um trabalho de escola que é exemplo para outros bairros, nas páginas 12 e 13, e mostramos as entrevistas com a Mana de Xangô, com o grupo de Caminhada e Pedalada, além de outros assuntos de interesse da região como o resultado de uma enquete popular para saber qual a melhor forma de ocupação da praça da Ponta da Ilhota. Agradecimentos: Ao fotógrafo Daniel Conzi que presenteou a Folha com a linda foto da capa. E aos jornalistas Ademir Arnon e Carlos Damião pelos belos artigos parabenizando a Folha pelos seus 22 anos. Boa leitura. Da editora.

Fonte: Folha de Coqueiros ano XXI/número 200, agosto/setembro/ 2017

A partir do exposto no Quadro 6, a avaliação feita desse editorial é que a Folha de Coqueiros parece ser forte dentro da comunidade, atuando alinhada aos interesses do bairro. O jornal não se posiciona como meio de credibilidade, qualidade ou como propagador de pluralidade de vozes, características que podem ser encontradas nos dizeres de si do jornalismo dominante. Entretanto, também não se coloca como periódico que escolhe trazer notícias com posicionamento marcado. Por conta disso, entendo que, mesmo que indiretamente, esse jornal acaba por se manter neutro quanto a essas questões e, por consequência disso, se aproxima do conceito de imparcialidade. Vejo que a não marcação de um posicionamento é uma posição. A editora de Folha de Coqueiros faz um agradecimento ao comércio que anuncia no periódico e assim lembra que essa é a forma de subsistência desse jornal.

A fim de encontrar contrastes ou similaridades com as análises da forma de atuação dos jornais de bairro listados até esse momento do capítulo, o Quadro 7 traz uma síntese da forma como a NSC Comunicação, principalmente a partir do Diário Catarinense, se utiliza de um discurso para falar de si. Os dizeres postos nesse quadro foram retirados de duas fontes: do *site* institucional da marca da NSC e da *mídia kit* da marca, que é um material publicitário elaborado com intuito de convencer anunciantes a comprarem espaços comerciais nos jornais.

Quadro 7 – Texto institucional da NSC Comunicação

NSC Comunicação (Diário Catarinense)	<p>Uma nova marca chancela o mercado de informação e entretenimento catarinense. A NSC Comunicação renova o compromisso de amplificar vozes e empoderar a comunidade que forma Santa Catarina. É formada pela emissora de televisão NSC TV – afiliada da Rede Globo – pelos jornais Diário Catarinense, A Notícia, Jornal de Santa Catarina e Hora de Santa Catarina, e pelas emissoras de rádio CBN Diário, Atlântida e Itapema. As múltiplas plataformas têm como missão levar conteúdo de qualidade ao estado e àqueles que, de outros cantos do mundo, acompanham o que acontece aqui. Com um portfólio versátil e integrado, a NSC oferece também as melhores soluções de comunicação para marcas que querem se conectar aos catarinenses.</p> <p>Conheça um pouco mais sobre a relevância e credibilidade dos jornais [...] 63% das pessoas afirmam que os anúncios em jornais têm mais credibilidade do que em qualquer outra mídia. +2,7 bilhões de pessoas no mundo leem jornais impressos todos os dias. 59% dos leitores têm atenção exclusiva para o veículo e afirmam não realizar outra atividade enquanto leem o jornal.</p>
--------------------------------------	---

Fonte: síntese da autora com base nas informações disponíveis *online*⁵⁵

No Quadro 7, aparecem termos como *conteúdo de qualidade*, *relevância e credibilidade dos jornais* e ainda *mais credibilidade que qualquer outra mídia*. O que debati ao longo desta seção, em sintonia com o que aponta Bonini (2019), é que grupos dominantes de comunicação se utilizam dos argumentos de relevância e credibilidade para defender sua posição de fazer jornalismo sério, imparcial e objetivo (assim defendem que tal conduta é possível).

Além dessas passagens, a NSC também se coloca como um meio plural, um traço do discurso jornalístico dominante apontado por Bonini (2019). A empresa pretende, assim, em suas palavras, empoderar a comunidade a partir da amplificação das suas vozes. Com isso, ela transmite uma imagem de mídia engajada, preocupada com a sociedade e com causas sociais. No entanto, essa pode ser uma forma, bastante disfarçada, de preservar seu discurso de imparcialidade e sua posição de controle de informação, pois esse argumento sugere que, abordando todas as vozes e os pontos de vista sobre um fato, o jornal não teria favorecimento a nenhum, se mantendo assim neutra e deixando que o leitor/expectador forme suas opiniões sobre os assuntos.

Peruzzo (2009) reflete que as mídias dominantes trazem pautas populares, ao falar diretamente sobre uma comunidade, por exemplo, mas dificilmente, existiria

⁵⁵ Os textos completos podem ser encontrados em < <https://www.nsccomunicacao.com.br/quem-somos/#quem-somos>> e < <https://negociossc.com.br/midia-kit-nsc-tv/>> O último acesso a esses sites foram feitos em 30 de outubro de 2019.

nesses veículos uma preocupação social e legítima com questões como a de emancipação de grupos minoritários. Pode-se dizer ainda que grupos jornalísticos dominantes teriam interesse em lucrar com tais pautas, pois, segundo Ferreti-Soares (2013), essas poderiam ser vistas como investimento em iniciativas de cunho social a favor da instituição empresarial, quando o foco não está na resolução do problema em si, mas na potencialidade dele gerar lucro e audiência. Ou seja, faz parte da sustentação da lógica capitalista.

Pode-se dizer também, com base em Barbosa (2012) e Bonini (2018), que o jornalismo dominante se configura como um agente que defende a propagação e a manutenção desse tipo de estrutura social neoliberal, que privilegia apenas as elites. Aliás, as grandes redes de comunicação no Brasil, como a Globo e suas filiadas, são geridas pela classe burguesa conservadora, que têm interesse na continuidade desse sistema.

Para Resende e Ramalho (2006), com base em Bourdieu (1998), o neoliberalismo enquanto discurso adota uma visão fatalista de que só existe uma forma de a sociedade funcionar e, ao fazer isso, naturaliza suas práticas de agir ao mesmo tempo em que negam a existência de alternativas de operar de modo diferente. Ainda segundo as autoras, o neoliberalismo faz isso ancorado em discursos modernos, revolucionários e progressista. Pode-se dizer que as marcas linguísticas de *credibilidade*, *relevância*, *neutralidade*, *imparcialidade*, *objetividade* e *pluralidade de vozes* seriam formas de acionar esses discursos.

Percebo que essas marcas linguísticas também foram utilizadas por alguns jornais de bairro analisados anteriormente quando eles falaram de si. Desse modo, a forma que a mídia dominante utiliza para definir sua prática de jornalismo acaba por reverberar em meios comunicacionais menores, como os comunitários em Florianópolis. Posto de outra forma, o jornalismo dominante diz que para ser um meio de comunicação sério e respeitável, é preciso ter credibilidade, qualidade, ter fidelidade ao narrar os fatos e assim ser objetivo. Dessa forma, ele cria uma identidade do que é fazer jornalismo. Essa mesma identidade é, por vezes, ensinada na esfera acadêmica em cursos de graduação e, assim, institucionaliza-se a manutenção de um ciclo, que nega a existência de outras possibilidades⁵⁶.

⁵⁶ Em uma conversa informal com a jornalista Mayara (do Portal Desacato), antes da roda de conversa com os alunos e alunas da escola Lázaro Marques, ela mencionou sua própria formação. Para ela, durante sua graduação no curso de jornalismo predominou ensino dos aspectos do jornalismo dominante.

Antes de encerrar essa seção, cabe também refletir sobre o tipo de poder exercido pelos meios de comunicação, principalmente os hegemônicos e aqueles que seguem sua mesma linha⁵⁷. Thompson (1998), com base nas discussões de Michael Mann, sugere que existem quatro tipos de poder: o econômico, o político, o coercitivo e o simbólico. O último seria o tipo de poder característico da mídia. Uma síntese sobre essas características é apresentada no Quadro 8.

Quadro 8 – Formas de poder

Formas de poder	Recursos	Instituições paradigmáticas
Poder econômico	Materiais financeiros	Instituições econômicas (p.ex. empresas comerciais)
Poder político	Autoridade	Instituições políticas (p.ex. estados)
Poder coercitivo (especialmente poder militar)	Força física e armada	Instituições coercitivas (especialmente militares, mas também a polícia, instituições carcerárias, etc.)
Poder simbólico	Meios de informação e comunicação	Instituições culturais (p.ex. a igreja, escolas e universidades, as indústrias da mídia, etc.).

Fonte: Thompson (1998, p. 25)

Thompson destaca que as categorias descritas no Quadro 8 são de caráter analítico e que, na realidade, diferentes tipos de poder costumam se sobrepor de maneira complexa e variada (THOMPSON, 1998). O autor apresenta o exemplo da Igreja Católica que, ao longo da história, deteve um grande poder simbólico e político. Nos dias atuais, pode-se refletir que o poder da mídia, embora seja relacionado ao poder simbólico, muitas vezes, se relaciona ao poder econômico e político – principalmente nos contextos das mídias dominantes. Por exemplo, no contexto do julgamento do Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, as fronteiras entre o poder simbólico, político, econômico e, até mesmo, coercitivo tanto da mídia como de outras instituições, são quase imperceptíveis.

A noção de poder simbólico, para Thompson, está ligada às atividades de produção, transmissão e recepção de formas simbólicas. Esse poder associa-se à

Segundo ela, sua formação no jornalismo independente tem ligação com sua prática profissional no Desacato.

⁵⁷ Me refiro a poder para Thompson, como a “capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas consequências” (THOMPSON, 1998, p. 21).

“capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos do meio da produção e da transmissão das formas simbólicas” (THOMPSON, 1998, p. 24). Também segundo o autor, “as ações simbólicas podem causar reações, liderar respostas de determinado teor, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer e descrer, apoiar os negócios do estado ou sublevar as massas em revolta coletiva” (THOMPSON, 1998, p. 24).

Ao trazer esse conceito de poder simbólico de Thompson não estou querendo propor que meios de comunicação independentes, como os que cooperaram com o desenvolvimento do nosso jornal escolar, se distanciem completamente de tais práticas. Esses veículos também exercem influência sobre sujeitos e acontecimentos. No entanto, seus propósitos não são desigualitários como os da mídia dominante, que atua com o objetivo de alimentar um sistema que fortalece apenas uma pequena parcela da população. Pelo contrário, veículos independentes propõem-se a exercer um poder simbólico para sugerir outros caminhos, outras possibilidades que visem a superação desse modelo.

Posto de outro modo, embora a manutenção dessa estrutura seja do interesse de certas classes e esses mesmos grupos queiram que se pense que não há possibilidade para outros tipos de prática, o jornalismo independente pode ser uma forma de romper com essa lógica. Ao invés de defender a objetividade, os jornais filiados a essa perspectiva, como os analisados nesta pesquisa, se posicionam a favor da marcação de posicionamento. A discussão em torno deste tipo de prática é o assunto da próxima seção.

4.2 DO JORNALISMO COMUNITÁRIO DE FLORIANÓPOLIS PARA O INDEPENDENTE

Segundo as discussões iniciadas na seção anterior, os jornais de bairro de Florianópolis, em sua maioria, parecem manter proximidade com o jornalismo dominante. Bonini (2017) já apontava essa gradação em termos do alinhamento desses jornais com o discurso dominante do jornalismo, embora realçando as possibilidades de eles se contraporem a esse discurso. Segundo ele:

Os jornais comunitários são mídias alternativas ao jornal convencional e, como tal, em alguma medida questionam o papel dominante desse último. Ou seja, são projetos contra-hegemônicos em diversos graus de oposição, a depender dos grupos e práticas aos quais estejam ligados. (BONINI, 2017, p. 171).

A gradação ocorre, mas não chega a ser uma prática jornalística alternativa, pois esses jornais de bairro, em sua maioria, partem de discursos que são característicos dos grupos hegemônicos como o da *neutralidade e objetividade da narrativa*, *credibilidade do conteúdo* e o da *pluralidade de visões*. Esse foi um dos motivos pelo qual em um momento da condução desta tese foi repensado o trabalho colaborativo com esse grupo. Outra questão considerada para a mudança no curso da pesquisa foi o fato dos jornais comunitários listados anteriormente não atuarem na região da escola.

Por isso, procurei uma aproximação com jornais que tivessem ações sociais mais bem marcadas, como o Desacato e o Maruim. Essa mudança tem relação com uma busca por um tipo de jornalismo preocupado com a diminuição de assimetrias e desigualdades. Pode-se dizer que esse tipo de jornal, ao contrário do discurso da mídia convencional, defende a adoção de um viés que olha para a realidade dos fatos de forma posicionada. Inicialmente, foram escolhidos três portais para o trabalho colaborativo, sendo eles: Portal Catarinas, Coletivo Maruim e Portal Desacato⁵⁸. Os três funcionam no meio digital e são veículos comprometidos com mudanças sociais. Além disso, ao contrário dos jornais de bairro anteriormente apresentados, Catarinas, Maruim e Desacato não defendem o discurso da objetividade, mas marcam posicionamento frente aos assuntos tratados.

Catarinas é um portal de jornalismo especializado em assuntos com perspectiva de gênero, feminismos e direitos humanos. Na prática, não foi possível planejar trabalhos conjuntos, pois não consegui estabelecer e manter contato com os representantes do portal. Apesar disso, coloco o portal como exemplo de jornalismo independente que se contrasta daquele descrito na seção anterior.

Segundo seu site, “a linha editorial de Catarinas se encontra na intersecção entre o jornalismo como um direito e os direitos humanos como uma premissa básica para a produção do jornalismo” (PORTAL CATARINAS, 2019). As escritoras que colaboram com o portal não se identificam apenas como comunicadoras, mas também

⁵⁸ Um primeiro ponto que se destaca são os nomes desses portais em relação aos dos jornais de bairro apresentados anteriormente. O título desses veículos já carregam uma certa postura daquilo que eles representam, ao contrário dos informativos de bairro que em sua maioria carregavam o nome de *jornal* e da localidade que faziam referência.

como ativistas engajadas com mudanças sociais. Ainda segundo a linha editorial, descrita em meio eletrônico, o veículo tem objetivo de perceber as desigualdades de gênero existentes na sociedade e se posicionar no intuito de superá-las.

Para Barbosa (2012), por vezes o jornalismo hegemônico e o jornalismo popular noticiam os mesmos assuntos. A diferença entre os dois veículos está na maneira como o tema é construído nos meios populares. Desse modo, ao contrário da neutralidade, se adota um posicionamento marcado na narrativa. Esses aspectos podem ser percebidos na linha editorial do Portal Catarinas, que abertamente se posiciona como meio de comunicação que aborda questões de gênero e de luta social.

De modo semelhante, o Coletivo Maruim tem como norte a ampliação e a diversificação dos canais de informação na cidade de Florianópolis (MARUIM JORNALISMO, 2019). Com finalidade de transformar a realidade, busca a democratização da comunicação, pois, segundo o coletivo, o jornalismo independente é sufocado pela falta de um marco regulatório das comunicações no Brasil. Tem interesse mais aprofundado nas seguintes temáticas: meio ambiente, mobilidade, segurança pública e ocupação do espaço urbano.

Maruim é um coletivo de jornalismo fundado por alunos/as e ex-alunos/as do curso de jornalismo da UFSC. Propus um trabalho colaborativo com o portal pela minha proximidade com a instituição e por acreditar que eles teriam interesse em contribuir com o projeto. Durante a pesquisa, conversei com uma representante do coletivo que deu sugestões para a produção do jornal escolar; todavia, as ações desencadeadas com esse coletivo não culminaram com a ida deles enquanto coletivo até a escola. Analiso as interações com Maruim na seção 4.4 deste capítulo.

Por fim, o Desacato pode ser considerado um dos maiores portais de jornalismo independente em Santa Catarina, uma vez que é um forte atuante no cenário do estado. Atualmente funciona como uma cooperativa, tendo sido fundado em 2007. O portal defende a soberania comunicacional popular e busca a promoção da outra informação que não costuma aparecer na mídia monopólica (PORTAL DESACATO, 2019). Ainda segundo o próprio portal, ele foi criado e desenvolvido com o propósito de informar, educar, formar e contribuir para a transformação da sociedade.

Nas conversas com um de seus representantes, o veículo foi identificado como alinhado ao campo progressista e de esquerda com postura anticapitalista e anti-imperialista. Assim, ele produz conteúdos que tenham como objetivo questionar a

estrutura conservadora neoliberal a fim de atuar como movimento promotor de mudanças sociais⁵⁹. Ele conta com uma série de projetos próprios e de colunistas espalhados por Florianópolis, Santa Catarina, Brasil e América Latina. Desse modo, consegue fazer uma ampla cobertura dos acontecimentos. A cooperativa Desacato foi a que mais colaborou com esta pesquisa, indo até a escola e propondo uma ação direta com os alunos e alunas.

Em síntese, ao contrário da realidade dos jornais comunitários apresentados na seção anterior, os três portais de jornalismo independentes citados não vendem espaços publicitários com finalidade de gerar renda para seu funcionamento. Catarinas, Maruim e Desacato se mantêm ativos por meio de financiamentos coletivos em que leitores fazem doações para que os conteúdos de cada portal sejam produzidos. Percebo que há outro tipo de lógica operando nesses jornais: antes de atuarem como negócios rentáveis, eles são projetos sociais conduzidos por seus membros. Nas interações que tive com representantes do Desacato, a questão do ativismo social ficou muito clara: a cooperativa é um projeto de vida, uma forma que seus integrantes encontraram de firmar um compromisso social, ou de produzir conteúdo jornalístico que possam, em alguma medida, agir na transformação da realidade.

No início deste capítulo, retomei o conceito de jornalismo popular (que também por vezes é tratado como alternativo e/ou comunitário). Tal noção está relacionada às lutas de determinados grupos sociais por melhores condições de vida (PERUZZO, 1998; 2009). Por ser diretamente vinculada a causas populares e movimentos sociais, esse tipo de prática jornalística busca ser um meio de comunicação desses grupos, que serve para divulgar as suas ações e, assim, lutar por mais visibilidade e mudanças sociais. Tais jornais, desse modo, estão do lado oposto do jornalismo dominante que sustenta práticas conservadoras ligadas a interesses específicos da elite (SOARES, 2006).

As análises realizadas entre 2016 e 2017, quando foram coletados periódicos de bairro e observadas as experiências desse tipo de jornalismo na cidade, abriram espaço para o levantamento de outras práticas de jornalismo, levando-me a uma maior aproximação com esses portais (Catarinas, Maruim e Desacato)⁶⁰ que apresentam uma

⁵⁹ Segundo Diário de Campo da conversa presencial com o Desacato ocorrida no dia 01/03/2019 (Apêndice C da tese).

⁶⁰ Durante o decorrer desta pesquisa, ao contrário do que foi realizado com os jornais de bairro, não foi feito um levantamento de todos os portais de jornalismo independentes que existiam em Florianópolis.

prática de jornalismo mais popular do que a maioria dos jornais de bairro listados anteriormente. Por isso, foi decidido sair do discurso da objetividade e entrar no campo do jornalismo de posicionamento marcado e comprometido com a transformação social. Na subseção seguinte, debato a forma de atuação desses jornais, considerando as interações que tive com cada um deles. Sobre isso, destaco que, destes três portais, houve colaboração do Coletivo Maruim e da Cooperativa Desacato, mas somente o Desacato foi até à escola para conversar com os alunos e alunas.

4.2.1 A forma de atuação do jornalismo independente em Florianópolis

Pode-se dizer que os três portais de comunicação listados anteriormente (Catarinas⁶¹, Maruim e Desacato) não atuam da mesma forma e nem com o mesmo grau de intensidade na cidade de Florianópolis. Enquanto Catarinas e Desacato produzem um maior volume de conteúdo, Maruim desenvolve matérias de maneira mais esporádica. Além disso, durante o tempo de condução desta tese, observei que não parece existir um trabalho colaborativo ou conjunto entre esses três periódicos, enquanto projetos de jornalismo independente da cidade. Ao que parece, cada um deles atua em função de suas próprias demandas. Penso que isso pode, em parte, ter comprometido as ações que poderiam ter sido desencadeadas na escola e na produção de um jornal escolar a partir de uma parceria com o jornalismo independente. Por isso, ao longo desta seção, detalho informações sobre esses portais, com base nas minhas interações com eles.

Posto isso, as relações estabelecidas com representantes do jornalismo independente não foram tão fluidas, principalmente, no início do desenvolvimento do projeto. Os primeiros contatos foram por mensagens eletrônicas que geravam respostas demoradas. Esse foi um dos motivos pelos quais durante a produção da primeira edição da Folha Lázaro Marques não houve um momento destinado à conversa dos alunos e alunas com jornalistas desses portais. Da minha parte, como autora e articuladora das

Selecionei esses portais por notar neles uma preocupação com a transformação social. O trabalho com esses grupos e não outros, foi uma escolha da autora, orientador da pesquisa e participantes do jornal escolar produzido.

⁶¹ Embora inicialmente Catarinas tenha sido um jornal que foi levantado para o trabalho colaborativo, não consegui estabelecer contato com a equipe do portal. Troquei algumas mensagens eletrônicas com um representante do jornal, mas não tive mais resposta dessa representante depois de um tempo. Por essa razão, apesar de usar esse grupo como exemplo de jornalismo independente, não o considero nas análises.

ações de pesquisa, penso que pode ter faltado uma atitude mais incisiva no momento do planejamento das ações.

Por exemplo, o coletivo Maruim, inicialmente, iria fazer uma fala para os alunos e alunas da escola Lazaro Marques em 2018, nos primeiros meses do desenvolvimento do jornal. O encontro havia sido combinado por mensagens eletrônicas, todavia não se concretizou, pois os integrantes não responderam mais minhas mensagens. As primeiras conversas com o Portal Desacato ocorreram de modo mais harmônico, mas, ainda em 2018, eles pediram que, a interação com os alunos fosse agendada com mais ou menos trinta dias de antecedência.

Aliado a isso, apesar da boa receptividade da Professora Edna, que também é pesquisadora, ao longo do projeto alguns imprevistos aconteceram como falta de água na escola, eventos que competiram pela atenção dos estudantes (festa junina e uma parceria da escola com uma universidade privada, por exemplo), reuniões pedagógicas nos dias dos encontros, etc. Essas situações não permitiam que se tivesse um cronograma de atividades tão rígido. Isso também pode ter sido uma problemática no momento das ações com os jornalistas.

Além disso, outro fator contribuiu para que não fosse possível marcar ações com esses jornalistas no primeiro ano da pesquisa: 2018 foi um ano de eleições presidenciais (atípicas, se poderia dizer), o que deixou os integrantes desses portais sobrecarregados com suas próprias atividades, uma vez que os dois se envolveram diretamente na construção de conteúdo e de ações contrárias à campanha de Jair Bolsonaro.

No segundo ano da pesquisa, consegui melhorar a comunicação com os dois portais de jornalismo independente. Foi realizando encontros presenciais com eles que pude apresentar o projeto. Nessas ocasiões eles puderam fazer sugestões e apontamentos sobre o processo de condução das atividades e também sobre jornal escolar já elaborado. A partir dessas reuniões começamos a planejar como seriam os encontros na escola.

Das minhas conversas com o coletivo Maruim, uma das questões que foram discutidas foi o fato de que seus representantes, enquanto jornalistas, gostariam de ter uma atuação mais significativa na cidade, o que era comprometida por uma questão financeira. Grande parte das pessoas que fazem parte do Maruim precisam ter outros empregos, além do trabalho no portal, para garantir seu sustento. O portal pode ser visto

como um projeto social para seus integrantes em que os conteúdos são produzidos paralelamente a outras demandas das vidas dos seus produtores⁶².

Acredito que isso possa ter influenciado para que esse portal não conseguisse atuar mais diretamente nas ações que foram planejadas na escola. Embora eu tenha me encontrado com uma jornalista do portal e ela tenha feito considerações sobre o jornal escolar, até o final da entrada em campo da pesquisa, o Maruim não conseguiu ir até a escola para falar diretamente com os alunos e alunas.

A realidade do Desacato é um pouco diferente, talvez por ser um portal mais antigo e mais bem estruturado. A cooperativa consegue manter suas atividades através de projetos de financiamento coletivo. Aliado a isso, ao falar com alguns de seus representantes, percebi que o trabalho tem uma função social muito grande para as pessoas que participam do portal, que parece pesar mais do que a questão de rentabilidade. Dos três veículos de jornalismo independente com os quais eu havia entrado em contato, o Desacato acabou sendo o único que pôde ir até a escola propor uma roda de conversa com os alunos e alunas. Detalho esse evento na próxima seção.

Desse modo, ao que parece, a questão financeira dita a forma de atuação desses portais, fazendo com que alguns produzam mais e outros menos conteúdos jornalísticos, como também interfere no fato de alguns terem mais ou menos tempo para um trabalho social, no campo da educação, como foi proposto neste estudo. Não posso afirmar exatamente quais foram as razões que fizeram com que o portal Desacato participasse mais ativamente da construção dos dados de pesquisa do que o coletivo Maruim. Contudo, considero negativo que, dos três portais do jornalismo independente levantados previamente para o trabalho colaborativo, só tenha conseguido desenvolver ações na escola em parceria com o projeto.

Isso faz com que eu questione o fato de que no campo conceitual esses portais se coloquem como projetos independentes, preocupados em desenvolver um outro tipo de jornalismo, que favoreça questões sociais, mas que, em contrapartida, na prática, ao menos do contexto desta pesquisa, não tenha existido uma participação efetiva. Saliento que não estou dizendo que não haja produção de conteúdo crítico e questionador das estruturas vigentes por esses portais. Apenas sugiro que contribuir com projetos de educação e de formação crítica deveria ser uma iniciativa que

⁶² Informação com base no Diário de Campo da conversa presencial com o Maruim ocorrida no dia 12/03/2019, que se encontra no Apêndice C desta tese.

motivasse mais esses jornais, tendo em vista o atual momento de despolitização, com a ascensão de fenômenos da pós-política e, mais recentemente, da ultra-política⁶³, em que os discursos extremistas ganham cada vez mais adeptos.

Nas variadas esferas sociais, não há mais espaço para isenção; sejamos jornalistas, professores, pesquisadores, independente de nossa atuação profissional, quando houver possibilidade de formação crítica e de trabalho de base há um compromisso social que precisamos firmar.

4.3 AS PRÁTICAS COLABORATIVAS ENTRE O JORNALISMO INDEPENDENTE E A ESCOLA LÁZARO MARQUES

Conforme mencionado ao longo deste capítulo, apenas o Portal Desacato foi até a escola para falar com os alunos e alunas sobre o jornal escolar. No entanto também conversei com uma jornalista do Coletivo Maruim, que analisou a primeira edição do jornal e, a partir disso, fez sugestões para o desenvolvimento da segunda edição. Por isso, considero que a aproximação com os dois portais do jornalismo independente favoreceu a produção da segunda edição da Folha Lázaro Marques, pois os dois coletivos fizeram sugestões (ou propuseram atividades) que mudaram a forma de fazer o jornal, mesmo que tenham interagido com a pesquisa de forma diferente. Ao longo desta seção relato como foram realizadas as práticas colaborativas entre o jornalismo independente e a escola.

Quando encontrei presencialmente os representantes dos dois portais, uma recomendação vinda tanto do Desacato quanto do Maruim foi a de inserir nas atividades de elaboração do jornal um momento de maior atenção para a escolha da pauta e o debate coletivo dessas pautas. Essas conversas ocorreram em março de 2019, quando já havia uma edição do jornal escolar elaborada. No entanto, nessa primeira edição da Folha Lázaro Marques não houve uma exploração aprofundada das pautas, sobretudo

⁶³ Para Fernandes (2019), com base em Žižek, a ultra-política também é um tipo de despolitização. Para autora, enquanto na pós-política o antagonismo seria esvaziado em favor da tecnocracia democrática-liberal, na ultra-política o antagonismo seria substituído por ódio, por medo e pela gestão do pânico pela via conservadora e de forma autoritária. Ou ainda, conforme a autora, “enquanto a pós-política reduz a democracia a processos, a ultra-política introduz o desprezo à democracia se necessário, ou despolitiza a ponto de governar *democraticamente* apenas para um grupo em detrimentos de outros” (FERNANDES, 2019, p. 255). Para autora, esse parece ser o momento da conjuntura atual da presidência de Jair Bolsonaro.

por falta de tempo, já que o projeto iniciou somente em outubro de 2018 e foi até dezembro. Uma versão experimental do jornal foi realizada nesse período que serviu mais para que analisássemos o que precisava melhorar e/ou ser aprofundado na segunda edição.

Para a segunda edição da Folha, eu, a professora Edna e os próprios alunos e alunas da escola já havíamos sentido a necessidade de esmiuçar mais os momentos pré-escrita com vistas a fazer com que os alunos e alunas tivessem o que dizer, razões para dizer e estratégias de dizer (GERALDI, 1991). A reafirmação dos jornalistas da importância desse momento serviu para acentuar essa prática, mas também pode ser visto como um processo desencadeado entre essas duas instâncias jornalismo-escola, bem como resultado das reflexões resultantes de outras experiências de produção de jornal escolar (COUTO, 2016; BONINI, 2017; BERGAMO, 2018).

Desse modo, assim que o projeto foi retomado, em março de 2019, no primeiro encontro houve a escolha da pauta geral do jornal, ou seja, dos assuntos que cada aluno e aluna, em grupo ou individualmente, exploraria, produzindo um texto para compor a segunda edição do jornal. A partir da escolha dos temas, as aulas seguintes foram destinadas a debates aprofundados sobre cada assunto a fim de constituir as pautas individuais.

Grosso modo, o debate enquanto gênero pode ser visto como uma “discussão sobre uma questão controversa entre muitos participantes que exprimem suas opiniões ou atitudes, tentando modificar a dos outros ou ajustando as suas próprias em vista de construir uma resposta comum para uma questão inicial” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2011, p. 166).

No contexto desta pesquisa, a intenção não foi gerar debates apenas de temas controversos, apesar de alguns assuntos assim terem sido discutidos (como o aborto e os maus tratos aos animais, mais especificamente quanto à Farra do Boi), mas sim propiciar para a turma situações em que todos os alunos e alunas eram convidados a participar de uma conversa, trocando opiniões a fim de construir significados coletivos sobre um determinado tema. Também não foi a intenção que um debate levasse toda a turma a um consenso sobre o assunto posto em discussão. A finalidade principal dessas discussões era gerar mais embasamento para o momento da escrita dos textos.

Coloco ainda que os debates das pautas foram realizados a partir de textos (matérias de outros jornais, vídeos, sites, etc.⁶⁴) levantados, por vezes, pelos próprios alunos e alunas e outras vezes por mim e pela professora quando a turma não trazia informações prévias que guiassem a discussão. A meta da pesquisa sempre foi de que o jornal como um todo fosse coordenado pelos alunos e alunas; por isso, sempre que possível partíamos da leitura de mundo deles e delas.

Nos debates, fazíamos uma leitura coletiva dos textos e depois, em grupo, cada aluno ia expondo suas considerações sobre os temas. Percebo que esse tipo de interação melhorou significativamente tanto o envolvimento dos alunos e alunas com o projeto em si como também os textos finais, que entraram na segunda edição do jornal. Em comparação com a edição anterior da Folha, a segunda edição do jornal dobrou de tamanho com a publicação de textos autorais que serão analisados no sexto capítulo da tese.

Além dos debates, uma representante do coletivo Maruim sugeriu que, na escolha das pautas e na produção dos textos, os alunos e alunas buscassem abordar os temas locais, fazendo referência à sua própria realidade e/ou explorando questões da cidade. Levei esse ponto para ser abordado com a turma e isso também foi colocado em discussão no momento em que dois jornalistas do Desacato foram até a escola para uma roda de conversa ocorrida em maio de 2019. As decisões finais sobre os textos foram da turma, mas vejo que tais orientações dos jornalistas aparecem em três matérias da segunda edição do jornal: no artigo de opinião sobre maus tratos aos animais, que abordou a caça de baleias e a Farra do Boi, considerando como isso era posto na realidade da cidade; a carta aberta contra o machismo em que duas alunas fizeram um texto que se referia a um contexto mais imediato da própria escola; e nas entrevistas sobre o estilo musical preferido da escola.

Na primeira edição do jornal, duas matérias exploraram questões locais: uma entrevista que comentava o que as/os estudantes pensavam da escola e um artigo curto

⁶⁴ É importante pontuar que nos debates trabalhamos, principalmente, com vídeos vindos de canais de *Youtube*, por ser a forma preferida de texto dos alunos e alunas. Quando era preciso levar um material jornalístico de leitura para o debate, eu, enquanto pesquisadora mediadora das ações, buscava sempre levar matérias de *sites* da mídia independente, em especial do Desacato e do Maruim, devido à parceria estabelecida. Mesmo assim, por vezes algo da mídia dominante também foi considerado nas discussões, muitas vezes levantada pelos próprios alunos e alunas ou pela professora e pesquisadora como forma de contraponto. Nesses casos buscávamos debater criticamente as intenções dos textos produzidos. Aponta-se, ainda, que esta tese buscou questionar a mídia dominante e colocar modelos alternativos de jornalismo em todos os momentos possíveis. Contudo, é impossível em algumas situações não falar sobre grupos dominantes de comunicação, dada a tamanha influência desses grupos na sociedade.

sobre o *rap* em Florianópolis, que apesar de ter esse tema, tratava do assunto de forma bastante breve. Nesse sentido, houve um aprofundamento no tratamento das pautas e das questões dos contextos dos alunos durante o segundo semestre de produção do jornal.

O Desacato em duas ocasiões – primeiro em março quando me encontrei presencialmente com representantes do jornal pela primeira vez e, depois, em maio, no dia que dois jornalistas foram à escola para conversar com a turma – falaram que achavam importante que os alunos e alunas fossem levados até onde as notícias surgem e/ou acontecem. Não foi possível tirar a turma da escola, uma vez que esse tipo de ação envolvia uma série de questões burocráticas, que não eram controladas apenas por mim, mas houve um estímulo para que as/os estudantes buscassem entrevistar pessoas e coletar informações para qualificar seus textos fora do horário escolar.

Talvez, como reflexo desse estímulo, possa ser colocado como exemplo a carta aberta contra o machismo, elaborada por Lara e Liliana. Para produção desse texto, as duas meninas criaram um grupo de discussão no *WhatsApp* para, coletivamente com outras mulheres da turma, trocarem experiências sobre como elas lidavam com o machismo. O artigo de Paulo, que tratou da relação entre violência e *games* (jogos virtuais), trouxe a posição de policiais sobre o tema. Fora da escola, Paulo resolveu fazer entrevistas com esses sujeitos. Mesmo que possa ser questionado o tipo de posição defendida por policiais, vejo como positivas as ações desse e dessas estudantes que levaram o projeto para fora da sala de aula, transformando o jornal em uma experiência mais significativa para sua formação.

A ida do Portal Desacato para uma roda de conversa com o nono ano no dia 29 de maio de 2019 pode ser considerada a ação mais colaborativa desencadeada entre a escola e o jornalismo independente no âmbito da pesquisa. Nessa situação houve interação direta entre os/as alunos/alunas e os/as jornalistas, ao contrário das outras sugestões dadas por mim e discutidas em momento posterior com a turma.

Enquanto gênero, a roda de conversa pode ser vista como um instrumento didático-metodológico que pode conduzir à organização de espaços dialógicos, partilhas de ideias e debates (BERTONCELI, 2016). Ainda para a autora, na esfera escolar, essa situação social é mais que uma simples conversa, pois a roda de conversa possibilita um diálogo entre os saberes escolares e os conteúdos culturais relacionados à transmissão de valores sociais (BERTONCELI, 2016).

Esse foi um dos motivos pelos quais se elegeu que a conversa a ser realizada com os jornalistas, bem como outras situações ocorridas na produção do jornal, seriam articuladas por meio de rodas de conversas. Esse tipo de prática social permite uma relação menos hierarquizada do que uma palestra, por exemplo, quando há um arguidor falando sobre um tema e uma audiência escutando calada. Também rompe com a visão de aula tradicional, em que o professor é posto como figura detentora de todos os conhecimentos e os alunos/alunas ficam como seres passivos. A roda de conversa é aberta e permite troca de experiências constantemente. A Figura 9 retrata o momento que a roda de conversa com o Desacato foi realizada.

Figura 9 – Roda de Conversa do Portal Desacato com o nono ano da escola Lázaro Marques⁶⁵



Fonte: Foto do Portal Desacato

A ACG de articulação freireana, tal como proposta por Bonini (2010; 2013; 2017), é a abordagem teórico-metodológica que sustenta esta tese, embasando todas as ações do desenvolvimento do jornal escolar a partir do jornalismo independente. Por sua aproximação com os postulados de Paulo Freire, um dos propósitos foi a criação na sala de aula de um espaço dialógico, que considerasse a voz dos/das alunos/alunas e que visse esses/essas sujeitos/sujeitas como autores completos/completas.

⁶⁵ A fotografia foi feita da porta da sala de aula por uma câmera de vídeo do Portal Desacato. Por isso, não mostra a turma toda, mas simboliza o acontecimento e tem função de ser ilustrativa. Para manter preservada as identidades desses/dessas adolescentes, um efeito foi usado a fim de não tornar os rostos dos/das sujeitos nítidos. Cabe ainda dizer que após a ida na escola, o Desacato publicou uma notícia sobre o projeto de tese e entrevistou alguns alunos e alunas para produção dessa matéria. A Figura 9 é um congelamento da matéria em vídeo gravada pelo portal.

Vejo que as elaborações de Paulo Freire estão em consonância com o trabalho proposto pela cooperativa Desacato que, durante essa roda de conversa, considerou os olhares de cada aluno/aluna como sujeito social. A roda iniciou com a apresentação dos dois jornalistas que foram até a escola (Mayara e James) e do trabalho desenvolvido pela cooperativa. Após esse breve momento, o restante da conversa foi conduzido pela turma que fez perguntas sobre a prática jornalística e, individualmente ou em grupo, cada um e cada uma falou sobre sua pauta e sobre o texto que estava produzindo. A partir disso, os dois jornalistas realizaram sugestões, instigando os alunos e alunas a explorarem metodologicamente cada assunto. Também trouxeram algumas nomenclaturas utilizadas no contexto do jornalismo profissional como: pauta quente, pauta fria, *hardnews*, *softnews*.

A troca possibilitada por essa roda de conversa motivou a turma na produção de seus textos. Embora nem todas as sugestões dadas pelos jornalistas tenham se materializado nos textos finais de cada estudante, considero que o evento da roda de conversa, juntamente com as situações de debates de pauta, foram acontecimentos importantes no decorrer da pesquisa que, de algum modo, ressignificou o jornal escolar em questão.

Depois que o jornal foi finalizado, encaminhei a segunda edição para os representantes do Desacato e do Maruim e pedi que eles e elas opinassem sobre a produção. Somente o Desacato teceu uma análise do jornal. Para os dois jornalistas que tinham ido até a escola fazer a roda de conversa, o resultado foi positivo. Os dois avaliaram que foi um aprendizado significativo para a turma. Também pontuaram que alguns textos tinham caráter de trabalho escolar, mas achavam essa questão normal, pois os/as estudantes escreveram textos mobilizando seus próprios conhecimentos de mundo. Posto de outro modo, os alunos e alunas da escola são estudantes e não jornalistas profissionais e o jornal escolar, nesse sentido, tem papel de funcionar como prática pedagógica para produção textual. Como visto na fundamentação teórica (seção 2.3), pode ser complicado quando projetos de jornais escolares perdem sua função didática, como relata a pesquisa de Campos-Antoniassi (2014).

Baltar (2010) denomina de *gêneros midiático-escolares* o gênero discursivo da esfera da mídia que é produzido na escola por um/uma estudante. Uma reportagem desenvolvida por um aluno/aluna no contexto de produção de um jornal escolar não seria o mesmo tipo de reportagem produzida por um/uma jornalista experiente. Trato

dessa questão com mais detalhamento no próximo capítulo, quando analiso o jornal como um hipergênero e os gêneros que se desmembram desse macro-enunciado. Bonini (2019) também traz à tona esse tema, sugerindo que o ideal é o/a estudante assumir sua identidade social (de estudante e de cidadão) e não de jornalista mirim. Em sua análise de jornais escolares brasileiros e argentinos, o autor afirma que:

En los periódicos brasileños estudiados, el enunciador se presenta como periodista niño. Es un rol que comprende la representación del enunciador como mediador comunicacional y por tanto la función de relatar los eventos, tomándolos como existentes por sí mismos (“virou” - quedo-se), sin una voz más personal o reflexiva. (BONINI, 2019, p. 122).

A principal prática colaborativa que pôde ser articulada entre o jornalismo independente para produção de um jornal escolar foi a roda de conversa. Quando essa pesquisa havia sido iniciada, se esperava chegar a um número maior de eventos entre essas duas instâncias (jornalismo independente-escola) e, embora não tenha sido possível atingir isso durante o período de geração dos dados, um caminho significativo foi desencadeado nesse processo. Na pesquisa de Diatel (2019) – que se trata de uma dissertação com a mesma turma de alunos e alunas sujeitos desta tese, tendo sido iniciada depois da produção das duas edições do jornal – a autora trabalhou com a produção de vídeos na esfera do jornalismo e continuou promovendo ações colaborativas com o portal Desacato, inclusive com a criação de oficinas ministradas por esses jornalistas para os alunos e alunas da turma.

Desse modo, por um lado se esperava, enquanto objetivo de pesquisa, desenvolver mais ações com o jornalismo independente. Mesmo assim, acredito que o que foi atingido pode ser visto como um início que abre caminhos para outras possibilidades de pesquisa. Nos dois próximos capítulos, analiso os jornais escolares produzidos no meu tempo de entrada em campo na escola Lázaro Marques. Começo discutindo os gêneros e as práticas sociais envolvidas no processo para depois analisar os momentos de transitividade crítica das/dos estudantes.

5. OS TEXTOS PRODUZIDOS PARA O JORNAL ESCOLAR E A SUA RELAÇÃO COM A ATUAÇÃO SOCIAL DAS/DOS ESTUDANTES

No capítulo anterior analisei aspectos do jornalismo independente na cidade de Florianópolis. Busquei entender sua forma de atuação e discorrer sobre práticas colaborativas que aconteceram entre esses jornais e a escola. Neste capítulo, o objetivo é investigar como as produções textuais dos alunos e alunas são práticas de produção de um jornal escolar a partir do jornalismo independente. As análises tecidas neste capítulo têm relação com o seguinte objetivo de pesquisa: *analisar a atuação social das/dos estudantes na produção de textos do jornal escolar a partir do jornalismo independente.*

Percebo que o jornal escolar permitiu às/aos estudantes um ensino e aprendizagem de produção textual a partir de práticas de linguagem contextualizadas. Por meio da escrita dos textos, os alunos e alunas da escola Lázaro Marques puderam atuar de forma crítica em parte pelas atividades desenvolvidas. Em termos de organização, neste capítulo, primeiramente retomo o processo de produção dos textos, detalhando as etapas de pesquisa e as atividades desenvolvidas. Depois, apresento o jornal como um hipergênero que pode ser visto como um macro-enunciado em que se desmembram partes menores. Por último, discuto a relação entre gênero discursivo e prática social na elaboração de textos para o jornal.

5.1 O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE TEXTOS PARA O JORNAL ESCOLAR

Para produzir textos para as duas edições do jornal escolar foram seguidas algumas etapas de pesquisa, que foram descritas na Metodologia (capítulo três). Conforme já mencionado, para o planejamento das atividades de produção do jornal, contei com pesquisas-base, produzidas pelo grupo de pesquisa da UFSC do qual eu faço parte. Desse modo, dispus das reflexões de Couto (2016), Bonini (2017) e Bergamo (2018) sobre suas experiências com o jornal escolar. Muitas das fases de pesquisa descritas ao longo desta seção têm como inspiração esses estudos prévios, pois busquei seguir procedimentos de pesquisa do grupo, aprofundando determinados aspectos que poderiam ser ainda explorados.

Desse modo, tendo como base essas pesquisas e a orientação da ACG, a presente pesquisa desenvolveu duas edições de jornal escolar que dão continuidade a um processo de ensino aprendizagem de LP que busca desencadear práticas sociais que possibilitem experiências críticas em termos do ensino de mídia nas escolas.

Para tanto, uma assembleia foi o evento que gerou as práticas de desenvolvimento do jornal. Destaco que as assembleias também foram propostas na pesquisa de Bergamo (2018). Tendo como base os preceitos da ACG (BONINI, 2013; 2014; 2017), a inspiração para o desenvolvimento de assembleias tem relação com a criação de um projeto coletivo, em que todos e todas teriam direito a propor alternativas, defender posições, votar, etc. Esses eventos podem ser definidos como situações de debate democrático e construção coletiva (BONINI, 2017).

No meu primeiro contato com a turma, houve a apresentação da pesquisa para o grupo que, conforme a metodologia de PP (DEMO, 2004), foi convidada a participar da construção do jornal. Também como já sinalizado anteriormente, inicialmente a turma não demonstrou grande interesse em participar das atividades de pesquisa, mas esse interesse foi crescendo ao longo do processo, sendo que no segundo jornal houve participação significativa delas e deles, como procuro mostrar ao longo deste relato.

Em nossa primeira assembleia, busquei entender a compreensão que a turma tinha de mídia, a partir da seguinte pergunta: *o que era mídia; Se ela exercia uma influência positiva ou negativa na vida das pessoas; e Quais mídias e/ou jornais a turma conhecia*. Tive as seguintes respostas: *“fotos, redes sociais, pessoas, vídeos, internet, aplicativos, música, rádio, Netflix, pesquisas, pesquisas críticas”* (DIÁRIO DE CAMPO 2018#1 e DIÁRIO DE CAMPO 2018#2).

As primeiras respostas da turma fizeram referência a redes sociais⁶⁶ do meio digital, algo que está no cotidiano desses jovens que utilizam seus celulares a todo momento, inclusive durante as aulas. Assim, não foi uma surpresa que os meios impressos não tenham aparecido logo de início. Vejo que fotos e vídeos são materiais que circulam na rede, isso pode justificar a associação realizada. O fato de que eles tenham mencionado pesquisas, e mais precisamente pesquisas críticas, pode se relacionar com o fato de que 2018 foi um ano eleitoral e as pesquisas sobre essa

⁶⁶ Meu objetivo com essas perguntas foi entender as impressões da turma sobre mídia e tipos de mídia que eles/elas conheciam. Nesse momento não tive objetivo de categorizar se redes sociais poderiam ou não serem caracterizadas como mídias. Com essa atividade, queria ir gradativamente direcionando para mídias não dominantes que eles poderiam conhecer, como jornais locais que circulassem no seu bairro.

temática estavam sendo amplamente divulgadas em diferentes veículos. Música e rádio podem também ter uma associação com a esfera digital, pois é um comportamento comum dos/das alunos/alunas dessa escola assistir as aulas com fones de ouvido (rádios podem ser acessadas nos *smartphones*, onde eles também podem ter muitas músicas armazenadas, por meio de diferentes aplicativos).

Quando perguntados sobre quais mídias conheciam, primeiro eles e elas mencionaram: *Facebook*, *WhatsApp*, *Youtube*, *Twitter*, *Instagram* (DIÁRIO DE CAMPO 2018#1 e DIÁRIO DE CAMPO 2018#2). Do mesmo modo como na pergunta anterior, primeiro eles trouxeram aquelas mais influentes no seu cotidiano, redes sociais digitais. Na sequência, um aluno falou dos jornais da televisão e aproveitei para pedir os nomes dos jornais que eles conheciam, e foram citados: Jornal Nacional, SBT, TV Cultura, NSC, Veja, Mundo Estranho, Capricho, Jornal Hora, Zero Hora, Folha de São Paulo. Jornais impressos e televisivos apareceram nesse momento misturados.

Depois que eles/elas terminaram de listar esses exemplos, perguntei se não conheciam uma mídia mais local, que atuasse nos seus bairros, como um jornal de igreja ou do local onde moravam. Ninguém tinha conhecimento sobre esse tipo de jornal, mas dois alunos perguntaram se eles teriam relação com conselhos comunitários e ao grêmio escolar, que a escola tinha encerrado recentemente. É interessante perceber que intuitivamente foi feita uma associação entre tipos de jornais não dominantes com meios promotores de direitos de determinados grupos.

Também perguntei se eles sabiam que textos apareciam nos jornais impressos, ao que disseram: “classificados, quadrinhos, notícias, reportagens, artigo de opinião, horóscopo, curiosidades, informações, violência, política, fofocas, charges” (DIÁRIO DE CAMPO 2018#1 e DIÁRIO DE CAMPO 2018#2). Embora possa ter havido uma confusão entre gêneros discursivos e assuntos, a turma mostrou ter um conhecimento prévio sobre a esfera jornalística. Isso poderia ser atribuído ao fato de que, nos últimos anos, os jornais estão presentes nos Livros Didáticos. Vejo também que, embora eles não tenham sido citados inicialmente quando perguntei o que era mídia, a turma entende do que se trata.

Por fim, questionei se eles/elas achavam que a mídia exercia uma influência positiva ou negativa nas pessoas. A turma ficou dividida com essa resposta. Parte alegou ser negativa por espalhar fofocas e *Fake News* (outra temática que estava sendo bastante divulgada por conta da disputa eleitoral). Além disso, uma aluna sugeriu que as

pessoas deixavam de ler livros, por exemplo, por conta da mídia, nesse caso se referiu aos celulares. Por outro lado, alguns alunos e alunas apontavam a importância da mídia para se obter informações.

Na aula seguinte, iniciei uma atividade que também tinha inspiração nos estudos de Couto (2016), Bonini (2017) e Bergamo (2018). Para esse exercício, trabalhei com os jornais de bairro levantados durante o andamento desta tese (grande parte desses jornais são os que foram apresentados e discutidos na primeira seção do capítulo anterior). O objetivo dessa aula foi ampliar o conhecimento sobre tipos de mídia e jornalismo, analisando jornais que a turma disse desconhecer. Essa atividade pretendeu colocar a turma em “contato com a diversidade de jornais, principalmente considerando que eles/elas pudessem emparelhar projetos alternativos ao jornalismo convencional dominante” (BONINI, 2017, p. 166).

Desse modo, foram distribuídos todos os jornais de bairro e, em grupos, as/os estudantes escolheram um que gostariam de trabalhar. Pedi que eles registrassem algumas informações sobre os jornais para depois compartilhar com a turma sobre o funcionamento de cada periódico. Assim, eles anotaram nome do jornal, data, ano, preço, periodicidade, local em que era produzido, abrangência. E também realizaram uma sondagem inicial sobre as manchetes desses jornais, chamadas de notícias, seções, cadernos e assuntos. Pretendi que eles identificassem aspectos observáveis desses jornais, como assuntos tratados, disposição do texto e imagens, anúncios, preço, localidade de produção, mas também aspectos que não se mostram explícitos em uma primeira leitura, como os objetivos do veículo – através da leitura dos editoriais –, a classe social a qual se dirigiam, os leitores que buscavam, etc. Depois discutimos coletivamente as diferenças desse tipo de jornal em comparação com aqueles que eles haviam citado na aula anterior. Com base nessa comparação, procurei mostrar que o jornal escolar também pode funcionar como uma mídia não dominante (como aponta BONINI, 2017), quando é composto por assuntos que interessam à turma e à escola e se abre para questões de igualdade e justiça social.

No próximo encontro, a atividade buscou mostrar a forma como um mesmo conteúdo jornalístico era publicado em jornais com características diferentes. A pesquisa de Bergamo (2018) propôs uma atividade semelhante que consistia na comparação entre manchetes de um mesmo assunto em diferentes jornais como também da leitura integral de notícias sobre determinado assunto em diferentes veículos. No

caso desta pesquisa, lemos e debatemos algumas notícias sobre violência nas ações policiais em Santa Catarina, em especial em Florianópolis, buscando identificar as semelhanças e as diferenças na forma como tal notícia tinha sido construída em diferentes *sites* (em veículos dominantes e independentes).

Essa atividade objetivou viabilizar uma comparação para trabalhar de forma prática com o conceito de mídia dominante e independente⁶⁷. Fizemos a leitura coletiva de cada texto seguindo uma ordem. Mostrei aos alunos/alunas como se estrutura a notícia, como ela é formada de *chamada, lide, texto e imagens, parágrafos curtos*. Também mostrei como os verbos ficam no tempo presente, marcando sempre o momento que o texto é lido. Ao final, busquei questionar a turma quanto ao que eles/elas entendiam sobre o que estava sendo noticiado e se percebiam diferenças na forma como o assunto aparecia nas diferentes notícias.

Minha intenção foi que eles percebessem que apenas na última matéria (texto do Coletivo Maruim) havia a marcação de um posicionamento mais claro quanto ao aumento de mortes por conta de ações da polícia. Ainda, apenas o último texto fazia uma análise da situação, enquanto os outros textos noticiavam informações a partir de dados sem se colocar no texto. Durante essa atividade, apesar de a turma responder de modo tímido, acredito que tenha sido um exercício importante para o entendimento deles/delas sobre um jornal e sobre como construir práticas sociais que busquem superar um modelo conservador de jornalismo.

Foram consideradas as práticas sociais a partir da articulação de quatro elementos: “discurso (ou semiose), atividade material, relações sociais (relações de poder e luta hegemônica pelo estabelecimento, manutenção e transformação das relações) e fenômeno mental (crenças, valores e desejos – ideologia)” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p.38). A atividade em questão buscou ilustrar esses quatro elementos de práticas sociais diferentes – duas do jornalismo dominante e uma representativa do jornalismo independente. Com as discussões geradas, tive a intenção de sinalizar a forma como discursos podem ser modificados.

⁶⁷ As matérias lidas em aula foram as seguintes: “SC tem a segunda menor taxa de assassinatos no país, diz pesquisa do Ipea”. Fonte: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/sc-tem-a-segunda-menor-taxa-de-assassinatos-no-pais-diz-pesquisa-do-ipea.ghtml> (último acesso em outubro de 2018). A segunda matéria lida foi “Mortes em decorrência de ações policiais crescem 78,5% em SC”. Fonte: <https://ocp.news/seguranca/mortes-em-decorrencia-de-acoes-policiais-cresce-785-em-santa-catarina> (último acesso em outubro de 2018). A última matéria lida foi “Mortes em ações da polícia militar dobram em Florianópolis enquanto demais índices de violência caem”. Fonte: <http://maruim.org/2018/10/12/mortes-em-acoes-da-policia-militar-dobram-em-florianopolis-enquanto-demais-indicies-de-violencia-caem/> (último acesso em outubro de 2018).

A próxima etapa de pesquisa foi uma nova assembleia que teve a função de estabelecer o tipo de jornal que seria criado, seu nome e os assuntos (pautas) que iriam compor a sua primeira edição. Para votação do nome, primeiro anotamos no quadro todas as sugestões e depois realizamos uma enquete. Surgiram as seguintes sugestões nesse dia: Jornal Lázaro Marques (3 votos); Jornal Consciência (0 votos); Mentas Abertas (3 votos); Jornal Para Todos (0 votos); Jornal da Escola (0 votos); Jornal do Dia (0 votos); Folha Lázaro Marques (8 votos); Jornal Atitude (0 votos); Notícias em Foco (0 votos); e Jornal em Foco (0 votos) (DIÁRIO DE CAMPO #05).

Desses nomes, percebo que surgiram escolhas bastante participativas e inclusivas com “*mentes abertas*”, “*jornal para todos*”, “*jornal consciência*”. No entanto, houve uma ampla votação para Folha Lázaro Marques, nome que reflete a influência da mídia dominante (Folha de São Paulo). Pode-se dizer que esse é um exemplo de como a experiência criada não consegue romper e superar logo de início a estrutura imposta pelo modelo conservador de jornalismo.

Bonini (2017) aponta que a criação do nome é um evento importante no desenvolvimento do jornal. Em uma experiência anterior de desenvolvimento de um jornal escolar, relatada pelo pesquisador, ele notou que surgiram nomes que podem ser categorizados em três grupos: variações com o nome da escola, registros que se referem a escola em si; e nomes que refletem a faixa etária dos estudantes. Na minha experiência também identifiquei nomes que falam da escola: *Jornal Lázaro Marques* e *Folha Lázaro Marques*. Nomes relativos à faixa etária da turma: *Jornal Atitude*, que pode fazer referência a nomes de revistas adolescentes.

No entanto, para além desses títulos, surgiram nomes que fazem referência direta ao jornalismo dominante: *Jornal do Dia*, *Notícias em Foco*, *Jornal em Foco* e *Folha Lázaro Marques*, novamente. E, ainda, nomes que poderiam se aproximar de uma concepção de jornalismo independente: *Consciência*, *Mentas Abertas* e *Jornal para Todos*. É importante que nomes desse tipo tenham surgido no processo, mesmo que não tenham sido eleitos, pois eles podem indicar uma consciência crítica da turma.

Na pesquisa de Bergamo (2018), os nomes de jornais que surgiram podem ser associados à escola/turma e à faixa etária dos estudantes. A autora relata que o nome escolhido para o jornal foi *Diário Escolar*, mas o título *Bagunça do Dia* teve uma quantidade significativa de votos. No entanto, por meio de deliberação da própria turma, sem interferência da professora, as alunas e alunos consideraram *Bagunça do Dia* uma

opção inadequada. Para a autora, a reflexão que gerou uma mudança de opinião coletiva da turma quanto ao nome do jornal se refere a uma tomada de decisão consciente que sinaliza em alguma medida um deslocamento de transitividade (BERGAMO, 2018). No contexto da presente pesquisa, as opções que surgiram para votação não tinham marcas tão aparentes de uma faixa etária infantilizada. Esse movimento também pode ser um indicativo da maturidade da turma de alunos e alunas.

Após a escolha do nome, os três próximos encontros foram destinados à escrita e à revisão dos textos, que nesse primeiro ano de produção do jornal foram etapas realizadas concomitantemente. Na primeira edição da Folha Lázaro Marques, a turma individualmente ou em grupo escolheu escrever sobre: jogos, filmes, *rap*, séries, livros, esporte, assuntos da escola e preconceito.

Esses primeiros textos, por conta do tempo curto para o desenvolvimento do jornal, foram entregues com prazos limitados (foram apenas dez encontros para a realização de todas essas etapas). A minha sensação, enquanto pesquisadora, foi de que não havia interesse deles/delas na escrita. De um modo geral, a prática com o jornal foi vista como um trabalho de aula, uma obrigação a ser cumprida. Por isso, muitos alunos/alunas só concluíram uma versão do texto na última aula, ficando comprometido o tempo de revisão dos mesmos. Como resultado, os textos produzidos no primeiro jornal são, em geral, textos curtos, sem aprofundamento dos assuntos tratados. O Quadro 9, ilustra dois textos publicados na primeira edição do Folha Lázaro Marques.

Quadro 9 – Exemplos de textos que apareceram na primeira edição do jornal

O rap na Grande Florianópolis

Por Liliana e Lara.

Nas comunidades periféricas da grande Florianópolis o rap e o funk são muito fortes, principalmente, entre jovens. Mas hoje vamos falar sobre o rap na Grande Florianópolis. Uma coisa muito comum aqui são as batalhas de rima. As batalhas ocorrem de segunda a segunda na ilha da magia, em diferentes bairros. Na segunda ocorrem três: batalha do IFSC, batalha do Santinho e batalha da CL. Todos os dias da semana ocorrem batalhas em SC.

Para muitos, a batalha e até mesmo o rap em si e uma forma de desabafo e uma forma de ser ouvido. Acreditamos que as batalhas devem ser propagadas por um simples fato: não temos voz! É ser ouvido, assim conseguimos captar a essência do rap e do seu movimento: dar voz.

Filme: Escola de Rock

Por Henrique

Nesse filme, Jack Black interpreta Dewey Finn, um guitarrista com suas muitas esquisitices e

devoção ao rock n' roll que foi expulso da banda que ele próprio havia formado. Sem trabalho, Dewey vive na casa de seu amigo Ned Schneebly e sua namorada, que cansada de ver Dewey vivendo às custas de Ned manda-o arranjar um emprego. Ned é um professor. Aparece uma proposta de trabalho para Ned, numa escola renomada e que pagaria muito bem por suas aulas, porém quem atende o telefone é Dewey, que resolve se passar por Ned para ganhar alguns trocados. Chegando na escola conhece o grupo de crianças ricas que serão seus alunos. Dewey achava que seria tudo muito monótono, até que por acaso vê as crianças tocando na aula de música e surge uma ideia. Ele decide ensinar o rock para as crianças. A partir daí, prepare-se para muitas confusões.

Fonte: elaboração da autora

Sobre o primeiro texto ilustrado no Quadro 9, pode-se dizer que embora a temática seja socialmente relevante e o texto traga uma característica importante do *rap* como gênero musical de cunho político, que dá voz principalmente para minorias, falta no texto um olhar situado das duas alunas. O assunto é tratado superficialmente sem aprofundamento quanto aos pontos tratados. Não há progressão temática do assunto. Outro problema que apareceu nas produções da turma, das duas edições do jornal escolar, é uma grande parcela de textos ser copiada da internet, como é o caso do segundo texto do Quadro 9 em que a matéria é uma cópia de um resumo de um filme publicado por um *site*. Retomo essa discussão no próximo capítulo, quando teço considerações sobre como essa prática limita a transitividade crítica dos/das estudantes.

De um modo geral, percebo que minha falta de experiência em sala de aula e lacunas em minha própria formação como professora podem ter influenciado o andamento das atividades. Talvez se eu tivesse mais prática docente poderia ter previsto algumas situações e articulado melhor minha postura para alcançar um melhor engajamento deles/delas com o projeto. Esse foi um ponto que pesou nesses resultados, mas, também, parte da turma reconheceu que seu papel poderia ter sido desempenhado de forma diferente. No último encontro, fizemos uma assembleia de encerramento e, ao ver o jornal e o trabalho concretizado, algumas alunas disseram ter gostado da experiência de produção por ser uma proposta diferente das que elas eram habituadas a fazer. Essas duas alunas reconheceram que faltou mais envolvimento da turma para que o trabalho pudesse ficar melhor e disseram que pretendiam mudar sua forma de se envolver com o jornal na próxima edição (DIÁRIO DE CAMPO 2018#10).

A mudança no comprometimento da turma foi sentida durante os dezoito encontros que aconteceram em 2019 para a produção do segundo jornal. Entendo que ver o jornal impresso, como trabalho concretizado, passado um período de ambientação,

da turma comigo e de minha parte com a turma, trouxeram mudanças positivas para o processo de produção do jornal. Na primeira aula destinada à elaboração da nova edição da Folha Lázaro Marques, a turma escolheu as novas pautas: esporte, música, *games*/violência nos *games*, preconceito, maus tratos aos animais, machismo e feminismo⁶⁸. Nesse primeiro encontro também sinalizamos mudanças nas etapas de pesquisa, que passaram a ser: assembleia inicial, debate de pauta, conversa com jornalistas, escrita, revisão, diagramação, assembleia final.

O momento dos debates surgiu como uma demanda da turma, que queria um período de discussão coletiva das pautas antes de se dedicar à escrita dos textos e também uma proposta que veio das minhas discussões com a professora Edna. Somando-se a isso, como já apontado, as sugestões dos colaboradores do jornalismo independente. No ano anterior, que contou com apenas dez encontros, houve uma limitação de tempo para incluir esse tipo de prática. Com um semestre para produção de um novo jornal, os debates puderam ser propostos como situações que poderiam favorecer a turma na criação dos textos, possibilitando que os/as alunos tivessem o que dizer, razões e estratégias para dizer o que queriam dizer (GERALDI, 1991). No capítulo anterior defini brevemente as funções desses debates, já neste capítulo descrevo com mais detalhes como foram dois deles, a título de exemplificação.

O primeiro debate aconteceu no dia 3 de abril de 2019 e teve por objetivo refletir sobre a pauta de maus tratos de animais. A aluna que escolheu esse assunto (Kátia) havia dito que tinha interesse em escrever sobre a caça de baleias, já outros alunos/alunas gostariam de falar sobre a prática da Farra do Boi⁶⁹ (Paulo, Franco, Léo, Liliana e Lara). Os dois assuntos, que possuem em comum o embate entre tradições

⁶⁸ Sobre as pautas escolhidas tanto na segunda quanto na primeira edição do jornal, se percebe que os assuntos escolhidos são mais politizados e que o jornal tem um espaço menor para assuntos de entretenimento. Na experiência de Bonini (2017), essas seções apareciam com maior ênfase: moda, gastronomia, fofoca, esporte, diversão. Bonini (2019) faz um estudo comparativo entre jornais escolares do Brasil e da Argentina e identifica que jornais escolares brasileiros, em contraste com argentinos, apresentam matérias jornalísticas de entretenimento em maior quantidade. As pesquisas de Bergamo (2018) e Couto (2016) também ilustram esse movimento. Na experiência relatada nesta tese, apareceram pautas dessa temática: esporte, *games*, música, filmes/séries, livros. Mas esses assuntos têm menos espaço no jornal. Mesmo o assunto sobre jogos eletrônicos, na segunda edição, aparece com maior profundidade, quando um dos alunos escolhe fazer um artigo opinativo sobre violência nesses jogos. A diminuição de matérias de entretenimento pode indicar uma opção por assuntos mais politizados e isso pode fazer referência a um deslocamento na consciência crítica das/dos estudantes.

⁶⁹ A Farra do Boi pode ser vista como uma tradição local do litoral de Santa Catarina, possivelmente de origem açoriana, em que um boi, após um período de privação de alimentos, é solto e estimulado a correr atrás das pessoas até sua exaustão. Atualmente é uma prática proibida por lei, embora casos ainda aconteçam às escondidas e, eventualmente, sejam denunciados. Mesmo após a proibição, as discussões em torno de sua legalidade enquanto tradição cultural ainda persistem.

culturais herdadas contra questões de maus tratos aos animais, entraram nas discussões desse dia. Iniciei perguntando o que a turma já conhecia sobre as temáticas. Sobre a Farra do Boi, a maioria disse que já tinha ouvido falar, apenas uma aluna disse desconhecer o que era. Um aluno relatou o entendimento que tinha da prática para a turma. Eu e a professora Edna completamos as informações que o aluno trouxe, trazendo um pouco das origens e significados simbólicos da prática. Sobre a caça de baleias, a turma tinha menos conhecimento, poucos sabiam, por exemplo, que era algo que acontecia no estado e na cidade de Florianópolis em décadas passadas. Nesse momento da discussão, a turma se colocou como contrária às duas práticas (DIÁRIO DE CAMPO 2019#03).

Na sequência, perguntei se eles e elas tinham ouvido falar que na semana anterior o Supremo Tribunal Federal (STF) havia decidido considerar que o sacrifício de animais em cultos religiosos não poderia ser constituído como crime, pois não ia contra o posto na Constituição Federal de 1988 (nesse momento, também expliquei o que era a constituição, pois nem todos e todas tinham familiaridade com o documento). Apenas alguns alunos/alunas tinham escutado essa notícia, mas a maioria não. As opiniões iniciais eram de que essa decisão era errada. Então, pedi que alguém lesse a notícia publicada pelo Desacato sobre o tema⁷⁰.

Após a leitura da notícia, perguntei se eles/elas não achariam possível existir um racismo das pessoas que se colocam contrárias a essas decisões, já que a maioria dos sacrifícios estão ligados a religiões de origem africana. Também sondei o fato de que a maioria das pessoas comem carne e matam animais para alimentação. Pedi que eles relacionassem as diferenças e as semelhanças entre as duas situações. Muitos e muitas nunca tinham pensado sobre a relação entre comer carne e direitos dos animais. Coletivamente, entendemos que é mais fácil se colocar contra a decisão do STF e a prática da farra do boi do que reconhecer que também adotamos certas práticas de agressão aos animais. Falamos um pouco sobre a produção da indústria alimentícia em uma ótica capitalista, que visa o lucro, e maltrata os animais (DIÁRIO DE CAMPO 2019#03).

Todo debate teve intensa colaboração e participação da turma e, em alguns casos, de forma um pouco tumultuada, pois Paulo, ao final, disse que continuar

⁷⁰ A notícia pode ser conferida no seguinte link: <http://desacato.info/stf-define-que-sacrificio-de-animais-em-cultos-religiosos-nao-violou-a-constituicao/>. Último acesso em dezembro de 2019.

comendo carne deveria ser tão errado quanto a Farra do Boi e que ou as duas práticas deveriam ser proibidas ou liberadas. Mas ao final do encontro, falamos da proibição à caça de baleias e de um evento que aconteceu ano passado, na cidade, quando alguns países do hemisfério norte iniciaram a discussão sobre a volta da caça tendo como justificativas as tradições culturais, a possibilidade de pesca sustentável, a pesca para fins científicos. Falamos da posição de Florianópolis e dos países do hemisfério sul que foram contrários às decisões.

O segundo debate de pauta foi sobre a temática do aborto, tema de Vivian. Essa aula foi realizada no auditório da escola onde a turma se dividiu em dois grupos, das/dos contrários/contrárias à legalização do aborto (extensa maioria da turma) e dos/das favoráveis (ao todo cinco, Vivian, Anita, Henrique, Lara e Liliana). Iniciamos com a leitura dos pontos contrários à legalização. O texto base da leitura foi retirado de um site que trazia informações do campo jurídico sobre o tema⁷¹. Trazia a definição de aborto e dos tipos de aborto, explicava o que diz a lei atual sobre o tema e explicava o embasamento que sustentava essa lei, mas apresentava também pontos que poderiam criar uma proposta para a legalização.

Após a leitura desse material, assistimos a um vídeo disponível no *Youtube* produzido pela BBC que traz uma entrevista com o médico/pesquisador Dráuzio Varella⁷² no qual ele é perguntado sobre sua posição quanto ao aborto. No vídeo, o entrevistado diz que sua opinião pessoal sobre o aborto não deve ser o foco da questão, mas sim a realidade brasileira sobre a prática: lista o alto número de mortes, principalmente de mulheres pobres, pois mulheres ricas fazem abortos ilegais sem correr grandes riscos, desconstrói a ideia religiosa por trás do aborto ser considerado crime contra vida, entre outras questões (DIÁRIO DE CAMPO 2019#04).

Após o vídeo, abrimos espaço para a discussão coletiva. Inicialmente, ninguém queria começar o debate. Franco, do grupo contrário à legalização do aborto, me chamou individualmente e disse que ele e muitos dos colegas ali reunidos eram contrários por questões religiosas, que tinham sua opinião formada sobre isso, que preferiam não participar da discussão. Expliquei que essa visão que eles/elas tinham era um direito deles/delas comum a muitas pessoas e que a ideia da aula é que a gente compartilhasse pontos de vista, sempre respeitando as opiniões dos/das outros/outras

⁷¹ O site em questão é: <https://jus.com.br/>. Último acesso em dezembro de 2019.

⁷² Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=luBVQtbXSv0>. Último acesso em 05 de abril de 2019.

colegas, que não tinha problema eles trazerem isso para o restante do grupo. Ainda assim, o grupo não quis se manifestar. Pedi então para que a aluna que iria escrever sobre aborto (Vivian) compartilhasse seus pensamentos com os colegas. Ela ficou bastante tímida para iniciar e uma outra menina do grupo tomou a palavra nesse momento (Lara). A partir daí a conversa coletiva começou a fluir (DIÁRIO DE CAMPO 2019#04).

No que tange aos pontos favoráveis à legalização, foram trazidos para o debate diversos pontos: a ideia de que as mulheres são donas de seus corpos e têm direito às suas próprias escolhas; a ideia de que o aborto só é de fato proibido para mulheres pobres, e que são essas que estão morrendo ou abandonando seus filhos; relatos pessoais de uma das alunas que falou das dificuldades de sua mãe para criar duas filhas sem ajuda de seu companheiro (Liliana se emocionou ao falar de sua própria história, dizendo que ela teve sorte, mas questionou o fato de muitas mulheres não terem as mesmas oportunidades e condições). Também falaram da importância de se debater na escola e com a família o tema da educação sexual para que se evite uma possível gravidez indesejada na adolescência. Ainda levantaram a questão do abuso contra mulheres e a própria fragilidade do conceito de estupro (mulheres são abusadas nos seus relacionamentos, por exemplo).

Cada ponto desses era debatido pelo grupo contrário, que dizia que existiam alternativas, como deixar a criança para adoção, caso fosse fruto de uma gravidez indesejada, bem como levantavam argumentos religiosos. Foi falado também da necessidade de se ter um acompanhamento psicológico para mulheres que estão pensando em praticar aborto, além de outros tipos de políticas públicas que pudessem se colocar como uma alternativa ao aborto. Um grupo de alunos/alunas disse que era necessário tornar mais simples o processo de adoção, para que mães que não quisessem seus filhos/filhas tivessem uma possibilidade alternativa ao aborto (DIÁRIO DE CAMPO 2019#04). Diferentemente do debate sobre maus tratos aos animais, a discussão em torno do aborto foi mais zelosa. Cada aluno/aluna expôs sua opinião respeitando os turnos de fala de cada um/uma. Eu e a professora, durante o debate, fomos deixando que eles/elas discutissem entre o grupo. Em poucos momentos, tomamos a voz para trazer questões a serem levantadas ou para dar a voz a um aluno ou aluna que gostaria de tomar a palavra (DIÁRIO DE CAMPO 2019#04).

Os debates foram um momento em que a turma pode construir uma visão de mundo sobre determinado assunto, fazendo assim leitura da palavramundo (FREIRE, 1987 [1981]; FERRETI-SOARES, 2016). A partir dos debates foi possível uma imersão das alunas e alunos em diferentes práticas de linguagem de diferentes esferas sociais: leitura de textos multimodais representativos da mídia, da medicina, do meio jurídico, para citar alguns exemplos.

Vejo que essas situações favoreceram o momento da escrita dos textos, pois houve uma melhora na qualidade das matérias jornalísticas, escritas depois desses eventos, como mostra o Quadro 10. Embora não tenha sido realizada uma transcrição formal das aulas, foi possível notar, provavelmente pelo fato da turma ter um maior domínio do código oral do que do escrito, que nos debates surgiram momentos que revelaram uma transividade crítica dos/das estudantes (FREIRE, 1967). Durante os debates, como descrito nos dois exemplos anteriores, a turma expôs coletivamente uma questão buscando seu entendimento e possível solução. Nos debates houve deslocamento e agenciamento entre visões de mundo e, ao fazer isso, a turma teve autonomia nas decisões tomadas.

Entre os momentos de debate de pauta de todos os assuntos escolhidos pelos alunos e alunas para escrita, houve uma roda de conversa com dois jornalistas do Desacato, evento analisado no capítulo anterior. Após essas duas etapas foram destinadas quatro aulas para produção dos textos e duas aulas para revisão textual. Parte significativa da turma só entregou os textos nos últimos momentos de aula, quando o prazo estava se esgotando. Embora eu sempre buscasse incentivar que eles escrevessem, essa foi uma etapa difícil de ser concluída. Vejo que é relevante dizer que, em comparação com o jornal passado, houve mais interesse dos/das alunos/alunas nas atividades do jornal, mas, mesmo assim, a etapa de escrita foi complicada, houve pouco tempo para revisões e reescritas. Coloco novamente minha falta de prática em sala de aula e inexperiência com adolescentes como algo que limitou o desenvolvimento do jornal. Entendo que me faltou ações que pudessem criar um maior interesse deles/delas para a escrita.

Ao mesmo tempo, tendo a metodologia de PP (DEMO, 2002) e educação dialógica (FREIRE, 1987 [1968]) como pressupostos teóricos que sustentavam a pesquisa, não era possível assumir uma postura autoritária com a turma, obrigando-os/as a produzirem e entregar seus textos. Por isso busquei desempenhar um papel de

incentivadora, conversando e mostrando que estaria presente para fazer leituras e auxiliar no processo de produção do texto. Seguindo essas postulações teóricas/metodológicas, a fase de revisão e diagramação também foi feita de modo semelhante. Em rodas de conversas, houve uma leitura coletiva dos textos e a turma, enquanto grupo, foi decidindo as alterações que deveriam ser realizadas. Assim, se por um lado esta tese de doutorado possa ter carecido de atividades e práticas mais voltadas à produção e à revisão textual, vejo que isso funcionou para a formação e a autonomia das/dos estudantes que, em todos os momentos, foram protagonistas da pesquisa e responsáveis pelas tomadas de decisão (FREIRE, 1987 [1968]; 2006 [1996]).

O Quadro 10 traz um exemplo de artigo de opinião produzido para a segunda edição do jornal Folha Lázaro Marques.

Quadro 10 - Exemplo de texto da segunda edição do jornal

Precisamos falar sobre xenofobia.

Você sabe o que é Xenofobia? Xenofobia é a antipatia, o preconceito ou ódio com estrangeiros ou pessoas de outros lugares. O que inclui também o racismo e a intolerância religiosa.

Xenofobia é coisa séria e é crime (Lei nº 7.716 de janeiro de 1989). Se você veio de outro lugar, provavelmente, já deve ter ouvido alguma piadinha ou comentário, ou talvez tenha você tenha praticado a xenofobia sem ao menos perceber. E o que começa com piadas, pode acabar com discursos de ódio, violência física e até mortes.

A xenofobia é sofrida e praticada pelos próprios brasileiros. Os famosos "estereótipos". Pessoas do Norte já devem ter ouvido coisas do tipo: "Lá só tem Mato". Pessoas do nordeste que sempre ouvem piadinhas em relação ao seu sotaque, religião e cultura, e, tem aqueles que acham que no sul do Brasil tem apenas pessoas com pele branca e descendência Europeia. Quando pensam na imagem de um brasileiro, dificilmente vão pensar na imagem de alguém com origem asiática. E os refugiados e imigrantes estrangeiros que são as principais vítimas da xenofobia. Depois dela vem o racismo, a intolerância religiosa e o preconceito linguístico.

A xenofobia assim como todo o tipo de preconceito não deve ser aceita e nem tolerada, é algo grave, que muitas pessoas desconhecem o que é, mesmo sendo algo tão comum, que muitos sofrem e praticam todos os dias.

Eu acredito que pessoas hipócritas são xenofóbicas, afinal, cada um veio de um lugar, tem uma cultura, raça e talvez uma religião diferente. Ensinar que a xenofobia é algo errado é uma forma de abrir caminho para a igualdade e evitar outros preconceitos.

Quando conhecemos pessoas de outros lugares é uma grande oportunidade de conhecer outras culturas e até idiomas. Mas tem muita gente que acha que só porque aquela pessoa veio de outro lugar, não merece respeito.

XENOFOBIA NÃO É BRINCADEIRA!

"A Nossa verdadeira nacionalidade é a humanidade " H. G. Wells

Artigo escrito por Anita.

Fonte: elaboração da autora

Diferente do que aconteceu na maior parte dos textos da edição anterior do jornal (como é ilustrado no Quadro 9), o exemplo do artigo produzido por Anita mostra uma maior profundidade e progressão temática do tema xenofobia. O assunto não é tratado com superficialidade e também não consiste em cópia de um texto da internet (ela apenas traz uma citação copiada, mas na qual manifesta sua autoria).

No meu último encontro com a turma realizamos uma assembleia final em que alunas e alunos avaliaram como havia sido a experiência de criação dos dois jornais. Disseram ter gostado do resultado. Paulo fez uma reclamação dos textos que tinham sido copiados da internet; para ele isso prejudicava o jornal. Paulo também reconheceu que os debates foram muito importantes para a construção dos textos e para a formação da turma, que aprendeu a dialogar, respeitar a opinião do outro/outra. Disse ainda que gostaria que o jornal continuasse e que as publicações das edições fossem anuais para que se tivesse mais tempo para tratar de cada etapa (DIÁRIO DE CAMPO 2019#18).

A aluna Liliana ficou bastante emocionada, disse várias vezes que tinha adorado e que estava muito feliz por ter ajudado com as fotos para a capa. Disse que tinha aprendido muito nesse semestre e avaliou que ano passado o jornal foi feito de qualquer jeito, sem empenho deles e delas, mas que esse ano houve de fato um engajamento da turma e isso era visível nos textos (DIÁRIO DE CAMPO 2019#18). Lara também se pronunciou nesse sentido e disse que a matéria sobre machismo significou muito para ela e para sua formação.

Alunos/alunas mais tímidos, como a Vivian, Henrique e Anita, não falaram muito, mas ficaram orgulhosos dos seus textos e do tamanho que tinha ficado; expressaram isso por palavras diretas a mim e por sorrisos (DIÁRIO DE CAMPO 2019#18). Por esses relatos, vejo que a experiência, mesmo com as limitações já apontadas, foi produtiva na formação desses e dessas estudantes permitindo uma atuação social crítica em práticas de linguagem que buscassem contestar o jornalismo dominante e considerar caminhos alternativos.

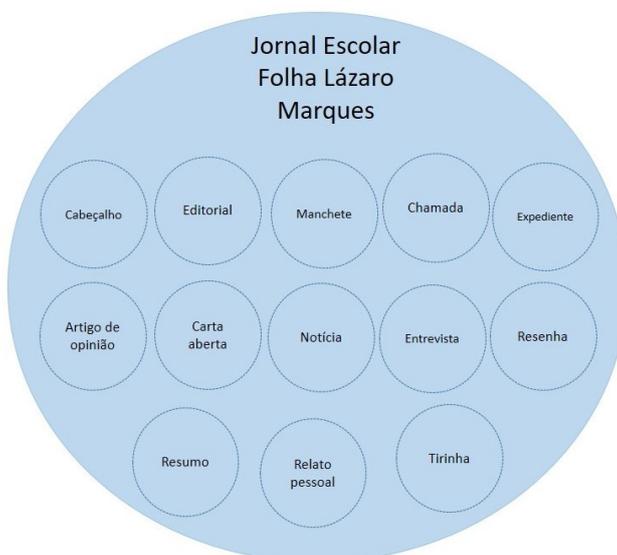
Além disso, da mesma forma que esta pesquisa se embasou em estudos prévios sobre o jornal escolar realizados pelo grupo de pesquisa da UFSC, os relatos traçados

nesta seção pretendem dar continuidade a pesquisas em andamento, como Diatel (2019) e Yano (2019). Na próxima seção, apresento o jornal como um hipergênero e os gêneros discursivos que foram decorrentes de todo o processo.

5.2 O JORNAL ESCOLAR COMO UM HIPERGÊNERO E OS GÊNEROS QUE PODEM SER DESMEMBRADOS NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE TEXTOS

Segundo Bonini (2011a), em determinadas situações alguns gêneros podem ser produzidos em agrupamento formando uma unidade de interação maior que funciona como um grande enunciado. Esse tipo de junção de vários gêneros discursivos é denominado de hipergênero pelo autor. Assim, um jornal pode ser visto como um hipergênero que abriga um conjunto de outros gêneros como notícias, reportagens, resenhas, artigos, etc. No contexto desta pesquisa, vejo o jornal escolar como um hipergênero. A Figura 10 representa essa relação entre o todo e suas partes.

Figura 10 – Folha Lázaro Marques como um hipergênero



Fonte: elaboração da autora com base no conceito de Bonini (2011a)

Na Figura 10, considerei as duas edições de Folha Lázaro Marques como uma superestrutura genérica que envolve outros gêneros como cabeçalho, editorial, expediente, manchete e chamadas – que seriam gêneros organizadores, segundo Bonini (2011a) – e que também é composta por gêneros de funcionamento (BONINI 2011a),

como artigo de opinião, carta aberta, entrevista, notícia, resenha, resumo, relato pessoal e charge. Cada gênero pode ser analisado separadamente, enquanto uma parte menor, mas é importante que não sejam dissociados de seu todo, o jornal, como um enunciado maior. Há algo que liga os gêneros ao hipergênero. No caso de um jornal comercial, seja ele dominante ou independente, a unidade é mantida por seu posicionamento, sua linha editorial que funciona como um fio condutor entre todas as matérias. Pode-se dizer que algo semelhante acontece com um jornal escolar, em que também há uma identidade entre cada texto produzido, sendo que o jornal pode ser visto como um projeto de dizer de um grupo de alunos/alunas e de uma escola.

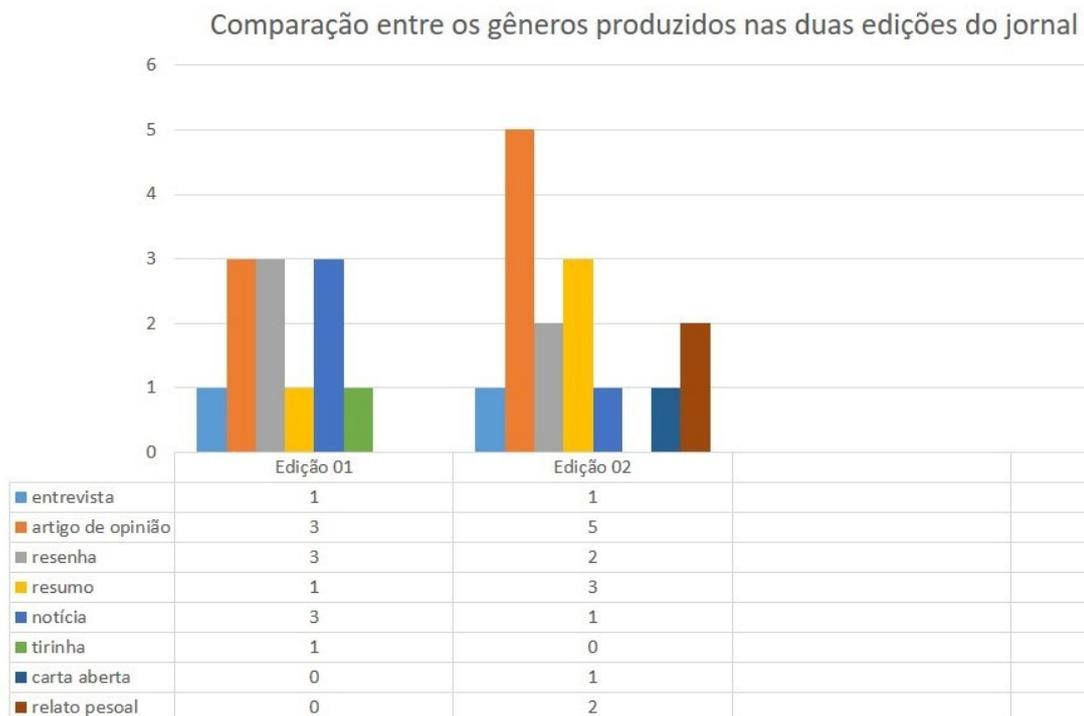
Ao longo deste capítulo me atendo ao jornal como um macro enunciado, fixando-me em suas partes menores a fim de traçar algumas considerações. No próximo capítulo faço o caminho inverso. Teço uma análise de suas partes menores, examinando alguns textos de alunos/alunas e tentando estabelecer relações desses textos com o todo do jornal.

Posto isso, na Figura 10 estão dispostos todos os gêneros considerando as duas edições do jornal, no entanto nem todos aparecem nas duas publicações. Durante o ano de 2018 (primeira edição), a capa do jornal teve, quanto à presença de gêneros organizadores: cabeçalho com nome do jornal e logomarca criada por um dos alunos (Gael), manchete escolhida pela turma, assim como as chamadas para as demais matérias. Houve a produção de uma entrevista sobre as impressões que alunos e alunas de outras turmas tinham sobre a escola (essa matéria foi eleita pela turma como assunto principal do jornal). Foram elaborados três artigos de opinião, um que abordava o racismo, outro que tratava de preconceito e homofobia e um que falava sobre rap; três resenhas, uma sobre uma série televisiva, uma sobre um livro e outra sobre jogos eletrônicos; um resumo de um filme, que consistiu em um texto copiado integralmente da internet; uma tirinha; e duas notícias, uma sobre futebol e outra sobre jogos eletrônicos.

Na segunda edição do jornal, houve uma ampliação dos gêneros organizadores. Além de cabeçalho, manchete e chamadas, a edição contou com expediente e editorial. Quanto aos gêneros de funcionamento, os alunos e alunas produziram uma carta aberta contra o machismo; cinco artigos de opinião sobre aborto, racismo, xenofobia, maus tratos aos animais e violência em jogos eletrônicos; uma notícia sobre futebol; três resumos sobre o feminismo; duas resenhas sobre jogos eletrônicos; uma entrevista sobre

música; e dois relatos pessoais que contavam histórias, uma sobre o resgate de um cachorro e outra sobre a Copa do Mundo de 2019. No Gráfico 1, ilustro uma comparação entre os gêneros de funcionamento⁷³ que surgiram nas duas edições do jornal.

Gráfico 1 – Os gêneros produzidos nas duas edições de Folha Lázaro Marques



Fonte: elaboração da autora

No primeiro ano do jornal, muitos alunos e alunas optaram por fazer textos em grupo, mas no segundo ano a turma preferiu ter discussões em grupo e fazer textos de forma individual. O efeito disso pode ser percebido no Gráfico 1 pelo aumento no número de artigos de opinião da segunda edição. Essa mudança também implicou em um maior número de gêneros da esfera jornalística opinativos como resenhas, relatos pessoais, uma carta aberta para além dos já citados artigos de opinião (MELO; ASSIS, 2016). As notícias que consistem em textos em geral mais curtos e breves, de orientação informativa, diminuíram. Vejo que isso pode estar marcando uma abertura do jornal

⁷³ Os gêneros organizadores não foram considerados nos gráficos por que existem poucas mudanças entre eles nas duas edições do jornal. Além disso, como o nome sugere tratam-se de gêneros estruturantes que fazem uma apresentação. Os de funcionamento, por outro lado, são responsáveis por operar o jornal enquanto hipergênero. Ademais, eles possibilitam realizar uma comparação quanto à atuação dos alunos e alunas nas duas edições do jornal.

para situações de uso da linguagem que requerem uma atuação social mais participativa, uma vez que uma característica dos textos opinativos seria a marcação de um posicionamento, de um dizer. Um maior interesse dos alunos e alunas para temáticas de maior disputa política como racismo, machismo, xenofobia entre outros temas também pode ser um indício disso.

Há um aumento no número dos resumos na segunda edição, conforme ilustra o gráfico. Sobre isso, indico que os três textos desse gênero desenvolvidos no segundo ano do jornal têm a mesma autoria, da aluna Renata, e todos fazem uma síntese de informações sobre o feminismo. Essa aluna, apesar de ser bastante participativa quando estava em aula, foi a poucos encontros, tinha problemas de frequência e acabou deixando a escola no meio do ano de 2019. Ela produziu esses três resumos sobre feminismo, que consistem em textos compilados da internet, e não esteve presente nas ações finais do projeto de modo que não foi possível conversar com ela sobre a produção de seus textos. Entendo que ela poderia ter desenvolvido um trabalho mais autoral se continuasse indo nas aulas, por isso, não percebo o aumento do número de resumos como um dado negativo entre as duas edições do jornal.

Ainda quanto ao conjunto de gêneros nos quais se inscrevem os textos elaborados pelos alunos e alunas é importante fazer algumas considerações. Conforme posto anteriormente na revisão da literatura, para Bakhtin (1997 [1952/53]) há uma relativa estabilidade nos enunciados, e nos gêneros do discurso, que estão constantemente se modificando e se atualizando acompanhando o desenvolvimento da sociedade. Bakhtin, ao longo de diferentes escritos, também aponta que existem diferentes esferas da atividade humana como a jurídica, a literária, a acadêmica, a escolar, a jornalística, a cotidiana, etc. Desse modo, notícias, reportagens, artigos de opiniões surgem dentro de uma esfera, que é a do jornalismo. Quando esses gêneros aparecem na escola, eles não têm os mesmos objetivos linguísticos que aqueles produzidos por um jornalista, pois há outro contexto e outros participantes. Nessas situações, um aluno/aluna precisaria aprender sobre um gênero que é transposto da esfera do jornalismo para a esfera escolar. Para fazê-lo, a/o estudante não deve apenas copiar esse gênero, mas sim se apropriar, agindo sobre ele com capacidade criativa de adaptá-lo ao novo contexto (BALTAR, 2010).

Ao estudar projetos com jornal escolar e rádio escolar, Baltar propõe que:

É nesse contexto de produção, a partir de atividades significativas de linguagem como a produção de programas radiofônicos e construção de jornais da mídia da escola, que podem surgir os gêneros textuais/discursivos midiático-escolares, como textos empíricos forjados a partir do repertório criado pela história – arquitexto – mas adaptados criativamente pela circunstância única da produção no contexto escolar. Em outras palavras, no lugar de trabalhar-se com a escolarização dos gêneros textuais da mídia convencional (mídia na escola), mesmo que no princípio se possa apresentar modelos, nossa proposta sugere preferencialmente o caminho heurístico da produção de textos empíricos que surgem das atividades de linguagem inerentes à produção da mídia da escola, por intermédio de um projeto de letramento midiático. (BALTAR, 2010, p. 182).

O conceito de gênero midiático escolar coloca a/o estudante como um sujeito que tem algo a dizer e que, ao aprender sobre um gênero, tem autonomia para (re)construí-lo. Diante disso, a forma como o aluno ou aluna vai moldar seu texto, fazendo com que ele assuma uma nova configuração, pode indicar aspectos da transitividade envolvida na articulação entre diferentes práticas sociais potencializadoras ou não de mudanças.

Com base nisso é que se pode dizer que os gêneros do discurso apresentam relativa estabilidade, sendo que a transposição de uma esfera a outra é uma das situações em que um gênero se modifica e se atualiza. Pode-se dizer que alguns gêneros são mais mutáveis do que outros. Por exemplo, gêneros que circulam no âmbito jurídico tendem a sofrer menos alterações comparados a gêneros do jornalismo, que possuem uma estrutura mais maleável, podendo ser encaixados no que Fairclough (2003) chama de gêneros mistos ou híbridos. O autor adota esse conceito para explicar situações como a de um *chat* televisivo que mistura características de uma conversa, de uma entrevista e de entretenimento (FAIRCLOUGH, 2003).

Essa característica também aparece nos textos dos alunos e alunas. Por vezes pode ser difícil classificar um artigo de opinião produzido por um aluno/aluna como um gênero desse tipo, pois ele pode se assemelhar a um texto do tipo dissertativo argumentativo. Ao aprender a escrever um artigo de opinião é natural que haja essa sobreposição, já que, de certo modo, os dois textos têm uma composição semelhante (apresentam uma situação problema, discutem e esboçam um tipo de resolução). Isso foi apontado pelo Desacato na análise do jornal desenvolvido pelos alunos e alunas. James e Mayara (jornalistas que participaram mais ativamente das ações do jornal) entenderam que alunos e alunas em geral são mais familiarizados com esse gênero (dissertativo-argumentativo) por estar mais presente na esfera escolar. Portanto, para os dois, seria

normal que o aluno/a aluna traga esses repertório quando for escrever uma matéria jornalística. Na visão deles, trata-se de algo natural e que não prejudica o trabalho produzido.

Além desse exemplo, as entrevistas produzidas nas duas edições do jornal também assumem um aspecto de gênero misto/híbrido. Nos dois casos, partiu dos alunos e alunas a ideia de produzir uma entrevista, elaborando perguntas e analisando respostas. Para isso, trabalhamos com eles/elas (Edna e eu) formas de estruturar perguntas e analisar os dados levantados. A forma final que o texto assumiu pode ter características de reportagem na primeira edição do jornal, quando foi realizada uma série de perguntas que buscava apresentar a maneira como a escola era vista pelos discentes. Na segunda edição do jornal, a entrevista acabou apresentando características de enquete quando dois alunos fizeram um levantamento dos gêneros musicais preferidos dos/das estudantes da escola⁷⁴.

Saindo um pouco do contexto do jornal escolar, encontra-se exemplos de gêneros mistos no jornalismo independente. Uma notícia, por exemplo, geralmente tem como objetivo relatar um acontecimento. No jornalismo convencional esse relato é realizado de forma aparentemente neutra com encobrimento da posição do jornalista (escondendo-se o nome por exemplo) e narrativa que referencia partes do evento ocorrido. Essa mesma notícia quando aparece em um veículo independente busca relatar de forma que há um posicionamento marcado de seu escritor. Pode-se dizer que, nos dois casos, há o mesmo gênero informativo, mas o segundo poderia ser visto como um objeto híbrido que traz pontos de outro tipo de texto, como os opinativos, na sua constituição. Nesse sentido Fairclough (2003) sugere que gêneros mistos são um aspecto da interdiscursividade presente nos textos e também marcadores de mudanças, pois a forma como alguém modifica e atualiza seu texto pode indicar o tipo de prática articulada.

Talvez uma possível diferença entre os dois modelos de jornalismo está na rigidez ou na maleabilidade quanto ao fato de que o gênero, enquanto enunciado, deve obedecer a uma composição, um tema e um estilo. O dominante adota uma estrutura mais engessada – como o exemplo da notícia que mantém o que é prescrito nos manuais

⁷⁴ Nos dois casos, considerei importante manter o nome do gênero entrevista, pois essa havia sido uma escolha da turma enquanto grupo. Nesse sentido, trabalhamos, eu, Professora Edna e a turma, com a entrevista enquanto gênero discursivo e suas características. Entretanto, a forma final assumida pelo texto elaborado tem aspectos híbridos.

de redação, de relato dos fatos envolvidos em um acontecimento –; o independente segue uma postura mais flexível e também híbrida quanto aos gêneros discursivos. Contudo, em algumas situações, o jornalismo dominante também apresenta textos com visões de mundo mais abertamente marcadas, como artigos escritos por colunistas que discorrem livremente sobre um tema. Nesses casos, geralmente, as opiniões tendem a favorecer a mesma linha de argumentação defendida pelo jornal.

Durante minha entrada em campo com os alunos e alunas da escola Lázaro Marques tais questões foram constantemente trabalhadas e discutidas. Independente do texto que tenha sido produzido pelos/pelas estudantes, a orientação ao longo do processo foi de que a matéria elaborada por cada aluno/aluna ou grupo de alunos/alunas deveria ter um posicionamento. Nesse sentido a atuação dos/das estudantes no jornal escolar pode ser vista de forma alinhada a um projeto de jornalismo que é independente. Em algumas situações, contudo, o jornal acabou por incorporar aspectos do modo de fazer jornalismo dominante (escolha do nome, por exemplo), mas também é possível notar momentos de maior proximidade com o modelo independente.

Na próxima seção trago uma discussão sobre a relação entre gênero discursivo e prática social na Folha Lázaro Marques.

5.3 A RELAÇÃO ENTRE GÊNERO DISCURSIVO E PRÁTICA SOCIAL NA ELABORAÇÃO DOS TEXTOS PARA O JORNAL ESCOLAR

A ACG (BONINI, 2010; 2013; 2017), perspectiva teórico-metodológica que sustenta esta pesquisa, recorre a três conceitos principais: o de gênero discursivo (BAKHTIN 1997 [1952/53]), o de prática social (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003) e o de transitividade crítica (FREIRE, 1967). Essas três noções estão entrelaçadas, sendo possível analisar um gênero pelas práticas sociais que ele constitui, e também, inversamente, pelo modo como as práticas sociais constroem um gênero discursivo.

Nos dois tipos de análise é possível identificar a transitividade envolvida na situação. Na construção do jornal escolar Folha Lázaro Marques, primeiro os alunos e alunas escolheram seus temas e os assuntos discutidos. Na produção dos textos foram estudados os gêneros juntamente com as práticas, sendo que na maioria das atividades

trabalhamos com um gênero e buscamos que a turma refletisse sobre as práticas, enquanto em uma situação, durante os debates, a prática social definiu o gênero. A relação entre esses eventos é tematizada nesta seção começando pelo primeiro caso.

Os artigos de opinião foram os gêneros que mais apareceram nos jornais, conforme ilustra o Gráfico 1. Nos dois anos do jornal foram publicados artigos sobre preconceito, racismo, rap em Florianópolis, maus tratos a animais, violência em jogos eletrônicos, aborto e xenofobia. Após o debate dessas temáticas foi explicado que um texto opinativo, como o artigo, enquanto um gênero, costuma abordar um problema e discorrer sobre ele⁷⁵. Além disso, compreende as práticas de expressão de uma opinião e de sustentação de um ponto de vista. Enquanto os textos eram produzidos, a turma refletia sobre os significados que estavam sendo construídos.

Um momento importante, nesse sentido, aconteceu durante a elaboração da entrevista que tematizava as impressões dos alunos e alunas sobre a escola⁷⁶. O grupo de alunas/alunos responsável por essa matéria de entrevistas (Laura, Franco, Léo e Lúcio) esboçou alguns tópicos que queriam levantar sobre as opiniões das/dos estudantes da escola. Foram realizadas questionamentos sobre os seguintes conteúdos: o que outros e outras estudantes achavam do ensino na escola; quais considerações tinham sobre a estrutura física da escola; o que pensavam da conduta do corpo docente e discente da instituição; e como avaliavam a questão da segurança escolar. Essas perguntas foram feitas para alunos/alunas da escola de diferentes séries e turnos escolares nos encontros e em outros momentos como intervalo de aulas.

Eu e a professora Edna auxiliamos nessa etapa bem como na análise dos resultados dessas perguntas. Em dada aula, quando o trabalho com as perguntas estava ainda no início, Laura me disse que iria pegar a pergunta que manifestasse melhor seu posicionamento para trazer para o jornal. Eu disse a ela que, sendo uma entrevista ou uma pesquisa, era importante que ela tivesse cuidado de refletir sobre o que as pessoas diriam, além de trazer a opinião que ela considerava melhor. Disse que não havia

⁷⁵ Para Melo e Assis (2016, p. 52), um artigo de opinião consiste geralmente em um texto “elaborado por um especialista, que julga um acontecimento passível de controvérsia a partir de seu repertório”. Considerando a esfera escolar, de uma turma de estudantes do nono ano, os artigos não foram escritos por especialistas, mas sim por adolescentes em formação escolar. Não acredito que esse fator invalide a importância dessas alunas e alunos se colocarem nessa situação comunicativa e assumirem a manutenção de um ponto de vista.

⁷⁶De acordo com Borba (2014), o gênero entrevista tem o propósito geral de relatar a voz de algum participante da sociedade. Esse relato pode ser relacionado a um fato noticioso (como a opinião das/dos estudantes sobre a escola, no caso da entrevista produzida na primeira edição) como também uma entrevista pode ter a intenção de colocar a voz de uma pessoa específica em evidência.

problema ela marcar o posicionamento dela no seu texto, era bom, mas que ela precisava ter cuidado para não manipular toda informação coletada. Dessa forma, durante o trabalho com o gênero entrevista, a aluna refletiu sobre o tipo de prática social que estava sendo construído.

Na elaboração da carta aberta contra o machismo aconteceu um movimento que também considero ser rico para ser pensado no contexto escolar, pois mostra indícios da transitividade dos/das estudante na relação entre práticas sociais e gêneros discursivos. O contexto de produção desse texto teve início no primeiro encontro de 2019, quando duas alunas escolheram falar sobre o machismo, Lilitiana e Lara. Ao longo dos meus encontros com a turma as duas alunas já tinham expressado que gostariam de desenvolver um texto que desse voz a todas as colegas e que fosse uma espécie de manifesto contra o machismo.

No dia em que realizamos o debate sobre essa temática, Lara sugeriu que a discussão fosse realizada a partir de frases machistas que mulheres escutam rotineiramente. Como base para essa conversa, usamos um vídeo veiculado pelo *site Huffington Post* que mostrava mulheres diferentes narrando frases machistas com as quais se deparavam constantemente. Foi realizada a leitura de cada uma das frases e, de modo coletivo, discutimos o significado de cada uma delas. Ao final, buscamos pensar em frases do contexto brasileiro e da escola. Nesse mesmo encontro, o grupo definiu que elas fariam uma carta aberta posicionando a turma contra a adoção de práticas machistas. Mediante isso, trabalhamos com as características desse gênero discursivo. Nesse caso, houve uma situação, uma prática social, que era a de se manifestar contra o machismo, e essa prática definiu a carta aberta⁷⁷ como um gênero que poderia marcar essa ação.

Embora, na ACG, gênero do discurso e prática social sejam conceitos correlacionados, não podendo ser tomados separadamente, o que torna esse acontecimento interessante é o fato de que uma prática social de transitividade crítica induziu a escolha do gênero carta aberta. Vejo que, nesse caso, a transitividade foi crítica uma vez que partiu das situações sociais que essas meninas enfrentam e da

⁷⁷ Para Leite (2014, p. 78), “a carta aberta normalmente é usada para denunciar problemas de um grupo ou comunidade, propagar ideias, opiniões e reivindicar soluções para problemas. Mais do que qualquer outro gênero, a carta aberta procura dialogar e interagir com o leitor, que pode ser uma autoridade, uma comunidade ou um determinado indivíduo. Para isso, os recursos linguísticos utilizados devem situar o interlocutor a respeito do assunto ao longo do texto, solicitando fazeres, buscando sensibilizá-lo.” Tendo em vista que a pauta de Lara e Lilitiana era a de se posicionar contra o machismo, o gênero carta aberta foi mobilizado para colocar em ação essas práticas sociais.

condição social do que é ser mulher. Considerando essa experiência, elas quiseram se opor a um tipo de opressão abrindo possibilidade, mesmo que em contexto local, para uma mudança no enfrentamento do machismo. Nos exemplos listados anteriormente, também se pode vislumbrar aspectos de transitividade das/dos estudantes, mas o movimento foi de estudar o gênero para depois refletir sobre as práticas sociais e a transitividade. Vejo que nessa situação a criticidade surgiu nas próprias práticas, criando uma experiência mais significativa para essas duas alunas e para turma como um todo.

Esta carta aberta elaborada por Liliana e Lara é analisada no próximo capítulo juntamente com a entrevista sobre a escola produzida pelos/pelas estudantes. A intenção é investigar a transitividade que foi se construindo nesse contexto; para isso, busco identificar o embate entre diferentes vozes sociais (BAKHTIN, 1998 [1934/35]) que circulam nas matérias produzidas por esses alunos e alunas.

6. A TRANSITIVIDADE DAS/DOS ESTUDANTES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DOS TEXTOS PARA O JORNAL

A transitividade crítica acontece quando há abertura ao debate e adensamento dialógico da consciência social do sujeito, ou seja, quando, a partir de conhecimento histórico de dados eventos sociais, um sujeito deixa de lado uma posição de desconhecimento e assujeitamento e assume uma condição de transformação (FREIRE, 1967). O conceito tem relação com a ideia de trânsito, de deslocamento entre um estágio de sectarismo para a emancipação cidadã. Ao criar um jornal escolar modelado pelo jornalismo independente se esperava criar momentos de transição dessa consciência. E, através dos dados de pesquisa, percebo que houve ocasiões em que os/as estudantes apresentaram consciência crítica ou uma transição da consciência ingênua para crítica. No entanto, a análise de um dos textos desenvolvido no início do projeto pode sugerir momentos de intransitividade.

Ao longo deste capítulo, reflito sobre a construção da criticidade dos/das estudantes ao fazer o jornal escolar. Começo discutindo um evento recorrente na elaboração da Folha Lázaro Marque, a cópia de textos da internet e apresento a relação dessa prática com a transitividade das/dos estudantes. Em uma segunda etapa do capítulo, analiso dois textos: as matérias principais publicadas nas duas edições do jornal. A análise dessas duas produções textuais ilustra como foi possível identificar um deslocamento da consciência social de alunos e alunas ao logo do desenvolvimento do projeto.

6.1 A PRÁTICA DE COPIAR TEXTOS DA INTERNET E SUA RELAÇÃO COM A TRANSITIVIDADE DOS/DAS ESTUDANTES

Conforme mencionado nos capítulos anteriores, a cópia de textos da internet foi uma situação recorrente nas duas publicações do jornal Folha Lázaro Marques, sendo mais frequente na primeira edição (em um total de dez textos, a metade apresentava fragmentos copiados ou cópias integrais). O fenômeno ainda persistiu na segunda edição, mas teve diminuição. Dos dezesseis textos publicados, sete ainda

tinham fragmentos copiados, sendo dois deles cópias integrais de outros textos. Também pontuo que três dessas produções copiadas foram realizadas por uma mesma aluna, Renata⁷⁸.

Em síntese, no jornal essas cópias de textos podem ser relacionadas a três situações: (i) a cópia se configurando como um reflexo do tipo ensino, que ainda reverbera concepções ligadas ao ensino tradicional de língua, que possibilita poucas situações para que alunas e alunos se construam como sujeitos críticos; (ii) a cópia se constituindo como uma situação de *remix* (mistura de uma variedade de vozes sociais e de diversos fragmentos multissemióticos) (PINHEIRO; FELÍCIO, 2016); e (iii) a cópia expressando o desinteresse dos/das estudantes em relação à escola e às atividades do jornal. Ao longo desta seção, minha intenção é entender o fenômeno da cópia de textos e buscar interpretações e explicações para essa situação, considerando o contexto específico desta tese, do jornal escolar e dos alunos/alunas da escola Lázaro Marques.

Antes de iniciar a discussão sobre as práticas de cópia, é importante retomar o conceito de intransitividade e de transitividade. Para Freire (1967) a intransitividade seria uma fase em que há o apagamento do sujeito como ser social. Ou seja, uma pessoa que vive em condição de intransitividade tem suas atividades limitadas a uma esfera biológica não possuindo senso histórico para o enfrentamento dos problemas que a cercam. O ponto oposto desse estágio é o de transitividade crítica, momento em que o sujeito reconhece seu papel no mundo, se tornando capaz de se colocar em condições de luta por transformações sociais. A transitividade crítica é marcada pela responsabilidade social e política, pela profundidade na interpretação dos problemas e por uma visão histórica do mundo (FREIRE, 1967). Há ainda, entre esses dois estágios, a transitividade ingênua, que se constitui como um momento de passagem, de despertar do sujeito.

Na esfera escolar e no contexto da construção de um jornal escolar, a transitividade poderia ter relação com a construção da voz dos alunos e alunas e/ou a partir do manejo de diferentes vozes sociais em um texto, que tenha objetivo de se posicionar criticamente sobre um assunto (superando determinada estrutura de dominação, no caso, pela associação com o jornalismo independente). A prática de

⁷⁸ Como indiquei no capítulo anterior essa aluna teve problemas de frequência na escola e acabou deixando a instituição durante o desenvolvimento do jornal. Mesmo assim enviou alguns textos, resumos, que havia produzido para que fossem publicados. Vejo que no caso desta estudante a cópia destes resumos poderia ter sido evitada se ela continuasse a participar das aulas. Por isso, ainda considero que teve uma diminuição no número de cópias na segunda edição do jornal.

copiar textos da internet, nesse sentido, em uma primeira análise poderia indicar um apagamento da transitividade das/dos estudantes, pois gera um apagamento da sua voz autoral, já que elas/eles deixam de se posicionar frente a um assunto para adotar uma visão de mundo de outros⁷⁹. Vejo que, em parte, essa é uma análise possível do fenômeno, mas não a única, pois como vou desenvolver ao longo desta seção, o ato de copiar textos se mostra um processo complexo.

O primeiro ponto que pode ser levantado é o de que o ato de copiar algo não é novo. Por muitos anos, enciclopédias e até mesmo livros didáticos já eram usados em situações de trabalhos escolares nos quais estudantes copiavam trechos desses materiais com objetivos de estudo ou para avaliações. Com o surgimento de novas tecnologias, no entanto, a prática de cópia começa a ser facilitada e potencializada. Outro ponto a ser discutido refere-se ao fato de que em diversas situações, seja na esfera escolar ou em situações da vida cotidiana, não se produz textos novos, mas se recorre a algo já posto. Há que se considerar as ideias de Bakhtin: um enunciado é sempre uma resposta a outro enunciado⁸⁰.

Partindo dessa concepção bakhtiniana, Bazerman (2010) fala da dificuldade teórica em se separar no texto do outro o que é cópia e o que é texto autoral. Além disso, ele também questiona quais seriam os eventos sociais que exigem a criação do novo e da originalidade. Bazerman (2010) aborda a questão do plágio⁸¹ em diversas esferas de atividade humana, sendo a escola um dos lugares onde essa situação ocorre. Para o autor, especificamente na escola, alunos/alunas comumente transcrevem conteúdo do quadro ou de seus livros didáticos; são estimulados a decorar fórmulas

⁷⁹ Outra leitura possível para o fenômeno é que a autoria também pode surgir a partir da articulação das vozes de outros. Discuto um exemplo em que isso acontece ainda nesta seção. Nesse caso, ao reproduzir e repetir posições, um sujeito constrói suas posições valorativas. No entanto, considero que há a necessidade de que a autoria consiga ultrapassar casos de reprodução ou que mescle repetições e reproduções com sua voz autoral.

⁸⁰ Ao trazer as formulações de Bakhtin sobre o enunciado não tenho intenção de relativizar a prática de cópia de textos dos alunos e alunas. Mas, sim, marcar que o fenômeno é mais complexo do que pode parecer em uma primeira análise. O ato de copiar é realizado em diversas situações sociais. Tais questões precisam ser problematizadas, principalmente, a questão do próprio ensino que, apesar de apresentar significativas mudanças, ainda tem exigido poucas situações de autoria dos/das estudantes. Também não é minha intenção dizer que os alunos e alunas precisam criar textos autorais desconsiderando os enunciados anteriores. A construção do conhecimento precisa partir do já posto para o novo, é essa ideia que proponho ao longo da discussão iniciada nesta seção.

⁸¹ Ao longo de seu artigo, Bazerman (2010) usa a terminação *plágio* para se referir a essa prática. Estou usando o termo *cópia* ou ato de *copiar* ao longo desta tese por perceber que este é mais adequado ao contexto de alunos e alunas em anos escolares. Vejo que plágio pode ter um sentido muito negativo, não ético, ou até mesmo de ato ilícito. Não vejo que estudantes façam isso dessa forma e com essas intenções. O ato de copiar parece ser assim mais adequado à esfera escolar. Em muitas situações, essas práticas são incentivadas pela própria escola, como discorro nesta seção.

matemáticas e físicas, conceitos da biologia, conjugações verbais, datas históricas, citações literárias, etc. Em situações avaliativas, por exemplo, é apropriado aos estudantes repetir palavras memorizadas vindas desses outros lugares. Conforme pontua Bazerman, a escola possibilita aos estudantes poucas situações de criação autoral sobre o conhecimento adquirido.

Essas práticas de apenas copiar conteúdos com pouca elaboração própria dos/das estudantes poderiam ser reflexo de anos de um ensino tradicional, bancário nas palavras de Freire (1987 [1968]), em que o professor/professora figura como único detentor do conhecimento. Em uma educação bancária, alunos/alunas seriam vistos como seres desprovidos de voz sendo sua função armazenar os conhecimentos depositados por um docente. Nesse cenário, o papel da/do estudante está em apenas copiar e replicar, sendo plausível que a prática de cópia de textos durante a produção do jornal reverbera essas situações. No que se refere ao ensino e aprendizagem de língua materna essas questões ainda podem ser resquícios de concepções de ensino tradicional, em que a linguagem era tida unicamente como expressão do pensamento e não se percebia sua função interativa e social. As aulas de LP tinham como único objetivo o ensino da gramática e da norma padrão. Embora essa não seja mais a orientação defendida por documentos oficiais e por teóricos da área, essas concepções ainda ecoam nas práticas escolares, passando despercebidas em muitas situações, como acontece corriqueiramente com a cópia de conteúdo de um quadro e a memorização e repetição de respostas padrões em avaliações⁸².

No desenvolvimento do jornal escolar vejo que alguns dos textos copiados têm relação com essas questões. No primeiro ano do jornal, Henrique copiou integralmente uma sinopse de um filme da internet e, na segunda edição do jornal, Kátia copiou trechos que fundamentaram seu artigo sobre maus tratos aos animais também de um site da internet. Henrique e Kátia são estudantes que tinham interesse e participavam das atividades do jornal, apesar de apresentarem dificuldade de escrita e, em geral, desempenho baixo na escola. Vejo que, no caso dos dois, o fato de a escola, apesar dos inúmeros avanços em termos de políticas públicas, oferecer poucas situações de

⁸² Percebe-se, assim, que a questão é delicada. A elaboração de resumos e sínteses, contendo as principais ideias de um conteúdo ou de um autor, é um método importante e eficiente de estudo. O problema surge quando esse resumo passa ser a única fórmula seguida nas atividades escolares, não apenas no ensino/aprendizagem de línguas, mas também em outras disciplinas. O/a estudante precisa dominar também outros gêneros que se constituam de outras práticas sociais, como a de expressão de um ponto de vista, por exemplo.

produção textual que exijam uma reflexão autoral sobre determinado assunto pode ter feito com que eles tenham recorrido a textos prontos. Nesse caso, a transitividade deles está sendo limitada por um apagamento daquilo que eles poderiam dizer. A cópia, diante disso, gera uma condição de pouca transitividade e pode ser vista como consequência do tipo de ensino e de uma condição de educação opressora dada a essas/esses sujeitos.

O que estou propondo é que a prática de cópia de textos pode ser um resíduo das longas décadas de defesa de concepções de ensino tradicional e bancário. No entanto, para além disso, considerando o contexto específico desta pesquisa, vejo que é importante também refletir sobre a influência do jornalismo dominante nos textos dos/das alunos/alunas. Durante o desenvolvimento do jornal, algumas iniciativas e atividades foram desenvolvidas a fim de se refletir sobre os efeitos desse tipo de mídia na sociedade. Entretanto, como já foi dito ao longo da pesquisa, é muito difícil romper totalmente com esse tipo de influência do jornalismo, uma vez que, como sugere Soares (2006, p. 62), “o jornalismo assumiu um lugar definitivo como formulador da narrativa universal do ‘atual’ em nossa civilização”.

Além disso, os meios de comunicação como o jornalismo dominante exercem o poder simbólico, muitas vezes de forma conjunta com os poderes econômico, político, e coercitivo, conforme aponta Thompson (1998). A partir disso, ele cria representações sobre diferentes atores e objetos sociais, sendo que sua presença na sociedade tem sido tão forte que ela silencia outros tipos de representação. Como consequência, pode-se dizer que alunos e alunas, como Kátia e Henrique, não se sentem capazes de dizer algo seu porque, além da escola não os estar estimulando a fazer isso, a mídia já oferece a eles algo pronto, já entrega a construção de um pensamento e de uma opinião, muitas vezes de forma impositiva. Essas duas situações têm como consequência, ao que parece, a prática da cópia que, nesse caso, gera situações de pouca transitividade para as/os estudantes.

Em contraste com esses eventos, em pelo menos um momento da pesquisa, a prática de cópia de textos pode ser associada a um tipo de transitividade. Nesse caso específico, o fácil acesso que duas alunas tinham a conteúdos de *blogs* e vídeos do *Youtube* adquire novos significados. O uso cada vez mais rotineiro da internet possibilita a comunicação de muitos com muitos virtualmente (ou seja, sem a necessidade de presença física) e também a formação de comunidades que

compartilham interesses comuns, juntando, por exemplo, grupos minoritários que passam a discutir sobre seus direitos (CASTELS, 2003). Dessa forma, a internet torna possível uma maior distribuição da comunicação tanto para meios do jornalismo independente como para grupos de pessoas que se tornam ativistas sociais ou militantes de uma causa com uma maior facilidade. Um exemplo disso é o crescimento de canais do *Youtube* que visam discutir machismo, feminismo, diversos tipos de preconceito, etc. As duas alunas responsáveis pela produção da carta aberta contra o machismo veiculada no jornal, Liliana e Lara, tinham o costume de consumir esses conteúdos e traziam referências para as aulas durante os debates de pauta. O texto produzido por elas para o jornal teve uma citação retirada da internet. Neste caso, no entanto, vejo que o ato da cópia não implica necessariamente em apagamento da transitividade.

Entendo a produção do texto das duas meninas como um *remix* que, para Pinheiro e Felício (2016, p. 60), com base em Lankshear e Knobel (2007), seria a “capacidade de recortar e ‘misturar’ diversos modos como escrita, sons, imagem estática ou em movimento e recriá-los a partir dessa mistura”. Os dois autores analisam as práticas de letramentos digitais de um estudante de escola pública na criação de *templates* e páginas para a internet e entendem que o *remix* tem potencial de ressignificar velhas práticas como o copiar-colar no contexto do mundo digital.

Além do trecho retirado da internet, é possível perceber no texto das alunas uma mistura das suas diversas leituras de mundo. Como abordei anteriormente, o processo de criação do texto das duas alunas partiu de uma prática social, a de manifestação contra o machismo, e encontrou no gênero carta aberta uma forma de fazer isso. Desde o início da escrita dessas alunas, houve um processo de criticidade. O texto em si, como analiso nas seções seguintes deste capítulo, também apresenta marcas linguísticas de transitividade, mesmo com parte copiada da internet. A questão que se coloca nesse caso é que não se pode analisar essa cópia como simples falta de transitividade e ou apagamento de suas vozes tendo todo esse processo em vista. A cópia, nesse caso, é parte do processo de construção dessas alunas como sujeitas sociais que se apropriam de um dizer de outros misturando-o com suas próprias vozes.

Para além desses dois tipos de cópia (reflexo do tipo de ensino e *remix*), também percebi que em alguns casos a cópia manifestava desinteresse dos alunos com as atividades do jornal. A tese de Lima (2014), que do mesmo modo analisou a prática de cópia de textos da internet no desenvolvimento de um jornal escolar, identificou esse

caso. Em seu contexto de pesquisa, Lima (2014) entendeu que a cópia poderia ser uma forma simples de escrita, e talvez uma das únicas conhecidas pelo grupo de alunos/alunas da turma onde o jornal foi produzido. Assim, similarmente à minha análise, a autora aponta para uma problemática que vem do sistema de ensino escolar que ainda faz ecoar a prática de ensino tradicional e oferece poucas atividades para formação dos/das estudantes como sujeitos sociais ativos no mundo.

Além disso, a autora também percebeu que a cópia poderia ser um sintoma de uma falta de interesse desses alunos/alunas com o jornal, fato que possivelmente estaria associado à sua pouca experiência como docente no ensino básico. Concordo com Lima, e do mesmo modo vejo que houve uma falta de interesse de alguns alunos pelas atividades, principalmente no caso de três deles (Guto, Ygor e Diego), que pouco participaram das atividades do jornal nas duas edições e não demonstravam interesse pela escola de forma geral. Nesse caso, entendo que possa ter faltado, de minha parte, uma maior maturidade como docente, o que se associa à minha pouca experiência como professora do Ensino Fundamental. Por outro lado, o desinteresse desses meninos pela escola, de certo modo, também pode fazer referência à forma como a escola e os demais professores estão chegando a esses estudantes, igualmente indicando que uma mudança no processo didático precisa ser realizada.

Posto esse primeiro ponto da análise da transitividade dos/das estudantes na produção dos textos para o jornal escolar, na próxima seção retomo o conceito de vozes sociais de Bakhtin (1998 [1934/35]) e investigo como as vozes das/dos estudantes indicam momentos de criticidade nos textos escritos por eles/elas.

6.2 A TRANSITIVIDADE DOS/DAS ESTUDANTES MANIFESTADA EM DOIS TEXTOS PUBLICADOS NO JORNAL ESCOLAR

Em uma perspectiva bakhtiniana, a linguagem ocorre em situações de interação em que sujeitos historicamente situados trocam enunciados. Cada enunciado é uma forma de resposta a outro enunciado já dito ou preconfigurado e é marcado por diferentes visões de mundo e ideologias. Ou seja, um enunciado sempre faz referência a diferentes posicionamentos axiológicos. Para Bakhtin (1998 [1934/35]), todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas que

coexistem, algumas em consonância; outras em dissonâncias. Assim, diferentes posicionamentos, ideologias, intenções, posturas e pontos de vista de sujeitos históricos compõem estas vozes sociais. Segundo Faraco (2006), a multiplicidade de vozes sociais se refere ao conceito de heteroglossia, que indica a realidade heterogênea da linguagem. Destaco ainda, nas palavras de Bakhtin (1998 [1934/35], p. 88), que:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso do outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa.

Nas análises que são apresentadas ao longo deste capítulo, recorro à noção de vozes sociais que podem ser identificadas nos textos dos alunos e alunas. A forma como diferentes posições axiológicas aparecem nas matérias produzidas pelos alunos/alunas pode indicar o modo como diferentes ou semelhantes construções de mundo estão em embate nos textos escritos pela turma. A maneira como diferentes posições axiológicas são negociadas ou se estabilizam pode apontar para possíveis deslocamentos no horizonte axiológico desses alunos (FERRETI-SOARES, 2018). A depender se estas vozes sociais constroem representações e discursos que buscam superar ou conservar determinada conduta social dominante, a análise pode indicar aspectos da transitividade ou da intransitividade desses/dessas estudantes.

Sipriano e Gonçalves (2017, p.79) propõem um esquema que pode servir de base para analisar, em diferentes tipos de enunciado, como as “vozes sociais revelam dialogicamente o embate de diferentes posicionamentos ideológicos marcados, na materialidade discursiva, por elementos linguísticos e textuais”. A Figura 11 ilustra o esquema proposto por esses dois autores:

Figura 11 – Categorias bakhtinianas



Fonte: Sipriano e Gonçalves (2017, p. 78)

Conforme ilustrado na Figura 11, a heteroglossia, a análise das vozes sociais, indica as relações dialógicas presentes em um texto. Essa investigação das posições valorativas presentes em enunciados pode ser feita a partir da identificação do tipo de discurso que é citado, como também se pode recorrer à análise dos tons valorativos. De um lado, as marcações de citação do discurso (direto, indireto e direto livre) manifestam explicitamente as vozes sociais que constroem um texto. Em outra medida, “os acentos apreciativos assinalam uma tomada de postura em relação à multiplicidade de vozes sociais” (SIPRIANO; GONÇALVES, 2017, p. 78). Como já indica Bakhtin em *Discurso no romance*, recursos linguístico-discursivos, como entonação e apreciação, apontam para um tipo de posição valorativa. O uso de certas palavras, como verbos, adjetivos, advérbios, não é neutro e, mesmo que de forma mais implícita, exprime um tipo de avaliação.

Tendo retomado a noção de voz social, justificado sua potencialidade para a análise da transitividade e sintetizado marcações linguísticas que podem oferecer um esquema para análise, na próxima seção examino o primeiro texto produzido pelas alunas e alunos no jornal escolar: uma entrevista publicada na primeira edição do Folha Lázaro Marques. Na sequência, analiso outro texto, uma carta aberta, publicada na segunda edição. Esses dois textos foram eleitos pela turma como as matérias principais de cada uma das edições do jornal (são matérias de capa), sendo este o motivo da

escolha destas produções textuais dentre outras. A análise dos dois textos também permite comparar possíveis deslocamentos na transitividade durante o processo de construção do jornal escolar, já que eles foram produzidos em momentos diferentes.

6.2.1 Análise de uma entrevista publicada na primeira edição do jornal escolar

Antes de apresentar o texto analisado nesta seção é importante reiterar que no primeiro ano de desenvolvimento do projeto não houve tempo para uma fase mais profunda de revisão dos textos produzidos pelos alunos e alunas. Dito de outro modo, os textos na primeira edição do jornal podem falhar em expectativas quanto ao uso da norma culta da língua e quanto à progressão temática, mas desconsidero essas questões na análise realizada. A intenção principal deste capítulo é a identificação e reflexão sobre as vozes sociais trazidas pelos alunos/alunas para os textos. Isso significa que, para além do ensino gramatical, a análise posta aqui pretende investigar o processo de transitividade dos/das estudantes. Percebo que é uma limitação da pesquisa que o jornal escolar não tenha dado tanta ênfase a atividades metalinguísticas, uma vez que tal ensino é necessário para a formação desses alunos e alunas. Busquei, assim, corrigir a questão da revisão dos textos na segunda edição do jornal, embora ainda tenha sido uma fase problemática da pesquisa, conforme já foi dito anteriormente.

Posto isso, no Quadro 11 trago o texto que é analisado nesta seção. O lado esquerdo deste quadro traz a imagem da forma como a matéria apareceu no jornal com chamada, diagramação e fotografia utilizada. No lado direito, há a reprodução apenas da parte verbal, a fim de facilitar sua leitura. O texto consiste em uma entrevista desenvolvida por quatro alunos, tendo como tema as impressões que estudantes de outras turmas tinham sobre a escola. As perguntas foram elaboradas e realizadas conjuntamente pelo grupo, mas o desenvolvimento da escrita foi produzido apenas por Laura.

Laura foi uma aluna bastante participativa nas atividades do jornal durante o ano de 2018, mas que deixou a escola após esse ano, não continuando assim no desenvolvimento da segunda edição. Segundo ela, o ensino na escola Lázaro Marques era fraco assim como a atuação dos professores, que exigiam pouca disciplina das/dos

estudantes (esse foi o motivo que fez ela e sua família decidirem trocar de escola). Em nossas conversas, Laura disse gostar muito de ler e escrever, já tendo produzido algumas histórias de ficção de sua autoria que ela publicou na forma de livros. Essa estudante gostava de estudar, mas não via que a escola estava oferecendo as melhores oportunidades para sua formação. Essa visão de mundo aparece na matéria produzida por ela, como ilustra o Quadro 11⁸³.

Quadro 11 – Texto da entrevista produzida por Franco, Laura, Lúcio e Léo

Foto do texto conforme apareceu no jornal com imagens	Parte verbal do texto
 <p>Seção Entrevistas Lázaro Marques</p> <p>Por Franco Laura, Lúcio e Léo.</p> <p>Nessa edição do jornal Folha Lázaro Marques, fizemos pesquisas com os alunos e as alunas da escola sobre suas opiniões sobre a instituição. Já avisamos que todas as opiniões aqui apresentadas são anônimas, pois as alunas e os alunos entrevistados não quiseram seus nomes, nem as turmas que cursam, divulgados neste jornal.</p> <p>Segundo as pesquisas para o jornal <i>Folha Lázaro Marques</i>, estima-se que a maioria das alunas e dos alunos, entre o 7º, 8º e 9º ano, acham que o ensino na escola é razoável, mas em algumas partes da pesquisa, algumas pessoas disseram que o ensino na escola é fraco, como a seguinte opinião:</p> <p><i>"Em opinião particular, o ensino é fraco e falho - Anônimo"</i></p> <p>A escola está com problemas de manutenção, chegamos a perguntar o que os alunos e as alunas gostariam que a escola proporcionasse para que diminuisse o calor durante a época de verão e todos os alunos e alunas que foram entre-</p> <p>vistados disseram que o conserto dos ventiladores já seria ser o bastante.</p> <p>mas, malícia, entre outros, uma opinião que mereceu muito com nós, os seguintes:</p> <p>"Eu acho que isso é desrespeito com os professores e desrespeitos, pois os professores são uma das pessoas que mais não ficar por aí por tanto tempo, e temos de aprender a ser gratos" - Anônimo.</p> <p>Continuo, não adianta o aluno respeitar e não ser respeitado, uma frase que temido até que que disse alguma coisa melhor que nós mesmos quando disser: "A paixão se faz de trunfo, de humildade, de modéstia, de trunfo para que a maior que seja" - É depois de tanto tempo, não sinto mais em manter contato com uma pessoa dessas, isso para mim não é supérfluo, é impossível, é durável".</p> <p>Alguns e algumas pessoas disseram que era está bom, mas também disseram que necessita de mais de um guarda na escola, ninguém sempre é pouco.</p> <p>Em várias salas, como aqui, não, desrespeito entre professores e alunos, julgamentos, amea-</p>	<p>Por Franco Laura, Lúcio e Léo.</p> <p>Nessa edição do jornal <i>Folha Lázaro Marques</i>, fizemos pesquisas com os alunos e as alunas da escola sobre suas opiniões sobre a instituição. Já avisamos que todas as opiniões aqui apresentadas são anônimas, pois as alunas e os alunos entrevistados não quiseram seus nomes, nem as turmas que cursam, divulgados neste jornal.</p> <p>Segundo as pesquisas para o jornal <i>Folha Lázaro Marques</i>, estima-se que a maioria das alunas e dos alunos, entre o 7º, 8º e 9º ano, acham que o ensino na escola é razoável, mas em algumas partes da pesquisa, algumas pessoas disseram que é fraco, como a seguinte opinião:</p> <p><i>"Em opinião particular, o ensino é fraco e falho - Anônimo"</i></p> <p>A escola está com problemas de manutenção, chegamos a perguntar o que os alunos e as alunas gostariam que a escola proporcionasse para que diminuisse o calor durante a época de verão e todos os alunos e alunas que foram entrevistados disseram que o conserto dos ventiladores já seria ser o bastante.</p>

⁸³ Durante o desenvolvimento dessa matéria, Laura me disse que iria fazer as perguntas e colocar no jornal as respostas que ela considerasse melhores ou mais adequadas. Entendo que esse tipo de marcação de posicionamento é aconselhada na produção de um texto e, conforme mencionado anteriormente, o ponto de vista marcado, ao contrário da objetividade, é uma característica do jornalismo independente. Por isso, aproveitei essa oportunidade para falar para Laura que não havia problema de ela fazer isso, mas que ela deveria ter cuidado para não manipular as informações levantadas com suas perguntas. Ao favorecer um trabalho com produções textuais que se orientam para uma marcação de posicionamento não se descarta a adoção de critérios rígidos no tratamento dos dados levantados. Isso é necessário, pois não se pode confundir o posicionamento marcado no texto com a produção de notícias falsas (*Fake News*). A particularidade do jornalismo independente está em não esconder o ponto de vista que é inerente a qualquer enunciado, que inevitavelmente carrega traços, vozes sociais e posições valorativas de seus falantes (BAKHTIN 1998 [1934/35]). No entanto, ao fazer isso não se deve desconsiderar os cuidados necessários com o tratamento dado às informações levantadas. Desse modo, ao produzir a entrevista, Laura já tinha um ponto de vista e buscou organizar seu texto levantando dados que comprovassem um tipo de posição valorativa.

	<p><i>"Os professores em sua maioria são empenhados, mas ainda falta comprometimento de suas partes" – Anônimo</i></p> <p>Muitos alunos e alunas, conforme a pesquisa, disseram quase a mesma coisa. Acontece que mesmo que os professores e as professoras estejam presentes, elas e eles precisam ser mais rígidos e ter mais responsabilidade com o que eles tem que fazer. Celulares estão sendo utilizados em sala de aula, mesmo que seja proibido, a/o professor/professora não é rígido/a o suficiente para fazer com que as/os alunos/alunas não utilizem eletrônicos em aula.</p> <p>Chegamos em um ponto que todos gostam, comida, pedimos a opinião de vários alunos/alunas e a maioria falou que não precisa melhorar a comida na escola, que ela já está de bom agrado.</p> <p>Em várias salas ocorre algo ruim, desrespeito entre professores e alunos, xingamentos, ameaças, malícia, entre outros, uma opinião que mexeu muito com nós, foi a seguinte:</p> <p><i>"Eu acho que esse desrespeito com os professores é desnecessário, pois os professores são uma das pessoas que mais vão fazer parte da nossa vida, e todos deveriam ser gratos" – Anônimo.</i></p> <p>Contudo, não adianta o aluno respeitar e não ser respeitado, uma frase que Iandê Albuquerque disse explica melhor o que nós estamos querendo dizer: <i>"A pessoa te faz de trouxa, te humilha, te machuca, te trata pior que a mer** que ela ca**". E depois de tanto tempo, você ainda insiste em manter contato com uma pessoa dessas. Isso para mim não é superação, é masoquismo, é burrice "</i>.</p> <p>Sobre a segurança escolar, várias pessoas opinaram dizendo que ela está boa, mas também disseram que necessita de mais de um guarda na escola, segurança sempre é pouco.</p>
--	--

Fonte: elaboração da autora

Sendo uma entrevista, há nesse texto uma mescla de discurso direto e indireto. As vozes sociais que podem ser extraídas do texto reverberam discursos que circulam socialmente. Além disso, as vozes que aparecem pertencem aos alunos/alunas que opinaram nas entrevistas como também marcam a posição dos produtores do texto. Alguns participantes são representados por essas vozes, como os próprios estudantes, os professores e também a escola. De forma geral, pode-se dizer que nesta entrevista as vozes sociais constroem uma imagem negativa desses participantes. A escola é marcada por uma baixa qualidade de ensino, os professores, apesar de serem vistos como importantes na formação dos alunos, são colocados como pouco comprometidos com seu trabalho e estudantes são representados como tendo indisciplina.

Figueiredo e Bonini (2017) discutem como a mídia dominante sedimenta, ao longo de uma cadeia de recontextualizações que passa por diversas mídias e gêneros, uma representação negativa do professor e da escola pública. Ao analisar um conjunto de notícias publicadas no portal vinculado à rede Globo G1, os autores elencam cinco representações mais recorrentes desses participantes, sendo elas: (i) a escola é um espaço deficitário e um campo de guerra; (ii) os alunos são violentos, vândalos, marginais; (iii) os professores não têm formação acadêmica adequada para lecionar; (iv) o salário dos professores é baixo e/ou precarizado; e (v) o professor é pobre, sofredor e perdedor (FIGUEIREDO; BONINI, 2017, p. 776).

Ao longo do artigo os dois autores vão desconstruindo essas representações, mostrando, por exemplo, que a questão da remuneração não se trata da mais baixa quando comparada a outras profissões. Os autores também mostram a quantidade de investimentos federais que foram feitos na escola pública nos governos Lula/Dilma, como, por exemplo, seleção e compra de livros didáticos e paradidáticos, a criação da TV Escola, a criação de repositórios de objetos de aprendizagem, dos projetos Pibid (de iniciação à docência), do Mais Educação, do Observatório da Educação, dos mestrados profissionais, dos programas de formação continuada como os pactos para a alfabetização e para o ensino médio, a transformação do ensino médio e a implantação da educação em tempo integral (FIGUEIREDO; BONINI, 2017, p. 769). No entanto, mesmo com todos esses programas, a mídia hegemônica insistia em construir uma imagem negativa da escola⁸⁴.

Na entrevista produzida, é possível identificar algumas das representações levantadas por Figueiredo e Bonini por meio dos acentos apreciativos mobilizados. Por exemplo, a escola é vista como uma instituição em que o ensino varia entre *razoável*, *fraco* e *falho* (segundo parágrafo), além de apresentar problemas estruturais como a *falta de ventiladores* (conforme terceiro parágrafo). O único ponto positivo apontado pelos alunos e alunas entrevistados é quanto à *merenda*, que está *adequada*. Embora, os/as estudantes não sejam caracterizados explicitamente por violência, são vistos como

⁸⁴ Com a finalidade de traçar uma comparação com os governos petistas, pode-se dizer que o governo Bolsonaro produziu cortes rotineiros nos orçamentos dos programas listados por Figueiredo e Bonini (2017). Neste governo, quando não há cortes efetivos, há ameaças de cortes, como as ameaças voltadas às universidades federais. Além disso, esse governo esforça-se para gerar uma disputa entre educação básica e educação superior, para explicar que os cortes em um setor podem favorecer o outro, criando assim uma competição entre áreas que deveriam se complementar. Dentro desse panorama, pode-se dizer que a mídia mantém o discurso de precarização da escola, pois, embora não apoie o tipo de política do governo, prefere fazer isso de forma mais velada.

indisciplinados: *usam celulares nas aulas, mesmo sendo proibido, xingam e desrespeitam seus professores* (quarto e sexto parágrafo). A matéria não entra na questão da remuneração e da formação dos professores, mas é dito que eles/elas *não se comprometem o suficiente* sendo em algumas ocasiões *irresponsáveis pouco rígidos e desrespeitosos* (segundo quarto e sexto parágrafos). A terceira citação aponta para a questão da importância dos professores na vida dos alunos, implicitamente marcando uma representação de que os docentes são *injustiçados*. Essa voz que coloca o professor em uma posição de *vítima* é rebatida, ou posta em dúvida, na sequência do texto, quando os autores trazem uma citação para sugerir que o professor precisa fazer sua parte para ser respeitado.

Tendo isso em vista, é possível sugerir que Laura e seus colegas, assim os alunos/alunas que responderam à entrevista, tenham replicado parte das representações que são disseminadas pela mídia dominante. A forma como a imprensa veicula esse tipo de notícia contribui para a reprodução de informações, muitas vezes exageradas, que criam um imaginário do que é a escola pública brasileira na mente desses participantes. Essa construção social é absorvida pelos próprios professores e alunos que começam a se enxergar dessa forma. Posto de outro modo, esse tipo de visão de mundo, de tanto ser repetida, se torna senso comum e é incorporado como a única voz social possível em dada conjuntura (capitalista). Nesse sentido é que, para Figueiredo e Bonini (2017), essa representação negativa da escola, dos professores e dos alunos é ideológica, pois ela serve para manter relações de poder e dominação da ideologia liberal.

Conforme já mencionado ao longo da tese, a mídia dominante tem ligação com a elite brasileira, servindo como porta-voz de seus interesses. Pode-se dizer que sustentar uma representação negativa da escola contempla as expectativas dessa classe por alguns motivos. Primeiro, a escola pública, para esse grupo, serve para formar uma mão de obra barata e obediente, que não deve pensar criticamente sobre suas condições sociais. Por isso, as concepções de ensino e aprendizagem defendidas pelas elites são as tradicionais ou tecnicistas, que oferecem poucas possibilidades para emersão da transividade. Para Fernandes (2019), seria justamente esse um dos grandes poderes do capitalismo, que impede o acesso a uma visão histórica da existência, negando aos sujeitos a insurgência de uma consciência crítica.

Além disso, criando uma representação negativa da escola pública se produz consequentemente uma exaltação do setor privado de ensino, que seria capaz de

oferecer um ensino de qualidade com profissionais capacitados e alunos disciplinados. Ainda, a imagem da educação pública como um problema é terreno fértil para setores privados ligados à área da educação eclodirem com metodologias mecânicas, programas e *softwares* capazes de reverter baixos índices e supostamente transformar a instituição escolar. Desse modo, uma rede de empresas particulares lucra com a manutenção do discurso negativo da escola pública. A representação negativa da escola pública e o engrandecimento da escola privada também contribuem para criar um discurso de comodificação – processo pelo qual há comercialização ou produção mercadorias (*commodities*) de domínios e instituições sociais que, em sua origem, não se enquadram na produção e comercialização de mercadorias (FAIRCLOUGH, 2016 [2001]). Por exemplo, no setor da educação privada, alunos e cursos passaram a ser vistos como clientes e mercadorias, marcadamente a partir dos anos 90.

Se for considerado que na entrevista produzida por Laura e seus colegas houve passividade, quando o papel das/dos estudantes foi de reprodução do que é dito pela mídia dominante, poderia inferir que houve pouca transitividade ou até mesmo intransitividade na escrita da matéria. Outra possibilidade seria interpretar que os alunos e alunas, sabendo de todas essas questões, escolheram produzir um texto que desqualificasse a escola. Não vejo que esse seja o caso, pois isso pouco favoreceria a eles e elas. Em geral, as/os estudantes de Lázaro Marques são alunos/alunas de baixa renda que têm na escola pública uma das únicas alternativas para sua qualificação. Por isso, vejo prevalecer na entrevista uma visão dominante sobre a escola, havendo ainda uma consciência crítica incipiente para se posicionar frente aos assuntos debatidos.

A entrevista termina falando sobre a segurança da escola. Embora a instituição seja apontada como um ambiente seguro pelos alunos e alunas, é dito que poderia haver mais um vigilante, pois *segurança sempre é pouco*, reafirmando um discurso dominante do medo (da sociedade de risco, da insegurança). Essa primeira edição do jornal começou a ser construída durante o processo de eleições presidenciais, sendo finalizada quando Jair Bolsonaro já havia sido eleito. É bastante provável que a voz social que levanta a questão da segurança pública seja uma marca que faz referência à época da campanha do atual presidente, uma vez que o combate à violência e a defesa da segurança foram um dos principais motes de sua candidatura. Laura usou em algumas situações falas dos discursos de Bolsonaro em discussões em aula, sempre em um tom defensivo. Além disso, quando a entrevista sugere que os professores são *irresponsáveis*

e pouco rígidos há uma voz social que pode ser associada com a defesa de um *ensino autoritário e disciplinador*, possivelmente *militar* como tem sido defendido pelo atual presidente. Partindo do ponto de que o governo pouco defende os direitos das classes mais baixas e se declara abertamente como favorecedor do conservadorismo e da elite, se pode dizer que novamente faltou transividade da aluna ao se posicionar dessa forma em seu texto⁸⁵.

Antes de encerrar esta seção, vejo ser importante pontuar que ao propor essa análise não quero dizer que a escola não apresente problemas. Como contextualizei na metodologia, escutei uma conversa entre professores fazendo reclamações da falta de apoio pedagógico da instituição. No entanto, essa mesma professora leu o jornal e sentiu necessidade de fazer uma explicação em defesa dos professores da escola, pois ela não considerava que existisse falta de comprometimento da parte deles; sua insatisfação era maior em relação à coordenação da escola.

Além disso, embora na entrevista os alunos da escola sejam marcados por indisciplina e falta de interesse em estudar, acho importante sinalizar que o desenvolvimento do jornal escolar não indica exatamente isso. O comprometimento da turma e seu comprometimento com o jornal aumentaram consideravelmente no segundo ano da pesquisa. Isso permite associar a indisciplina como sintoma de uma falta de conexão da escola com esses alunos e alunas. Dito de outra forma, é possível levantar que o modo como a escola busca se conectar com esse/essas estudantes esteja falhando, sendo necessário que se repense metodologias de ensino.

Outro exemplo que pode ser dado é que no final de 2019 foi anunciado que a escola seria fechada pelo Estado de Santa Catarina por conta de problemas estruturais. Os reparos a serem realizados levariam cerca de dois anos e teriam altos custos, por isso, o governo optou por fechar a escola por tempo indeterminado e transferir todos e todas

⁸⁵ Existem inúmeras situações que exemplificam a falta de comprometimento do governo Bolsonaro com as classes mais baixas e as minorias, mas como um exemplo bastante gritante se pode apontar a fala do ministro da economia Paulo Guedes que em fevereiro de 2020 disse que o aumento do dólar era “bom para todo mundo” já que “todo mundo” estava indo para a *Disney*, nos Estados Unidos, até “empregadas domésticas”. Essa fala de caráter “burlesco” foi divulgada em vários veículos da mídia, inclusive nos dominantes de maneira condenatória. Sobre isso vale reiterar que a mídia dominante, assim como em outros governos de direita no Brasil, por mais que apoie esse tipo de discurso, prefere fazer isso de forma mais velada na qual se mascara em uma falsa posição de neutralidade e pluralidade de vozes. Em contrapartida, o atual governo defende esse tipo de divisão de classes sem nenhum tipo de embaraço. Isso talvez torne ainda mais grave o fato de que uma parcela significativa da população esteja sendo intransitiva ao continuar apoiando esse tipo de discurso. Para Freire (1987 ([1968])), um dos piores tipos de opressão seria aquela que regulariza situações de opressão e faz com que o trabalhador ache normal ser oprimido, perdendo a consciência de que a luta e a transformação social são uma possibilidade.

para outras instituições. Esse anúncio criou em alguns alunos e alunas um movimento de resposta, em que comissões e protestos foram organizados. Parte da turma que havia participado da experiência do jornal aderiu ao movimento. No final do ano a escola foi fechada mesmo com os protestos, mas o movimento foi interessante para mostrar que esses alunos e alunas foram transitivos, se engajando em um tipo de luta social.

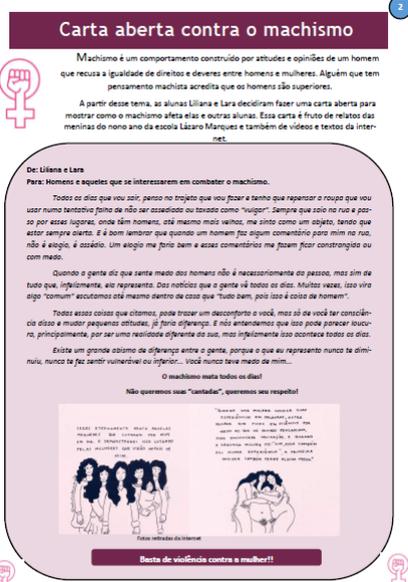
Vejo que esse acontecimento pode ser um indicativo de que o jornal escolar fez algum tipo de diferença na formação das/dos estudantes. Desse modo, a fim de indicar como esse tipo de criticidade apareceu ao longo do desenvolvimento da Folha Lázaro Marques, na próxima seção analiso um texto que foi publicado na segunda edição e no qual marcas de transitividade crítica podem ser identificadas a partir da investigação das posições axiológicas presentes em uma carta aberta produzida por duas estudantes.

6.2.2 Análise de uma carta aberta publicada na segunda edição do jornal escolar

O Quadro 12 apresenta a carta aberta analisada nesta seção. O lado esquerdo traz a imagem da forma como a matéria apareceu no jornal com chamada, diagramação e fotos utilizadas. No lado direito há a reprodução apenas da parte verbal, a fim de facilitar sua leitura. A carta aberta foi elaborada por duas alunas, Lara e Liliana, e consiste em uma manifestação da turma contra o machismo.

Para a produção dessa carta aberta houve um debate da pauta com todos e todas as estudantes sobre o tema (esse evento foi descrito no capítulo anterior). As duas autoras também criaram um grupo virtual no aplicativo *WhatsApp*, em que colocaram todas as alunas da turma para conversar e trocar experiências sobre como o machismo afetava suas vidas. Além disso, para a produção do texto foi feita uma pesquisa em *blogs* e canais do *Youtube*, já consumidos pelas duas alunas. Por fim, destaco que, assim como Laura que já tinha uma avaliação sobre a escola quando produziu a entrevista, Liliana e Lara também já possuíam uma postura de combate ao machismo e de defesa dos direitos das mulheres, que está bastante marcada no texto.

Quadro 12 – Texto da carta aberta produzida por Lara e Liliana

Foto do texto conforme apareceu no jornal com imagens	Parte verbal do texto
 <p>Carta aberta contra o machismo</p> <p>Machismo é um comportamento construído por atitudes e opiniões de um homem que recusa a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres. Alguém que tem pensamento machista acredita que os homens são superiores.</p> <p>A partir desse tema, as alunas Liliana e Lara decidiram fazer uma carta aberta para mostrar como o machismo afeta elas e outras alunas. Essa carta é fruto de relatos das meninas do nono ano da escola Lázaro Marques e também de vídeos e textos da internet.</p> <p>De: Liliana e Lara Para: Homens e aqueles que se interessarem em combater o machismo.</p> <p>Todos os dias que vou sair, penso no trajeto que vou fazer e tenho que repensar o roupa que vou usar numa tentativa falha de não ser assediado ou taxado como "vulgar". Sempre que saio na rua e passo por esses lugares, onde têm homens, até mesmo mais velhos, me sinto como um objeto, tendo que estar sempre alerta. É bom lembrar que quando um homem faz algum comentário para mim na rua, não é elogio, é assédio. Um elogio me faria bem e esses comentários me fazem ficar constrangida ou com medo.</p> <p>Quando a gente diz que sente medo dos homens não é necessariamente do passo, mas sim de tudo que, infelizmente, ele representa. Das notícias que a gente vê todos os dias. Muitas vezes, isso vira algo "comum" escutamos até mesmo dentro de casa que "tudo bem, pois isso é coisa de homem".</p> <p>Todas essas coisas que citamos, pode trazer um desconforto a você, mas só de você ter consciência disso e mudar pequenas atitudes, já faria diferença. E nós entendemos que isso pode parecer loucura, principalmente, por ser uma realidade diferente da sua, mas infelizmente isso acontece todos os dias.</p> <p>Existe um grande abismo de diferença entre a gente, porque o que eu represento nunca te diminuiu, nunca te fez sentir vulnerável ou inferior... Você nunca teve medo de mim...</p> <p>O machismo mata todos os dias!</p> <p>Não queremos suas "cantadas", queremos seu respeito!</p> <p><i>Quando a gente diz que sente medo dos homens não é necessariamente da pessoa, mas sim de tudo que, infelizmente, ela representa. Das notícias que a gente vê todos os dias. Muitas vezes, isso vira algo "comum" escutamos até mesmo dentro de casa que "tudo bem, pois isso é coisa de homem".</i></p> <p><i>Todas essas coisas que citamos, pode trazer um desconforto a você, mas só de você ter consciência disso e mudar pequenas atitudes, já faria diferença. E nós entendemos que isso pode parecer loucura, principalmente, por ser uma realidade diferente da sua, mas infelizmente isso acontece todos os dias.</i></p> <p><i>Existe um grande abismo de diferença entre a gente, porque o que eu represento nunca te diminuiu, nunca te fez sentir vulnerável ou inferior... Você nunca teve medo de mim...</i></p> <p>O machismo mata todos os dias!</p> <p>Não queremos suas "cantadas", queremos seu respeito!</p>	<p>Machismo é um comportamento construído por atitudes e opiniões de um homem que recusa a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres. Alguém que tem pensamento machista acredita que os homens são superiores.</p> <p>A partir desse tema, as alunas Liliana e Lara decidiram fazer uma carta aberta para mostrar como o machismo afeta elas e outras alunas. Essa carta é fruto de relatos das meninas do nono ano da escola Lázaro Marques e também de vídeos e textos da internet.</p> <p>De: Liliana e Lara Para: Homens e aqueles que se interessarem em combater o machismo.</p> <p><i>Todos os dias que vou sair, penso no trajeto que vou fazer e tenho que repensar a roupa que vou usar numa tentativa falha de não ser assediada ou taxada como "vulgar". Sempre que saio na rua e passo por esses lugares, onde têm homens, até mesmo mais velhos, me sinto como um objeto, tendo que estar sempre alerta. E é bom lembrar que quando um homem faz algum comentário para mim na rua, não é elogio, é assédio. Um elogio me faria bem e esses comentários me fazem ficar constrangida ou com medo.</i></p> <p><i>Quando a gente diz que sente medo dos homens não é necessariamente da pessoa, mas sim de tudo que, infelizmente, ela representa. Das notícias que a gente vê todos os dias. Muitas vezes, isso vira algo "comum" escutamos até mesmo dentro de casa que "tudo bem, pois isso é coisa de homem".</i></p> <p><i>Todas essas coisas que citamos, pode trazer um desconforto a você, mas só de você ter consciência disso e mudar pequenas atitudes, já faria diferença. E nós entendemos que isso pode parecer loucura, principalmente, por ser uma realidade diferente da sua, mas infelizmente isso acontece todos os dias.</i></p> <p><i>Existe um grande abismo de diferença entre a gente, porque o que eu represento nunca te diminuiu, nunca te fez sentir vulnerável ou inferior... Você nunca teve medo de mim...</i></p> <p>O machismo mata todos os dias!</p> <p>Não queremos suas "cantadas", queremos seu respeito!</p>

	Basta de violência contra a mulher!!
--	---

Fonte: elaboração da autora

A carta aberta é um gênero discursivo que tem sua origem nas cartas pessoais, mas ao invés de atingir poucos destinatários, tem objetivo de se dirigir a um grande número de pessoas. Geralmente é utilizada para manifestar um posicionamento frente à assuntos que são de interesse coletivo. No caso da elaborada por Lara e Liliana, havia um tipo de conscientização a ser feita contra o machismo. Em termos de estrutura, a carta apresenta um título *carta aberta contra o machismo*, dois parágrafos introdutórios nos quais é definido o que é machismo e é apresentado o objetivo geral do texto: mostrar como elas e outras alunas são afetadas pelo comportamento e, assim, funcionar como um tipo de conscientização. Após isso, há a marcação das remetentes (as duas alunas) e dos destinatários (homens e demais interessados em combater o machismo). O texto principal, que consiste na voz das duas alunas produtoras do texto, aparece na forma de relato pessoal. Por fim, há algumas frases de destaque e duas ilustrações. Há predominância do discurso direto, mas o discurso indireto também aparece nos dois primeiros parágrafos.

Conforme foi mencionado anteriormente, nessa matéria há um tipo de cópia de texto da internet que pode ser definida como *remix*. Embora as duas autoras não façam referência direta, o primeiro parágrafo da carta aberta é um resumo da busca pela palavra machismo na página da internet “Significados”⁸⁶. O trecho original é o seguinte: “Machismo é o comportamento, expresso por opiniões e atitudes, de um indivíduo que recusa a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros sexuais, favorecendo e enaltecendo o sexo masculino sobre o feminino”. O restante da carta aberta expressa a voz das autoras do texto e ecoa diversos blogs e vídeos de diferentes autoras que falam sobre o tema. Ao final há ainda duas ilustrações, retiradas da internet, que trazem enunciados verbais com textos que sugerem que as mulheres se unam para o enfrentamento ao machismo. Segundo Pinheiro e Felício (2016), nesse tipo de prática do *remix* há uma mistura de diversas vozes sociais e de diversos fragmentos multissemióticos.

⁸⁶ A página pode ser acessada pelo endereço: <https://www.significados.com.br/machismo/>.

Considerando que cada “enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica” (BAKHTIN, 1997 [1952/53], p. 320), a cópia nesse contexto também pode ter sido usada propositalmente pelas autoras com a finalidade marcar certa autoridade no discurso delas (a página que elas usaram como referência serve como um repertório para conceitos e definições de variados assuntos). Nesse caso, a cópia faz parte da construção do texto das autoras e tem uma marcação dialógica bastante explícita. Além disso, essas duas alunas foram bastante participativas durante todas as atividades do jornal e tinham costume de ler *blogs* e de assistir a vídeos do *Youtube* sobre temas ligados ao feminismo e ao combate ao machismo. No texto delas, é possível perceber uma combinação de várias vozes, que reverberam discursos do que é ser mulher e do que é ser homem.

Como participantes representados, identifico as mulheres como um grupo maior (que incluiria as autoras, alunas da turma e da escola) e homens como outro grupo que também pode fazer referência aos alunos da turma e da escola, que convivem mais diretamente com estas estudantes. Na carta, as mulheres, que fazem um pedido bastante insistente para que os homens as reconheçam como coparticipantes no jogo social, assumem uma postura de constante alerta, dando sucessivas explicações sobre comportamentos masculinos que interferem nas suas vidas e na sua segurança. Os homens são representados como agentes que parecem desconhecer que têm uma conduta errada ou são apenas relapsos quanto a esse comportamento. Dessa forma, na carta aberta, mulheres e homens são representados por diferenças.

Alguns acentos apreciativos expressam os contrastes entre posições ocupadas por homens e mulheres. Por exemplo, quando as alunas dizem que a mensagem delas pode trazer *desconforto para você* ou que *pode parecer loucura* por ser uma *realidade diferente da sua* e, ainda, quando é dito que existe um *abismo de diferença* entre os dois participantes, pois o que elas representam não faz com que os homens se sintam *vulneráveis* ou *inferiores*.

Além desses pontos, destaco acentos apreciativos mobilizados na carta que mostram a preocupação com o *trajeto* que fazem e com a *roupa* que usam. Mais adiante, elas relatam que, em relação aos homens, se sentem como *objetos*, *ficam constrangidas*, *sentem medo*, *vulnerabilidade* e *inferioridade*. Isso faz com que elas fiquem *sempre alerta*. Chama atenção também o uso da palavra *tentativa falha para*

não ser assediada, e taxada como vulgar. Há referências sobre situações de assédio que continuam acontecendo. Sobre isso há de se considerar que Santa Catarina tem tido aumentos consideráveis nos casos de feminicídio a cada ano.

No texto de Liliana e Lara há um trecho que diz que *comentários* feitos por homens na rua *não são elogios*, mas sim *assédio*, pois um elogio faz uma mulher se sentir bem e esse tipo de situação as faz se sentirem constrangidas ou com medo. Nessa parte do enunciado, pode-se identificar o embate entre duas vozes sociais: das/dos sujeitos que consideram que não há problema em proferir *cantadas* para mulheres na rua e daqueles ou daquelas, como as autoras, que acreditam que há. Entendendo que a linguagem é permeada por marcas pluridiscursivas que coexistem, algumas em consonância, outras em dissonâncias (BAKHTIN, 1998 [1934/35]), o texto das duas alunas marca esse embate entre essas duas vozes.

É importante, sobre isso, sinalizar que em Santa Catarina, assim como no Brasil, apesar dos casos crescentes de feminicídio e desigualdade de gênero, tem crescido o número de pessoas que banalizam o assédio. Exemplo disso é a fala de um deputado estadual Jessé Lopes de Santa Catarina que, em janeiro de 2020, disse que é um direito da mulher ser assediada, pois esse ato massageia o ego. Segundo este deputado, as mulheres já conquistaram todos os direitos necessários, inclusive tendo até, muitas vezes, mais direitos do que os homens. Ainda, para ele, as feministas pretendem tirar o direito dos homens. Embora essa fala seja posterior à produção da carta aberta, esse tipo de discurso já era comum naquela época e surgiu quando no debate da pauta foi discutido a variedade de frases machistas com as quais as mulheres aprendem a conviver desde cedo.

Em certo momento, a carta ilustra como algumas condutas masculinas machistas são banalizadas, como quando as autoras relatam que, muitas vezes, isso *se torna comum* que elas *escutam até mesmo dentro de casa* frases que dizem que isso é *coisa de homem*. A normalização desses comportamentos poderia justificar o tom usado por Liliana e Lara em parte da carta. Por exemplo, quando elas dizem que a mensagem pode trazer *desconforto* para o leitor ou que pode *parecer loucura* o que elas estão dizendo. Essas opções de linguagem podem indicar o embate de vozes sociais que se referem a duas construções sociais sobre o comportamento masculino: uma que ainda é dominante (a defendida pelo deputado estadual Jessé Lopes, por exemplo) e uma nova concepção sustentada pelas autoras.

Pode-se dizer que, em nossa atual conjuntura, atitudes masculinas que antes eram normalizadas estão passando por um processo de transformação. Uma reivindicação que antes era apenas de movimentos sociais vem ganhando mais força na população e, atualmente, tem havido uma tentativa mais visível de mudança em termos das práticas machistas. Consciente disso, nos últimos anos, toda vez que esse tipo de discurso surge ou quando se fala do aumento do número de feminicídios, a mídia dominante tem adotado uma postura de combate aos machismos e assédios através da produção de matérias educativas e da promoção de campanhas, por exemplo. Possivelmente, para se promover como um espaço plural e inclusivo a mídia tem visto que defender esse tipo de posicionamento axiológico é necessário, principalmente, para continuar se mantendo atual⁸⁷.

Sobre isso, vale refletir sobre a análise de Ferrati-Soares (2013), que examina as práticas sociais que se constituem na série televisa “O Sagrado” (da Rede Globo). A autora aponta que, embora na série haja uma defesa de relações igualitárias, de preocupação com questões sociais legítimas e ações de real responsabilidade social, há também um uso da questão religiosa para a promoção da Rede Globo e das empresas que compram espaço publicitário no programa. Ao fazer isso, deixa de se focalizar na resolução de problemas sociais, para utilizá-los a favor da instituição empresarial (FERRATI-SOARES, 2013). De forma semelhante, uma interpretação possível é que o jornalismo hegemônico usa em alguma medida desse movimento social que tem surgido em defesa dos direitos das mulheres para se vender como veículo socialmente progressista e socialmente engajado com causas minoritárias.

É difícil não considerar que, em alguma medida, Liliana e Lara não tenham sido influenciadas pelo jornalismo dominante. Na carta as alunas citam as *notícias que escutam todos os dias* sobre assédio e machismo. Em outro ponto dizem que o *medo que sentem dos homens não seria da pessoa, mas do que ela representa*. Há possibilidade de que essas notícias e essas representações venham da imprensa dominante. Como já indiquei, essas duas meninas são leitoras de conteúdo

⁸⁷ É importante notar que a imprensa dominante, por vezes, tem agido de maneira dúbia quanto a essa temática. No jornalismo e em programas de entretenimento como novelas, a Rede Globo, por exemplo, tem adotado um tom mais progressista a favor dos direitos das mulheres. No entanto, em outros programas como *Big Brother Brasil* há um apagamento desses mesmos discursos com uma difusão de comportamentos misóginos. Considerando que há uma conjuntura brasileira (que vai da época de desenvolvimento desta carta aberta até os dias atuais) em que posições ideológicas estão cada vez mais polarizadas, esse tipo de atitude tem se tornado uma ação corriqueira da mídia como forma de atingir todos os públicos e de se manter conectada com todos eles.

independentes, como canais do *Youtube*, mas também são constantemente influenciadas por informações da mídia hegemônica, que tem um alcance muito maior que esses veículos alternativos. Assim, por mais que elas partam de veículos independentes na produção do texto, há certa influência do jornalismo dominante.

No entanto, não vejo que isso invalide o texto delas como produção crítica e autoral. Entendo que, mesmo sob essa influência, o texto produzido ainda revela aspectos da construção da transitividade das duas. Posto de outra forma, as alunas escolheram um tema que afeta elas diariamente, discutiram o assunto com as demais colegas e produziram uma resposta a essas situações. Há nesse processo uma postura de olhar para seu contexto e se opor a um tipo de opressão, movimento que caracteriza, senão a transitividade crítica, um processo pelo qual essas duas alunas estão se construindo como autoras e estão chegando a um estágio de consciência crítica.

Por isso, indicar que na carta aberta há um processo de construção de transitividade crítica pode ser a forma mais adequada de definir o tipo de consciência que figura na produção de Lara e Liliana, uma vez que um ponto que poderia ser levantado contra o texto é quanto ao objetivo das autoras para o combate do machismo, que pode ser considerado pequeno. Na matéria elas dizem: “*mas só de você ter consciência disso e mudar de pequenas atitudes já faria a diferença*”. Pode-se questionar se somente a mudança de *pequenas atitudes* seria suficiente para terminar com condutas machistas que, muitas vezes, se tornam casos de feminicídio.

O tom bastante insistente que as duas meninas utilizam ao longo da carta, realizando inúmeras explicações sobre comportamentos masculinos que interferem negativamente nas suas vidas, pode ainda ser muito ingênuo quando talvez precisasse ser mais agressivo para assim conquistar resultados efetivos. Por isso, por vezes, parece existir um tipo de transitividade que ainda é ingênua, mas que, ao mesmo tempo, marca o processo de construção da consciência crítica das alunas, que ainda são adolescentes e estão se construindo como mulheres.

Por fim, as duas terminam o texto com duas frases: “O machismo mata todos os dias!” e “Não queremos suas cantadas, queremos seu respeito!”. Esses trechos funcionam como frases de efeito, bastantes recorrentes na internet, podendo aparecer citações iguais e/ou semelhantes em vários *blogs*, *sites* e vídeos do *Youtube*. Ao fazer uso dessas construções marcantes, mais uma vez as autoras usam a estratégia de cópia como uma situação de *remix* (PINHEIRO; FELÍCIO, 2016), marcando a dialogicidade

da linguagem (BAKHTIN, 1997 [1952/53]; BAKHTIN [VOLOCHINOV], 2009 [1929]) e também dando certo discurso de autoridade ao seu texto. Elas também escolheram duas ilustrações para colocar na carta que sugerem que as mulheres se unam para lutar contra o machismo e promover seus direitos. Com essa mensagem final e por meio de duas figuras elas encerram sua matéria para o jornal, retomando um pouco do processo de desenvolvimento do texto: do debate da pauta à criação de grupo onde as estudantes da turma trocaram suas experiências sobre machismo, houve um movimento de sororidade entre as estudantes.

Em síntese, pode-se dizer que, enquanto na entrevista publicada na primeira edição do jornal, e analisada na seção anterior, predominou intransitividade ou passividade frente às visões de mundo representadas, na carta aberta é possível visualizar um processo de construção de consciência crítica das duas estudantes. Desse modo, as análises realizadas parecem indicar que há um deslocamento na forma como os estudantes se construíram como autores e como foram se tornando mais críticos ao longo do processo.

Nas duas últimas seções deste capítulo, analisei as duas matérias de capa das duas edições de Folha Lázaro Marques a fim de identificar deslocamentos da criticidade das/dos estudantes no processo de produção do jornal escolar. Buscando sintetizar mais alguns resultados, mostrar outros momentos de transitividade das/dos estudantes no desenvolvimento da pesquisa e também encaminhar pontos que possam ser explorados em análises futuras, os Quadros 13 e 14 exploram outros aspectos observáveis da relação entre a produção de um jornal escolar, pelo jornalismo independente, e o ensino/aprendizagem crítico de LP.

Quadro 13 – Marcas linguísticas que ilustram o jornal escolar como um projeto de dizer da turma

Artigo sobre rap publicado na primeira edição do jornal	“[...] Acreditamos que as batalhas devem ser propagadas por um simples fato: não temos voz! É ser ouvido, assim conseguimos capitar a essência do rap e do seu movimento: dar voz.”.
Editorial da segunda edição do jornal	“ Nós estamos de volta! Na segunda edição da Folha Lázaro Marques, apresentamos variedades de assuntos e opiniões. Na primeira parte, vamos relatar temas como maus-tratos a animais, feminismo, aborto e preconceito. Também trazemos uma carta aberta das meninas do nono ano sobre as suas experiências com o machismo. Na segunda parte, teremos histórias sobre a Copa do Mundo Feminina e Masculina de Futebol, resenhas sobre games e também uma enquete sobre música! Depois de muitos encontros, finalizamos mais esta edição. Esperamos que você goste e que nossos textos acrescentem algo para sua vida. Confira os resultados dos nossos trabalhos! ”
Artigo sobre aborto publicado na segunda edição do jornal	“[...] Mas não é apenas da vida e do corpo do feto que estamos falando. No caso da mulher, ela pode ter tido uma gravidez indesejada, causada por estupro, má formação do feto, ou simplesmente não querer ter a criança [...]”.
Artigo sobre xenofobia publicado na segunda edição do jornal	Título: Precisamos falar sobre xenofobia “[...] Quando conhecemos pessoas de outros lugares é uma grande oportunidade de conhecer outras culturas e até idiomas. Mas tem muita gente que acha que só porque aquela pessoa veio de outro lugar, não merece respeito.”.
Entrevista sobre música publicada na segunda edição do jornal	Nessa edição do jornal Folha Lázaro Marques, fizemos entrevistas com jovens de 14 a 18 anos e ouvimos diversas respostas muito interessantes sobre músicas. E você, gostou da nossa enquete? O que você espera para o próximo jornal? Não se esqueça de ler nossas matérias especiais sobre feminismo e machismo nas primeiras páginas do jornal!

Fonte: elaboração da autora

As passagens destacadas no Quadro 13 ilustram que em alguns momentos os alunos e alunas, autores dos textos, defenderam o jornal como um projeto do grupo e da turma. As marcas de uso da terceira pessoa do plural colocam o texto como um projeto de dizer da turma, constroem um jornal local. Essas situações podem caracterizar traços do jornalismo popular (PERUZZO, 2011), quando os conteúdos são construídos a partir de um olhar situado, integrado e coletivo do grupo, no caso, do nono ano da escola Lázaro Marques.

Características mais específicas do jornalismo independente também apareceram no processo de construção do jornal. Destaco dois dos traços sintetizados por Assis et al (2017): autogoverno e ativismo. Houve autonomia editorial, ou seja, liberdade na escolha das pautas nas duas edições do jornal e também a construção de um projeto coletivo e democrático, no qual alunas e alunos participaram ativamente de quase todas

as tomadas de decisão. Além dessa característica, as matérias produzidas indicam traços de visões de mundo alinhadas com um discurso de transformação social. No Quadro 14, exemplifico algumas dessas marcas.

Quadro 14 – Marcas linguísticas que ilustram o jornal escolar como um projeto de transformação social

Artigo sobre rap publicado na primeira edição do jornal	“[...] Acreditamos que as batalhas devem ser propagadas por um simples fato: não temos voz! É ser ouvido, assim conseguimos capitar a essência do rap e do seu movimento: dar voz. ”
Artigo sobre aborto publicado na segunda edição do jornal	“[...] Mas não é apenas da vida e do corpo do feto que estamos falando. No caso da mulher, ela pode ter tido uma gravidez indesejada, causada por estupro, má formação do feto, ou simplesmente não querer ter a criança [...] Aquelas que são a favor do aborto defendem os direitos individuais da mulher de decidir sobre o próprio corpo. Há também quem defenda a legalização do aborto como tema de saúde pública . A legalização seria uma forma de evitar o alto índice de mortes maternas decorrentes de abortos inseguros, principalmente, em populações mais pobres [...]”
Artigo sobre maus tratos aos animais publicado na segunda edição do jornal	“[...] Na minha opinião, nenhum animal tem de ser mantido em cativeiro ou ser usado para alguma cultura ou ser manipulado para pesquisas . São nossos animais, é a nossa natureza que estamos matando. Os animais também sentem, são que nem nós, eles sofrem mais que nós [...]”
Artigo sobre xenofobia publicado na segunda edição do jornal	[...] Eu acredito que pessoas hipócritas são xenofóbicas, afinal, cada um veio de um lugar, tem uma cultura, raça e talvez uma religião diferente. Ensinar que a xenofobia é algo errado é uma forma de abrir caminho para a igualdade e evitar outros preconceitos . Quando conhecemos pessoas de outros lugares é uma grande oportunidade de conhecer outras culturas e até idiomas . Mas tem muita gente que acha que só porque aquela pessoa veio de outro lugar, não merece respeito.”

Fonte: elaboração da autora

Conforme já posto, nesta tese optei por fazer um recorte e analisar de forma mais aprofundada dois textos produzidos nas duas edições dos jornais. No entanto, no Quadro 14, identifiquei mais algumas passagens nas matérias jornalísticas que podem se referir a vozes sociais que carregam discursos mais inclusivos⁸⁸. Por exemplo, o aborto é tratado como uma questão de saúde pública e que muitas vezes envolve também questões de desigualdade social. A xenofobia, os maus tratos e a crueldade contra animais são construídas como problemas sociais.

⁸⁸ Entendo que, para uma visão mais aprofundada de todas as vozes sociais que entram em embate na construção de cada matéria, o ideal seria uma análise mais detalhada. No Quadro 14, exponho uma síntese de alguns pontos e considero que o aparecimento dessas vozes aproxima, em alguma medida, o jornal das/dos alunos com a forma de atuação do jornalismo independente.

A partir das sínteses expostas nos Quadros 13 e 14, também observo que há um aumento, na segunda edição do projeto, das marcas que identificam o jornal escolar como um projeto de dizer da turma e das marcas que colocam o jornal escolar como um projeto de transformação social. Assim, considero que estes traços podem ser outro indício de um deslocamento da criticidade das/dos estudantes ao longo do desenvolvimento do jornal.

No próximo capítulo faço o fechamento da pesquisa tecendo algumas conclusões. Retomo os objetivos, o desenvolvimento do jornal e busco sintetizar como a elaboração de um jornal escolar pelo jornalismo independente pode favorecer práticas transitivas. Também abordo as limitações e as possibilidades de futuras pesquisas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas discussões traçadas na pesquisa, pode-se dizer que um jornal escolar que tenha como referência o jornalismo independente coloca os alunos e as alunas em contato com um maior número de práticas sociais críticas – entendidas aqui como situações que tenham o objetivo de superar o discurso do jornalismo dominante. Percebo que esses eventos podem favorecer um tipo de formação crítica de mundo. Considero também que quanto maior for a aproximação, ou quanto mais intensas se constituírem as práticas colaborativas entre jornais independentes e a escola, mais significativas são as experiências para alunos e alunas em termos de educação crítica.

O objetivo geral desta pesquisa consistiu em analisar o processo de produção de um jornal escolar desenvolvido a partir do jornalismo independente e sua relação com o ensino e a aprendizagem de língua portuguesa em uma turma dos anos finais do ensino fundamental de uma escola estadual da rede pública de Florianópolis. Identifico, a partir das discussões empreendidas nos capítulos de análise de dados, que a experiência gerou momentos de ensino crítico de LP, tendo sido possível também refletir sobre um deslocamento da criticidade das/dos estudantes. Ao longo deste capítulo de encerramento da tese, pretendo fazer uma síntese a respeito desses momentos e delinear mais algumas considerações acerca dos objetivos específicos desta pesquisa.

Posto isso, conforme já citado, as práticas sociais críticas no contexto de um jornal escolar fazem referência às situações de oposição ao jornalismo dominante e hegemônico. Entendo que veículos desse tipo se alinham aos discursos de neutralidade na apuração de dados, objetividade da narrativa, e pluralidade de visões (BONINI, 2018). Conforme tem sido sustentado ao longo desta pesquisa, o jornalismo independente, ao contrário, marca seu posicionamento evidenciando o olhar dado a cada narrativa noticiada. Embora existam jornais independentes orientados tanto por visões progressistas quanto conservadoras, busquei levantar veículos que se alinhassem a uma perspectiva de transformação social pela emancipação cidadã.

Em uma primeira fase da pesquisa, foi realizada uma sondagem de jornais não dominantes, principalmente das experiências comunitárias da cidade de Florianópolis. O levantamento desses jornais e a análise da sua forma de atuação são discutidos no quarto capítulo da pesquisa, quando procurei entender o contexto desses jornais para assim

identificar aqueles que poderiam propiciar um trabalho coletivo na escola. Essa análise indicou que esses jornais se orientam por um discurso bastante semelhante ao do jornalismo dominante, ao defenderem pressupostos de neutralidade e objetividade da narrativa, credibilidade do conteúdo e o da pluralidade de visões.

Diante disso, houve uma mudança no curso da pesquisa que se direcionou para o campo do jornalismo independente e digital. Com a finalidade de eleger um jornalismo preocupado com a diminuição de assimetrias e desigualdades e que se comprometesse com emancipação social, a pesquisa se aproximou de dois jornais representativos desse contexto: Portal Desacato e Coletivo Maruim. Conforme explicado no quarto capítulo, ocorreu maior colaboração com o Desacato (que foi até a escola para uma roda de conversa com as/os estudantes). Maruim contribuiu com a pesquisa indiretamente, através de conversas e sugestões. Todavia, os processos desencadeados entre esses jornais e a escola auxiliaram na forma de fazer o jornal escolar, contribuindo para colocar os estudantes frente à práticas sociais críticas.

A roda de conversa com jornalistas do Desacato, por exemplo, foi um evento importante na pesquisa e criou maior motivação para que a turma produzisse seus textos. Aliado a esse evento, os debates de pauta, que surgiram tanto das sugestões dos jornalistas desses portais quanto de uma reformulação da metodologia de pesquisa, também contribuíram para a produção dos textos. Considero que, se a aproximação entre jornais independentes e a escola tivesse sido mais intensa, as experiências para alunos e alunas, em termos de educação crítica, teriam sido mais significativas.

Essa é uma das limitações da pesquisa que apesar de ter o objetivo de propor o trabalho com o jornal escolar pelo jornalismo independente, gerou poucas oportunidades entre as duas esferas. No entanto, também entendo que esta tese reflete um trabalho introdutório com a temática, tendo em vista que ainda há uma lacuna nas experiências com o jornal escolar que busquem diálogos com o jornalismo alternativo ou que visem se opor ao jornalismo dominante. Conforme levantamento das pesquisas sobre jornal escolar produzidas na última década (p. ex.: PINHEIRO, 2009; CARNEIRO, 2011; CARVALHO, 2011; PARENTE, 2012; CAMPOS-ANTONIASSI, 2014; TIMO, 2015; BARUÁ, 2015; MARQUES, 2017; PIOVEZAN, 2017), ainda são escassos os estudos que buscam problematizar esta questão. Além disso, conforme já discutido, muitas dessas pesquisas se embasam no modelo dominante para a produção do jornal escolar.

Perante esse cenário, as pesquisas de Couto (2016), Bergamo (2018), Bonini (2017) – pesquisas desenvolvidas no grupo de pesquisa da UFSC do qual eu faço parte – têm desenvolvido estudos que buscam oferecer um contraponto ao jornalismo hegemônico, por meio de uma aproximação cada vez mais efetiva com o jornalismo alternativo. Nesse contexto, esta tese pretendeu dar continuidade às pesquisas que já vinham sendo produzidas. Busquei avançar nas práticas colaborativas entre escola e jornais não dominantes. No caso, trabalhei com o jornalismo independente. Assim como este estudo pode ser visto como uma continuidade de pesquisas já elaboradas, os dados e reflexões propostas pretendem favorecer o desenvolvimento de pesquisas futuras sobre o tema, como duas que estão em andamento: Yano (2019) e Diatel (2019). Mais especificamente na dissertação de Diatel (2019), reitero que as ações planejadas e concretizadas nesta tese abriram um canal de ações colaborativas com o Portal Desacato, que permitiram maior intensificação de ações com o jornalismo independente.

A discussão em torno do levantamento dos exemplares de jornais comunitários de Florianópolis e a análise dos jornais coletados também foi uma etapa importante na construção de conhecimento sobre a temática. A análise ilustra que nem todos os jornais alternativos funcionam como contraponto ao discurso dominante de jornalismo. Isso acentua, por exemplo, a necessidade de que se trabalhe na esfera escolar com diferentes tipos de jornais a fim de favorecer o pensamento crítico (BONINI, 2017; 2018). Ademais, a coleta e a análise de experiências midiáticas comunitárias em Florianópolis – feita durante os primeiros anos de pesquisa – fazem parte de um esforço do grupo de pesquisa em identificar jornais como mídias alternativas ao jornal convencional. Esse levantamento reúne dados que abrem possibilidades de pesquisas futuras, que visem avançar em propostas pedagógicas com jornais escolares contra-hegemônicos.

Outro objetivo desta pesquisa foi analisar as práticas de produção textual no jornal escolar, discussão que foi tematizada no quinto capítulo, quando expus o processo da produção dos textos do jornal. Ao fazer isso, busquei relatar o encadeamento de atividades desenvolvidas, comparar esses eventos com situações também surgidas nas pesquisas sobre jornal escolar desenvolvidas no grupo de pesquisa da UFSC (COUTO, 2016; BONINI, 2017; BERGAMO, 2018) e destacar questões relacionadas à atuação social das/dos estudantes. Assim, no capítulo foram analisadas as relações entre os textos produzidos, os gêneros discursivos e as práticas sociais.

Tendo como norte a ACG e uma perspectiva freireana (BONINI, 2010; 2013; 2017), a pesquisa com o jornal buscou investir em momentos de autonomia das/dos estudantes, que foram incentivados a assumirem papéis de protagonistas da pesquisa, sendo responsáveis pelas tomadas de decisão. Entretanto, conforme exposto no quinto capítulo, uma das limitações da tese está em não ter elaborado um maior número de atividades e práticas metalinguísticas voltadas aos momentos de produção e revisão textual. Vejo que as discussões deste capítulo poderiam ter sido melhor exploradas, alguns dados podem ser melhor problematizados e embasados. Os diários de campo, como fontes analíticas, também carregam questões que merecem aprofundamento, que em oportunidades futuras podem ser revisitadas para adensamento das discussões iniciadas na tese.

Com o propósito de refletir sobre a relação entre a produção dos textos e a transitividade dos/das estudantes, no sexto capítulo, analisei duas matérias jornalísticas publicadas, uma de cada edição do jornal escolar. Além disso, também discuti os sentidos possíveis para a prática de cópia de textos no jornal. Considerando o contexto específico dos alunos e alunas participantes da pesquisa, a prática da cópia mostrou tratar-se de um fenômeno complexo, refletindo significados mais amplos que a falta de interesse dos/das alunas no jornal ou falta de transitividade.

Sobre essa análise, resalto a importância de um olhar qualificado em que os dados de pesquisa não sejam tirados de seu contexto etnográfico (GARCEZ; SCHULZ, 2015). Conforme analisado, a cópia, neste estudo, pode ser associada a três situações diferentes: (i) pode refletir o tipo ensino que, mesmo com inúmeros avanços em termos de políticas públicas, em algumas situações, ainda reverbera concepções ligadas ao ensino tradicional de língua, possibilitando ainda poucas situações para que alunas e alunos se construam como sujeitos autorais e críticos; (ii) pode se constituir como *remix* (mistura de uma variedade de vozes sociais e de diversos fragmentos multissemióticos) (PINHEIRO; FELÍCIO, 2016); e (iii) pode expressar desinteresse dos/das estudantes em relação à escola e às atividades do jornal.

Nos casos (i) e (iii), verifiquei que a cópia gera situações de pouca transitividade, pois ocorreria um apagamento da voz autoral dos alunos e alunas, que deixam de se posicionar frente a um assunto para adotar uma visão de mundo de outros. No entanto, no caso (ii), entendo que a cópia se configura como constituinte do processo de transitividade, pois atua no processo de construção das/dos estudantes como

sujeitos sociais que se apropriam de um dizer de outros misturado com suas próprias vozes. No segundo caso, a cópia não é apenas repetição e reprodução, mas também um processo autoral.

Segundo as análises das produções textuais das/dos estudantes, também tematizada no sexto capítulo, um texto produzido por um aluno ou aluna, como as matérias jornalísticas veiculadas no jornal escolar Folha Lázaro Marques, é sempre de um enunciado (e um gênero discursivo) que se constitui de práticas sociais e que invariavelmente carrega vozes que marcam certos contextos históricos (BAKHTIN, 1998 [1934/35]). Diferentes vozes relatadas em um texto podem representar diferentes discursos, que seriam as formas de representar o mundo. A transitividade, ou a intransitividade, vai surgir em dependência do tipo de prática social e das posições de mundo que serão articuladas na produção do texto, podendo ser críticas quando houver práticas de emancipação e passivas quando houver dominação (BONINI, 2017).

Ao produzir um jornal escolar, tendo como norte o jornalismo independente, se esperava possibilitar aos alunos práticas de consciência crítica. Em alguma medida isso foi alcançado, mas a análise dos dados indicou que nos textos também houve momentos de pouca transitividade. A análise da entrevista publicada no primeiro jornal ilustra esse caso. No primeiro ano de produção da Folha Lázaro Marques, o tempo para produção do jornal foi reduzido, com apenas dez encontros. Uma diversidade maior de atividades com o Portal Desacato, representante do jornalismo independente, não pôde ser explorada e também não houve discussão coletiva de nenhuma pauta, o que se refletiu consideravelmente nos textos das/dos estudantes. Em geral produções textuais publicadas na primeira edição foram textos acanhados sem aprofundamento dos temas. No caso da matéria principal, a entrevista, analisada anteriormente, prevaleceram posições de mundo pouco críticas e que carregavam traços de passividade frente às temáticas da escola, do ensino, dos docentes e discentes.

No entanto no segundo ano de produção do jornal, houve uma mudança que pode indicar uma possível resignificação do processo. Houve um maior número de encontros e, por isso, maior tempo para discutir cada pauta escolhida. Ainda, conseguimos planejar uma atividade com o jornalismo independente e aumentar o período destinado à escrita dos textos. A partir disso, houve um adensamento das produções das/dos estudantes, que dobraram de tamanho, sendo cada assunto tratado com uma maior profundidade em relação à primeira edição. A análise da carta aberta,

matéria principal da segunda edição do jornal, teve por objetivo ilustrar como duas autoras estão se construindo como mulheres e como sujeitas críticas. As duas alunas coordenaram um processo de discussão do tema, que culminou com a produção de um texto cujo objetivo é de conscientizar sobre o machismo. Como illustrei anteriormente, por mais que, em alguns momentos, as autoras apresentem tom e objetivos que possam ser considerados ingênuos, o texto também marca um estágio no qual essas duas adolescentes estão se tornando cidadãs emancipadas.

Para além desta carta aberta, é possível encontrar outros textos no jornal que refletem a transitividade das/dos estudantes que, no entanto, não foram analisados por questão de limitação de tempo e de recorte de análise. Esses mesmos textos abrem possibilidades para investigações futuras, sendo as discussões sobre os dados sintetizados nos quadros 13 e 14, do capítulo anterior (sexto capítulo) são pontos a serem aprofundados. Além disso, o artigo de opinião sobre xenofobia, por exemplo, manifesta posições de mundo sobre os diferentes preconceitos sentidos por estrangeiros no Brasil, como também dos próprios brasileiros vindos de outros estados. A aluna que escreveu esse texto veio do Pará para Florianópolis e, possivelmente, desenvolveu a matéria com base nas suas próprias experiências sobre o tema. Além disso, cito como outro exemplo o artigo sobre aborto que gerou uma série de discussões interessantes na turma com a defesa de posições críticas. No segundo ano do jornal, as pautas escolhidas pelos alunos e alunas para entrar no jornal (machismo, feminismo, racismo, xenofobia, maus tratos aos animais, violência nos *games* e entretenimento) podem ser consideradas socialmente relevantes no sentido de se problematizar as desigualdades. E vejo como um dado positivo o fato de a turma ter vontade de discutir tais assuntos.

Se os tramites de Comitê de Ética da Pesquisa e se a escolha da escola onde a pesquisa foi conduzida tivessem acontecido com maior celeridade teria sido bastante proveitoso a oportunidade de continuar em campo e de produzir mais uma edição do jornal com os alunos e alunas. No encerramento dos nossos encontros, os/as próprios estudantes sinalizaram que gostariam de continuar com o projeto. Acredito que no próximo jornal poderiam ser identificados ainda mais traços da transitividade crítica ou de como esses/essas estudantes estão se construindo como sujeitos sociais engajados com um projeto de mundo mais inclusivo. Em termos de metodologia, algo que poderia ser adequado a um novo jornal seria incluir maior subjetividade nos textos, para que assim eles refletissem mais o contexto local desses/dessas adolescentes. Por vezes, as

matérias foram muito generalistas como mostra a carta aberta que fala das mulheres de forma muito ampla. Ela poderia ter sido escrita dando maior destaque às questões locais, enfatizando, por exemplo, as histórias pessoais de cada aluna.

Além disso, se houvesse possibilidade de desenvolvimento de um novo jornal, a forma de articulação entre as atividades de produção de textos e o ensino aprendizagem de língua materna poderia ser repensada. Seguindo o viés da ACG, nesta tese vi a escrita como uma prática situada e crítica. Durante as atividades propostas, a intenção foi mobilizar práticas sociais que visassem à superação de um modelo dominante de jornalismo e formação de sujeitos sociais emancipados. Tendo isso em vista, uma das etapas mais duradouras da pesquisa foi a discussão sobre as pautas, quando se buscou explorar outros olhares, que não os do senso comum, sobre cada temática. Entendi que esse momento, juntamente com a roda de conversa com o Portal Desacato, poderia dar aos alunos um embasamento mais completo na fase da escrita dos textos. No entanto, faltaram situações de atividade e reflexão metalinguísticas, devido principalmente à minha inexperiência de docência em sala de aula.

Mesmo com essas limitações, é possível notar um deslocamento na criticidade desses e dessas estudantes que passaram a se engajar mais e se comprometer com as atividades do jornal. Vejo que, na carta aberta analisada anteriormente, por exemplo, as autoras poderiam ter sido mais críticas, mas, ainda assim, as duas alunas avançaram na sua formação, mudando-a de forma qualitativa. Por isso, se outro jornal tivesse sido feito, e com maior participação do jornalismo independente, resultados ainda mais expressivos poderiam ser encontrados.

Para além das situações de escrita já experimentadas por essa turma ao longo de seus anos escolares, a vivência em um projeto de construção de um jornal escolar foi significativa, possibilitando um aprofundamento na formação crítica de mundo da turma. No meu último encontro com os alunos e alunas da escola Lázaro Marques, a maioria da turma disse ter gostado da experiência, dos resultados e sinalizou que gostaria de dar seguimento ao jornal. E houve continuidade da pesquisa, dessa vez sendo coordenada pela professora Edna (regente da turma). Além disso, quando foi anunciado o fechamento da escola, estudantes que participaram do jornal, juntamente com alunos/alunas de outras séries, criaram um grupo para lutar contra o fechamento da instituição. Houve organização de protestos, confecção de cartazes e outros atos com participação efetiva dos/das estudantes. O posicionamento dos/as estudantes frente ao

fechamento da escola ilustra o processo de emancipação: em uma situação de opressão, em que o Estado instituiu a interdição da escola, alunos/alunas constroem ações e pautas em favor do coletivo.

Ao final do ano de 2019, prevaleceu o poder do Estado. A escola foi fechada, os/as estudantes da Lázaro Marques foram diluídos em outras escolas estaduais da cidade e a Professora Edna foi transferida a outra unidade escolar. A turma que participou das atividades do jornal foi desfeita e o projeto do jornal, que poderia ser mantido dada a vontade dos alunos e alunas em continuar produzindo esses textos, foi encerrado. O projeto de educação crítica iniciado nesta tese não teve continuidade, a experiência construída entre academia e escola foi encerrada. Tem sido comum que experiências interventivas desse tipo terminem depois da saída de campo dos/das pesquisadores.

Sendo assim, há uma urgência quanto à manutenção mais duradoura dos projetos que envolvam práticas sociais críticas nas escolas. Em um cenário de despolitização com fenômenos como os da pós-política e da ultra-política (FERNANDES, 2019) ganhando mais adeptos, a educação crítica precisa ser tomada como um programa basilar de políticas públicas. Necessita-se de um trabalho conjunto da academia, professores e jornalistas de veículos independentes, que precisam ter um diálogo mais próximo com a escola. A formação crítica precisa ser vista como um trabalho de base, um compromisso social de todos e todas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA-PEREIRA, R. Gêneros do discurso: esferas, arcaica e constitutividade. **Polifonia**, v.20, n. 27, p. 54-72, 2013.

ACOSTA-PEREIRA, R. A orientação sociológica para a análise da língua: posições metodológicas nos escritos do Círculo de Bakhtin. **Letra Magna**, v. 12, p. 01-20, 2016.

ASKEHAVE, I.; SWALES, J. M. Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução. In: BEZERRA, B. G.; BASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Orgs.). **Gêneros e seqüências textuais**. Recife: Edupe, 2009. p. 221-245.

ASSIS, E.; CAMASÃO, L.; SILVA, M.; CHRISTOFOLETTI, R. Autonomia, ativismo e colaboração: contribuições para o debate sobre a mídia independente contemporânea **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**. v. 4, n. 1, p. 3 a 20, 2017.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1952/53]. p. 277 – 327.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1998 [1934/35]. p. 71-210.

BAKHTIN, M. [VOLOCHINOV, V. N.]. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem** 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009 [1929].

BALTAR, M. **A competência discursiva escrita através dos gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula**. 2003. 149f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

BALTAR, M. et al. **Rádio escolar: letramentos e gêneros textuais**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

BALTAR, M. Letramentos e gêneros textuais midiático-escolares. **Letras**, v.20, n. 40, Santa Maria/RS, 2010.

BARBOSA, A. O jornalismo e a construção da contra-hegemonia: análise da revista do MST a partir dos conceitos gramscianos de jornalismo. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 1, p. 236-245, 2012.

BARÚA, G. H. **Do tear ao tecido: uma experiência com jornal escolar**. 2015. 166p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Línguas) - Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2015.

BAZERMAN, C. Paying the Rent: languaging particularity and novelty. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 10, n.2, p. 459-469. 2010.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Tradução e Organização Angela Paiva Dionísio; Judith Chambiliss Hoffnagel. 4. e.d. São Paulo: Cortez, 2011.

BERTONCELI, M. A roda de conversa como gênero discursivo. **Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde da Unioeste**. Campus Foz do Iguaçu, v. 18, n.2, p. 87-110, 2016.

BEZERRA, B. G. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões [meta]teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BHATIA, V. K. **Worlds of written discourse**: a genre-based view. London: Continuum, 2004.

BERGAMO, M. L. **A prática da leitura de textos jornalísticos**: uma experiência com o jornal escolar. 2018, 170p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis. 2018.

BONINI, A. Critical genre analysis and professional practice: the case of public contests to select professors for Brazilian public universities. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 10, n. 3, p. 485-510, 2010.

BONINI, A. Mídia / suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 11, n. 3, p.679-704, 2011a.

BONINI, A. Jornal escolar, gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de linguagem. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 11, p. 149-175, 2011b.

BONINI, A. Análise crítica de gêneros discursivos no contexto das práticas jornalísticas. In: SEIXAS, L.; PINHEIRO, N. F. (Orgs.). **Gêneros**: um diálogo entre comunicação e Linguística Aplicada. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2013. p. 103-120.

BONINI, A. O projeto gêneros do jornal: da organização retórica às práticas sociais. In: A. BONINI; V. A. S. FERRETTI-SOARES; C. B. SILVA JUNIOR; V. W. LIMA. (Org.). **Os gêneros do jornal**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2014, p. 15-22.

BONINI, A. **O jornal escolar como mídia comunitária e o ensino de Língua Portuguesa**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. Projeto de Produtividade em Pesquisa PQ/CNPq.

BONINI A. O jornal escolar como mídia contra-hegemônica: jornalismo de escola não modelado pelo jornalismo comercial dominante. **Linguagem em (dis)curso**, v. 17, n. 2, p. 165-182, 2017.

BONINI, A. A construção da autoria nas atividades de leitura, escrita e oralidade no livro didático para o ensino médio. In: S. B. B. SILVA; J. N. PEREIRA. (Org.). **Língua Portuguesa e Literatura no Livro Didático**: desafios e perspectivas. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 340-361.

BONINI, A. Políticas de enseñanza de prácticas periodísticas en escuelas de Argentina y Brasil. **Signo y Seña**, n.35, p. 107-126, 2019.

BORBA, M. S. A entrevista. In: A. BONINI; V. A. S. FERRETTI-SOARES; C. B. SILVA JUNIOR; V. W. LIMA. (Orgs.). Os gêneros do jornal. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2014, p. 97-116.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CAMPOS-ANTONIASSI, P. I. **Jornal escolar e a formação de alunos produtores de textos:** análise de uma prática de letramento midiático em uma escola municipal de Florianópolis – SC. 2014, 141p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis. 2014.

CARNEIRO, F. D. V. **A argumentação nos textos de opinião do jornal escolar:** composições e operações discursivo-enunciativas. 2011, 269p. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará: Fortaleza. 2011.

CARVALHO, R. A. **O jornal escolar como estratégia para produção e publicação de diferentes gêneros textuais em sala de aula:** um estudo de caso do jornal “Galera Roldão”. 2011, 163p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis. 2011.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet:** reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity:** rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

COSTA-HÜBES, T da C. Prática de análise linguística no ensino fundamental e sua relação com os gêneros discursivos. **Percursos Linguísticos** (UFES), v. 7, p. 270-294, 2017.

COUTO, J. C. **A revisão de textos no desenvolvimento da escrita:** experiência a partir da produção de um jornal escolar. 2016, 148p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis. 2016.

COUTO, J. C.; BONINI, A. Revisar no contexto das ações de produção de um jornal escolar: a revisão de texto como prática social. In: BARROS, E. M. D.; STORTO, L. J. (Org.). **Gêneros do jornal e ensino:** práticas de letramentos na contemporaneidade. 1. e.d. Campinas: Pontes, 2017, p. 17-37.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa.** 3. e.d. Campinas: Editora Autores Associados, 1998[1996].

DEMO, P. **Pesquisa participante**: saber pensar e intervir juntos. Brasília: Liber Livros Editora, 2004.

DENZIN, K. N. & LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, K. N. & LINCOLN, Y. S (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed; Bookman, 2006, p. 15-41.

DIATEL, E, K. **O gênero vídeo promocional como prática social integrada à produção de um jornal escolar**: uma abordagem pela perspectiva da Análise Crítica de Gênero. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019. Projeto de dissertação de mestrado apresentado ao curso de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

ESCOLA ESTADUAL LÁZARO MARQUES. **Projeto Político Pedagógico**. Florianópolis, [Sem Ano].

FAIRCLOUGH, N. (Ed.) **Critical language awareness**. London: Longman, 1992.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016 [1992].

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba/PR: Criar Edições, 2006.

FERNANDES, S. **Sintomas mórbidos**: a encruzilhada da esquerda brasileira. São Paulo/SP: Autonomia literária, 2019.

FERRETI-SOARES, V. **A série televisiva o sagrado e a prática de publicidade institucional indireta da rede globo**: uma análise crítica de gênero. 2013, 278p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis. 2013.

FERRETI-SOARES, V. A. Análise crítica de gênero e o exercício de leitura da palavrando: diálogos possíveis. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 16, p. 335-364, 2016.

FERRETI-SOARES, V. A. “- mas tem gente que não entende assim.” // “- é. é por isso que a gente tá aqui.”: a sessão de grupo socioeducativo para homens autores de violência contra a mulher e a (re)construção discursiva de masculinidades. 2018, 893p. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis. 2018.

FIGARO, R.; NONATO, C.; KINOSHITA, J. Jornalistas em arranjos econômicos independentes de corporações de mídia: métodos e análises iniciais. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XL., 2017, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2017, p. 1-15.

FIGUEIREDO, D. C.; BONINI, A. Recontextualização e sedimentação do discurso e da prática social: como a mídia constrói uma representação negativa para o professor e para a escola pública. **DELTA**. Documentação de estudos em linguística teórica e aplicada (PUCSP. impresso), v. 33, p. 759-786, 2017.

FRANCO DE OLIVEIRA, N. A.; POLATO, A. D. M. Análise linguística: o funcionamento dialógico-valorativo de recorrências gramaticais na notícia. **Polifonia**, v. 22, n. 31, p. 431-461, 2015.

FREINET, C. **O Jornal Escolar**. Tradução de Filomena Quadros Branco. Lisboa: Editorial Stampa, 1974.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 [1968].

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989 [1981].

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2006 [1996].

GARCEZ, P. M.; SCHULZ, L. Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. **D.E.L.T.A.** (Online), v. 31, p. 1-34, 2015.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991

GIROUX, H. Introdução. In: FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 01-27.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 3. e.d. London: Hodder Arnold, 2004.

HAUBRICH, A. F. Reflexões e caracterizações sobre mídias alternativas. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXVIII., 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2015, p. 1-14.

HENDGES, G. R.; NASCIMENTO, R. G. Convergências e desafios para a pesquisa com imagens em movimento sob a perspectiva da análise do discurso multimodal. **Letras** (UFSM), v. 1, p. 25-47, 2016.

HENDGES, G. R.; NASCIMENTO, R. G.; MARQUES, P. M. A gramática da imagem como ferramenta na análise crítica de gêneros midiáticos. In: SEIXAS, L.; PINHEIRO, N. F. (Org.). **Gêneros: um diálogo entre comunicação e Linguística Aplicada**. 1ed. Florianópolis: Insular, 2013, v., p. 241-274.

KLEIMAN, A. B. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007.

KRESS, G.; van LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. 2. ed. London: Routledge, 2006.

LEITE, A. M. C. **Cadeias referenciais em textos do gênero carta aberta: um projeto didático para educação de jovens e adultos**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2014.

LIMA, V. W. **A prática social no jornal escolar: estudo do ponto de vista da Análise Crítica de Gênero**. 2014. 149f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina: Tubarão, 2014.

LUCENA, M. I. P. Práticas de linguagem na realidade da sala de aula: contribuições da pesquisa de cunho etnográfico em Linguística Aplicada. **D.E.L.T.A.**, v. 31, p. 67-95, 2015.

MAPA DO JORNALISMO INDEPENDENTE. Agência pública de jornalismo independente. Disponível em: <<https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>> Acesso em 07/06/2020.

MARQUES, V. A. **A apropriação do gênero reportagem digital na escrita colaborativa para um jornal escolar online**. 2017. 175p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Línguas) - Universidade Federal do Pampa: Bagé, 2017.

MARUIM JORNALISMO. Quem somos. Disponível em < <http://maruim.org/quem-somos/#>> Acesso em 30 de out 2019.

MELO, J. M.; ASSIS, F. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom RBCC**. São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, 2016.

MENEGASSI, R. J. **Da revisão a reescrita: operações e níveis linguísticos na construção do texto**. 1998. 263 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis-SP, 1998.

MEURER, J. L. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. Bauru: EDUSC, 2002. p. 17-28.

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 81-106.

MILLER, C. R. Genre as social action. **Quartelely Journal of Speech**, n. 70, p. 151-167, 1984.

MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

MOTTA-ROTH, D. Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem. **D.E.L.T.A.**, v. 24, n. 2, p. 341-383, 2008a.

MOTTA-ROTH, D. Para ligar teoria à prática: roteiro de perguntas para orientar a leitura/análise crítica de gêneros. In MOTTA-ROTH, D.; CABAÑAS, T.; HENDGES, G. R. (Orgs.). **Análises de textos e discursos: relações entre teorias e práticas**. Santa Maria: PPGL – Editores, 2008b. 243-272.

MOTTA-ROTH. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. e.d. Rio de Janeiro: Lucerna, 2011. p. 153-175.

MOTTA-ROTH, D. Análise crítica de gêneros com foco em notícias de popularização da ciência. In: SEIXAS, L. PINHEIRO, N. F. **Gêneros: um diálogo entre comunicação e linguística aplicada**. Florianópolis: Insular. 2013. p. 121-145.

MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V. M. A short cartography of genre studies in Brazil. **Journal of English for Academic Purposes**, v. 19, p. 22-31, 2015.

MUNIZ JR. J. de S. Os sentidos sociais da produção cultural independente: usos e abusos de uma noção instável. **Revista Parágrafo**. v. 4, n. 1, 2016.

NASCIMENTO, R. G.; BEZERRA, F. A. S.; HEBERLE, V. M. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens. **Linguagem & Ensino** (online), v. 14, p. 529-552, 2011.

PARENTE, C. **Comunidade, escola, jornal escolar: um estudo de caso**. 2012, 207p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília: Brasília. 2012.

PARENTE, R. E. Do midialivrisimo de massa ao midialivrisimo ciberativista: uma reflexão sobre as perspectivas de comunicação alternativa no Brasil. In: Encontro Anual da Compós, XXIII., 2014, Belém. **Anais...** Belém, 2014, p.1-16.

PENNYCOOK, A. A linguística aplicada do anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.) **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 1998.

PERUZZO, C. M. K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PERUZZO, C. M. K. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. **Eco-Pós**, v. 12, p. 46-61, 2009.

PERUZZO, C. M. K. Desafios da comunicação popular e comunitária na cibercultur@: aproximações à proposta de comunidade emergente de conhecimento local. **Ciberlegenda**, v. n.25, p. 82-99, 2011.

PERUZZO, C. M. K. Ideias de Paulo Freire aplicadas à comunicação popular e comunitária. **Revista FAMECOS**, v. 24, p. 1-16, 2017.

PINHEIRO, F. **Jornal escolar**: laboratório para o ensino de língua portuguesa. 2009, 232p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina: Londrina. 2009.

PINHEIRO, P. A.; FELÍCIO, R. P. Copiar-colar e remix: o que a escola tem a ver com isso?. **Calidoscópico**, v. 14, n. 1, p. 59-69, 2016.

PIOVEZAN, E. S. **O lugar do autor na escola**. 2017, 192p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo. 2017.

PORTAL CATARINAS. Linha Editorial. Disponível em <<https://catarinas.info/linha-editorial/>> Acesso em 30 de out 2019.

PORTAL DESACATO. Quem somos. Disponível em < <http://desacato.info/quem-somos/>> Acesso em 30 de out 2019.

RECHETNICOU, A. LIMA, S. BONINI, A. Blog jornalístico e a produção do discurso de resistência nas práticas de leitura e escrita. **REVELLI** - Revista de Educação, Língua e Literatura da UEG-Inhumas., v. 8, p. 145-165, 2016.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 152-183.

RODRIGUES, R. H. Pesquisa com os gêneros do discurso na sala de aula: resultados iniciais. **Acta Scientiarum. Language and Culture** (Online), v. 30, p. 169-175, 2008.

RODRIGUES, R. H.; CERUTTI-RIZZATTI, M. E. **Linguística aplicada**: ensino de língua materna. 1. ed. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

RUIZ, E. M. S. D. **Como se corrigir redação na escola**. 1998. 307p. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 1998.

SAMPAIO, F. A. S.; BORGES DA SILVA, S. B. Da decodificação ao projeto de leiturização: perspectivas para o ensino de leitura nas escolas. **Tabuleiro de letras**, v. 13, p. 130-144, 2019.

SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.) **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 1998.

SILVA, J. F. C. **O português afro-indígena de Jurussaca/PA**: revisitando a descrição do sistema pronominal pessoal da comunidade a partir da textualidade. 2014. 414p. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo: São Paulo, 2014.

SIPRIANO, B. F.; GONÇALVES, J. B. C. O conceito de vozes sociais na teoria bakhtiniana. **Revista Diálogos**. Dossiê temático “Relendo Bakhtin”, v. 5, n. 1, p. 60-80 2017.

SOARES, R. P. A. Jornalismo comunitário: uma reinterpretação da mídia (pela construção de um jornalismo pragmático e não dogmático). **Revista FAMECOS**, n. 30, p. 62-70. 2006.

SOARES, R. P. A. Jornalismo hegemônico, crise de credibilidade, histerias da imprensa, jornalismo cidadão e novas práticas jornalísticas. Entrevista: Raquel Paiva de Araujo Soares. **Revista Latino-americana de Jornalismo**, n. 2, v.2, p. 180 a 190. 2015a.

SOARES, R. P. A. Política de minorias: comunidade e cidadania. **Revista Internacional de Comunicación y Desarrollo**, v. 1, p. 175-180, 2015b.

SOUZA, J. G. S. **Educomunicação**: uma estratégia para promover o ambiente em uma área de proteção ambiental costeira. 2011, 87p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio ambiente) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Natal. 2011.

SWALES, J. M. **Genre analysis**: english in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TESE ONZE. Início. Disponível em <<https://www.youtube.com/channel/UC0fGGprijDIIQ3ykWvc9hg>> Acesso em 10 de jun 2020.

THOMPSON, J. B **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

TIMO, T. R. **O projeto jornal da escola**. 2015. 193p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2015.

WODAK, R. Do que se trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (dis)curso**, v. 4, n.esp, p. 223-243, 2004.

VIEIRA, V. RESENDE, V. M. **Análise de Discurso (para a) Crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas: Pontes editores, 2.e.d. 2016 [2011].

YANO, D. C. **Jornal escolar on-line: uma análise crítica de gênero.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019. Projeto de Tese de doutorado apresentado ao curso de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA PAIS/RESPONSÁVEIS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Nome da pesquisadora responsável: Gabriela Rempel

Campus Universitário Reitor João David
Ferreira Lima, s/n
Bairro Trindade, Florianópolis.
Centro de Comunicação e Expressão
Secretaria de Apoio Administrativo
Telefone: (48) 991544152
E-mail: gabriela.rempel@gmail.com

Centro de Comunicação e Expressão
Secretaria de Apoio Administrativo
Telefone: (48) 3721-9351
Bloco B | Sala 315
E-mail: adair.bonini@gmail.com

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa/UFSC

Campus Universitário Reitor João David
Ferreira Lima, s/n
Bairro Trindade, Florianópolis
Reitoria II, 4º andar, Sala 401
Rua Desembargador Vitor Lima, n. 222,
Trindade
Telefone: (48) 3721-6094
Email: cep@reitoria.ufsc.br

Nome do professor orientador: Adair Bonini

Campus Universitário Reitor João David
Ferreira Lima, s/n
Bairro Trindade, Florianópolis.

Senhores pais ou responsável(is),

Venho através deste documento pedir sua autorização para convidar seu(sua) filho(a) a participar voluntariamente da pesquisa de doutorado intitulada: “Práticas de produção textual por meio do jornal escolar e do jornal comunitário: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero”. A pesquisa tem por objetivo investigar e analisar as práticas de produção textual de uma turma de alunos das séries finais do ensino fundamental de uma escola da rede pública de Florianópolis como parte das práticas de produção de um jornal escolar em proximidade com o jornal comunitário. Em outras palavras, analisarei formas de cooperação entre jornal escolar e jornal comunitário que possam favorecer práticas de produção textuais mais autorais, por parte dos alunos, via construção de um jornal.

Para dar conta disso, peço permissão para participar das aulas de português, da turma do(a) seu(sua) filho(a), e de atividades no contra turno escolar durante o ano de 2018. Durante as aulas, farei anotações do que está acontecendo e do que os alunos estão falando, principalmente em relação as atividades que envolvam o jornal escolar, e também conversarei com os alunos no ambiente da escola. Eu lerei os textos que os alunos escreverem em aula durante esse período, se você me permitir. Como pesquisadora, me comprometo a respeitar o tempo de ambientação, até que seu/sua filho/filha se acostume com minha presença nas aulas e na escola. Os textos poderão ser publicados na minha tese, que é o meu trabalho final de doutorado. Mas fique tranquilo, esses textos não serão identificados com o nome do(a) seu(sua) filho(a).

Os riscos envolvidos na pesquisa dizem respeito à possibilidade de você ou seu(sua) filho(a) se sentirem incomodados ou constrangidos com minha presença, enquanto pesquisadora. Como nós não nos conhecemos, seu(sua) filho(a) pode se sentir incomodado pela minha presença nas aulas e/ou ao conversar comigo, e também quando eu ler os textos. Se você se sentir desconfortável com qualquer uma dessas situações, você tem o direito de não permitir a participação do(a) seu(sua) filho na pesquisa. Mesmo se vocês concordarem agora, vocês podem desistir depois, e isso não terá problema nenhum para vocês, nem para mim, nem para a escola. A participação do(da) seu(sua) filho(a) na pesquisa não é obrigatória. Também deixo claro que tudo que seu(sua) filho falar será confidencial e o nome dela (dela) não aparecerá no trabalho. Se, em algum momento, o nome for revelado ou vocês se sentirem expostos de qualquer maneira, eu, como pesquisadora, me responsabilizo pela situação e me disponho a dar a dar a vocês a ajuda necessária para que você possa garantir os seus direitos perante à lei vigente. Seu(sua) filho(a) e nenhum outro participante terão quaisquer despesas financeiras ao participar da pesquisa. Ao final da pesquisa, eu irei de novo na escola e conversaremos sobre os resultados do meu estudo e da participação do(a) seu(sua) filho(a).

Para minimizar esses riscos, comprometo-me a respeitar o tempo de ambientação necessária para que seu(sua) filho(a) e demais colegas possam se familiarizar comigo e com os procedimentos de coleta de dados. Optarei, ainda, por substituir todos os nomes de todos os participantes por pseudônimos – tanto na transcrição dos dados quanto na eventual divulgação em eventos acadêmicos e revistas científicas. Serão usados pseudônimos, que podem ser escolhidos pelos próprios participantes (se assim o quiserem) e expressões generalísticas de quaisquer informações que possam identificar os participantes e o local da pesquisa. Assim, por exemplo: ao invés de “João”, que é um nome verdadeiro, usarei “Pedro”, que é um pseudônimo. Os documentos gerados nesta pesquisa são sigilosos e ficarão em posse exclusiva da pesquisadora. No entanto, mesmo de maneira involuntária e não intencional (por exemplo, roubo de computador), o sigilo pode eventualmente ser quebrado. Caso sejam identificados e comprovados danos à seu(sua) filho(a) como decorrência desta pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização.

Os benefícios dessa pesquisa, os dados e resultados gerados, podem contribuir para o aprimoramento de práticas de produção textual, por meio do jornal escolar, o que auxiliaria outras(os) pesquisadoras(es), como eu, no desenvolvimento de pesquisas com temas relacionados. As descobertas da pesquisa poderão servir como fonte de consulta para estudiosos da área da linguagem e da educação, por exemplo. Mais especificamente para você e seu/sua filho/filha, haverá como contribuição o desenvolvimento de uma prática de aprendizagem de ensino de português diferente, em que seu/sua filho/filha se tornará autor de um jornal. Ao final da pesquisa, eu irei de novo na escola e conversaremos sobre os resultados do meu estudo e da participação do seu/sua filho/filha. Me comprometo a mostrar os resultados positivos e negativos do meu trabalho.

Deixo claro que meu dever, enquanto pesquisadora, de dar a você, pai/mãe, todo acompanhamento e assistência necessária tanto durante o realizar desta pesquisa como também após o término da pesquisa. Caso ocorra alguma interrupção da pesquisa, seja da minha parte ou da sua, por motivos diversos, também será de minha responsabilidade o acompanhamento e assistência necessária para que você tenha seus direitos garantidos. O acompanhamento e assistência dizem respeito a qualquer questões relacionadas à pesquisa, sejam dúvidas/esclarecimentos quanto aos objetivos da pesquisa ou sobre como funciona sua participação ou quantos riscos e benefícios que a pesquisa proporcionará ao seu/sua filho/filha.

Seu/sua filho/filha e nenhum outro participante terão quaisquer despesas financeiras ao participar da pesquisa. No entanto, caso você tenha comprovadamente qualquer despesa decorrente diretamente da pesquisa (por exemplo, despesas com transporte e alimentação), a pesquisadora providenciará o ressarcimento de seus custos.

A participação do(a) seu(sua) filho(a) é essencial para a realização desse trabalho, mas vocês tem liberdade de recusar a participação dele(dela) ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa por meio dos contatos da pesquisadora apresentados neste documento, sem penalização ou prejuízo. Estejam cientes de que a obtenção de esclarecimentos sobre a pesquisa antes, durante sua realização e mesmo após seu término será sempre possível.

Leia atentamente este documento, sinta-se confortável para tirar qualquer dúvida decorrente da leitura e reflita (o tempo que achar necessário) sobre a confirmação da participação de seu/sua filho/filha. Este documento foi elaborado em duas vias que deverão ser rubricadas e assinadas por você e pelo pesquisador, ficando uma via com você e outra comigo. Guarde cuidadosamente a sua via, pois ela garante seus direitos em relação à pesquisa.

Assim, por um lado, eu, Gabriela Rempel, enquanto pesquisadora responsável, assumo a responsabilidade total em cumprir as condições de pesquisa descritas, atendendo aos requisitos expostos ao participante e assegurados nas normas das Resoluções 304/2000 e 466/2012 do CNS em todas as fases da pesquisa, zelando sempre pela privacidade e pelo sigilo das informações, que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa. Que o CEP-UFSC será imediatamente comunicado se ocorrerem efeitos adversos resultantes desta pesquisa com os sujeitos. Que esta pesquisa ainda não foi total ou parcialmente realizada.

Por outro lado, sua assinatura na declaração abaixo implica sua aceitação em permiti a participação do(a) seu(sua) filho(a) da referida pesquisa nos moldes aqui descritos:

Eu, _____, portador(a) do documento de identidade _____ declaro que fui informado(a) dos objetivos e procedimentos da pesquisa **“Práticas de produção textual por meio do jornal escolar e do jornal comunitário: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero”** de maneira clara e detalhada. Foi-me dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas e compreendi que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão sobre a participação do(a) meu(minha) filho(a), se assim o desejar. Nessas condições, declaro que permito que meu(minha) filho(a) participe e que recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido.

Florianópolis _____ de _____ 2018.

Assinatura do(a) participante

Assinatura da pesquisado

ANEXO B – TERMO ASSENTIMENTO (TA)



TERMO DE ASSENTIMENTO

Nome da pesquisadora responsável: Gabriela Rempel
 Campus Universitário Reitor João David Ferreira
 Lima, s/n
 Bairro Trindade, Florianópolis.
 Centro de Comunicação e Expressão
 Secretaria de Apoio Administrativo
 Telefone: (48) 991544152
 E-mail: gabriela.rempel@gmail.com

Nome do professor orientador: Adair Bonini
 Campus Universitário Reitor João David Ferreira
 Lima, s/n
 Bairro Trindade, Florianópolis.

Centro de Comunicação e Expressão
 Secretaria de Apoio Administrativo
 Telefone: (48) 3721-9351
 Bloco B | Sala 315
 E-mail: adair.bonini@gmail.com

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa/UFSC
 Campus Universitário Reitor João David Ferreira
 Lima, s/n
 Bairro Trindade, Florianópolis
 Reitoria II, 4º andar, Sala 401
 Rua Desembargador Vitor Lima, n. 222, Trindade
 Telefone: (48) 3721-6094
 Email: cep@reitoria.ufsc.br

Caro(a) aluno(a),

Você está sendo convidado(a) para participar voluntariamente da pesquisa de doutorado intitulada: “Práticas de produção textual por meio do jornal escolar e do jornal comunitário: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero”. A pesquisa tem por objetivo investigar e analisar as práticas de produção textual de uma turma de alunos das séries finais do ensino fundamental de uma escola da rede pública de Florianópolis como parte das práticas de produção de um jornal escolar em proximidade com o jornal comunitário. Em outras palavras, analisarei formas de cooperação entre jornal escolar e jornal comunitário que possam favorecer práticas de produção textuais mais autorais, por parte dos alunos, via construção de um jornal.

Para dar conta disso, peço permissão para participar de suas aulas de português e de atividades no contra turno escolar durante o ano de 2018, na sua escola de educação básica. Durante essas aulas, eu participarei com você, com seus colegas e com o(a) professor(a) das atividades de sala de aula, farei anotações do que está acontecendo ali e do que você e seus colegas estão falando, principalmente, em relação as atividades que envolvam o jornal escolar, e também conversarei com você e seus(suas) colegas no ambiente da escola. Eu lerei os textos que você escrever em aula durante esse período, se você me

permitir. Os seus textos poderão ser publicados na minha tese, que é o meu trabalho final de doutorado. Mas fique tranquilo, esses textos não serão identificados com o seu nome.

Os riscos envolvidos na pesquisa dizem respeito à possibilidade de você se sentir incomodado ou constrangido com minha presença, enquanto pesquisadora. Como nós não nos conhecemos, você pode se sentir incomodado pela minha presença em suas aulas e/ou ao conversar comigo, e também quando eu ler seus textos. Se você se sentir desconfortável com qualquer uma dessas situações, você tem o direito de não participar dessa pesquisa. Se você se sentir incomodado com a leitura de suas atividades de aula e/ou com sua publicação em meu trabalho final, você tem a opção de não os compartilhar comigo. Como pesquisadora, me comprometo a respeitar o tempo de ambientação, até que você se acostume com minha presença nas aulas e na escola. A sua participação na pesquisa não é obrigatória. Mesmo se você concordar agora, você pode desistir depois, e isso não terá problema nenhum para você, nem para mim, nem para a escola. Também deixo claro que tudo que você falar será confidencial e seu nome não aparecerá no trabalho. Se, em algum momento, seu nome for revelado ou você se sentir exposto de qualquer maneira, eu, como pesquisadora, me responsabilizo pela situação e me disponho a dar a dar a você a ajuda necessária para que você possa garantir os seus direitos perante à lei vigente.

Para minimizar esses riscos, comprometo-me a respeitar o tempo de ambientação necessária para que todos possam se familiarizar comigo e com os procedimentos de coleta de dados. Optarei, ainda, por substituir todos os nomes de todos os participantes por pseudônimos – tanto na transcrição dos dados quanto na sua eventual divulgação em eventos acadêmicos e revistas científicas. Serão usados pseudônimos, que podem ser escolhidos pelos próprios participantes (se assim o quiserem) e expressões generalísticas de quaisquer informações que possam identificar os participantes e o local de realização da pesquisa. Assim, por exemplo: ao invés de “João”, que é um nome verdadeiro, usarei “Pedro”, que é um pseudônimo.

Os benefícios dessa pesquisa, os dados e resultados gerados, podem contribuir para o aprimoramento de práticas de produção textual, por meio do jornal escolar o que auxiliaria, outras(os) pesquisadoras(es), como eu, no desenvolvimento de pesquisas com temas relacionados. As descobertas da pesquisa poderão servir como fonte de consulta para estudiosos da área da linguagem e da educação, por exemplo. Mais especificamente para você e para sua escola, haverá como contribuição o desenvolvimento de uma prática de aprendizagem de ensino de português diferente, em que você se tornará autor de um jornal. Ao final da pesquisa, eu irei de novo na escola e conversaremos sobre os resultados do meu estudo e de sua participação. Me comprometo a mostrar os resultados positivos e negativos do meu trabalho e de como você ajudou no desenvolvimento da pesquisa.

Deixo claro que meu dever, enquanto pesquisadora, de dar a você, aluno, todo acompanhamento e assistência necessária tanto durante o realizar desta pesquisa como também após o término da pesquisa. Caso ocorra alguma interrupção da pesquisa, seja da minha parte ou da sua, por motivos diversos, também será de minha responsabilidade o acompanhamento e assistência necessária para que você tenha seus direitos garantidos. O acompanhamento e assistência dizem respeito a qualquer questões relacionadas à pesquisa, sejam dúvidas/esclarecimentos quanto aos objetivos da pesquisa ou sobre como funciona sua participação ou quantos riscos e benefícios que a pesquisa proporcionará a você.

Você e nenhum outro participante terão quaisquer despesas financeiras ao participar da pesquisa. No entanto, caso você tenha comprovadamente qualquer despesa decorrente diretamente da pesquisa (por exemplo, despesas com transporte e alimentação), a pesquisadora providenciará o ressarcimento de seus custos.

Os documentos gerados nesta pesquisa são sigilosos e ficarão em posse exclusiva da pesquisadora. No entanto, mesmo de maneira involuntária e não intencional (por exemplo, roubo de computador), o sigilo pode eventualmente ser quebrado. Caso sejam identificados e comprovados danos à sua pessoa como decorrência desta pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização.

Sua participação é essencial para a realização desse trabalho, mas você tem liberdade de se recusar a participar ou de retirar seu assentimento em qualquer fase da pesquisa por meio dos contatos da pesquisadora apresentados neste documento, sem penalização ou prejuízo. Esteja ciente de que a obtenção de esclarecimentos sobre a pesquisa antes, durante sua realização e mesmo após seu término será sempre possível.

Leia atentamente este documento, sinta-se confortável para tirar qualquer dúvida decorrente da leitura e reflita (o tempo que achar necessário) sobre a confirmação de sua participação. Este documento foi elaborado em duas vias que deverão ser rubricadas e assinadas por você e pelo pesquisador, ficando uma via com você e outra comigo. Guarde cuidadosamente a sua via, pois ela garante seus direitos em relação à pesquisa.

Assim, por um lado, eu, Gabriela Rempel, enquanto pesquisadora responsável, assumo a responsabilidade total em cumprir as condições de pesquisa descritas, atendendo aos requisitos expostos ao participante e assegurados nas normas das Resoluções 304/2000 e 466/2012 do CNS em todas as fases da pesquisa, zelando sempre pela privacidade e pelo sigilo das informações, que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa. Que o CEP-UFSC será imediatamente comunicado se ocorrerem efeitos adversos resultantes desta pesquisa com os sujeitos. Que esta pesquisa ainda não foi total ou parcialmente realizada.

Por outro lado, sua assinatura na declaração abaixo implica sua aceitação em participar da referida pesquisa nos moldes aqui descritos:

Eu, _____, portador(a) do documento de identidade _____ declaro que fui informado(a) dos objetivos e procedimentos da pesquisa "**Práticas de produção textual por meio do jornal escolar e do jornal comunitário: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero**", de maneira clara e detalhada. Foi-me dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas e compreendi que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar. Nessas condições, declaro que concordo em participar da pesquisa, regida pela Resolução 466/2012, e autorizo a pesquisadora a utilizar os dados coletados para a realização do estudo proposto. Declaro ainda que recebi uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido".

Florianópolis _____ de _____ 2018.

Assinatura do(a) participante

Assinatura da pesquisador

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA EDITORES DE JORNAIS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Nome da pesquisadora responsável: Gabriela Rempel

Campus Universitário Reitor João David
Ferreira Lima, s/n
Bairro Trindade, Florianópolis.
Centro de Comunicação e Expressão
Secretaria de Apoio Administrativo
Telefone: (48) 991544152
E-mail: gabriela.rempel@gmail.com

Centro de Comunicação e Expressão
Secretaria de Apoio Administrativo
Telefone: (48) 3721-9351
Bloco B | Sala 315
E-mail: adair.bonini@gmail.com

Nome do professor orientador: Adair Bonini

Campus Universitário Reitor João David
Ferreira Lima, s/n
Bairro Trindade, Florianópolis.

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa/UFSC

Campus Universitário Reitor João David
Ferreira Lima, s/n
Bairro Trindade, Florianópolis
Reitoria II, 4º andar, Sala 401
Rua Desembargador Vitor Lima, n. 222,
Trindade
Telefone: (48) 3721-6094
Email: cep@reitoria.ufsc.br

Senhor(a) Editor(a) de Jornal Comunitário,

Venho através deste documento convidá-lo(a) a participar voluntariamente da pesquisa de doutorado intitulada: “Práticas de produção textual por meio do jornal escolar e do jornal comunitário: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero”. A pesquisa tem por objetivo investigar e analisar as práticas de produção textual de uma turma de alunos das séries finais do ensino fundamental de uma escola da rede pública de Florianópolis como parte das práticas de produção de um jornal escolar em proximidade com o jornal comunitário. Em outras palavras, analisarei formas de cooperação entre jornal escolar e jornal comunitário que possam favorecer práticas de produção textuais mais autorais, por parte dos alunos, via construção de um jornal.

Para dar conta disso, gostaria de convidá-lo para desenvolver comigo e com o(a) Professor(a) de uma escola de educação básica, atividades como palestras e debates nas aulas de português e no contra turno escolar, durante o ano de 2018. Durante esse período, eu conversarei com você, e se você concordar, planejaremos juntos atividades para serem desenvolvidas com Professores e os/as alunos(as) na escola. Nossas conversas e ações gerarão textos que poderão ser publicados na minha tese, que é o

meu trabalho final de doutorado. Mas fique tranquilo, esses textos não serão identificados com o seu nome.

Os riscos envolvidos na pesquisa dizem respeito à possibilidade de você se sentir incomodado ou constrangido em conversar comigo, enquanto pesquisadora. Se você se sentir desconfortável com qualquer situação, você tem o direito de não participar da pesquisa. Mesmo se você concordar agora, você pode desistir depois, e isso não terá problema nenhum para você. Como pesquisadora, me comprometo a respeitar o seu tempo de ambientação à pesquisa. Também deixo claro, novamente, que tudo que conversarmos e planejarmos será confidencial e o nomes não aparecerão no trabalho. Se, em algum momento, o nome for revelado ou você se sentir exposto de qualquer maneira, eu, como pesquisadora, me responsabilizo pela situação e me disponho a dar a você a ajuda necessária para que você possa garantir os seus direitos perante à lei vigente. Você e nenhum outro participante terão quaisquer despesas financeiras ao participar da pesquisa. Ao final da pesquisa, conversaremos novamente sobre os resultados do meu estudo e da sua participação.

Para minimizar esses riscos, optarei, ainda, por substituir todos os nomes de todos os participantes por pseudônimos – tanto na transcrição dos dados quanto na sua eventual divulgação em eventos acadêmicos e revistas científicas. Serão usados pseudônimos, que podem ser escolhidos pelos próprios participantes (se assim o quiserem) e expressões generalísticas de quaisquer informações que possam identificar os participantes, o local de realização da pesquisa e o nome do seu jornal. Assim, por exemplo: ao invés de “João”, que é um nome verdadeiro, usarei “Pedro”, que é um pseudônimo. Os documentos gerados nesta pesquisa são sigilosos e ficarão em posse exclusiva da pesquisadora. No entanto, mesmo de maneira involuntária e não intencional (por exemplo, roubo de computador), o sigilo pode eventualmente ser quebrado. Caso sejam identificados e comprovados danos à você como decorrência desta pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização.

Os benefícios dessa pesquisa, os dados e resultados gerados, podem contribuir para o aprimoramento de práticas de produção textual, por meio do jornal escolar, o que auxiliaria outras(os) pesquisadoras(es), como eu, no desenvolvimento de pesquisas com temas relacionados. As descobertas da pesquisa poderão servir como fonte de consulta para estudiosos da área da linguagem e da educação, por exemplo. Mais especificamente para você, haverá como contribuição o desenvolvimento e a participação numa prática de aprendizagem de ensino diferente, em que você auxiliará alunos a se tornarem autores de um jornal, contribuindo assim para a formação de sujeitos mais ativos na sociedade. Ao final da pesquisa, conversaremos sobre os resultados do meu estudo e de sua participação. Me comprometo a mostrar os resultados positivos e negativos do meu trabalho e de como você ajudou no desenvolvimento da pesquisa.

Deixo claro que meu dever, enquanto pesquisadora, de dar a você, Editor de Jornal, todo acompanhamento e assistência necessária tanto durante o realizar desta pesquisa como também após o término da pesquisa. Caso ocorra alguma interrupção da pesquisa, seja da minha parte ou da sua, por motivos diversos, também será de minha responsabilidade o acompanhamento e assistência necessária para que você tenha seus direitos garantidos. O acompanhamento e assistência dizem respeito a qualquer questões relacionadas à pesquisa, sejam dúvidas/esclarecimentos quanto aos objetivos da pesquisa ou sobre como funciona sua participação ou quantos riscos e benefícios que a pesquisa proporcionará a você.

Você e nenhum outro participante terão quaisquer despesas financeiras ao participar da pesquisa. No entanto, caso você tenha comprovadamente qualquer despesa decorrente diretamente da pesquisa (por exemplo, despesas com transporte e alimentação), a pesquisadora providenciará o ressarcimento de seus custos.

Sua participação é essencial para a realização desse trabalho, mas vocês têm liberdade de se recusar a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa por meio dos contatos da pesquisadora apresentados neste documento, sem penalização ou prejuízo. Esteja ciente de que a obtenção de esclarecimentos sobre a pesquisa antes, durante sua realização e mesmo após seu término será sempre possível.

Leia atentamente este documento, sinta-se confortável para tirar qualquer dúvida decorrente da leitura e reflita (o tempo que achar necessário) sobre a confirmação de sua participação. Este documento foi elaborado em duas vias que deverão ser rubricadas e assinadas por você e pela pesquisadora, ficando uma via com você e outra comigo. Guarde cuidadosamente a sua via, pois ela garante seus direitos em relação à pesquisa.

Assim, por um lado, eu, Gabriela Rempel, enquanto pesquisadora responsável, assumo a responsabilidade total em cumprir as condições de pesquisa descritas, atendendo aos requisitos expostos ao participante e assegurados nas normas das Resoluções 304/2000 e 466/2012 do CNS em todas as fases da pesquisa, zelando sempre pela privacidade e pelo sigilo das informações, que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa. Que o CEP-UFSC será imediatamente comunicado se ocorrerem efeitos adversos resultantes desta pesquisa com os sujeitos. Que esta pesquisa ainda não foi total ou parcialmente realizada.

Por outro lado, sua assinatura na declaração abaixo implica sua aceitação em participar da referida pesquisa nos moldes aqui descritos:

Eu, _____, portador(a) do documento de identidade _____ declaro que fui informado(a) dos objetivos e procedimentos da pesquisa **“Práticas de produção textual por meio do jornal escolar e do jornal comunitário: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero”** de maneira clara e detalhada. Foi-me dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas e compreendi que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão minha participação, se assim o desejar. Nessas condições, declaro que concordo em participar e que recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido.

Florianópolis _____ de _____ 2018.

Assinatura do(a) participante

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE A – DIÁRIOS DE CAMPO PRODUZIDOS EM 2018

Diário de campo #2018/01

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero			
Pesquisadora:	Gabriela Rempel	Encontro:	01
Professora/pesquisadora:	Edna Kurisini Diatel	Dia:	28/09/18
Duração: duas aulas/ 1h:30min			
Tema/atividade que se pretende realizar: introdução do projeto de elaboração do jornal escolar.			
Objetivo: a) Apresentar o projeto; b) Sondar o que as/os alunos/(as) sabem sobre mídia e introduzir o conceito de mídia independente.			

Iniciei o encontro com minha apresentação, disse meu nome e falei brevemente da pesquisa de minha tese. Expliquei a importância das universidades públicas realizarem pesquisas que busquem refletir sobre a esfera escolar, que envolva o cotidiano de alunos, alunas e professoras/professores. Disse em seguida que estava propondo a criação de um jornal escolar com a turma e falei da importância desse projeto. Depois, pedi que a turma se apresentasse.

Após isso, expliquei que pesquisas desse tipo precisam ser submetidas a um comitê de ética na universidade e que a adesão da turma era opcional. Fiz a leitura do Termo de Assentimento e do Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Dúvidas sobre os documentos foram tiradas. A leitura dos documentos durou grande parte do primeiro encontro, não havendo tempo para execução das atividades planejadas. Após as leituras, alguns alunos e alunas já assinaram seus termos e quiseram treinar possíveis assinaturas, já que alguns desconheciam as funções delas. Fui atendendo individualmente dúvidas que surgiam.

Nos minutos finais da aula, houve tempo para o debate de apenas duas perguntas de alguns dos questionamentos que eu havia tecido para esse primeiro encontro. Perguntei: *O que era mídia?* e *se a mídia era importante*.

As respostas sobre as perguntas foram postas no quadro da sala de aula. Sobre a primeira pergunta, os alunos/alunas citaram os seguintes exemplos de mídia:

- Pessoas;
- Internet;
- Rede Social;
- Foto;
- Pesquisas;
- Netflix;
- Google;
- Vídeos;
- Aplicativos;
- Música.

Sobre a segunda pergunta surgiram as seguintes considerações:

- Seria um lugar de fofocas;
- De fake News;
- De informações/conhecimento em tempo real;

- *Atrapalha as pessoas é desnecessária;*
- *Gera críticas negativas;*
- *Uma aluna disse que a mídia não acrescenta nada que já não existam em livros, mas disse que usa a mídia para pesquisa. Refletiu no debate com colegas que o uso que as pessoas fazem da mídia que pode estar errado.*

Em geral, nesse primeiro encontro, a leitura dos termos de assentimento e dos termos de consentimento demorou um pouco mais que o planejado, entretanto, essa parte consiste em um momento importante da pesquisa. Quanto às atividades realizadas pelos alunos e alunas, considero, comprando com os resultados dessa mesma etapa na pesquisa de Bergamo (2018), que os alunos/alunas da turma atual, parecem ser mais maduros. Suas respostas pareceram mais pontuais e mais críticas. Ao responder o que é mídia, eles já conseguiram apontar exemplos de mídia, apesar de esses exemplos serem representativos da mídia dominante. Na pesquisa de Bergamo, durante esta mesma atividade, os alunos e alunas não sabiam identificar o que era mídia.

Diário de campo #2018/02

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero			
Pesquisadora:	Gabriela	Rempel	Encontro: 02
Professora/pesquisadora:	Edna Kurisini Diatel		Dia: 05/10/18
Duração: duas aulas/ 1h:30min			
Tema/atividade que se pretende realizar: introdução do projeto de elaboração do jornal escolar.			
Objetivo: a) Sondar o que as/os alunos/(as) sabem sobre mídia e introduzir o conceito de mídia e de mídia alternativa.			

No segundo encontro como alguns alunos/alunas tinham faltado a primeira reunião, foram retomados os Termos de Assentimento e Termos de Consentimento. Concomitante a isso, foram entregues alguns já tinham sido assinados pelos responsáveis.

A atividade iniciada no encontro anterior foi retomada. Novamente os alunos e alunas puderam responder a pergunta *O que era mídia*. As respostas foram as seguintes: *fotos, redes sociais, pessoas, vídeos, radio, Netflix, pesquisas, críticas*.

Quanto a indagação *A mídia é importante?*, alguns apontaram que sim, porque traz informações, pesquisas e marca momentos importantes. Outros avaliaram que não, pois ela seria desnecessária, atrapalharia as pessoas, espalharia notícias não verdadeiras. Laura citou o exemplo sobre o candidato à presidência Jair Bolsonaro, apontando que havia muitas notícias falsas sobre ele. Inclusive, esta aluna amenizou a situação de ofensa e apologia ao estupro, na qual, o candidato à presidência, quando deputado, ofendeu a deputada do PT Maria do Rosário.

Sobre outro questionamento, *Quais mídias você conhece? Cite aquelas que você lembra?*, primeiro, os alunos/as alunas apontaram apenas redes sociais digitais como: *Facebook, Whats App, Youtube, Twitter, Instagram*. Pedimos exemplos de outros tipos de mídia como impressas e audiovisuais, sobre estas, eles citaram: *Jornal Nacional, SBT, Tv Cultura, NSC, Veja, Mundo Estranho, Capricho, Jornal Hora, Zero Hora, NSC, Folha de São Paulo*. Ainda perguntamos se os alunos/alunas não conheciam uma mídia mais local, que atuasse nos seus bairros. Sobre estas, elas/eles falaram sobre os conselhos comunitários e sobre o grêmio escolar. Pedimos que os alunos pesquisassem alguns exemplos dessas mídias para o próximo encontro.

Quanto ao questionamento *Que tipos de textos existem dentro de um jornal?*, os alunos fizeram os seguintes apontamentos: *classificados, quadrinhos, notícias/reportagens* (não sabiam diferenciar os

dois gêneros jornalísticos e pediram uma explicação sobre isso), artigo de opinião, horóscopo, curiosidades, informações, violência, política, fofocas.

Ao encerrarmos essas perguntas, entregamos duas charges para elas/eles analisarem e responderem a alguns questionamentos:

Charge 01



Charge 02



Seguindo uma ordem e considerando as respostas dadas, as seguintes perguntas foram feitas: *O que você entende que está acontecendo em cada charge?, Qual a relação entre as duas charges?, Com base nessa leitura e discussão, você acha que o que a mídia veicula é verdade? "Todas as mídias são manipulativas?.*

De um modo geral, os alunos e alunas souberam avaliar bem as charges e as eventos ilustrados. Trouxeram contribuições interessantes sobre o tema. Entretanto, não houve participação de todos e todas. Aconteceram muitas conversas paralelas e teve dificuldade de concentração por parte deles e delas. Para

as próximas aulas, seria importante desenvolver uma dinâmica que propiciasse mais concentração e envolvimento por parte da turma.

Diário de campo #2018/03

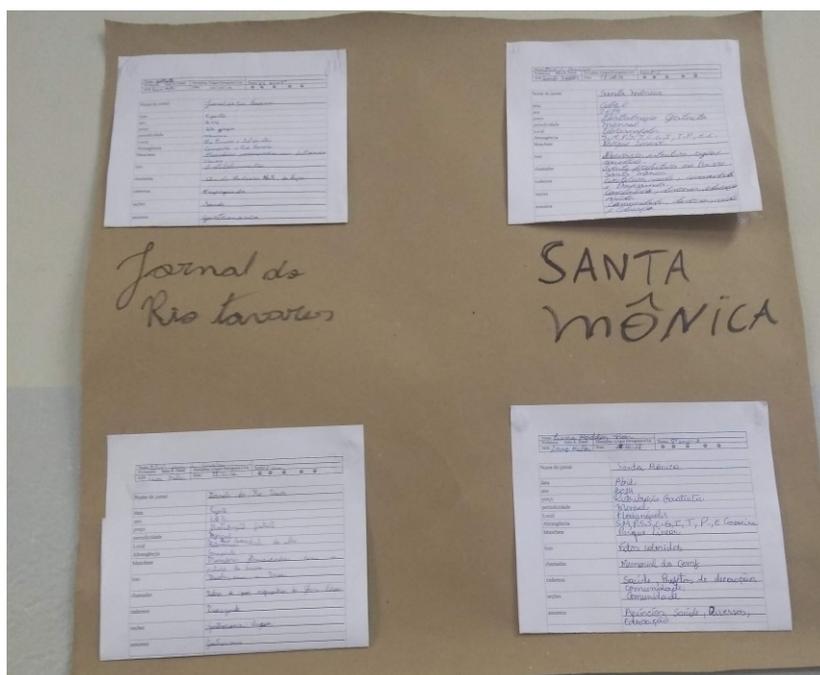
Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel	Encontro: 03
Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Dia: 19/10/18
Duração: duas aulas/ 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: Análise de diferentes mídias jornalísticas não dominantes	
Objetivo: analisar diferentes tipos de jornais comunitários impressos. Possibilitar que os alunos analisem outros tipos de mídia	

No terceiro encontro, iniciamos a atividade de análise de jornais não dominantes. Para tanto, os alunos e alunas dividiram-se em grupos entre três ou quatro participantes. Cada grupo ficou responsável pela análise de dois jornais. Os seguintes jornais foram analisados pelas alunas e alunos: Jornal do Rio Tavares, Jornal Santa Mônica, Folha de Coqueiros, Lado Sul, Jornal Daqui, Jornal Conexão Comunidade, Jornal da Arquidiocese, Jornal Trindade, Folha Universal.

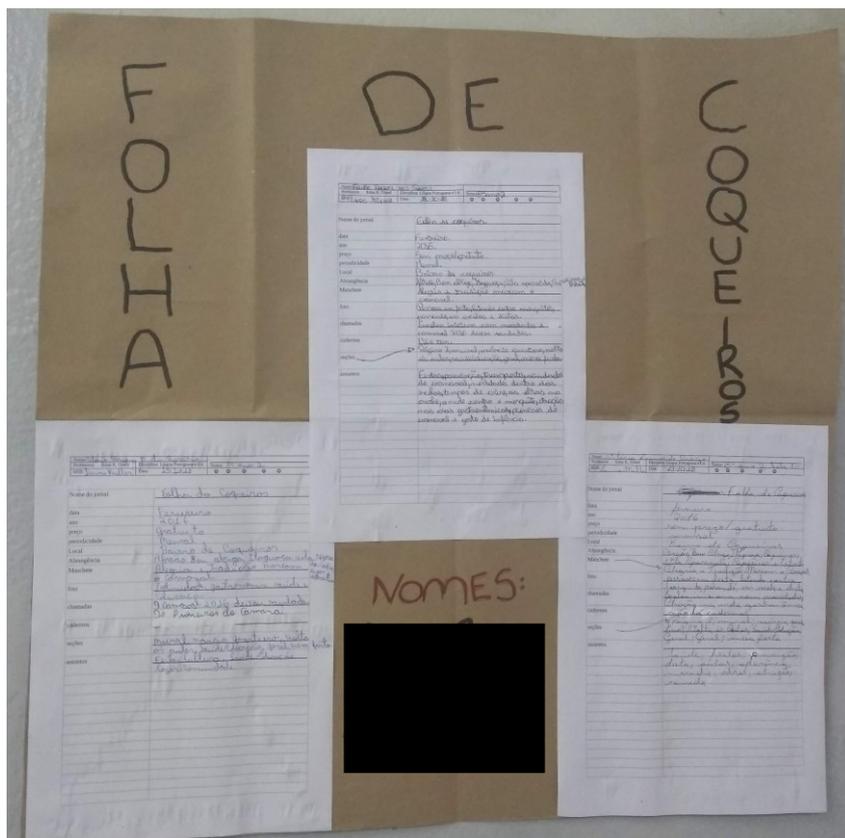
Primeiro, os alunos/alunas coletaram informações de rápida observação dos jornais como: *nome do jornal, data, ano, preço, periodicidade, local em que é produzido, abrangência*. Também realizaram uma sondagem inicial sobre as *manchetes desses jornais, chamadas de notícias, seções, cadernos e assuntos*.

As informações foram dispostas em uma planilha (elaborada pela professora Edna) e posteriormente essas planilhas foram coladas em um cartaz. As fotos abaixo ilustram o resumo da atividade:

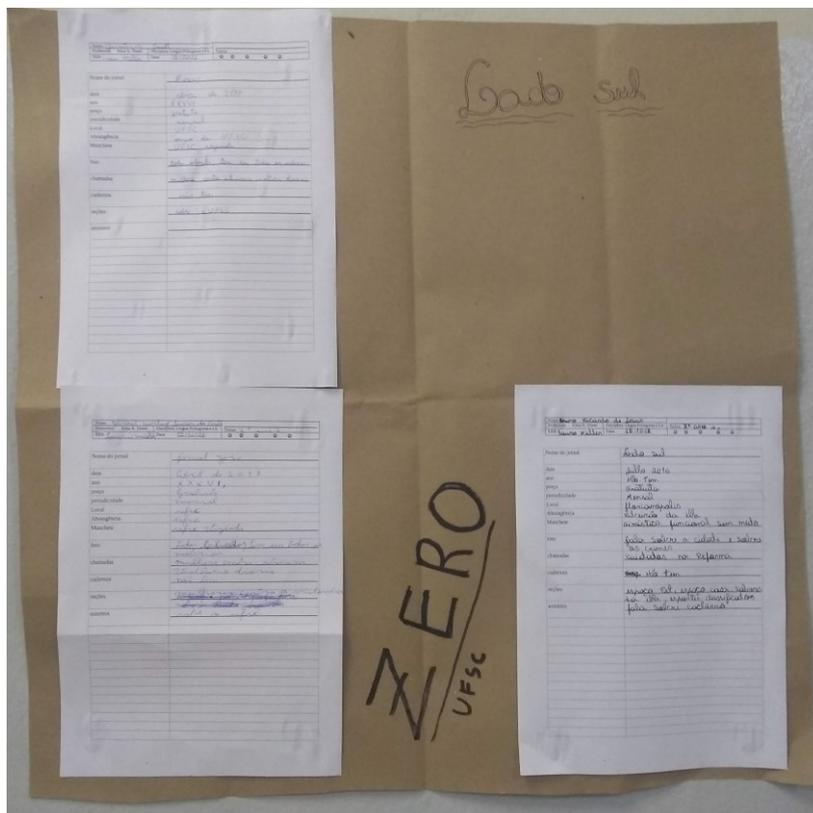
Grupo 1



Grupo 2



Grupo 3



Considero que a atividade realizada no terceiro encontro foi importante e transcorreu bem. Houve menos conversas paralelas nesse encontro, as alunas e alunos tiraram bastante dúvidas ao longo da aula e todos trabalharam e concluíram a atividade em tempo. Talvez, tendo em vista o andamento do encontro deste dia, funcione melhor o planejamento de atividades em grupo, que tenham como meta algo escrito para ser entregue ao final das aulas.

De um modo geral, as/os alunos/as tiveram a oportunidade de analisar jornais que elas/eles não conheciam, conhecer outras fontes de informação. Além disso, ao descrever aspectos da estrutura do jornal (como nome, abrangência, periodicidade), as/os estudantes puderam aprender um pouco mais sobre sua lógica enquanto (hiper)gênero (como um jornal se constitui). Os termos “abrangência” e “periodicidade” geraram algumas dúvidas, mas a partir de explicações sucintas e exemplos, elas e eles, logo acharam essas informações. Talvez, tenha sido uma boa oportunidade para que as/os alunas/os pudessem ter contato com essas mídias, pois não sabemos se fora da escola ou mesmo na escola elas e eles têm acesso à jornais.

De modo semelhante, as diferenças entre “seções” e “cadernos” e “manchetes” e seções” geraram um pouco de dúvidas. Ao debater sobre isso, e na próxima aula quando elas e eles apresentarem uma síntese das informações retiradas de cada jornal, espera-se que haja uma construção de conhecimento não só como os jornais se organizam textualmente, mas também quanto as práticas sociais que permeiam esses jornais não dominantes. Por exemplo, nenhum dos jornais comunitários apresenta cadernos (esses são mais característicos da mídia hegemônica), que implicações tem isso para as mídias “menores”.

Comparando o andamento dessa atividade com aquela realizada também por Bergamo (2018) em sua dissertação, acredito que os resultados tenham sido positivos. Os alunos e alunas demonstraram novamente ser mais maduros do que os alunos da turma de Bergamo e mais rápidos (conseguiram finalizar a atividade em um encontro).

Diário de campo #2018/04

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel	Encontro: 04
Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Dia: 26/10/18
Duração: duas aulas/ 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: Análise de diferentes mídias jornalísticas (do jornalismo convencional ao alternativo)	
Objetivo: analisar a forma como um assunto “aumento dos índices de violência em SC” foi noticiado em três matérias jornalísticas diferentes (duas representativas da mídia convencional e em uma mídia independente). Possibilitar que os/as alunos/alunas entendam a lógica que move os dois tipos de jornais.	

No terceiro encontro, iniciamos retomando a atividade de comparação de diferentes jornais impressos dos bairros de Florianópolis. Um aluno ou aluna de cada grupo foi responsável pela leitura das informações e compartilhamento dessas com os demais colegas. Ao final das apresentações, destaquei que todos esses jornais são gratuitos e que não são distribuídos todos os dias, principalmente, pelos custos de produção. Falei também que notícias locais, do interesse dos moradores do bairro, tendem a ter maior espaço nesse tipo de mídia do que em um jornal de caráter mais comercial, sendo esse um ponto importante da existência desse tipo de mídia.

A partir dessa relação, mostramos que o jornal escolar também funciona como uma mídia não dominante, que será composto dos assuntos que interessam a turma e a escola. Falamos um pouco da estrutura do jornal escolar que seria criado.

Após essas etapas, fomos todos até o auditório, onde por meio do projetor, realizamos a leitura de três notícias sobre violência em Santa Catarina, e em Florianópolis, publicadas em diferentes veículos. Pedi que um/uma voluntário/voluntária lesse cada um dos textos, no entanto, poucos/poucas quiseram participar.

O primeiro texto lido foi: “SC tem a segunda menor taxa de assassinatos no país, diz pesquisa do Ipea <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/sc-tem-a-segunda-menor-taxa-de-assassinatos-no-pais-diz-pesquisa-do-ipea.ghtml>”

Após a leitura, mostrei aos alunos como se estrutura a notícia, como ela é chamada, *lide*, texto e imagens, parágrafos curtos, como os verbos ficam no tempo presente, marcando sempre o momento que o texto é lido. Perguntei aos alunos/alunas o que estava sendo noticiado, o que eles entendiam da matéria quanto aos índices de violência no estado. As respostas foram bastante tímidas

A segunda matéria lida foi: “Mortes em decorrência de ações policiais crescem 78,5% em SC <https://ocp.news/seguranca/mortes-em-decorrenca-de-acoes-policiais-cresce-785-em-santa-catarina>”

Com a leitura da segunda notícia, novamente mostramos a estrutura da notícia, também a diferença entre essa e a notícia anterior (fotografia, não gráfico), falta de *lide*. Questionei para turma, qual seria a diferença das duas matérias. Coletivamente, talvez, mais com minha influência do que sozinho/sozinhas, vimos que a segunda matéria dava mais ênfase a informação de aumento nas mortes em decorrência da ação da polícia.

A última matéria lida foi: “Mortes em ações da polícia militar dobram em Florianópolis enquanto demais índices de violência caem <http://maruim.org/2018/10/12/mortes-em-acoes-da-policia-militar-dobram-em-florianopolis-enquanto-demais-indicies-de-violencia-caem/>”

Após a leitura, perguntei para os alunos/alunas qual era relação entre os três textos e que destaque cada notícia dava para o aumento de mortes de civis nas ações policiais. Tentei mostrar, que última notícia, veiculada na mídia independente, era a única que trazia uma análise mais completa sobre o problema social em questão. A estrutura do texto dessa notícia era de parágrafo bastante longos, trazia vozes de especialistas e fazia uma análise mais detalhada do assunto tratado.

Como tarefa pedi que os alunos/alunas escrevessem um texto sobre violência, em que elas/eles deveriam falar/relatar sobre o cenário da localidade onde eles moravam. A ideia era que eles/elas dessem sua opinião sobre o assunto, em um texto mais autoral.

Houve imprevistos no transcorrer das atividades como: demora para abrir cada notícia, *pendrive* da pesquisadora não funcionou no *Data Show* da escola. Houve conversas e dispersões durante o andamento das atividades. Mesmo assim, considero que o conteúdo abordado nesse encontro foi importante para mostrar como um mesmo assunto pode ser construído de maneira diferente, de acordo com as intenções de cada grupo midiático.

Ressalta-se que na semana seguinte foi feriado e não houve encontro presencial. Na quarta-feira, em uma aula que a pesquisadora não estava presente, a professora realizou algumas atividades planejadas por ela. Ela distribuiu algumas notícias do jornal Diário Catarinense e retomou questões da estrutura e características do gênero. Pediu que cada estudante escrevesse uma notícia de tema livre, podendo essa ser verdadeira ou falsa. Os alunos e alunas tiveram essa tarefa para iniciar e entregar no próximo encontro e não aquela planejada pela pesquisadora anteriormente. Também nesse momento, destaca-se que a ideia central do projeto não era trabalhar dessa forma com mídias convencionais/dominantes.

Diário de campo #2018/05

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel	Encontro: 05
Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Dia: 09/11/18
Duração: duas aulas/ 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: Assembleia de pauta para construção do jornal	
Objetivos: apresentação de jornais escolares criados por alunos e alunas de outras escolas; reunião de decisão da estrutura do jornal (escolha do nome, das seções e assuntos que vão ser debatidos); e pesquisa de construção de conteúdos	

No quinto encontro com as/os estudantes ocorreu uma assembleia com intuito de decidir questões sobre o jornal escolar que seria criado como nome, estrutura, assuntos que seriam abordados e a forma de veiculação do jornal.

Inicie o encontro retomando tudo que já havia sido realizado com ela e eles, mostrando os motivos de cada etapa realizada até o momento. Expliquei o que estava previsto para aula de hoje.

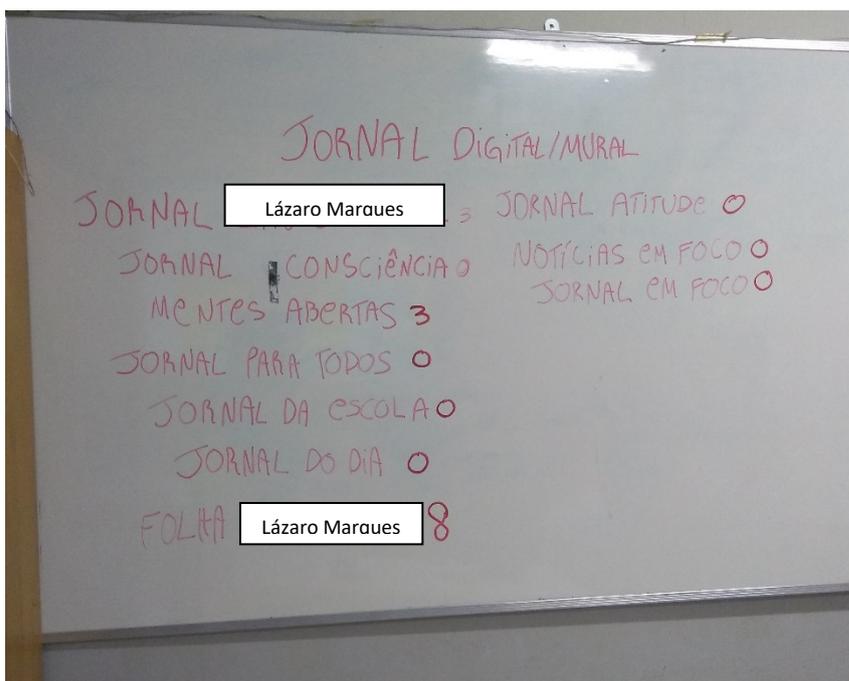
Após isso, como sugestão da professora Edna, apresentei dois jornais impressos produzidos por alunos e alunas de outras escolas de Florianópolis. A ideia era que as/os estudantes pudessem ver um exemplo concreto do trabalho que seria produzido. Mostrei a estrutura de cada jornal e as matérias de compunham cada publicação. Expliquei também a função do gênero editorial no jornal. Um dos exemplos ilustrados para as alunas e alunos foi jornal *Comunicação em outras palavras* desenvolvido em uma escola municipal de Florianópolis. Relatei que esse projeto contava com altos investimentos sendo impresso e distribuído para comunidade. Esse exemplo serviu para que elas e eles pudessem visualizar todas as demandas que envolvem a elaboração de um jornal.

O segundo exemplo de jornal impresso que levamos para eles e elas foi o jornal produzido na pesquisa de Bergamo (2018), a ideia foi mostrar como um jornal poderia também ser desenvolvido sem tantos investimentos. Relatei sobre o contexto de construção de cada notícia que foi publicada naquele jornal.

Também mostrei para elas e eles, *blogs* e *sites* com jornais digitais, que seria ainda uma outra opção para dar forma ao projeto. Também falei da possibilidade de construção de um jornal mural, que fosse exposto nos corredores da escola.

Após essas exposições, iniciamos as votações que dariam corpo ao jornal escolar produzidos por eles e elas. Iniciamos escolhendo a forma como o jornal seria produzido: digital, impresso ou mural. Cada aluna e aluno votou e houve bastante discordância entre a opção impressa e mural. Ao final, elegeram a produção de um jornal impresso, mas que também fosse impresso e exposto na forma de mural na escola.

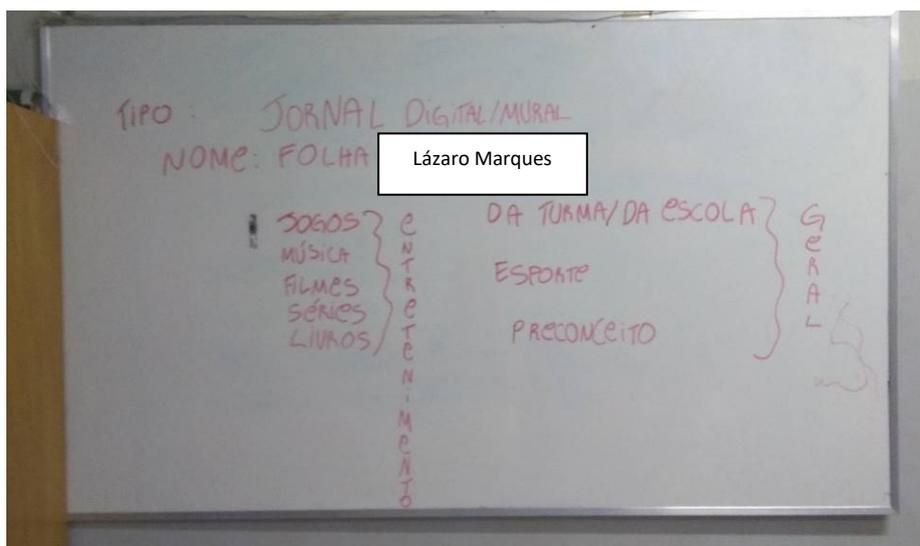
A segunda votação elegeu o nome do jornal. Os seguintes nomes foram sugeridos:



*Os quadros na foto acima foram colocados para preservar o nome real da escola onde a pesquisa foi realizada.

Pode-se inferir que houve escolhas bastante participativas e inclusivas como *Mentes abertas*, *Jornal para todos* e *Jornal consciência*. No entanto, houve uma ampla votação para *Folha Lázaro Marques*, nome que reflete a lógica da mídia dominante.

Por último cada estudante escolheu os assuntos que gostaria de escrever na primeira edição. Ao final o jornal ficou com a seguinte estrutura:



Diário de campo #2018/06

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Encontro: 06 Dia: 14/11/18
Duração: uma aula reduzida, 30 minutos.	
Tema/atividade que se pretende realizar: Construção do jornal	
Objetivos: Iniciar o trabalho nos textos que vão compor a primeira edição do jornal Folha Lázaro Marques.	

Como seria feriado na sexta-feira, dia habitual do meu encontro com a turma, participei de uma aula reduzida na quarta-feira, com duração de apenas meia hora. Nessa ocasião, como não seria possível levar os/as estudantes até a sala de informática para que eles pudessem fazer suas pesquisas sobre os assuntos que iriam escrever, eu e a professora levamos algumas matérias jornalísticas, relacionadas aos temas deles e dela, sendo todos textos oriundos de mídias não dominantes. Na ocasião, em decorrência da falta de um professor em outra turma, a pesquisadora ficou sozinha com a turma. E procurou conversar com cada grupo de alunas e alunos, motivando que iniciassem seu texto. Foi dada a sugestão que eles criassem uma pergunta que deveria ser respondida no seu texto.

Houve bastante conversa e dispersão, nem todos e todas trabalharam da mesma forma.

Uma aluna contou sobre o planejamento das perguntas que tinha feito para entrevistar pessoas da outra turma. Eram ao todo umas dez perguntas, sugeri que talvez ela pudesse fazer menos perguntas e aprofundar um pouco mais cada tema. Ela disse que iria fazer as perguntas e escolher a melhor resposta para que fosse colocada em sua matéria, questionei ela sobre o fato, que quando ela escolhe por critérios subjetivos a melhor resposta, não necessariamente ela estaria mostrando a opinião de todos e todas sobre o assunto. Depois, de um tempo, ela entendeu e disse que teria o cuidado para não distorcer as informações coletadas, mas sim passar a mensagem que gostaria com seu texto.

Diário de campo #2018/07

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Encontro: 07 Dia: 23/11/18
Duração: 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: pesquisa de conteúdo para construção do jornal	
Objetivos: Iniciar o trabalho nos textos que vão compor a primeira edição do jornal Folha Lázaro Marques.	
Conteúdos abordados: pesquisa de fontes, práticas de escrita	

Nesse encontro os alunos e alunas foram para sala de informática para que pudessem pesquisar fontes para escrita dos seus textos. Em grupos de três ou quatro, ocuparam um computador. A intenção foi usar a aula para pesquisa e iniciar a escrita dos textos.

Foi solicitado que até o dia 29 de novembro fosse entregue a primeira versão do seu texto. Criei de um site pela plataforma *Webnode* para que eles colocassem as primeiras versões dos seus textos *online* e assim a pesquisadora e professora pudessem fazer uma avaliação da primeira versão. Apenas um aluno produziu um texto na hora da aula, sendo o texto dele totalmente copiado da internet.

Falou-se da importância, de além do texto escrito que deveria ser elaborado, que eles/elas planejassem a produção de uma foto para ilustrar a matéria jornalística. Caso eles/elas não pudessem produzir a foto deveriam buscar uma foto na internet com as devidas referências.

Mais uma vez muita dispersão. Sempre alguns trabalham mais que os outros. Nesse primeiro momento tenho procurado incentivar que eles/elas escrevam alguma coisa, dando maior liberdade possível, elogiando e incentivando. Estou encarando essa primeira versão do jornal como um jornal piloto para que nos próximos números, produzidos no ano que vem, possamos reconsiderar erros e acertos.

Diário de campo #2018/08

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel	Encontro: 08
Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Dia: 30/11/18
Duração: 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: pesquisa de conteúdo para construção do jornal	
Objetivos: Iniciar o trabalho nos textos que vão compor a primeira edição do jornal.	

Nesse encontro, levamos os alunos e alunas novamente ao laboratório de informática. Os alunas e as alunas que ainda não haviam terminado os textos puderam terminar e digitalizar suas matérias. Procuraram as fotos que iriam compor seus artigos. Todos e todas optaram por pegar fotos prontas da internet, não houve produção fotográfica de autoria deles e delas.

À medida que alguns e algumas iam acabando eu e a Professora Edna passávamos nos grupos buscando fazer sugestões mais pontuais que pudessem melhorar sua escrita, uma vez que por conta do tempo para fechar o projeto, não daria tempo que eles fizessem grandes ajustes.

Além disso, considerando que para que eles terminassem seus textos foi necessário uma grande insistência, tanto da professora quanto minha, para esse jornal piloto considerei que era importante que eles/elas escrevessem alguma coisa.

Nas próximas edições, precisamos dar mais atenção e repensar as estratégias de escrita e rescrita. A escolha dos temas dos artigos foram livres nessa primeira edição, pois pensamos que isso geraria mais comprometimento da parte deles com seus trabalhos. Entretanto, isso não ocorreu. Sendo assim, estamos pensando, eu e a professora, que na próxima edição poderíamos coletivamente escolher determinadas temáticas e distribuir os temas em grupos. Buscar propor debates coletivos sobre cada tema antes que eles e elas escrevam seus textos.

Diário de campo #2018/09

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel	Encontro: 09
Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Dia: 07/12/18
Duração: 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: ajustes finais e diagramação do jornal	
Objetivos: revisão dos textos e diagramação do jornal escolar	

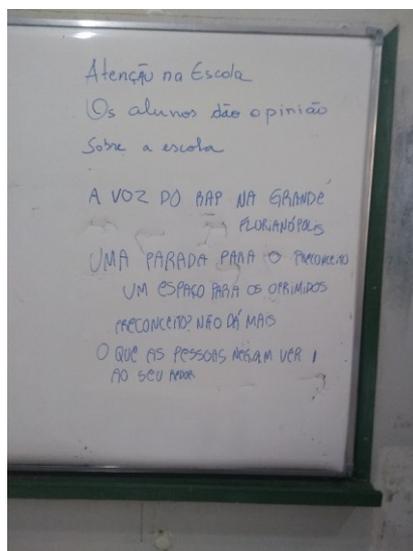
No encontro anterior a maioria dos alunos e alunas tinha conseguido finalizar e digitalizar seus textos. Alguns textos foram todos copiados da internet. Insisti que esses alunos e alunas tentassem fazer pelo menos um parágrafo colocando seu ponto de vista sobre o assunto, mas em alguns casos não tive sucesso.

No encontro atual, fiz a impressão de todos os textos e marquei pequenos pontos para que pudesse discutir com elas e eles. A intenção era fazer alguns pequenos ajustes, uma vez que só haveria mais encontro com a turma em 2018. No entanto, houve muitas faltas. Muitas alunos e alunas não estavam presentes para que eu pudesse conversar sobre as sugestões de escrita. E, ainda, aqueles que estava na aula, estavam bastante distraídos.

Nesse dia, também tinha como objetivo montar a estrutura da primeira edição do jornal com eles e elas. Para tanto, a professora Edna conseguiu uma cartolina, tesouras e canetas. Fomos recortando os textos e os distribuindo dentro de categorias, por exemplo: séries, filmes, jogos e entretenimento.

Distribui os textos para aqueles e aquelas que estavam em sala e cada um e cada uma fez a leitura de sua matéria. Pedi ao final de cada leitura que fosse dada uma opinião sobre o texto do/da colega. Gostaria de medir o que eles e elas achavam sobre a escrita da/do outro. A reportagem sobre a escola foi elogiada por Liliana e Lara. Laura elogiou o texto de Viviane e a incentivou a escrever *fanfics*. Fora isso, não houve muitos comentários sobre os textos.

Após isso, fizemos uma votação a fim de escolher qual seria o assunto principal da primeira edição do jornal. Todos e todas escolheram a reportagem sobre os assuntos da escola. Após isso, pedimos sugestões de manchetes para chamar a leitura para essa matéria. Eles e elas foram dando sugestões que foram notadas no quadro. Na sequência, fizemos uma votação das chamadas para os outros textos, seguindo a mesma lógica. A foto abaixo ilustra alguns títulos que surgiram nas discussões:



Em um momento da aula, Lúcio escreveu no quadro “Brasil acima de todos e Deus acima de tudo. Assinado Mito”. Laura riu, achou graça de uma maneira que concordava com o dito. Deixou isso escrito por um tempo até que a Professora Edna viu, repreendeu e depois apagou.

Como os computadores da escola não possuíam *Windows* apenas *Linux*, e também por falta de tempo, não haveria condições para que os alunos e alunas realizassem a diagramação e editoração do jornal. Assim, procuramos decidir todas as questões relativas a estrutura do jornal no cartaz-rascunho. Para que depois, eu pudesse passar as sugestões deles e delas para o jornal. O ideal teria sido que eles e elas participassem também dessa etapa do projeto, no entanto, tivemos que fazer este ajuste.

Diário de campo #2018/10

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel	Encontro: 10
Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Dia: 14/12/18
Duração: 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: assembleia final.	
Objetivos: Entrega do jornais elaborados e realizar uma assembleia reflexiva sobre o processo de criação do jornal	

Na semana que antecedeu esse encontro, partir do rascunho que elaboramos na aula anterior, eu montei e diagramei o jornal no programa *Publisher*. Toda editoração foi feita com base no *layout* construído no encontro anterior e procurei, ao máximo, respeitar a estrutura pré-planejada pelas alunas e alunos. No entanto, por questões de espaço alguns ajustes precisaram ser realizados. Antes do encontro, imprimir os jornais, fazendo uma cópia colorida e as outras cópias em preto branco. O custo para fazer apenas cópias coloridas seria muito alto e o projeto contou com financiamento apenas da pesquisadora. Pretendo, no início do próximo ano, disponibilizar os jornais online também.

Por ser uma das últimas aulas do ano letivo, poucos estudantes foram no encontro do dia 14 de dezembro. Além disso, como era um dia muito quente em Florianópolis, nos reunimos no pátio da escola. Entreguei uma cópia do jornal para cada aluno e aluna presente. Expliquei a forma da diagramação e os motivos pelos quais não pude fazer a cópia colorida. Pedi o contato de alguns e algumas estudantes que não estavam presentes para que eu pudesse enviar uma cópia digital do jornal.

Uma professora que estava presente pediu para ver um jornal. Gostou bastante da iniciativa e disse que conseguimos desenvolver um bom trabalho considerando o tempo de produção. Essa professora ficou um pouco triste com a leitura da matéria sobre a escola, fez justificativas. Expliquei que o texto era de um grupo de alunas e alunos e que não tivemos tempo de revisar e refletir sobre o que foi escrito. Comentei com ela que a maior dificuldade durante o projeto era fazer com que eles e elas escrevessem alguma coisa, que nesse momento estava apenas tentando fazer com que eles e elas escrevessem. Edna levou um exemplar para diretora, me disse que diretora gostou do que foi feito.

Para finalizar o ano, nesse encontro fizemos um lanche coletivo no refeitório da escola. Durante a confraternização, mesmo com muitas distrações, perguntei para elas e eles o que eles tinham achado da criação do jornal. Duas alunas, Liliana e Lara, tomaram a voz e falaram que haviam gostado, que era uma proposta diferente das que elas eram habituadas a fazer. Questionei sobre os pontos positivos e negativos no processo, a fim de saber o que poderia melhorar para o próximo jornal. Novamente, as duas falaram que a turma poderia ter se dedicado mais, que teve empenho meu e da professora, mas que faltou comprometimento deles e delas. Tentei falar que uma parte importante de um jornal era o editorial, que

infelizmente, não tínhamos conseguido fazer um, que era algo importante para fazer na próxima edição. Também destaquei que a matéria mais completa contou com entrevistas, que talvez essa fosse uma estratégia importante para as próximas edições. E, ainda coloquei a sugestão de termos momentos de debates coletivos antes da escrita dos textos. Elas concordaram. Mesmo nesse momento de descontração foi difícil conseguir atenção da turma. É preciso para o próximo (re)pensar em estratégias que possam gerar interesse dos alunos e alunas para escrit

APÊNDICE B – DIÁRIOS DE CAMPO PRODUZIDOS EM 2019

Diário de campo #2019/01

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Encontro: 01 Dia: 13/03/19
Duração: 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: Assembleia de retorno das atividades	
Objetivos: Retornar as atividades do jornal; explicar o projeto aos novos alunos e alunas; e entrega do jornais elaborados no ano anterior.	

No primeiro encontro de 2019, levei os jornais impressos produzidos no final do ano passado para turma. Entreguei para cada aluna e aluno uma cópia. Expliquei para os novos estudantes o que era o projeto. Para os antigos, disse que até metade do ano estaríamos desenvolvendo uma nova edição do jornal.

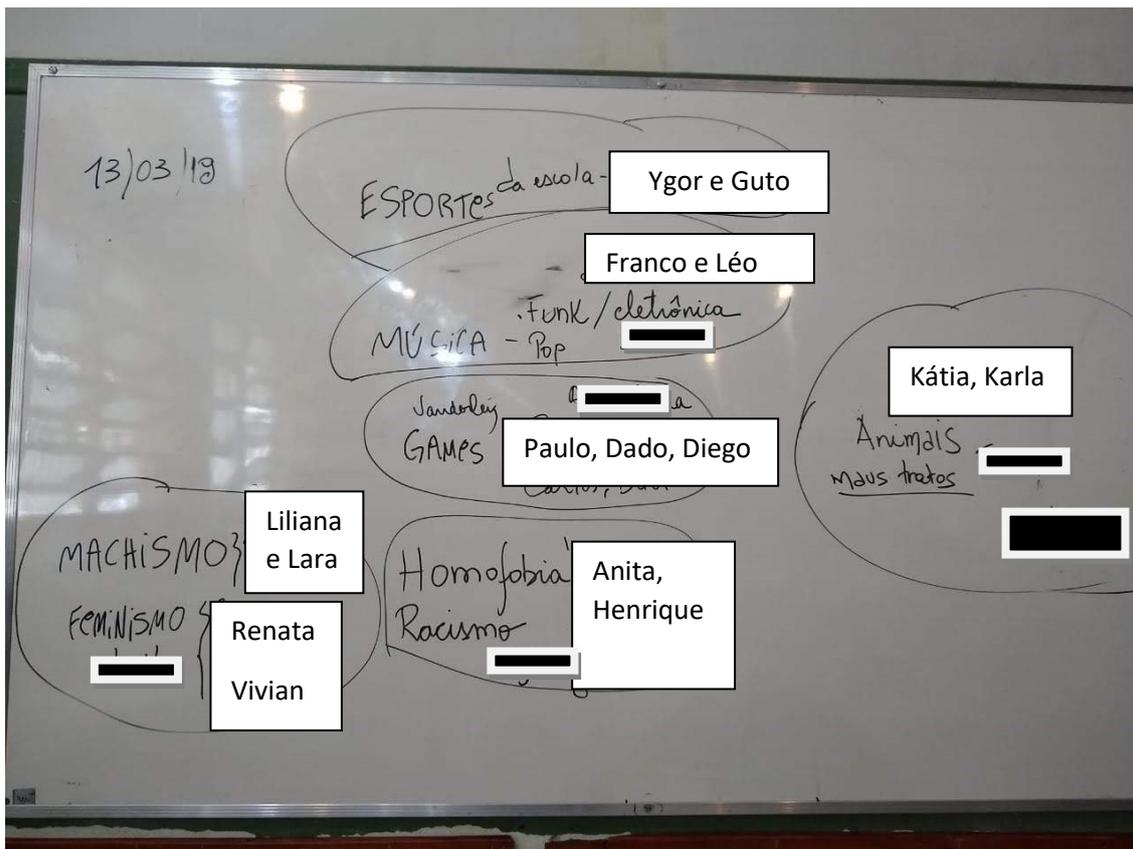
Após fazer isso, pedi que coletivamente a gente avaliasse o processo de construção do jornal, pedi para que elas/eles relatassem o que tinham achado que deu certo no ano anterior e o que precisava melhorar para nova edição. Também perguntei se elas/eles tinham gostado de fazer o jornal. Sobre essa última pergunta, a maioria disse que sim, mas alguns disseram que não, que era chato. Ao questionar o motivo pelo qual era chato, alguns disseram que não gostavam de ler e escrever.

Coletivamente, fomos conversando as questões positivas e negativas de se trabalhar com o jornal escolar. Elas e eles não pontuaram aquilo que deu certo, mas sobre o que poderia melhorar no processo, a turma levantou os seguintes pontos: momento de revisão dos textos, impressões coloridas com ajuda de todos e todas, ter uma maior tiragem para distribuir cópias para toda escola, fotos dos entrevistados (?), mais opiniões dos alunos e alunas.

Depois de anotar todos os pontos sugeridos por elas e eles, eu a professora Edna incluímos duas sugestões para as próximas edições. A primeira foi um desafio para que eles e elas produzissem suas próprias fotografias e não pegassem fotos prontas da internet. A segunda ideia foi de trabalhar mais ativamente no meio digital durante esse semestre criando uma conta em uma rede social e fazendo um perfil do jornal, em que eles e elas poderiam postar as materiais desenvolvidas lá também. Por votação, a turma escolheu criar uma conta no Instagram e a aluna Renata ficou responsável por fazer a conta. Também houve a possibilidade de fazer vídeos no Youtube, o aluno Léo iria pensar se aceitava o desafio.

Na segunda etapa da aula, pedi que eles e elas fossem pensando sobre o que gostariam de pesquisar e escrever na segunda edição do jornal. Enquanto eles e elas faziam isso entreguei e expliquei para os novos estudantes sobre os termos de assentimento e sobre os termos de consentimentos livre esclarecidos.

Na foto abaixo ficou registrado as pautas que serão abordadas no novo jornal.



Diário de campo #2019/02

Projeto: O jornal escolar a partir de jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero			
Pesquisadora:	Gabriela Rempel	Encontro:	02
Professora/pesquisadora:	Edna Kurisini Diatel	Dia:	20/03/19
Duração: 1h:30min			
Tema/atividade que se pretende realizar: Aula sobre tipos de mídia			
Objetivos: Retornar alguns conceitos trabalhados ano passado para os novos alunos e alunas (tipo de jornais, manchete; chamada; lead; tipos de textos jornalísticos) e entrar em algumas novas definições (pauta e imparcialidade).			

No segundo encontro do ano, foi realizada uma aula com slides retomando alguns tópicos abordados no ano anterior. A intenção dessa aula foi lembrar algumas definições e também trazer essas conceituações para os/as alunos/alunas novos/novas. O encontro foi no auditório da escola onde por meio do *Datashow* eu e a professora Edna fizemos uma apresentação de slides. Retomamos perguntas realizadas no ano anterior: (i) que é mídia?; (ii) a mídia é importante?; (iii) o que a mídia veicula é verdade?; (iv) Quais mídias você conhece?. A partir dessas perguntas entramos novamente no conceito de mídia alternativa e independente em que busquei por meio de perguntas mostrar como o jornal produzido pela turma se associa com essas mídias.

Por meio de exemplos, lembrei elas e eles da estrutura de uma matéria jornalística (manchete, chamada, lead e texto). Trouxe um exemplo e fui pedindo que elas/eles apontassem o nome de cada parte e suas características. Também falei sobre os diferentes gêneros do jornal (notícia, reportagem, editorial, crônica, resenha, artigo de opinião, entrevistas, charge, quadrinhos).

Um conceito novo da aula foi a definição de pauta. Trouxe os significados da palavra e mostrei para eles e elas a importância do processo de construção da pauta (de como ela reflete no texto final que a turma vai produzir para compor o jornal). Nas próximas aulas vamos trabalhar com discussões de pauta. Assim, trazer o conceito na aula do dia 20 de março teve como objetivo familiarizar elas e eles com as próximas etapas de pesquisa.

Outro ponto debatido no encontro foi a discussão em torno da noção de imparcialidade da mídia. Busquei por meio de indagações e exemplos ir desconstruindo esse conceito a fim de mostrar que não existe texto neutro e como é importante que eles defendam seus posicionamentos nos seus textos. Essa parte da aula gerou bastante interação.

Mesmo que aula tenha sido ministrada pela pesquisadora com ajuda da professora, ela teve um caráter aberto. Em todo momento a turma poderia se manifestar, e, era convidados a fazer isso. Para que se avançasse no projeto, foi necessário o debate sobre as terminologias e conceitos do jornalismo, mas a ideia da aula não foi que a pesquisadora impusesse conhecimentos, mas sim que todos e todas fossem construindo o processo juntos. Também, a intenção foi de ir associando o que foi discutido com aquilo que conseguimos colocar no jornal.

Considero que aula funcionou bem e que gerou participação dos alunos e alunas. No ano anterior eu tinha feito algumas experiências desse tipo, nas quais não houve tanto engajamento por parte deles e delas. Talvez, o fato de já existir um primeiro jornal (produto finalizado e mais palpável) tenha incentivado a turma para realização do projeto. Talvez esteja nascendo um sentimento de autoria neles e nelas.

Diário de campo #2019/03

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel	Encontro: 03
Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Dia: 02/04/19
Duração: 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: Debate coletivo da pauta sobre maus tratos de animais, mais especificamente sobre a farra do boi e caça às baleias (temas que o grupo demonstrou interesse em discutir)	
Objetivos: Levantar os pontos favoráveis e contrários as duas práticas; desenvolver a argumentação; defesa do seu ponto de vista; definir direcionamento para matéria que irá compor a segunda edição do jornal.	

O terceiro encontro aconteceu no dia 02 de abril. Não tivemos aulas na semana anterior, pois a professora Edna precisou se afastar das atividades da escola por uma semana.

No dia 22 de março estive na escola em um encontro que contou com poucos alunos e alunas. Nesse momento foi desenvolvida uma atividade, vinda de um material coletado pela Professora Edna, que consistiu em distribuir informações e dados sobre violência no Brasil. A partir desse material, em grupo, a turma deveria criar uma matéria jornalística com manchete, lead e texto. A intenção da atividade era de que elas e eles treinassem o processo de escrita para os textos futuros. A atividade não funcionou muito bem e não despertou o interesse da turma. Talvez, por fugir um pouco das atividades do jornal. Alguns

questionaram os objetivos do exercício. Houve grupos que aproveitaram o momento da aula para falar sobre seus temas e não necessariamente para desenvolver a atividade proposta. O que aconteceu é que no final do encontro poucos entregaram alguma coisa da atividade. Assim, percebo que atividades que fujam do desenvolvimento do jornal, como essa, tendem a não funcionar com a turma.

Nesse encontro, iniciamos as discussões coletivas das pautas começando com o tema dos maus tratos a animais. No dia 22 de março havia falado previamente com as alunas que tinham escolhido esse tema. Elas ainda não sabiam sobre o que escrever, então, falei da Farra do boi, por ser um assunto que envolvia o contexto da cidade. As meninas se interessaram pelo assunto e disseram que gostariam de discutir também a caça de baleias, assunto que também envolvia a cidade de Florianópolis. Tendo isso em vista, preparei conteúdos sobre esse tema. Selecionei alguns textos sobre os temas publicados pelo portal Desacato. Também paguei algumas informações da Wikipédia para que iniciássemos a discussão.

Inicie perguntando se eles sabiam o que era a farra do boi. A maioria disse que já tinha ouvido falar, apenas uma aluna disse desconhecer o que era. Um aluno relatou o entendimento que tinha da prática para turma. Eu e a professora Edna completamos as informações que o aluno trouxe trazendo um pouco das origens e significados simbólicos da prática. Nesse momento a turma se colocou como contrária a prática. Perguntei se eles e elas tinham ouvido que na semana anterior houve uma decisão do STF em considerar que o sacrifício de animais em cultos religiosos não era crime e nem feria a Constituição Federal. Alguns tinham escutado essa notícia, mas a maioria não. As opiniões iniciais eram de que essa decisão era errada. Então pedi que alguém lesse a notícia publicada pelo Desacato sobre o tema. Após a leitura trouxe algumas questões para o debate: o fato de um possível racismo desses sacrifícios estarem ligados a religiões de origem africanas, o fato de a maioria de nós ali presentes comermos carne e que também matarmos animais para consumo. A partir disso, conseguimos estabelecer as diferenças e as semelhanças entre a decisão do STF, a prática de comer carne, a prática da farra do boi. Muitos e muitas nunca tinham pensado sobre o fato de comer carne você agride um animal. Parece ser mais fácil se colocar contra a decisão do STF e a prática da farra do boi do que reconhecer que também adotamos certas práticas de agressão aos animais. Falamos um pouco sobre a produção da indústria em uma viés capitalista, que visa o lucro, e maltrata os animais. Todo debate teve intensa colaboração e participação da turma.

Entramos no segundo tópico de discussão: a caça às baleias. Por questões de tempo, não conseguimos ler os textos selecionados para discussão. Apenas falamos sobre a prática de caça às baleias que acontecia em Florianópolis antigamente. Boa parte dos alunos não conhecia as praias da Armação e Matadeiro no sul da ilha. Também não associava o nome delas à prática de caça às baleias. Falamos da proibição à caça e do evento que aconteceu ano passado quando alguns países do hemisfério norte iniciaram a discussão sobre a volta da caça tendo como justificativas as tradições culturais, a possibilidade de pesca sustentável, a pesca para fins científicos. Falamos da posição de Florianópolis e dos países do sul sobre a prática. Entreguei o material coletado para o grupo que ficou responsável por esse tema.

Nos minutos finais da aula pedi que escolhessem uma posição: a favor ou contra a umas tradições (farra do boi e caça às baleias) e como exercício de argumentação fizessem ou um vídeo ou um texto defendendo seu ponto de vista. Apenas um aluno disse que gostaria de pesquisar mais para possivelmente defender uma posição favorável a farra do boi, tendo como argumento inicial que se comemos carne hoje não há problema em cultivar a tradição da prática. A turma contestou bastante o posicionamento dele o que gerou uma discussão de certa forma acalorada.

Considero que o debate funcionou bem e que poderá trazer considerações positivas para escrita dos textos. Definimos que na próxima aula faríamos a discussão sobre o aborto.

Diário de campo #2019/04

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Encontro: 04 Dia: 05/04/19
Duração: 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: Debate coletivo da pauta sobre do aborto	
Objetivos: Definir o que é aborto, o que diz a lei e levantar os pontos favoráveis e contrários à legalização; desenvolver a argumentação; defesa do seu ponto de vista; definir direcionamento para matéria que irá compor a segunda edição do jornal.	

Dando sequência as atividades de pré-escrita para o jornal, ou seja atividades de debates coletivas das pautas, no encontro do dia 05 de abril debatemos sobre o aborto. No início da aula perguntei para alguns alunos o que eles/elas haviam achado do debate anterior, sobre maus tratos aos animais. No geral, eles/elas disseram que sentiram falta de um momento em que cada um poderia expor sua opinião e ir construindo a argumentação sobre os pontos favoráveis e contrários. Um aluno disse que a forma como a aula anterior ocorreu foi um pouco desorganizada.

Tendo esse feedback em vista, no encontro atual, reduzi um pouco dos textos que faríamos a leitura antes da discussão do aborto a fim de deixar um maior tempo para a discussão coletiva. Fomos até o auditório onde em consenso escolhemos formar dois grupos: um dos contrários a legalização do aborto e um dos favoráveis. Assim, cada grupo sentou de um lado da sala. A maior parte ficou no lado contrário. Apenas seis (sendo destas quatro meninas e dois meninos) ficaram responsáveis pela discussão da legalização.

Iniciamos com a leitura dos pontos contrários a legalização. O texto base da leitura foi retirado de um site que trazia informações do campo jurídico sobre o tema. Trazia a definição de aborto e dos tipos de aborto, explicava o que diz a lei atual sobre o tema e explicava o embasamento que sustentava essa lei, mas apresentava também pontos que poderiam criar uma proposta para legalização. A leitura dos pontos gerais foi feita por mim, dos pontos contra a legalização por uma aluna deste grupo e as questões favoráveis a legalização por uma aluna deste grupo. Após a leitura desse material, assistimos um vídeo disponível no youtube produzido pela BBC que traz uma entrevista com o médico/pesquisador Dráuzio Varella em que ele é perguntado sobre sua posição quanto ao aborto. No vídeo, o entrevistado diz que sua opinião pessoal sobre o aborto não deve ser o foco da questão, mas sim a realidade brasileira sobre a prática: lista o alto número de mortes, principalmente de mulheres pobres, pois mulheres ricas fazem abortos ilegais sem correr grandes riscos, desconstrói a ideia religiosa por trás do aborto ser considerado crime contra vida, entre outras questões.

Após o vídeo, abrimos espaço para a discussão coletiva. Inicialmente, ninguém queria iniciar o debate. Um dos alunos do grupo contrário me chamou individualmente e disse que ele e muitos dos colegas ali reunidos eram contrários por questões religiosas, que tinham sua opinião formada sobre isso, que preferiam não participar da discussão. Expliquei que essa visão que eles/elas tinham era um direito deles/delas comum a muitas pessoas e que a ideia da aula era que a gente pudesse compartilhar pontos de vista, sempre respeitando pontos de vistas, que não tinha problema eles trazerem isso para o restante dos colegas. Ainda assim, o grupo não quis se manifestar. Pedi então para que a aluna que iria escrever sobre aborto (que estava sentada no lado favorável a legalização, Vivian) compartilhasse um pouco com os colegas seus pensamentos. Ela ficou bastante tímida para iniciar e uma outra menina do grupo tomou a palavra nesse momento (Liliana) e a partir daí a conversa coletiva começou a fluir.

No que tange aos pontos favoráveis a legalização, foram trazidos a debate diversos pontos: a ideia de que as mulheres são donas de seus corpos e têm direito as suas próprias escolhas; a ideia de que o aborto só é de fato proibido para mulheres pobres, e que são essas questão morrendo, ou abandonando seus filhos; relatos pessoais de uma das alunas que falou das dificuldade de sua mãe para criar duas filhas

sem tanta ajuda de seu companheiro (a menina se emocionou ao falar de sua própria história, dizendo que ela teve sorte, mas quantas mulheres não tem as mesmas oportunidades em condições diferentes); a importância de se debater na escola e com a família educação sexual para que se evite uma possível gravidez inesperada na adolescência; a questão do abuso contra mulheres e a própria fragilidade do conceito de estupro (mulheres são abusadas dentro de seus relacionamentos). Cada ponto desses era debatido pelo grupo contrário, que dizia que existia alternativas, como deixar a criança para adoção, caso fosse fruto de uma gravidez indesejada, bem como os argumentos religiosos. Foi falado também da necessidade de se ter um acompanhamento psicológico para mulheres que estão pensando no aborto.

Diferentemente da aula anterior, o debate foi mais respeitoso. Cada aluno/aluna expôs sua opinião respeitando os turnos de fala de cada um/uma. Teve troca de argumentos entre quase todos. A maioria dos dois grupos participou da discussão. Eu e a professora durante o debate fomos deixando que eles/elas discutissem entre grupo. Em poucos momentos tomamos a voz para trazer questões a serem levantadas ou para dar a voz a um aluno ou aluna que gostaria de tomar a palavra. Considero, portanto, que atividade pode ter sido enriquecedora para ambos grupos.

Ao final da aula, pedi quem quisesse produzir algo sobre a discussão poderia entregar na próxima aula. Reiterei que era importante que cada um já fosse escrevendo seus textos.

Diário de campo #2019/05

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel	Encontro: 05
Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Dia: 12/04/19
Duração: 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: Debate coletivo da pauta sobre do machismo	
Objetivos: Partindo da ideia do grupo de produzir uma carta coletiva das meninas da turma contra o machismo, discutir coletivamente frases machistas que as mulheres escutam durante sua vida. Além, disso na aula iremos definir como funciona o gênero carta aberta.	

No dia 12 de abril, discutimos o machismo, temática de um grupo de meninas. Previamente, essas meninas falaram que gostariam de fazer uma carta em nome das garotas da turma contra o machismo. Tendo essa ideia prévia, levei na sexta o conceito e exemplos de cartas abertas, gênero que poderiam ser mobilizados para melhor atingir os objetivos que elas esperavam. Também discutimos frases machistas que elas costumam escutar na escola, tanto meninas e meninos puderam falar durante a aula. Para chegar nessas frases, sentamos em círculo e fizemos a leitura de 48 frases que as mulheres escutam ao longo da vida (conteúdo retirado do site Huffpost Brasil).

Após a leitura perguntamos se eles e elas achavam que todas as frases eram machistas ou se haviam escutado alguma que não tinham entendido. Voltamos aquelas que eles e elas tiveram dúvidas e discutimos coletivamente os sentidos por trás de cada enunciado.

Depois disso, buscamos criar frases que eles/elas costumam escutar sobre o papel esperado pelas mulheres. A maioria delas, eram referentes a o trânsito e a ideia da mulher ser ligada ao lar, apenas. Mas algumas também falavam das roupas que elas usam, que elas são avaliadas constantemente por suas roupas. Também falaram da ideia de que se o menino costuma sair com várias meninas ele é considerado o cara, enquanto que se a mulher faz isso ela é mal vista. Alguns meninos relataram que as meninas quando jogam games sofrem preconceito também.

Falamos também dos padrões de beleza esperados atualmente e dos distúrbios decorrentes deles, também da falta de aceitação do homem poder demonstrar sua sensibilidade. Algumas pessoas fizeram relatos de situações de assédios contra as mulheres em lugares como ônibus, metrô, etc.

A partir do assunto chegamos na discussão das leis de proteção a casos contra mulher. Falamos do contexto de criação da Lei Maria da Penha. Nesse momento, a Professora Edna fez a leitura da lei e do que ela previa.

Na sequência, entregamos um exemplo de carta aberta (que denunciava um caso de violência contra as mulheres), bem como uma explicação sobre o que era esse gênero (como se constituía e de que forma funcionava). Explicamos que isso poderia ser visto como conteúdo, pois por vezes era cobrado como produção textual do Enem. Fizemos a leitura coletiva dos dois textos e fomos tirando as dúvidas que surgiram.

Assim como na aula anterior, o debate foi respeitoso. Cada aluno/aluna expôs sua opinião respeitando os turnos de fala de cada um/uma. De fato teve troca de argumentos entre quase todos. A maioria dos dois grupos participou da discussão. Eu e a professora durante o debate fomos deixando que eles/elas discutissem entre grupo. Em poucos momentos tomamos a voz para trazer questões a serem levantadas ou para dar a voz a um aluno ou aluna que gostaria de tomar a palavra.

Ao final da aula, dissemos que essas discussões de pautas eram para embasar e refletir na produção dos textos do jornal, que eles deveriam começar suas escritas e ir trazendo para que avaliássemos. Combinamos que em função do feriado da próxima semana faríamos a discussão do tema do preconceito.

Diário de campo #2019/06

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel	Encontro: 06
Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Dia: 17/04/19
Duração: 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: debate coletivo da pauta sobre o preconceito (asiáticos, homossexualidade, racismo)	
Objetivos: debate coletivo da pauta sobre preconceito, mais especificamente sobre preconceito contra asiáticos, negros e homossexualidade (temas que o grupo demonstrou interesse em discutir)	

O sexto encontro em torno das atividades de pesquisa para a construção do jornal escolar, iniciou com mais ou menos vinte minutos de atraso. Logo depois do intervalo, fui até o auditório preparar o projetor para o encontro. A Professora Edna iria até a sala de aula do nono ano e depois levaria a turma até o auditório onde iniciariamos as atividades. No entanto, por conta de alguns avisos dela e da diretora, que passou nas salas, a aula iniciou com esse atraso.

O tema dessa aula era a discussão do racismo e preconceito contra negros, asiáticos e LGBTs (uma das temáticas escolhida pela turma para compor os textos do jornal). Iniciamos o encontro lendo as definições, segundo o dicionário das palavras “preconceito” e “racismo”. Depois assistimos a dois vídeos: um que trazia frases que asiáticos brasileiros costumam escutar e outro que sugeria como seria se asiáticos brasileiros falassem para as pessoas o que costumam escutar. Ao ver esses vídeos tentamos entender porque as perguntas poderiam ser ofensivas. Um aluno argumentou que não via problema nas frases. Disse que embora ele não achasse nada de errado com as frases, outras pessoas poderiam achar

(tanto que fizeram o vídeo com coisas que os/as incomodam). Disse que quando algo não nos incomoda não significa que não possa incomodar outra pessoa. Ele ainda ficou insistindo que não havia problema naquilo.

O segundo vídeo que vimos foi um produzido pela Anistia Internacional que denunciava o número de mortes de negros brasileiros. Na sequência vimos um vídeo que falava sobre racismo institucional. Esses vídeos geraram mais debates, falamos sobre os oitenta tiros disparados no rio de janeiro pelos militares que mataram um homem negro por engano.

O último vídeo trazia o médico Dráuzio Varella opinando sobre homossexualidade. Após esse vídeo, dois alunos falaram para mim que a própria escola acaba propagando uma atitude intolerância com alunos LGBTs. Aconselhei que eles relatassem isso nos seus textos. Toda turma pareceu bem contrária a discriminação de alguém por sua orientação sexual. Falamos um pouco da falta de abertura das religiões para aceitar essas diferenças.

Neste dia a turma estava bastante agitada e, no meu ponto de vista, as discussões não foram tão produtivas como estavam sendo as dos encontros anteriores. Isso pode estar relacionado ao fato de que a aula ter sido na véspera de um feriado. Ou, talvez, as aulas funcionem melhor na sala de aula da turma.

Diário de campo #2019/07

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel	Encontro: 07
Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Dia: 26/04/19
Duração: 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: Debate coletivo da pauta sobre games e violência	
Objetivos: Debate coletivo da pauta game e violência	

Este dia foi mais um dia debate em torno das pautas escolhidas pelos alunos e alunas. Nesse encontro, discutimos sobre a relação games e violência. Assunto escolhido por um aluno do grupo de games.

Iniciamos a discussão formando o círculo e realizando a leitura coletiva de dois textos: um que apresentava uma pesquisa científica que, com dados, relatava que sujeitos que jogavam jogos violentos tornavam-se menos sensíveis a determinadas emoções; o segundo texto era uma reportagem extensa publicada pelo Estadão que, de modo geral, discordava desse dado e trazia a voz de diversos especialistas contrapondo a questão.

De tempos em tempos, durante as leituras íamos discutindo um ponto e vendo se todo grupo estava entendendo os textos. Após a leitura, iniciamos o debate sobre o que eles achavam sobre a questão. Nenhum aluno ou aluna concordou com o argumento de que os games têm potencial de tornar pessoas violentas. Do ponto de vista da turma, as pessoas cometem violências desse tipo por conta de outras questões, sendo estas: sociais, econômicas, biológicas. Mas, os games sozinhos não são capazes de fazer com que uma pessoa se torne violenta.

A segunda Professora da turma também participou da discussão relatando experiências com games e seus filhos e também sobre amigos dos seus filhos.

O debate foi produtivo, quase todos alunos e alunas participaram contribuindo com a leitura do texto e com pontos de vista.

Diário de campo #2019/08

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Encontro: 08 Dia: 17/05/19
Duração: 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: Seminário sobre entrevistas, resenha e produção textual	
Objetivos: discutir Conjuntamente com alunos como se faz uma entrevista e como se faz uma resenha, além de debater sobre produção textual de um modo geral.	

No dia 17 de falamos principalmente sobre entrevistas. Um dos grupos gostaria de fazer entrevistas com alunxs de outros anos da escola. Para tanto, buscamos coletivamente debater a noção de entrevistas e como elas poderiam ser realizadas. Isso foi feito no auditório da escola, onde com auxílio do data show, eu e a professora havíamos produzido slides.

Começamos definindo entrevistas, explicando alguns passos importantes para realização destas. Depois falamos sobre resenhas, pois alguns alunos e alunas que vão falar sobre um game específico pretendem produzir esse tipo de texto. Diferenciamos resenha e resumo. Esse assunto gerou certo interesse por parte da turma. Outro ponto abordado no seminário, foi a ideia de que qualquer tipo de texto envolve planejamento, pesquisa (a qual buscamos através dos debates de alguma forma dar conta), primeiras versões, revisões, etc. Ainda falamos sobre a importância da coesão e coerência e que os textos precisam ter início, meio e fim.

Após essa apresentação, retornamos para sala de aula e cada grupo teria o momento de pensar um pouco sobre seus textos. Passei em cada grupo para ver como estava o andamento das tarefas.

Ao final da aula, a Professora Edna solicitou que na próxima aula fosse entregue uma versão dos textos, tendo caráter avaliativo.

Diário de campo #2019/09

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Encontro: 09 Dia: 24/05/19
Duração: 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: Aula destinada ao início do processo de produção textual dos textos escolhidos por cada grupo.	
Objetivos: Auxiliar os alunos e alunas no processo de escrita dos seus textos; realizar considerações sobre as primeiras versões.	

Essa aula foi destinada para que a turma começasse a trabalhar em seus textos, para isso o laboratório de informática ficou aberto durante todo encontro. Alguns alunos e alunas já haviam me enviado uma versão do texto, ou na aula anterior, ou durante a semana. Iniciei a aula falando, primeiro, com esses alunos e alunas.

No encontro anterior, Henrique me retornou uma versão do seu texto, ele já havia entregue uma versão lá pela metade dos nossos encontros. Na aula do dia 24, sentei com ele e fomos lendo juntos o texto e discutindo alguns pontos. Iniciei a conversa falando dos pontos positivos da nova versão. Falamos em especial do uso da expressão “raça amarela” para falar dos asiáticos. Juntos pensamos se essa seria a melhor expressão para dar conta do tema, considerando o objetivo do texto. Falamos da questão preconceito negros com negros, que já havia sido um ponto trabalhado no texto anterior, e de como era importante cuidar para que ao abordar esse assunto não se intensificasse um racismo institucional. Também sugeri que ele elaborasse um fechamento do texto, que estava terminando de forma um pouco abrupta.

Durante a semana antes da aula, os alunos Franco e Léo haviam me enviado por mensagem sua proposta de texto e pergunta para suas entrevistas. Dei um feedback para os dois durante a semana e retornei a falar com os dois durante a aula. Fiz algumas adequações linguísticas no texto deles, aproveitando a oportunidade para propor uma atividade de análise linguística na revisão textual. Eles haviam copiado um excerto da internet para definir música. Sobre isso, falei da importância de, primeiro, sempre que usar algo que não é seu realizar a devida referência. Segundo, busquei incentivar que eles mesmos escrevessem algo de sua própria autoria e não copiassem algo. Disse que eles estavam fazendo um trabalho minucioso com a entrevistas e análises das respostas e que teriam conteúdo para eles mesmos escreverem algo próprio. No início, ficaram receosos, mas penso que podem aceitar esse desafio.

No encontro anterior, a aluna Renata havia me mostrado um resumo de uma pesquisa que ela havia feito sobre feminismo. Sentei com ela e disse que o resumo estava interessante, sugeri que ela fizesse a referência da fontes utilizadas por ela para produzir o texto e incluísse também algo que fosse de sua autoria.

A aluna Kamila desenvolveu um texto com razões para se feminista e me mostrou no encontro. Juntas, eu, ela, Renata e Lara, pensamos que essas razões poderiam complementar o trabalho mais histórico que estava sendo elaborado pela Renata.

A aluna Lara também me mostrou o que ela já estava produzindo sobre a carta aberta contra o machismo. Combinamos que iríamos juntar todos os textos em uma seção do jornal sobre o feminismo.

Durante a aula, Anita me mostrou um esboço do que ela tinha escrito sobre xenofobia. Ela falou sobre xenofobia com imigrantes de outros países e também como a xenofobia acontece com moradores do próprio Brasil: nordestinos e habitantes do norte na regiões sul e sudeste do país. Disse que o texto estava bem interessante, apenas sugeri que ela fizesse algumas referências e desenvolvesse mais alguns pontos.

A aluna Vivian escreveu durante a aula algumas ideias para falar sobre aborto. Fui lendo junto com ela e conversamos juntas sobre o processo da escrita. Disse que era um bom esboço e que ela poderia desenvolver melhor cada ponto. Também sugeri que ela trabalhasse com períodos mais curtos na construção textual. Aproveitei o momento para trabalhar um pouco com análise linguística, nesse sentido.

Durante o encontro, foram esses alunos e alunas que apresentaram seus textos. Busquei mostrar através das sugestões pontos que eles poderiam ser revisados. Minha intenção foi uma conversa em que fiz sugestões que eles poderiam ou não aceitar, quis passar a ideia de que eles são os autores dos textos e de que eles poderiam ou não concordar com as minhas sugestões.

Diário de campo #2019/10

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel	Encontro: 10
Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Dia: 29/05/19
Duração: 1h	
Tema/atividade que se pretende realizar: Roda de conversa com o pessoal do Desacato	
Objetivos: Debater, por meio de uma roda de conversa, sobre jornal.	

Nesse dia, foi realizada uma roda de conversa com dois integrantes do Desacato, Mayara e James. Para dar início a atividade, pedimos que os alunos e alunas formassem um círculo e também perguntamos se alguém havia assinado os termos de autorização de imagem, para que o portal pudesse realizar uma matéria jornalístico sobre o encontro. Apenas dois alunos/alunas entregaram o termo. Aproveitamos para entregar novamente os termos e explicar melhor sua finalidade. Com o círculo formado, esperamos até todos e todas ficarem em silêncio. O portal começou fazendo uma apresentação de si (quem era James e quem era Mayara), bem como o que era o Portal Desacato e a diferença desse tipo de cooperativa para grandes empresas de jornalismo.

James disse que tem 30 anos e que é estudante de jornalismo. Contou que demorou um pouco para ingressar na faculdade e que fazia parte do Desacato desde 2017. Mayara tem 23 anos e há três anos na Desacato (2 anos e meio como cooperada). Também é estudante do curso de jornalismo da UFSC. Os dois explicaram que para além de um portal de comunicação, o Desacato é uma cooperativa, conta com cerca de 11 pessoas cooperadas (ou seja que recebem para trabalhar). Por ser uma cooperativa os integrantes dividem tudo e todas as responsabilidades de trabalho. A ideia de cooperativa também significa uma posição de combate uma hierarquização da empresa de jornalismo, que tem chefe e subordinados. Mayara comparou um pouco as diferenças entre eles e a NSC (mídia filiada à rede Globo em Santa Catarina). Para começar, esse tipo de instituição, segundo ela, tem um local de trabalho, prédio, muitos equipamentos. Em contrapartida, o local de trabalho do Desacato é rua. Em comparação, eles e elas, enquanto cooperativa, conseguem estar onde muitas pessoas não estão, onde a mídia dominante não chega ou naquilo que ela não tem interesse em mostrar.

Em seguida, Mayara e James falaram de alguns conceitos mais técnicos do jornalismo. Eu disse que tinha tratado a pauta de um forma geral, então, eles detalharam algumas outras informações como: hardnews (aquilo que se vê todo dia no jornal, por exemplo, assalto, tráfico, são informação mais brutas ou grossas); softnews (pauta de variedades, comida, animais, cultura. Atualmente os dois trabalham com softnews sendo responsáveis pela parte de cultura dentro do jornal); pauta fria (aquilo que pode ser informado hoje, mas que daqui há cinco ou dez anos ainda será um assunto atual); pauta quente (o que está acontecendo e é relevante agora, manifestações, por exemplo); mescla de pauta fria com pauta quente (quando se notícia um feminicídio, por exemplo, que para além de contar quem morreu, se conta do problema da violência contra mulher); e gancho (quando acontece uma coisa e você usa esse acontecimento para falar de um assunto maior, a morte de alguém que desencadeia uma discussão sobre política, por exemplo).

Eles falaram que esses termos são aprendidos na faculdade, mas que eles não gostam de seguir à risca e estavam compartilhando apenas para conhecimento. Ao abordar esses termos, os dois questionaram o fato de aprenderem na faculdade que o jornalista não deve manter uma relação mais subjetiva com sua fonte, mas que na prática isso é difícil. Por exemplo, se você entrevista um morador de rua, que passa frio e fome, como você não vai entrar em uma relação mais subjetiva com ele?

Mais ou menos nesse momento da conversa a Edna entrou na sala e falou que era um prazer para escola receber os dois. A Edna acabou não participando do encontro, pois a aula foi no horário das 8h, não o horário das aulas de português, por isso ela estava com outra turma.

Após esses tópicos, a roda de conversa foi aberta para perguntas. Paulo foi o primeiro a falar e perguntou se o Desacato já havia tido algum recebido algum tipo de ameaça durante o trabalho. Mayara disse que já foi empurrada por cinegrafista de outra emissora e que já teve que fugir de sprays de pimenta. Falaram que ameaças, nunca receberam, mas que teve um episódio em que a presidente da cooperativa teve um fúsil apontado para si durante uma cobertura.

Depois disso, os alunos e alunas que quiseram tiraram suas dúvidas sobre o andamento de suas produções. Houve um debate sobre cada assunto com algumas ideias que poderiam auxiliar o processo de produção do texto. Léo e Franco foram os primeiros, falaram que estavam fazendo entrevistas sobre música. Mayara sugeriu que na verdade eles estariam montando uma enquete, também sugeriu que eles tentassem chegar em algum lugar com os resultados da enquete: por exemplo, por que o sertanejo faz sucesso? Sugeriu que eles sentissem com as perguntas onde a pauta poderia levá-los. Pensar em pré-perguntas e novas perguntas durante a entrevista.

Larissa e Lara foram as próximas a falar, contaram da carta aberta que estavam construindo contra o machismo. James então perguntou se o jornal era da sala ou de toda escola. Expliquei que era só da sala, pois não tinha como circular toda escola ainda, principalmente, por conta dos custos. Ele disse que as pautas, então, poderiam refletir aquilo que fosse da sala de aula. Nesse momento, Mayara fez um contraponto dizendo que as pautas poderiam ir além da sala. Peguei o jornal anterior e mostrei aos dois o que havíamos conseguido produzir no ano anterior. Mayara continuou falando sobre a importância de discutir o machismo e de se tratar de coisas que vivenciamos sempre. Disse que uma carta aberta era legal, mas que poderiam se pensar em ações que a escola poderia adotar para combater o machismo.

Em seguida, foi falado um pouco sobre a imparcialidade e que ela ainda é ensinada nos cursos de jornalismo como uma característica dos textos produzidos por um jornalista. Os dois ressaltaram que não existe imparcialidade é que não há problema algum em defender um lado em seu texto.

O próximo grupo a falar foi o da Kátia que contou que estavam trabalhando com maus tratos aos animais, em especial farra do boi e caça às baleias. Também falou da história do cachorrinho que havia sido resgatado por elas e suas amigas. Mayara sugeriu que se criasse um texto mais literário como se fosse uma contação de histórias para narrar o que havia acontecido com o cachorro. Não é por que não está no formato objetivo do jornal dominante que não é pauta ou que não é relevante, disse ela. Sobre a caça e a farra, ela sugeriu que se fosse do macro para o micro (o que se discute no mundo, no Brasil, em Florianópolis. A discussão dos maus tratos teve grandes contribuições da segunda professora da turma, Julia. Para entrevistas sobre essa temática ela sugeriu que os alunos e alunas entrevistassem o vereador Marquito. Ainda foi falado sobre um projeto em andamento para uma marina para beira mar norte, sobre pesca de crustáceos nos mangues, sobre a cultura de pesca do mané e sobre a Amazônia.

Paulo perguntou se havia um limite de linhas para os textos. Disse que não, que eles poderiam escrever tudo que achassem necessário.

Depois do debate sobre esses temas, o grupo não se manifestou mais, então acabei falando que tinha um grupo grande que falaria de games e outro sobre esporte. Sobre esporte, James e Mayara falaram que geralmente nos grandes jornais se coloca como sinônimo de esporte o futebol. Disseram que um ponto pouco falado sobre futebol é sobre a exportação de jovens talentos brasileiros para fora do Brasil. Também sugeriram debater sobre copa de futebol feminino, indicaram que na UFSC no curso de jornalismo um grupo de meninas que eles conheciam estavam trabalhando com isso que poderiam ajudar. Nesse momento, os dois deram uma dica geral na construção dos textos: pensar o que se quer falar, como falar e como trazer isso para o contexto de Florianópolis, contexto local.

Por fim, Paulo disse que ia escrever sobre games e violência. Mayara comentou que ele poderia conversar com produtores de games, que em Florianópolis tem algumas empresas que criam jogos além cursos em universidades particulares, que poderiam auxiliar na construção do texto. Ela disse que ele poderia conversar também com psicólogos, psiquiatras e professores.

No fim da aula, fora da roda de conversa, Henrique disse que estava escrevendo sobre racismo e Renata disse que estava trabalhando com autoras do feminismo.

Após a aula, Mayara e James pediram que eu concedesse uma entrevista sobre o projeto com o jornal, explicasse o que eu estava fazendo e respondesse algumas perguntas. Alguns alunos e alunas também concederam entrevistas para os dois: Franco, Léo, Liliana, Renata, Kátia.

Diário de campo #2019/11

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Encontro: 11 Dia: 31/05/19
Duração: 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: Segunda aula destinada a produção textual (e revisão) dos textos escolhidos por cada grupo.	
Objetivos: Auxiliar os alunos e alunas no processo de escrita dos seus textos; realizar considerações dos textos.	

Nesse dia, 31/05, choveu muito em Florianópolis e por conta dessa chuva apenas oito alunos e alunas foram para aula (Lara, Liliana, Léo, Franco, Henrique, Diego e Ygor). Houve muito pouca produtividade por parte da turma pela pouca quantidade de alunos e também porque nessa aula houve entrega dos boletins.

Aos presentes, perguntei o que eles e elas haviam achado da fala do Desacato que aconteceu na aula anterior. Os presentes no encontro disseram que tinham gostado. Também expliquei o motivo pelo qual essa cooperativa tinha ido a escola e as razões pelas quais não havíamos ido ao Diário Catarinense.

Após esses acontecimentos, falei com a aluna nova Emília e falamos sobre a forma que ela poderia participar do jornal. Ela teve interesse em fazer um texto sobre preconceito contra LGBTs, tema que era da Giovana, que deixou a escola.

Depois disso, sentei com Léo e Franco para auxiliar na organização dos dados levantados por eles nas suas entrevistas/enquetes. Definimos que eles deveriam fazer um levantamento de todas as repostas e partir disso direcionar seus textos.

Ygor me entregou uma versão de seu textos sobre a copa do mundo masculina de futebol, ocorrida no ano anterior. Era um texto com informações copiadas da internet. Sugeri que ele ao invés de fazer isso escrevesse sobre como ele se sentiu quando o Brasil perdeu o título. Ele ficou um pouco chateando e colocou fora o texto que tinha produzido, mas concordou em fazer dessa forma.

Liliana e Lara, que que haviam brigado uma com a outra, concordaram em continuar o texto sobre machismo juntas. Liliana entregou um esboço do que gostaria de fazer.

O restante da aula, os alunos e alunas trabalharam em outras coisas, que não eram atividades dos jornais.

Diário de campo #2019/12

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Encontro: 12 Dia: 05/06/19
Duração: 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: Terceira aula destinada a produção textual (e revisão) dos textos escolhidos por cada grupo.	
Objetivos: Auxiliar os alunos e alunas no processo de escrita dos seus textos; realizar considerações dos textos.	

Nesse dia, como havia faltado o professor de Ciências, iniciei a aula mais cedo, sem a Edna que tinha uma aula no oitavo ano antes da nossa. Nos primeiros minutos do encontro, dessa vez com mais estudantes do que no encontro anterior, perguntei o que eles e elas haviam achado da fala do Desacato e se eles tinham as autorizações de imagem assinadas. Os presentes novamente falaram que tinham gostado, mas muito poucos entregaram autorizações.

Avisei aos alunos e alunas que estávamos caminhando para o final do projeto com o jornal, que teríamos ainda essa semana destinada para finalizações dos textos, mas que nas próximas deveríamos começar o processo de revisão e diagramação do jornal.

Antes de iniciarmos as atividades em cada grupo, apresentei para turma uma versão impressa do Jornal Comunitário, produzido no oeste de Santa Catarina, com apoio do Desacato, coordenado pela jornalista Claudia. Falei um pouco do processo de edição desse jornal e deixei que a turma o olhasse.

Também pedi que um aluno/uma aluna lesse um texto publicado pelo Desacato (Mande um abraço por correio, por favor). Com a leitura desse textos, de tom mais poético, disse que aqueles que ainda estivessem com dificuldades na escrita ou sem tema, poderiam pensar em um texto nesse estilo.

Por fim, retomei a ideia dos tipos de textos que a turma estava produzindo: entrevistas, carta aberta, jornalismo literário e artigo de opinião. Retomei um pouco do que é um artigo de opinião e algumas características de sua estrutura. Após isso, fui orientado os grupos quanto aos processos de escrita e revisões.

Léo e Franco: Os dois haviam me enviado seu texto por whatsapp. Imprimi e nesse encontro fui lendo o texto com eles e mostrando algumas correções por meio de análise linguística. Sugeri pequenas edições e deixei que eles decidissem se valeria ou não incluí-las: anexar as respostas sobre a pergunta do preconceito nas músicas, fazer um fechamento do texto, colocar parte sobre a música no início.

Paulo: iniciou a escrita nessa aula. Falou da dificuldade de conseguir pessoas para entrevistas, que estava pesquisando em fóruns sobre jogos, mas que nesses lugares não era muito simples conseguir essas informações. Durante essa aula, ele não mostrou nada escrito, mas disse que apresentaria seu texto na aula seguinte.

Graciela: faziam algumas semanas que ela não ia às aulas. Ela decidiu escrever sobre aborto (juntamente com a Vivian) e fez um esboço do seu texto para me mostrar.

Ygor: Entregou um texto curto sobre suas impressões sobre a copa do mundo na Rússia. Eu disse para ele que o texto estava legal, mas que ele poderia contar mais coisas.

Guto: Ao final da aula, ele me mostrou um texto sobre a copa do mundo de futebol feminino. O texto era copiado da internet e em três linhas finais havia uma opinião sem muito embasamento (acho a copa do mundo feminina legal). Pedi que eles escrevesse um pouco mais e ele disse que faria isso na próxima aula.

Kátia: Ela me mostrou o texto que tinha feito em casa. Tinha duas partes que explicavam o que era a farra do boi e o quer eram as caças às baleias, essas duas partes eram textos copiados da internet. A outra parte do texto, final, consistia na opinião dela sobre as duas práticas. Sugeri que ela deixasse dessa forma, mas que fizesse um texto dela não copiado com uma introdução e conclusão sobre as duas atividades.

Karla: Na aula, ela me disse que o texto sobre o resgate do cachorro Ilumi estava com a colega dela, Tatiana, que me enviaria o texto por whatsapp. Ela enviou esse textos na quinta. Disse que elas poderiam complementar com mais algumas informações, mas elas não quiseram fazer esses ajustes.

Liliana: Disse que me mostraria o texto na sexta.

Anita: Ia aproveitar as aulas para fazer entrevistas com uma professora que tinha um trabalho com alguns imigrantes haitianos na escola, mas essa professora não estava. Disse então que me mostraria o texto na sexta.

Henrique: Disse que me mostraria o texto na sexta.

Diário de campo #2019/13

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel	Encontro: 13
Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Dia: 07/06/19
Duração: 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: Quarta aula destinada a produção textual (e revisão) dos textos escolhidos por cada grupo.	
Objetivos: Auxiliar os alunos e alunas no processo de escrita dos seus textos; realizar considerações dos textos.	

No início dessa aula, avisei novamente que toda turma deveria finalizar uma versão dos seus textos nesse encontro ou então que deveria me enviar o texto por WhatsApp ou e-mail. Na próxima aula seria feito a leitura e revisão conjunta dos textos.

Passei a aula indo de grupo em grupo, aluno em aluno, aluna em aluna orientando o andamento do processo de escrita. Apenas o Léo e o Franco já tinham seus textos finalizados, pedi que eles me ajudassem nesse processo de orientação.

Kátia, Karla e Tatiana: Elas disseram que não tinham entendido o que precisavam fazer no textos. Fique um bom pedaço da aula auxiliando elas na escrita. Durante esse dia, elas fizeram uma introdução e no sábado me enviaram o texto completo, com a conclusão. No relato sobre o resgate do cachorro, elas optaram por não incluir as sugestões que eu tinha dado.

Paulo: Ele levou boa parte do texto desenvolvido no encontro de sexta. Havia feito perguntas para polícias, que casualmente encontrou na rua. Dei algumas orientações para ele, mais no sentido de fazer um fechamento para o texto e falar um pouco sobre sua própria experiência como jogador. Ao final da aula, ele me enviou por WhatsApp o que tinha conseguido produzir e na próxima aula, disse que enviaria o restante do texto.

Vivian: Me mostrou o que tinha feito. Fiz pequenas sugestões, mais para que o texto tivesse um fechamento. Ela disse que enviaria o texto por WhatsApp.

Anita: Me mostrou o que tinha feito. Disse que o texto já estava fechado e que estava muito bom. Ela disse que gostaria ainda de incluir algumas coisas e que entregaria de novo por WhatsApp.

Henrique: Disse que não faria novas edições em seu texto.

Ygor, Guto, Diego e João: Edna passou a aula sentada ao lado deles auxiliando no processo de escrita. Me disse que os textos acabaram saindo um pouco na marra.

Lara e Liliana: Mostraram vários esboços e trabalharam a aula toda para finalizar seu texto. Falei como incentivo da progressão delas durante esse ano, comparado ao semestre anterior. Disseram que iriam entregar a versão final do texto por WhatsApp.

Diário de campo #2019/14

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Encontro: 14 Dia: 12/06/19
Duração: 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: Aula destinada a revisão coletiva dos textos produzidos pelos alunos e alunas	
Objetivos: Coletivamente fazer uma revisão dos textos produzidos pelo grupo; criar chamadas para os textos; debater sobre a ordem que estes deverão aparecer no jornal.	

Neste encontro a Professora Edna não pode participar, pois tinha uma audiência pública, sendo assim estive apenas, eu, alunos e alunas e a segunda professora da turma. Iniciamos a aula formando um círculo. Expliquei para a turma que eu havia impresso todos os textos, que faríamos a leitura conjunta e juntos iríamos decidir se estavam finalizados ou se ainda precisavam de alguma edição. Disse também que estávamos chegando ao final da intervenção com o jornal, que nos próximos encontros iríamos terminar a revisão, diagramação e depois disso seria o fim.

Iniciamos com a leitura da matéria sobre música produzida por Léo e Franco. A turma gostou do texto e não pediu nenhum ajuste. Depois lemos o texto da Kamila. Ela não estava na aula então quem leu seu texto foi a Renata. Fizemos uma pequena modificação no texto para deixar um argumento menos ambíguo. O próximo texto seria o da Renata, mas ela disse que tinha um texto novo e diferente do que havia apresentado anteriormente, por isso, eu li o primeiro texto dela e na sequência ela explicou as mudanças que tinha feito. Por fim, lemos a carta aberta da Liliana e da Lara. Este trabalho foi bem elogiado pela turma e teve bastante comentários positivos da segunda professora da turma, Julia.

Na sequência lemos o texto do Paulo. Ele me disse a chamada do texto que havia ficado faltando, antes da leitura expliquei um pouco do processo de produção do texto dele. Na leitura ele mesmo percebeu que precisava revisar um pouco o texto, pois foi escrito com pressa e algumas ideias estavam misturadas. O próximo texto lido foi o da Anita, que também me informou a chamada que havia ficado faltando. A Professora Julia fez alguns comentários sobre a produção desses dois textos. A aula terminou nesse momento e os demais textos ficaram para o próximo encontro.

Diário de campo #2019/15

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Encontro: 15 Dia: 26/06/19
Duração: 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: Segunda aula destinada a revisão coletiva dos textos produzidos pelos alunos e alunas	
Objetivos: Coletivamente fazer uma revisão dos textos produzidos pelo grupo; criar chamadas para os textos; debater sobre a ordem que estes deverão aparecer no jornal.	

Nesse encontro demos continuidade a atividade coletiva de revisão dos textos para o jornal. Quando entramos na sala, eu e a professora Edna, os alunos estavam produzindo bandeiras e materiais para festa junina da escola e queriam continuar com essa tarefa. Não gostaram muito quando pedimos que eles guardassem o material para continuar a confecção de decoração para outra aula. A contragosto eles e elas guardaram e perdemos alguns minutos da aula até que todos e todas se acomodassem em círculo para que dessemos início as revisões.

Avisei que nossos encontros estavam chegando ao fim, que teríamos apenas mais algumas aulas para encerrar nossas atividades e produzir mais um jornal da turma. Também, retomei o que havíamos feito no encontro anterior e disse que nessa aula continuaríamos as leituras dos textos de cada aluno e aluna.

Após isso, a Kátia fez a leitura do seu texto. Ela teve dificuldade com a leitura das primeiras partes (copiadas da internet), o que poderia mostrar que esse texto é um pouco desconhecido para ela. A turma, em geral, relatou que gostou do texto, que estava bom. Eu disse para turma que o que ela poderia incluir, se quisesse, seria falar um pouco mais sobre como as práticas relatadas acontecem no nosso contexto de Florianópolis. Paulo também disse que seria interessante ter essa parte, uma vez que o jornal era da escola e da turma, que poderia refletir questões mais locais. Kátia disse que iria fazer as revisões até sexta. Nesse momento frisei novamente que o jornal era deles e delas, que as decisões de edições eram deles e delas, que meu papel era de orientação. Que poderia fazer sugestões quanto revisões, mas que as decisões finais eram da turma e dos e das autores e autoras do texto.

O próximo texto lido foi o da Karla sobre o resgate do cachorrinho Lumi. Falei que o que tinha ficado faltando era um título para o texto e um final, como e onde está o cachorro hoje. Lara sugeriu que ela falasse em um parágrafo final como ela Karla contando essa parte. Falamos também da foto, que no caso específico desse texto, poderia ser uma foto do cachorro. Aproveitei para lembrar que todos e todas ainda deveriam produzir fotos para seus textos.

Na sequência, lemos o texto da Vivian, ela não quis ler, pediu que eu lesse. Paulo disse que o texto estava muito curto e que poderia explorar mais questões, principalmente sobre a questão da mulher. A Graciela que estava presente na aula de hoje e que também falaria sobre o aborto disse que não tinha seu texto hoje, estava em outro caderno, ficou de me enviar, ela não deu sugestões no texto da Vivian. Após esses comentários, Vivian disse que iria ajustar até sexta.

Henrique não quis ler o seu texto que foi lido pela Edna. A turma disse que o texto estava bom, mas que poderia cuidar para não repetir tanto algumas palavras, trabalhar melhor com a coesão e uso de sinônimos. Ele também ficou de fazer as revisões na sexta.

O próximo texto foi do Guto sobre a Copa de Futebol Feminino. No início ele não queria ler, disse que o texto estava bom, insisti que ele lesse e ele aceitou. Após a leitura, eu sugeri que ele fizesse alguns ajustes agora que o Brasil já tinha encerrado sua participação na competição. Disse também que

ele trouxe algumas informações sobre o contexto da copa, mas que ficou faltando ele se posicionar melhor sobre o assunto. A turma também concordou. Ele disse que na sexta faria essa parte.

Ygor não quis ler seu texto que foi lido pela Professora Edna. Antes da leitura, incentivei ele dizendo que o texto estava bom e engraçado. Após a leitura todo mundo se divertiu com a história, apesar dele ter ficado bastante contrariado com a leitura. Kátia sugeriu que o título fosse Copa do mundo de futebol masculino e Anita sugeriu “O dia que meu tio saiu vestido de mulher na Mauro Ramos”, eu disse que esse título chamava bastante atenção e a turma gostou. Mas Ygor não opinou mais sobre seu texto.

Diego leu seu texto para turma. Após a leitura eu disse que o texto foi copiado da internet, ele concordou, mas que a opinião era dele. Argumentei que até a opinião havia sido copiada. Ele disse que não. Insistiu que na opinião ele havia feito modificações.

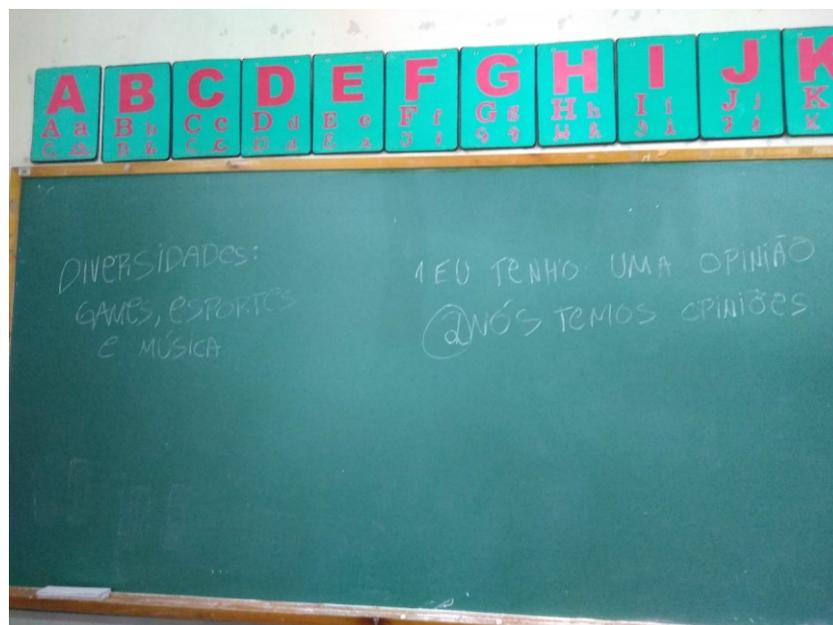
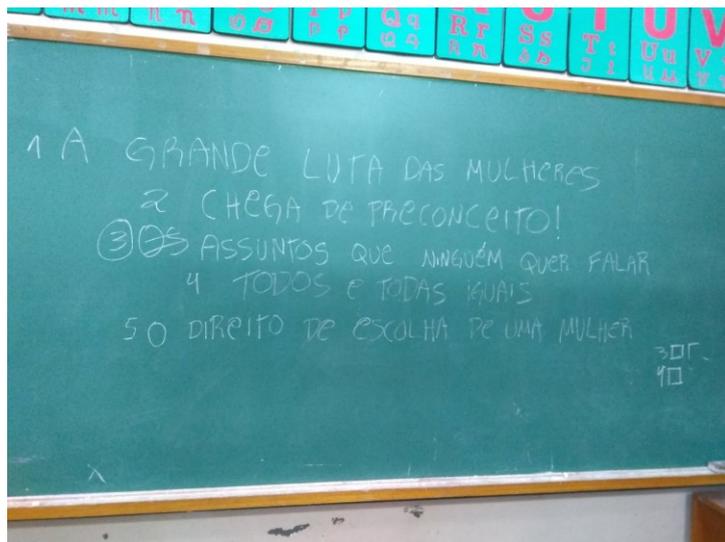
O último texto foi o do Dado, também sobre um game. Paulo sugeriu que Dado incluísse mais sobre uma avaliação final do jogo. João pegou o texto dele de volta, disse que iria digitar e me entregar no próximo encontro.

Diário de campo #2019/16

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel	Encontro: 16
Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Dia: 28/06/19
Duração: 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: Aula destinada para as revisões finais dos textos	
Objetivos: Realizar os ajustes finais dos textos e produção das fotos.	

Esse encontro tinha dois objetivos: terminar possíveis edições nos textos dos alunos e alunas e determinar uma pré-diagramação do jornal. Começamos o encontro falando de todos os tipos de textos que haviam sido produzidos a fim de definir qual a melhor ordem para esses textos irem aparecendo no jornal. A turma achou que a manchete da segunda edição do jornal poderia contemplar os textos sobre machismo, feminismo e aborto. Na sequência, apareceriam os artigos de opiniões sobre preconceito, xenofobia, maus tratos aos animais e violência nos games. Por fim, em uma seção de entretenimento, viriam os textos sobre games, esportes, a enquete sobre música e o conto do Ygor.

Definimos nesse momento a manchete do jornal e as chamadas para os outros textos que iriam na capa. A foto ilustra as escolhas tomadas nessa etapa:



Depois disso, os alunos e alunas presentes trabalharam na produção das imagens que iriam acompanhar seus textos ou na revisão e na rescrita dos mesmos. Fiquei desse momento em diante do encontro orientando cada grupo.

A Vivian me entregou um novo texto sobre aborto. Nessa nova produção ela teve ajuda da sua mãe, que sugeriu que ela não se posicionasse tanto e falasse mais de uma forma mais ampla sobre o assunto, pois dessa forma seu texto seria atrativo para um público maior (conceitos bem comuns a mídia dominante). Disse para ela que justamente a gente estava buscando trabalhar com o contrário, posicionamentos. Trabalhamos também no conceito da sua foto. Ela acabou fazendo uma montagem e edições com fotos da internet (mulher, preto e branco, símbolo do feminismo).

A Anita colou imagens de várias revistas para fazer uma montagem/colagem sobre xenofobia. Henrique, juntamente com a Vivian trabalhou na revisão do seu texto. Kátia me entregou as novas partes que tinha produzido sobre a caça de baleias em Florianópolis. Paulo trabalhou a aula toda na reescrita. Lara achou algumas fotos em revista e fez alguns desenhos.

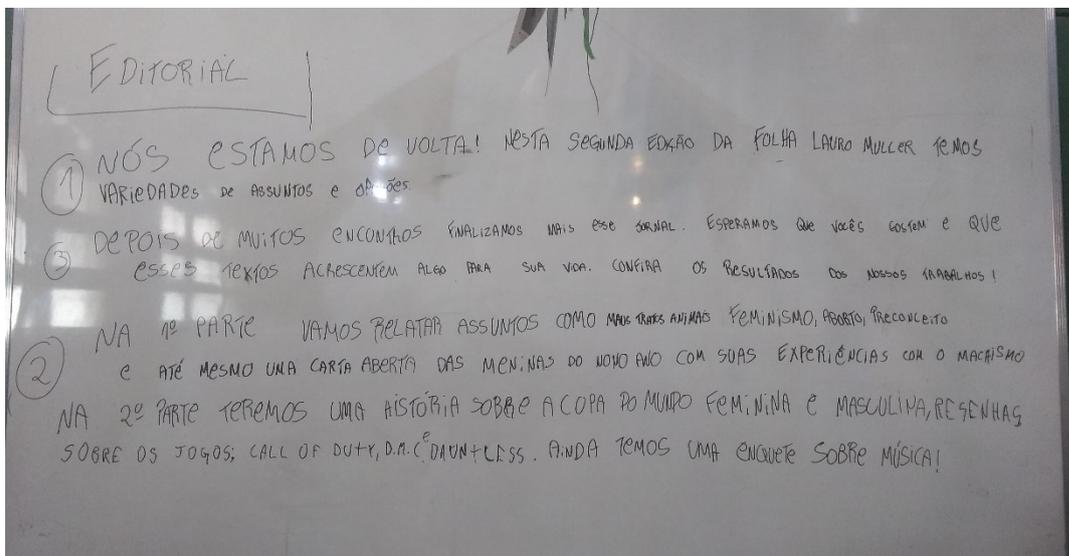
Ficou faltando fazer o texto para o editorial e as fotos para capa.

Diário de Campo 2019#17

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Encontro: 17 Dia: 04/07/19
Duração: 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: Aula destinada para as revisões finais dos textos, produção do editorial e das fotos	
Objetivos: Realizar os ajustes finais dos textos. Produção das fotos e construção do editorial.	

Poucos alunos e alunas foram neste encontro. Quando cheguei, a Professora Edna não estava na escola e a turma estava dispersa no laboratório de informática da escola ensaiando para festa julina. Lara pediu que todos e todas fossem para sala para que pudéssemos dar continuidade as atividades do jornal. Paulo foi buscar uma caneta e um apagador, enquanto eu falava com a turma, que o presente encontro seria destinado para ajustes finais, fotografias e elaboração do Editorial. Coloquei meu telefone à disposição para quem quisesse procurar fotos para seus textos. Mais ou menos nesse momento, a Professora Edna retornou a escola e liberou o acesso a sala de informática para aqueles e aquelas que precisassem usar computadores. Paulo foi ao laboratório para procurar uma foto. Henrique e Guto pegaram fotos no meu celular. Anita continuo trabalhando nas colagens recortadas de revistas. Kátia pediu ajuda de um aluno do segundo ano do Ensino Médio para terminar seu desenho. Liliana disse que entregaria as fotos depois. Ao final do encontro, ela e Lara ficaram me devendo fotos.

Na segunda parte da aula pedi que todos ajudassem na construção do Editorial. Juntos e juntas elaboramos um texto que ficou assim:



Combinamos que o próximo encontro seria o nosso último, que entregaríamos os jornais e faríamos uma reflexão sobre o processo construído em mais um semestre.

Diário de campo #2019/18

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero	
Pesquisadora: Gabriela Rempel Professora/pesquisadora: Edna Kurisini Diatel	Encontro: 18 Dia: 10/07/19
Duração: 1h:30min	
Tema/atividade que se pretende realizar: Entrega dos jornais para os alunos e alunas da turma; reflexão coletiva sobre o processo de construção do jornal	
Objetivos: Refletir sobre os erros e os acertos na construção do jornal	

Essa foi minha última aula com a turma. Antes de chegar na escola, fiz as impressões dos jornais. O encontro seria de entrega das publicações e destinado para que a gente conversasse sobre o que foi o processo de construção do jornal. Na hora da aula, os alunos e alunas estavam fazendo um ensaio de uma peça para festa junina, pediram alguns minutos para ensaiar. Assim, a aula só iniciou às 11h:20min. Pedi que a turma formasse um círculo e fui entregando os jornais produzidos. Entreguei para cada um e cada uma um preto e branco e o colorido foi sendo passado para que todos e todas vissem, a versão digitalizada eu enviei pelo grupo de WhatsApp após o fim da aula. Falei dos custos de impressão, caso eles e elas quisessem fazer mais cópias. Deixei um tempo para que eles fossem vendo os jornais. Boa parte dos alunos e alunas gostou do resultado e ficou bastante empolgado/empolgada.

Disse que eu gostaria de falar algumas coisas e que depois eu iria querer que eles também falassem. Retomei meu projeto de tese e disse o que eu tinha buscado desenvolver com eles: a ideia de um jornal que fosse totalmente produzido por eles e elas, que funcionasse como mídia da turma e, de certa forma, fizesse um contraponto com as mídias dominantes. Falei também que essa segunda versão tinha o dobro do tamanho do produzido ano passado, que os textos estavam bem elaborados, apesar de alguns ainda carecerem de algumas revisões, mas que por falta de tempo ou de decisões deles essas revisões não foram feitas. Valorizei a qualidade dos trabalhos considerando a etapa da formação que eles e elas estavam, nono ano do Ensino Fundamental. Também aproveitei o encontro para retomar algumas questões gerais de gramática conforme inadequações recorrentes nos textos (vírgula, uso de porquês, orações muito longas, coesão).

Ainda disse para eles e elas, que mesmo que os encontros tivessem terminado, que eles tinham meu contato e que eu estaria a disposição para quando eles/elas precisassem de mim.

Depois dessa fala em tom de despedida, pedi que eles falassem da experiência do ponto de vista deles e delas. Paulo disse que gostou muito do resultado, fez uma reclamação aos textos que foram copiados da internet, disse que os debates foram muito importantes para construção dos textos e também para formação deles, em aprender a dialogar, respeitar a opinião do outro/outra. Sugeri que se o projeto fosse continuar, que fosse produzido um jornal ao longo de um ano, assim eles e elas poderiam planejar as aulas dando conta de mais questões.

Lara ficou bastante emocionada, disse várias vezes que tinha adorado e que estava muito feliz que as fotos escolhidas por ela foram, inclusive na capa. Disse que tinha aprendido muito esse semestre. Avaliou que ano passado o jornal foi feito de qualquer jeito, sem empenho deles e delas e que esse ano houve de fato um engajamento da turma e isso era visível nos textos. Lilitiana também falou coisas nesse sentido e disse o que matéria sobre o machismo significou para ela.

Alunos mais tímidos, como a Vivian, Henrique e Anita, não falaram muito, mas ficaram orgulhosos dos seus textos e do tamanho que tinha ficado. Em um momento da aula, Edna perguntou se eles achavam que isso era ensinar português ou se as aulas deveriam ser exclusivamente voltadas ao conteúdo gramatical. Todos disseram que eles aprenderam muito sobre escrita dessa forma.

APÊNDICE C – DIÁRIOS DE CAMPO DAS CONVERSAS COM EDITORES DE JORNAIS INDEPENDENTES

Diário de Campo – conversa presencial com representantes do Portal Desacato

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero		
Pesquisadora:	Gabriela Rempel	Data: 01/03/19
Professora/pesquisadora:	Edna Kurisini Diatel	

O encontro presencial com dois jornalistas da cooperativa Desacato ocorreu no dia 01 de março de 2019 em um café no centro de Florianópolis. Neste encontro estiveram presentes, além de mim, o jornalista Raul Fitipaldi e a jornalista Rosângela Bion de Assis.

Iniciamos o encontro falando um pouco de onde vinha da minha formação acadêmica, expliquei o trabalho desenvolvido pelo do professor Adair Bonini, seus projetos e a ideia de se trabalhar com o jornal escolar por meio da mídia alternativa. Neste ponto da conversa, Raul tomou a palavra e disse que o Desacato não se enxerga como mídia alternativa. Para ele, mídia alternativa se refere a capacidade de alternar. Passa a ideia de alternar turnos de participação. O Desacato atua, nas palavras dele, como sítio independente progressista de esquerda, sendo o maior desse tipo em Santa Catarina. Entretanto, não consegue ainda alternar e disputar turnos com a grande mídia. Também, segundo ele, um veículo independente preza pelo controle de sua pauta e ser alternativo não significa necessariamente prezar pelo controle de sua pauta.

Seguindo a conversa, expliquei sobre as dificuldades encontradas no primeiro semestre da pesquisa: falta de interesse dos alunos e alunas em participar do projeto, falta de incentivo da escola (relatei que a diretora quando me recebeu para falar sobre o projeto apontou que eu não poderia levar mídias partidárias para dentro da instituição). Sobre isso, Raul disse que os alunos/alunas e professores/professoras replicam estruturas dos jornais convencionais (e isso é tomar partido de um lado, pois, nenhum tipo de mídia é neutra. O Desacato não é parcial tem uma postura anti-capitalista e anti-imperialista, segundo Raul). Ele também citou uma pesquisa realizada pelo instituto Ipsus que identificou que no Brasil as pessoas se encontram em um estado de ausência de percepção da sua realidade. O currículo escolar, para ele, não coopera com uma transformação desse estado, pois não há incentivo para que o aluno torne-se crítico, uma vez que defende um ensino técnico.

Raul falou da importância de levar o/a aluno/aluna no lugar onde a notícia surge. Sugeriu que se levasse elas e eles para a fonte da notícia para que a turma pudesse experienciar os fatos e falar com as pessoas da vida real, que fazem essa notícia acontecer. Segundo ele, isso poderia gerar mais envolvimento dos alunos e alunas. As pesquisas realizadas no laboratório de informática, geralmente, recorrem à mídias dominantes como fontes de dados. Após esse contato, elas e eles voltariam para escola para produzir seus textos. Para Raul esse movimento refletiria, inevitavelmente, em textos mais críticos. Argumentei da dificuldade de tirar os alunos e alunas da escola para realizar esse tipo de intervenção, pois esse tipo de atividade exige autorização da escola e dos pais de cada um deles e delas. Um tipo de apoio e suporte, que apesar da iniciativa e bom contato com a Professora Edna, eu não tinha com a direção da escola.

Após falar isso, apresentei o jornal escolar elaborado pela turma em 2018. Os dois fizeram uma avaliação do jornal, ressaltando, primeiro o nome que acaba sendo uma réplica de nomes de jornais mais convencionais (p. ex. Folha de São Paulo). Falaram sobre a questão das fotografias terem sido todas tiradas da internet e não produzidas pelos alunos e alunas. Sugeriram que eu trouxesse como uma decisão deles como grupo de comunicação, a importância de produzir as fotos e não copiar fotos produzidas. Para Raul, a fotografia autoral é parte fundamental da construção da matéria. Também comentaram sobre a

importância de tornar o projeto mais coletivo, trabalhar com núcleos de produção: quem fica responsável pelo texto? quem pela foto? quem pelo vídeo?.

Em um momento final da conversa, perguntaram como poderia ajudar. Chegamos ao acordo que conforme a escolha das pautas dos alunos e alunas, o Desacato poderia enviar alguém, ligado à cooperativa, para fazer uma fala com elas e eles e assim ajudasse a embasar seus textos. A ideia é que essa pessoa fosse contar sua história de vida e a partir disso o grupo fizesse entrevistas ou outras atividades relacionadas. Além disso, poderíamos marcar a partir de abril um encontro como se fosse uma coletiva de comunicação onde alunos e alunas levariam suas dúvidas e iríamos fazer uma conversa sobre como fazer jornal. Nosso papel pedagógico com as/os estudante seria de pegar o pensamento e devolver organizado.

Disse que durante esse ano o jornal teria uma versão online em redes sociais. Foi comentado sobre as vantagens de se ter um jornal impresso sobre o digital.

Antes de nos despedirmos, houve uma reclamação da falta de cooperação entre veículos alternativos e independentes em Florianópolis, se todos trabalhassem juntos, poderia haver um trabalho coletivo e integrado.

Diário de Campo - conversa presencial com representante do coletivo Maruim

Projeto: O jornal escolar a partir jornalismo independente: uma proposta de estudo a partir da Análise Crítica de Gênero			
Pesquisadora:	Gabriela	Rempel	Data: 12/03/19
Professora/pesquisadora:	Edna Kurisini Diatel		

O encontro presencial com uma jornalista do Coletivo Maruim ocorreu no dia 12 de março de 2019 em um café no centro de Florianópolis. Neste encontro estiveram presentes além de mim, a jornalista Priscila Oliveira dos Anjos.

Iniciamos o encontro fazendo uma contextualização da pesquisa, expliquei o trabalho desenvolvido pelo do professor Adair Bonini, seus projetos e a ideia de se trabalhar com o jornal escolar por meio da mídia alternativa. Perguntei para Priscila se o Maruim se identificava como mídia alternativa ou não. Ela explicou que eles funcionavam como mídia independente, que defendiam um outro tipo de posicionamento. Sobre isso, após o encontro pedi para ela que me passasse uma referência teórica sobre o conceito, no entanto o material não foi passado.

Apresentei o jornal e expliquei como foi o processo do ano passado de produção do primeiro jornal. Ela perguntou como como foram escolhidos os assuntos e eu disse que eles escolheram o nome do jornal e os assuntos, de forma livre. Ela perguntou também se o projeto funcionava como uma atividade extra curricular, eu disse que funcionava dentro das disciplinas de Português.

Enquanto ela folheava o jornal, expliquei das fotos, que embora eu tivesse incentivado que eles tirassem suas próprias fotos, eles e elas haviam optado por pegar fotos disponíveis na internet. Também comentei que no ano anterior não houve tempo de ter um momento de revisão dos textos e edição do jornal. Tratou-se de um jornal piloto onde eles conseguiram apenas acabar uma versão. Também falei que quem participava do projeto era eu e a professora e que a escola carecia um laboratório de informática desenvolvido tanto para pesquisa como para edição do jornal.

Durante o encontro, falei para ela que já havia conversado com a cooperativa Desacato e que também estava iniciando um contato com o Portal Catarinas. Ela perguntou a série que os/as estudantes estavam cursando, eu disse que era oitavo ano em 2018 e nono ano agora em 2019.

Nesse momento da conversa, Priscila perguntou se eu queria que eles fizessem um acompanhamento do processo ou uma palestra. Disse que eles poderiam ficar livres para decidir a forma que gostariam de contribuir. Comentei como seria a colaboração do Desacato.

Nesse momento, ela explicou o momento conturbado pelo qual o coletivo estava passando, momentos com altos e baixos. Falou bastante da dificuldade deles como coletivo em se manter e se sustentar como mídia independente. Dificuldade de financiamento, diferentemente do Desacato. Comentou que no final do ano passado, ela participou da escola “é nois jornalismo” em São Paulo, uma escola de jornalismo para jovens principalmente da periferia (<https://enoisconteudo.com.br/>). Participando desse contexto, viu um caminho: poderia trabalhar com a formação de jovens jornalistas. Embora, a pesquisa que estou desenvolvendo não seja exatamente a ideia desenvolvida pelo projeto em questão, eles viram no convite uma possibilidade de talvez fazer alguma coisa nesse sentido. Então, ela disse que iria pensar em coletivo com o resto do Maruim para ver como poderiam ajudar.

Sugeriu que se investisse em conversa com alunos, trazendo elementos novos. Achou interessante que se faça conversas com elas e eles e se tente instigar a questão da cidade, locais, da sua própria realidade. Pediu para ficar com uma cópia do jornal. Perguntou se houve debate entre as pautas. Eu disse que houve uma escolha dos assuntos por eles, mas que faltou um momento coletivo de planejamento de pauta. Então, algo para se introduzir esse ano seria a tentativa de discutir mais os assuntos antes da escrita. Além de defender melhor a ideia de que os textos produzidos precisam ter posicionamentos.

Falou da experiência de um projeto do qual ela participou desenvolvida pelo colégio marista em uma escola pública de SC no qual se criou um trabalho de percurso com elementos multimídia. Sugeriu colocar pedaços do jornal espalhados pela escola. Disse que a ideia era interessante, mas que para implementar precisaria da cooperação da turma. Falei da dificuldade em conseguir fazer algumas coisas, uma vez que o projeto funciona de forma isolada na disciplina de Português. Falei dos textos que foram copiados da internet. Por fim, ela falou novamente a importância de debater as pautas e trazer elementos novos, ver se elas/eles se identificariam com as escolhas.

APÊNDICE D – PRIMEIRA EDIÇÃO DA FOLHA LÁZARO MARQUES



Jornal escolar dos alunos e das alunas do oitavo ano da Escola Estadual Lázaro Marques - Florianópolis - SC

Dezembro de 2018 - Ano 01 - Número 01 - Distribuição gratuita

Os alunos e as alunas dão sua opinião sobre a escola na seção de Entrevistas (pg. 2)



Imagem retirada do site : <https://direcionalescolas.com.br/passopasso-para-abrir-ou-regularizar-uma-escola-parte-1/>



Imagem retirada do site: <https://opinionemabrazilista.com/2014/04/16/opiniao-diretor-de-vestib/>

O que as pessoas negam ver ao seu redor (pag. 3)



Imagem retirada do site: <http://www.osp.br/jornal/coluna/rap>

A voz do rap na Grande Florianópolis (pag. 4)



Imagem retirada do site: <http://www.venefico.org.br/nutricao/2018/02>

Viaje nos livros, nas telas e nos games! (pag. 5 e 6)



O campeonato mais concorrido do mundo (pag. 4)

Imagem retirada do site: <https://www.sanderson.com/nutricao/2018/08/karteis-define-grupos-de-champions>

Seção Entrevistas Lázaro Marques



Por Franco Laura, Lúcio e Léo.

Nessa edição do Jornal Folha Lázaro Marques, fizemos pesquisas com os alunos e as alunas da escola sobre suas opiniões sobre a instituição. Já avisamos que todas as opiniões aqui apresentadas são anônimas, pois as alunas e os alunos entrevistados não quiseram seus nomes, nem as turmas que cursam, divulgados neste jornal.

Segundo as pesquisas para o jornal *Folha Lázaro Marques*, estima-se que a maioria das alunas e dos alunos, entre o 7º, 8º e 9º ano, acham que o ensino na escola é razoável, mas em algumas partes da pesquisa, algumas pessoas disseram que é fraco, como a seguinte opinião:

"Em opinião particular, o ensino é fraco e falho - Anônimo".

A escola está com problemas de manutenção, chegamos a perguntar o que os alunos e as alunas gostariam que a escola proporcionasse para que diminuísse o calor durante a época de verão e todos os alunos e alunas que foram entre-

vistados disseram que o conserto dos ventiladores já seria ser o bastante.

"Os professores em sua maioria são empenhados, mas ainda falta comprometimento de suas partes"
- Anônimo

Muitos alunos e alunas, conforme a pesquisa, disseram quase a mesma coisa. Acontece que mesmo que os professores e as professoras estejam presentes, elas e eles precisam ser mais rígidos e ter mais *responsabilidade* com o que eles tem que fazer. Celulares estão sendo utilizados em sala de aula, mesmo que seja proibido, a/o professor/professora não é rígido/a o suficiente para fazer com que as/os alunos/alunas não utilizem eletrônicos em aula.

Chegamos em um ponto que todos gostam, comida, pedimos a opinião de vários alunos/alunas e a maioria falou que não precisa melhorar a comida na escola, que ela já está de bom agrado.

Em várias salas ocorre algo ruim, desrespeito entre professores e alunos, xingamentos, amea-

ças, malícia, entre outros, uma opinião que mexeu muito com nós, foi a seguinte:

"Eu acho que esse desrespeito com os professores é desnecessário, pois os professores são uma das pessoas que mais vão fazer parte da nossa vida, e todos deveriam ser gratos" – Anônimo.

Contudo, não adianta o aluno respeitar e não ser respeitado, uma frase que landê Albuquerque disse explica melhor o que nós estamos querendo dizer: *"A pessoa te faz de trouxa, te humilha, te machuca, te trata pior que a mer** que ela ca**". E depois de tanto tempo, você ainda insiste em manter contato com uma pessoa dessas. Isso para mim não é superação, é masoquismo, é burrice "*.

Sobre a segurança escolar, várias pessoas opinaram dizendo que ela está boa, mas também disseram que necessita de mais de um guarda na escola, segurança sempre é pouco.

Seção de Opiniões

Preconceito no Brasil

Por Natália e Kamila



Imagem retirada do site: <http://www.gutenberg.org/images/2014/05/0-que-e-preconceito.html>

É muito comum no Brasil. Geralmente, expressa o conjunto de teorias e crenças que pregam uma hierarquia entre as raças, entre etnias, ou ainda uma atitude de hostilidade em relação a determinada categoria de pessoas.

A cada dia que se passa, milhões de pessoas sofrem com o preconceito nas ruas.

O período que mais acontece é no carnaval. Ah! o carnaval. Sabemos que é uma baderna. Afinal, a melhor época do ano... em partes. Muitas pessoas se aproveitam dessa alegria toda para violentar, seja verbalmente ou fisicamente (que é ainda pior). Tudo isso, simplesmente, porque você é do seu jeito, suas manias e gostos.

Preconceito terá fim um dia?

Um tema muito delicado, difícil de chegar nele mas, uma coisa que gera muitas lágrimas.

O que você pensa sobre mim, não me define!!!!

Preconceito jamais.

Por Karla, Tatiana e Kátia

O racismo e o preconceito estão bem ligados um ao outro.

Nos Estados Unidos o racismo tem consequência graves, em relação aos árabes, a comunidade LGBT e outros tipos de grupos considerados minorias e com características diferentes dos americanos brancos.

O racismo e o preconceito existem em quase todos os lugares do mundo e isso é péssimo, triste e frustrante porque não podemos criticar, julgar alguém por conta da cor e orientação sexual, características físicas etc. Cada um é cada um e quem não gosta, deveria pelo menos respeitar.

As pessoas racistas se sentem superiores aos outros por terem a cor da pele diferente ou por terem uma opinião diferente e até mesmo por terem crenças diferentes.



Imagem retirada do Google.

Muitas crianças sofrem racismo na escola e até na rua são chamadas (os) de "pretos", "macacos", "neguinhos", "cabelo duro" e etc. Mas não só as crianças como os adolescente e adultos, sofrem nas escolas, nas ruas e no trabalho

Existem pais que diminuem amigos dos seus próprios filhos por serem negros e terem uma orientação sexual diferente da deles.

Todos merecem respeito, sem respeito somos o quê? Nada.

Seja negro ou branco, seja pobre ou rico. Respeito acima de tudo, somos todos iguais. Nunca diminua alguém por ser "pobre" ou "negro". Esses "neguinhos" que todos tratam mal podem crescer muito na vida e podem ser os primeiros a estenderem a mão para aqueles que foram ruins com eles.

O rap na Grande Florianópolis

Por Lílíana e Lara

Nas comunidades periféricas da grande Florianópolis, o rap e o funk são muito fortes, principalmente, entre jovens. Mas hoje vamos falar sobre o rap na Grande Florianópolis. Uma coisa muito comum aqui são as batalhas de rima. As batalhas ocorrem de segunda a segunda na ilha da magia, em diferentes bairros. Na segunda ocorrem três: batalha do IFCS, batalha do Santinho e batalha da CL. Todos os dias da semana ocorrem batalhas em SC.

Para muitos, a batalha e até mesmo o rap em si é uma forma de desabafo e uma forma de ser ouvido. Acreditamos que as batalhas devem ser propagadas por um simples fato: não temos voz! É ser ouvido, assim conseguimos captar a essência do rap e do seu movimento: dar voz.



Esportes

Por Guto, Ygor e Kiko

A Champions League ou Liga dos Campeões começou em 1955 desde do começo tivemos apenas 38 campeões os times mais vezes campeões são:

- 1 Real Madrid
- 2 Milam
- 3 Barcelona
- 4 Bayern
- 5 Liverpool
- 6 Ajax
- 7 Internazionale
- 8 Manchester United
- 9 Benfica
- 10 Juventus
- 11 Nott Forest
- 12 Porto
- 13 Aston Villa
- 14 Celtic
- 15 Chelsea



Imagem retirada do site: <http://tottenhambrasil.com.br/2014/06/14/guia-10-clubes-champions-league-2015/>

Hoje a Champions League é o maior campeonato de clubes do mundo por conta da disputa. Eu, particularmente, acho que é o melhor campeonato do mundo, pois junta os melhores times do mundo de diferentes países em uma só competição.

A história sobre a Champion League 1955 a 1960: a primeira era do Real Madri. O Real Madri dominou as cinco primeiras competições.

A equipe que era conduzida por Alfredo Di Stéfano, Ferenc Puskás, Francisco Bento, Lenk e José Santamria venceu as cinco finais confortavelmente enquanto este se tornava definitivamente maior Manchester United e muitos clubes italianos ofereciam...

A história do campeonato brasileiro de futebol começou em 1959, sob o nome Taça Brasil. A partir de então o Brasileiro já recebeu vários nomes, tais como Torneio Roberto Gomes Pedrosa, Taça de Prata, Campeonato Nacional de Clubes, Copa Brasil, Taça de Ouro, Copa União e a partir de 1989, Campeonato Brasileiro de Futebol, nomenclatura esta que é utilizada desde então, exceto no ano de 2000 quando foi denominado de Copa João Havelange...

Livros

Por Anita

O garoto do cachecol vermelho é uma obra recheada de drama e mistério. O livro conta a história de Melissa, menina riquinha, mimada, arrogante e egoísta, que acha que a única coisa que realmente importa na sua vida é o balé até que ela conhece Daniel, um garoto que pretende virar sua vida de cabeça para baixo, e a intriga por sempre estar usando um cachecol vermelho.

Depois de uma proposta feita por Daniel, Melissa se vê tendo que conviver com o garoto do cachecol vermelho boa parte do seu tempo, e



Imagem retirada do site: <https://www.tudoquest.com.br/vermelho/garoto-do-cachecol-vermelho>

aí que nasce uma paixão. Melissa com seu jeito mesquinho e egoísta e Daniel com um jeito solidário e bondoso.

O resultado? Um romance cheio de conflito e drama, que só o garoto do cachecol vermelho e a garota das sapatilhas brancas nos proporciona.

A autora, Ana Beatriz Brandão, também é autora de outras obras como *Sombras de um anjo*, *Caçadores de almas*, *Sob a luz da escuridão* e *A garota das sapatilhas brancas*, que é o livro II de o garoto do cachecol vermelho. Ana Beatriz Brandão é uma jovem escritora cheia de talento que já encantou e vai encantar muitos leitores com suas obras maravilhosas.

Séries e Filmes

Stranger Things: uma das séries mais famosas e esperadas para 2019

Por Vivian

Stranger Things é uma série, famosa na atualidade, de terror e ficção científica que se passa em 1980 com elementos da época, com muitas referências. Na trama, um dos personagens desaparece misteriosamente e seus amigos vão à sua procura, que no caminho encontram uma garota com poderes telecinéticos.

A série recebeu aclamação da crítica especializada e do público. Foi registrado uma aprovação dos críticos de 95% baseando-se em 61 críticas e uma aprovação do público de 95%. Não é a toa que ela foi nomeada à vários prêmios, incluindo duas indicações ao Emmy, ao Globo de Ouro, ao Grammy, e ao Hugo, ganhando os prêmios Emmy, MTV Movie & TV Awards, Screen Actors Guild Awards, Saturn Awards, entre outros.



Stranger Things é realmente uma série muito boa, que te prende com o seu decorrer, não só pelo seu terror e mistério, mas também com a amizade dos personagens e com a evolução de seus relacionamentos nela, dando atenção para cada coisa e detalhes em seus momentos certos no seu desenvolvimento, sendo também uma boa recomendação para quem gosta de maratona.

Quem tiver interesse ou goste da série, sua tão esperada terceira temporada será lançada no começo do ano que vem, em 2019, tendo mais de seus segredos e mistérios revelados.

Filme: Escola de Rock

Por Henrique

Nesse filme, Jack Black interpreta Dewey Finn, um guitarrista com suas muitas esquisitices e devoção ao rock n' roll que foi expulso da banda que ele próprio havia formado. Sem trabalho, Dewey vive na casa de seu amigo Ned Schneebly e sua namorada, que cansada de ver Dewey vivendo às custas de Ned manda-o arranjar um emprego. Ned é um professor. Aparece uma proposta de trabalho para Ned, numa escola renomada e que pagaria muito bem por suas aulas, porém quem atende o telefone é Dewey, que resolve se passar por Ned para ganhar alguns trocados. Chegando na escola conhece o grupo de crianças ricas que serão seus alunos. Dewey achava que seria tudo muito monótono, até que por acaso vê as crianças tocando na aula de música e surge uma idéia. Ele decide ensinar o rock para as crianças. A partir daí, prepare-se para muitas confusões.

Games

O sucesso que é *Fortnite Battle Royale*

Nos últimos anos as empresas de jogos tem tentado implantar o modo *Battle Royal* em seus jogos pelo sucesso que tem feito entre a comunidade, embora a ideia seja simples, por se basear em 100 ou 50 jogadores que se enfrentam com equipamentos e recursos diferentes, tudo para que reste apenas 1 jogador vença a partida. E sem perder tempo a *Epic Games*, aderiu esse novo modo em seu jogo *Fortnite*, que se tratava de um jogo PvA (*Player versus Inteligência Artificial*). Porém, a *Epic Games* viu em suas mecânicas uma oportunidade de aderir o modo *Battle Royal*. e assim no dia 25 de Julho de 2017. *Fortnite Battle Royal* foi disponibilizado a público.

Em abril de 2018 empresa já avia ganho mais de US\$300 milhões em seu novo modo de jogo que apresentava uma jogabilidade diferente dos demais jogos. E já em Junho de 2018 o número de jogadores ultrapassava 100 milhões. O *Fortnite* até então foi atualizado diversas vezes e hoje possui um sistema de passe de batalha, onde você faria missões e pegaria diversos itens conforme você passar de categoria, sendo essas que vão do 0 a 100. E hoje o *Fortnite* conta com mais 200 milhões de jogadores ativos no mundo inteiro.

Por Dado e Paulo



Imagem retirada do site: <https://playstore.epic.com/jogos/info/nosso-estratagem-fortnite-battle-royale/>

Call of duty black ops 4

Um game esperado por muitos fãs da franquia BO, porém vem agora sem modo campanha deixando apenas o modo *multiplayer*, *zombis* e um novo modo *Battle Royale*.

Vamos falar apenas sobre o modo *multiplayer* que contém vários modos de jogo *assíto*: um modo no estilo *CS:GO* o modo que alterna entre atacar e defender onde uma das equipes tem que plantar uma bomba e a outra tem que impedir *MME caos*: o modo coloca vários players em equipes de 5 contra outras equipes. Capture a bandeira com equipes de 5 contra 5 o objetivo é capturar a bandeira inimiga e levar até a sua bandeira.

Minha opinião sobre o game: no começo não gostei por não ter um modo campanha, mas depois que joguei, vi que não precisava de um modo campanha já que o jogo ficou muito bom sem *bugs* ou *hackers* e claro tem alguns problemas ainda, mas nada vai te atrapalhar de jogar.



Imagem retirada do site: <https://www.gamespot.com/articles/wh-2018-call-of-duty-black-ops-4-what-we-want-and-71320-668926/>

Por Gael



APÊNDICE E – SEGUNDA EDIÇÃO DA FOLHA LÁZARO MARQUES



Jornal escolar dos alunos e das alunas do nono ano da Escola Estadual Lázaro Marques - Florianópolis - SC

Julho de 2019 - Ano 02 - Número 01 - Distribuição gratuita

EDITORIAL

Nós estamos de volta! Na segunda edição da Folha Lázaro Marques, apresentamos variedades de assuntos e opiniões.

Na primeira parte, vamos relatar temas como maus-tratos a animais, feminismo, aborto e preconceito. Também trazemos uma carta aberta das meninas do nono ano sobre as suas experiências com o machismo.

Na segunda parte, teremos histórias sobre a Copa do Mundo Feminina e Masculina de Futebol, resenhas sobre games e também uma enquete sobre música!

Depois de muitos encontros, finalizamos mais esta edição. Esperamos que você goste e que nossos textos acrescentem algo para sua vida.

Confira os resultados dos nossos trabalhos!

Expediente:

Elaboração: Alunos e alunas do nono ano da Escola Estadual Lázaro Marques

Diagramação: Alunos e alunas do nono ano da Escola Estadual Lázaro Marques e Gabriela Rempel

Impressão: JT Cópias

Tiragem: 30 exemplares.

Assuntos que ninguém quer falar!



Leia sobre machismo, feminismo e aborto nas páginas 02, 03, 04 e 05.

Nós temos
opiniões



Artigos sobre maus-tratos a animais, racismo, xenofobia e violência nos games. Páginas 06, 07, 08 e 09.

Diversidades: games, esporte e música! Páginas 11, 12 e 13

Carta aberta contra o machismo



Machismo é um comportamento construído por atitudes e opiniões de um homem que recusa a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres. Alguém que tem pensamento machista acredita que os homens são superiores.

A partir desse tema, as alunas Liliana e Lara decidiram fazer uma carta aberta para mostrar como o machismo afeta elas e outras alunas. Essa carta é fruto de relatos das meninas do nono ano da escola Lázaro Marques e também de vídeos e textos da internet.

De: Liliana e Lara

Para: Homens e aqueles que se interessarem em combater o machismo.

Todos os dias que vou sair, penso no trajeto que vou fazer e tenho que repensar a roupa que vou usar numa tentativa falha de não ser assediada ou taxada como "vulgar". Sempre que saio na rua e passo por esses lugares, onde têm homens, até mesmo mais velhos, me sinto como um objeto, tendo que estar sempre alerta. E é bom lembrar que quando um homem faz algum comentário para mim na rua, não é elogio, é assédio. Um elogio me faria bem e esses comentários me fazem ficar constrangida ou com medo.

Quando a gente diz que sente medo dos homens não é necessariamente da pessoa, mas sim de tudo que, infelizmente, ela representa. Das notícias que a gente vê todos os dias. Muitas vezes, isso vira algo "comum" escutamos até mesmo dentro de casa que "tudo bem, pois isso é coisa de homem".

Todas essas coisas que citamos, pode trazer um desconforto a você, mas só de você ter consciência disso e mudar pequenas atitudes, já faria diferença. E nós entendemos que isso pode parecer loucura, principalmente, por ser uma realidade diferente da sua, mas infelizmente isso acontece todos os dias.

Existe um grande abismo de diferença entre a gente, porque o que eu represento nunca te diminui, nunca te fez sentir vulnerável ou inferior... Você nunca teve medo de mim...

O machismo mata todos os dias!

Não queremos suas "cantadas", queremos seu respeito!



Fotos retiradas da internet

Basta de violência contra a mulher!!



Feminismo

Síntese por Renata



Feminismo é um conjunto de movimentos políticos, sociais, ideologias e filosofias que têm como objetivo comum: direitos iguais e uma vivência humana por meio do empoderamento feminino e da libertação de padrões patriarcais, baseados em normas de gênero. Envolve diversos movimentos, teorias e filosofias que advogam pela igualdade entre homens e mulheres, além de promover os direitos das mulheres e seus interesses. De acordo com Maggie Humm e Rebecca Walker, a história do feminismo pode ser dividida em três "ondas". A primeira teria ocorrido no século XIX e início do século XX, a segunda nas décadas de 1960 e

1970 e a terceira na década de 1990 até a atualidade. A teoria feminista surgiu destes movimentos femininos e se manifesta em diversas disciplinas como a geografia feminista, a história feminista e a crítica literária feminista.

O feminismo alterou principalmente as perspectivas predominantes em diversas áreas da sociedade ocidental, que vão da cultura ao direito. As ativistas femininas fizeram campanhas pelos direitos legais das mulheres (direitos de contrato, direitos de propriedade, direitos

ao voto), pelo direito da mulher à sua autonomia e à integridade de seu corpo, pelos direitos ao aborto e pelos direitos reprodutivos (incluindo o acesso à contracepção e a cuidados pré-natais de qualidade), pela proteção de mulheres e garotas contra a violência doméstica, o assédio sexual e o estupro, pelos direitos trabalhistas, incluindo a licença-maternidade e salários iguais, e todas as outras formas de discriminação.



Poemas feministas

A mão sobre a boca
O silêncio velado
O rosto marcado
O corpo no asfalto

Corpos, negros, pardos,
Índios, cis, trans, travestis,
jovens, velhos, modificados
Corpos femininos
Corpos sagrados

Houve um tempo de integração
Masculina e feminina em união
Deuses...

E quem adivinharia,
Naquele tempo
Que o medo trinfaria?

Tempos de escuridão
lutas feministas

De Olympe Gouges a Maria da Penha,
Dandara a Malala
Maria Quitéria, Parks, Lutz,
Índira, Nise, Pagu
Euita, Lispector, Samantha
Mulheres guerreiras, deusas
Bruxas e santas

Mas e agora que o feminismo vi-
rou palavrão?
Chama os homens para a discussão
Eles por elas
Igualdade

Feminismo é a luta por direitos
Não se trata inverter a dominação

Sejamos todos feministas
Conclama Chimamandra
Entramos todos nesta ciranda

Por que só quando o mundo
Inteiro unir as mãos Vamos lembrar
aquela antiga harmonia e integra-
ção

Respeito

Quando cuido de mim e reflito
Enxergo o outro
E permito
Ser
Reflitamos
Sejamos
Todos e todas pelas mulheres

Todos e todas por elas
Por nós
Por todos
Por todas
Pela vida
Contra a violência e diminuição ...

Poema de: *Carolina Grant*

Toda vez que você
Diz para sua filha
Que grita com ela
Por amor
Você a ensina a confundir
Raiva com carinho
O que parece ser uma boa ideiaia
Até ela cresce
Confiando em homens violentos
Porque eles são tão parecidos
Com você
aos pais que têm filhas

Poema de: *Rupi Kaur*

Contribuição de Renata

Ativistas feministas

Síntese de Renata

Olympe de Gouges

Olympe de Gouges, pseudônimo de Marie Gouze, foi uma dramaturga, ativista política, feminista e abolicionista francesa. Os escritos feministas de sua autoria alcançaram enorme audiência. Foi uma defensora da democracia e dos direitos das mulheres.

Nascimento: 7 de maio de 1748,
Falecimento: 3 de novembro de 1793

Maria da Penha

Maria da Penha Maia Fernandes é uma farmacêutica brasileira que lutou para que seu agressor viesse a ser condenado. Maria da Penha tem três filhas e hoje é líder de movimentos de defesa dos direitos das mulheres, vítima emblemática da violência doméstica.

Nascimento: 1945 (idade 74 anos),

Maria Quitéria

Maria Quitéria de Jesus foi uma militar brasileira, heroína da Guerra da Independência. Foi a primeira mulher a ser reconhecida por assentar praça numa unidade militar das Forças Armadas Brasileiras e a primeira mulher a entrar em combate pelo Brasil, em 1823.

Nascimento: 27 de julho de 1792,
Falecimento: 21 de agosto de 1853.

Rosa Parks

Rosa Louise McCauley, mais conhecida por Rosa Parks, foi uma costureira negra norte-americana, símbolo do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos.

Nascimento: 4 de fevereiro de 1913
Falecimento: 24 de outubro de 2005

Dandara

Descrita como uma heroína, Dandara dominava técnicas da capoeira e lutou ao lado de homens e mulheres nas muitas batalhas consequentes a ataques a Palmares, estabelecido no século XVII na Serra da Barriga, situada na então Capitania de Pernambuco em região do atual estado de Alagoas, cujo acesso era dificultado pela geografia e também pela vegetação densa. Não se sabe se Dandara nasceu no Brasil ou no continente africano, mas teria se juntado ainda menina ao grupo de negros que desafiaram o sistema colonial escravista por quase um século. Ela participava também da elaboração das estratégias de resistência do quilombo. Além de lutar, participava de atividades cotidianas em Palmares, como a caça e a agricultura. No quilombo era praticada a policultura de alimentos como milho, mandioca, feijão, batata-doce, cana-de-açúcar e banana.

Malala Yousafzai

Malala Yousafzai é uma ativista paquistanesa. Foi a pessoa mais nova a ser laureada com um prêmio Nobel de direitos humanos das mulheres e do acesso à educação na sua região natal do vale do Swat na província de Khyber Pakhtunkhwa, no nordeste do Paquistão, onde os talibãs locais impedem as jovens de frequentar a escola. Desde então, o ativismo de Malala tornou-se um movimento internacional.

Nascimento: 12 de julho de 1997 (idade 21 anos).

Pagu

Patrícia Rehder Galvão, conhecida pelo pseudônimo de Pagu, foi uma escritora, poeta, diretora de teatro, tradutora, desenhista, cartunista, jornalista e militante política brasileira.

Nascimento: 9 de junho de 1910
Falecimento: 12 de dezembro de 1962.

Bertha Lutz

Bertha Maria Júlia Lutz foi uma ativista feminista, bióloga e política brasileira. Era filha de Adolfo Lutz, cientista e pioneiro da Medicina Tropical, e de Amy Fowler, enfermeira inglesa.

Nascimento: 2 de agosto de 1894

Falecimento: 16 de setembro de 1978

Indira Gandhi

Indira Priyadarshini Gandhifoi primeira-ministra da Índia entre 1966 e 1977 e entre 1980 e 1984. Indira Gandhi não possui nenhum parentesco com Mahatma Gandhi.

Nascimento: 19 de novembro de 1917.

Assassinato: 31 de outubro de 1984.

Nise da Silveira

Nise da Silveira foi uma médica psiquiatra brasileira. Reconhecida mundialmente por sua contribuição à psiquiatria, revolucionou o tratamento mental no Brasil. Foi aluna de Carl Jung.

Nascimento: 15 de fevereiro de 1905.

Falecimento: 30 de outubro de 1999.

Clarice Lispector

Clarice Lispector, nascida Chaya Pinkhasovna Lispector, foi uma escritora e jornalista ucraniana naturalizada brasileira. Autora de romances, contos e ensaios, é considerada uma das escritoras brasileiras mais importantes do século XX e a maior escritora judia desde Franz Kafka.

Nascimento: 10 de dezembro de 1920.

Falecimento: 9 de dezembro de 1977.

O aborto no Brasil

Artigo escrito por Vivian

O aborto é a interrupção da gravidez, que pode ser espontânea ou induzida. Esse é um assunto polêmico, pois envolve o desenvolvimento de uma nova vida. Para a formação completa do feto, precisam-se 40 semanas. No início, o feto é apenas um embrião formado por um conjunto de células que vai se desenvolvendo constantemente até se transformar em um bebê completamente formado. Apenas depois da 12ª semana que é considerado um feto.

Mas não é apenas da vida e do corpo do feto que estamos falando. No caso da mulher, ela pode ter tido uma gravidez indesejada, causada por estupro, má formação do feto, ou simplesmente não querer ter a criança. No Brasil, o aborto é considerado crime, o que pode levar a gestante a ser detida de 1 a 3 anos e de 1 a 4 anos de reclusão para o médico ou qualquer outra pessoa que realize em outra o procedimento de retirada do feto. Por ser ilegal, muitas mulheres acabam fazendo o aborto sozinhas ou também procurando procedimentos clandestinos, colocando sua saúde e vida em risco. Ele só não é considerado crime quando há risco de morte da mulher, quando a gestação é resultado de um estupro ou se o feto é anencéfalo (defeito na formação do tubo neural de um bebê e m desenvolvimento).



Foto retirada da internet e editada pela autora

Alguns dados, segundos pesquisas:

55% das mulheres precisou de interrupção por complicações decorrentes do aborto; 48% das pesquisadas disse ter usado medicamentos para abortar; 13% delas relatou ter feito aborto entre 16 e 17 anos; 16% entre 18 e 19 anos; 24% entre 20 e 24 anos.

Aquelas que são a favor do aborto defendem os direitos individuais da mulher de decidir sobre o próprio corpo. Há também quem defenda a legalização do aborto como tema de saúde pública. A legalização seria uma forma de evitar o alto índice de mortes maternas decorrentes de abortos inseguros, principalmente, em populações mais pobres.

41% dos brasileiros e brasileiras são contrários e contrárias a qualquer tipo de aborto; outros e outras 34% concordam que as regras para o aborto deveriam ficar como estão.

Alguns argumentos contra o aborto são: para ciência a vida começa na concepção, quando há união entre espermatozoide e óvulo; biologicamente não é possível determinar qual seja a 12ª semana de uma gravidez; A Constituição Federal de 1988 assegura, em seu artigo 5º, o direito a vida; a relação entre mãe e bebê é de responsabilidade e não de direito; o aborto traz consequências físicas e psicológicas perversas e significativas para mulheres que o faz.

Racismo contra negros e asiáticos no nosso país

Artigo escrito por Henrique

Nesse texto eu irei falar sobre racismo, muitas pessoas acham que o racismo é só contra negros, porém, se pesquisarmos no dicionário a palavra racismo vai estar escrito: "preconceito contra todas as raças do mundo". Têm várias raças que sofrem preconceito, só que eu vou falar da raça negra e da raça amarela (chinês, coreano, japonês, etc.).

Primeiro, irei falar sobre negros/negras e depois sobre os asiáticos/asiáticas.

Os/as racistas acham que todos têm que ser que nem eles. Muitos brancos não fazem

amizades com negros porque acham que o negro é ladrão. No mundo em que vivemos, a maioria é corrupta e preconceituosa, o racismo e o preconceito acabam tirando vida de jovens e a cada 100 que morre 90 é negro e nós temos que combater. Se um branco está correndo na rua, ele é "atleta" ou está atrasado. Se um negro estiver correndo, ele é "ladrão" ou está "fugindo da polícia". Nós seres humanos somos todos iguais, só mudam a cor e suas culturas. Ainda têm negros matando negros por causa da sua cor, e os

negros tem que se juntar e combater contra o racismo. Não estou apoiando o racismo do branco, mas também não concordo com o racismo do negro. Os negros que são racistas falam "eu não sou racista, se eu fazer racismo eu estarei me ofendendo sem eu querer, e tudo que eu falo contra negro

ba machucando. Querendo ou não as pessoas dizem "os JAPAS...". Quando chamamos um asiático de JAPA estamos diminuindo ele/ela e estamos esquecendo que ele/ela tem uma identidade e eu aposto que eles e elas

estão tentando acabar com o racismo também.

E nós brasileiros temos que ajudar os negros e os asiáticos a acabar com o racismo também.



é brincadeira porque eu também sou "negão", e isso prova mais ainda que ele/ela é racista.

Agora irei falar sobre a raça amarela, quando os asiáticos chegam ao Brasil eles são alvos de piadas sem graça e brincadeiras de mau gosto. A maioria das pessoas falam "os asiáticos estão de olhos fechados", "no vídeo game vai ser fácil de ganhar deles porque eles não estão enxergando nada", e isso ele/ela pode estar falando brincando, mas dentro de quem está escutando tudo isso aca-

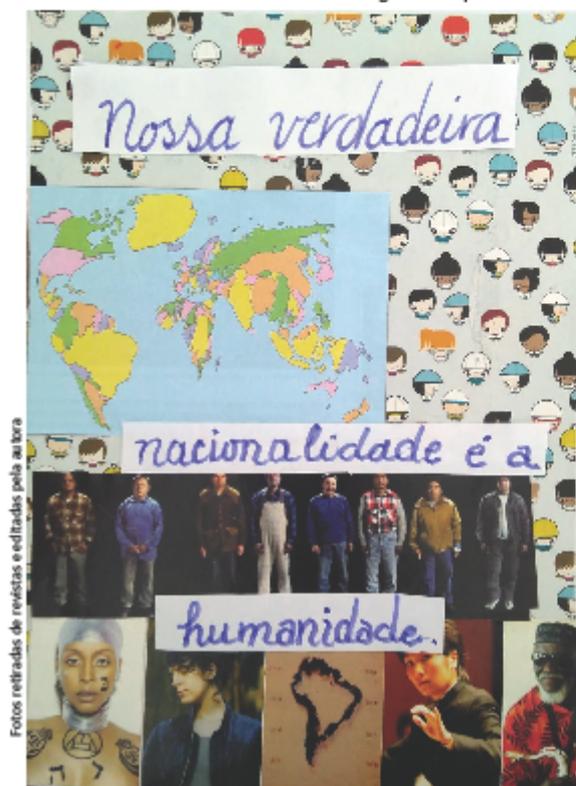
RACISMO, PRECONCEITO E XENOFOBIA SÃO CRIMES!!!!



Fotos retiradas da internet

Precisamos falar sobre xenofobia

Artigo escrito por Anita



Fotos retiradas de revistas e editadas pela autora

Você sabe o que é Xenofobia? Xenofobia é a antipatia, o preconceito ou ódio com estrangeiros ou pessoas de outros lugares. O que inclui também o racismo e a intolerância religiosa.

Xenofobia é coisa séria e é crime (Lei nº 7.716 de janeiro de 1989). Se você veio de outro lugar, provavelmente, já deve ter ouvido alguma piadinha ou comentário, ou talvez tenha você tenha praticado a xenofobia sem ao menos perceber. E o que começa com piadas, podem acabar com discursos de ódio, violência física e até mortes.

tem apenas pessoas com pele branca e descendência Europeia. Quando pensam na imagem de um brasileiro, dificilmente vão pensar na imagem de alguém com origem asiática.

E os refugiados e imigrantes estrangeiros que são as principais vítimas da xenofobia. Depois dela vem o racismo, a intolerância religiosa e o preconceito linguístico.

A xenofobia é sofrida e praticada pelos próprios brasileiros. Os famosos "estereótipos". Pessoas do Norte já devem ter ouvido coisas do tipo: "Lá só tem Mato". Pessoas do nordeste que sempre ouvem piadinhas em relação ao seu sotaque, religião e cultura, e, tem aqueles que acham que no sul do Brasil

A xenofobia assim como todo o tipo de preconceito não deve ser aceita e nem tolerada, é algo grave, que muitas pessoas desconhecem o que é, mesmo sendo algo tão comum, que muitos sofrem e praticam todos os dias.

Eu acredito que pessoas hipócritas são xenofóbicas, afinal, cada um veio de um lugar, tem uma cultura, raça e talvez uma religião diferente. Ensinar que a xenofobia é algo errado é uma forma de abrir caminho para a igualdade e evitar outros preconceitos.

Quando conhecemos pessoas de outros lugares é uma grande oportunidade de conhecer outras culturas e até idiomas. Mas tem muita gente que acha que só porque aquela pessoa veio de outro lugar, não merece respeito.

XENOFOBIA NÃO É BRINCADEIRA!

"A Nossa verdadeira nacionalidade é a humanidade" H. G.

Wells



O combate contra os maus-tratos a animais

Artigo escrito por Kátia

Nesta seção você vai encontrar informações sobre a Farra do Boi e a Caça de baleias, que são assuntos de maus-tratos a animais.

Na minha opinião, nenhum animal tem de ser mantido em cativeiro ou ser usado para alguma cultura ou ser manipulado para pesquisas. São nossos animais, é a nossa natureza que estamos matando. Os animais também sentem, são que nem nós, eles sofrem mais que nós.

Eles tem que ser livres, eles não são feitos para serem mantidos presos, não falo só dos aquários que eles ficam, falo também do zoológico, os animais ficam em "gaiolas" para satisfazer a nossa vontade. Existe internet a nossa tecnologia está muito avançada, podemos pesquisar tudo que queremos, principalmente, sobre os animais

Vamos se colocar um pouco no lugar de cada animal que existe na Terra.

Nós seres humanos precisamos parar de ter tanta ganância e tanta vontade de se sentir superior a outros animais, temos que começar a fazer a denominação "ser humano" e começar a realmente ser humano. Não somos o mesmo que esses animais, assim como nós eles têm os papéis deles aqui na Terra. Temos que respeitar os nossos animais.

"Olhe no fundo dos olhos de um animal e, por um momento, troque de lugar com ele. A vida dele se tornará tão preciosa quanto a sua e você se tornará tão vulnerável quanto ele"

O que é Farra do boi?

A farra do boi é um ritual típico do litoral do estado brasileiro de Santa Catarina, que consiste em soltar um boi em um local ermo e assim "farrear" fazendo o animal correr atrás das pessoas que participam, sendo assim por percorrer distâncias e fugir, o animal fica exausto. Desde 1997, a Farra do Boi foi proibida em todo o estado de Santa Catarina, após inúmeras denúncias e uma grande campanha de conscientização por partes dos ecologistas e da Sociedade Mundial de Proteção Animal. A tortura começa alguns dias antes da festa, quando o boi é isolado e deixa de ser alimentado. Quando o animal está a dias sem comer, são colocados comida e água próximos a ele, de forma que ele possa ver mas não possa alcançar, ficando desesperado.



Foto retirada da internet

Sobre a caça de baleias:

Proibida desde 1986 pela Comissão Baleeira Internacional, a caça de baleias teve seu início há pelo menos 5 mil anos, e gera controvérsia até os dias atuais. Enquanto países como Japão, Noruega e Islândia defendem a liberação da caça comercial destes animais, organizações ambientalistas travam uma árdua batalha para preservar e proteger estes magníficos cetáceos.

Em 1740 o mar era virado em guerra, e nesse tempo em Florianópolis muitas das baleias-francas eram caçadas com arpões de ferro. O maior motivo dessa caça vem do valor que tem a gordura das baleias. Os pescadores capturavam primeiro os filhotes para atrair a mãe e assim abater os dois. Essas baleias eram alvos fáceis por serem mansas. Essa espécie foi tão caçada que quase entrou em extinção no século XIX. Por esse motivo a caça foi interrompida por um tempo. Mas os pescadores de Florianópolis e Garopaba voltaram a caçá-las até que elas desapareceram de vez do Estado de Santa Catarina. A caça foi proibida por lei em 1973 em SC. Depois de muito tempo, uma mãe e um filhote foram avistados na praia de Ubatuba SP e assim iniciou-se a proteção da espécie pelo projeto Baleia-Franca. Um dos grandes motivos para pararem de caçar as baleias é que sua gordura perdeu utilidade.

Um jogo realmente te torna mais violento/violenta?

Artigo escrito por Paulo

A quem diga que *games* deixam as pessoas violentas, mas, de acordo com algumas pesquisas, jogos não as tornam mais violentas e sim ajudam a lidar com situações do dia a dia.

Por esse motivo, eu tive a ideia de fazer algumas pesquisas, em fóruns da *internet*, para saber o que crianças e adolescentes acham sobre isso. Nessa busca, percebi que a maioria dos/das jovens/crianças têm em média de 10 a 16 anos de idade. Grande parte deles/delas têm autorização dos pais ou responsáveis para jogar, porém, 30% delas e deles apresentavam ter um comportamento agressivo quando se tratava de jogos com a recomendação acima de 16 anos. Elas e eles descreviam cenas de mortes, drogas, estupros e algumas/e alguns diziam sentir um certo prazer em vê-las.

Em seguida, tive a ideia de entrevistar policiais, já que eles estão em contato com casos de violência. Entrevistei quatro policiais e fiz a seguinte pergunta a eles:

- Vocês acham que um adolescente ou uma adolescente, em perfeito estado mental, pode ser influenciado/influenciada a ser agressivo/agressiva se jogar um



Fotos retiradas da internet

jogo impróprio para sua idade?

O primeiro e o segundo responderam que não e o terceiro respondeu o seguinte:

- Mesmo que seja um/uma adolescente normal, com ou sem problemas, ele ou ela será influenciado/influenciada pelo jogo.

E o quarto policial respondeu o seguinte:

- Alguém não se torna violento ou violenta da noite para o dia. Apenas se for uma criança com problemas mentais.

Na minha opinião, como alguém que tem o hábito de jogar e também um adolescente de 15 anos, não acho que alguém pode ser agressivo/

agressiva por que viu isso em um jogo.

Agora, falando de você, você acha que se você ou seu filho/filha, neto/neta, irmão/irmã, sobrinho/sobrinha e qualquer outra criança que você conhece vai ficar violento ou violenta se jogar *Fortnite*, *Roblox*, *Minecraft*, *Lego*, etc? Esses são poucos dentre os inúmeros jogos ótimos que não contêm uma gota de sangue, mas que estão sendo julgados por muitos e muitas, mesmo censurando quase toda violência.

Acho totalmente errado acusar, proibir e culpar um jogo pelo crime de um indivíduo.



Diversidades



Texto e foto por Karla

Oi, pessoal, sou o Lumi e estou aqui para contar minha história! Em um dia nublado eu estava andando pelas ruas de Florianópolis a procura de algo para comer ou beber. Por um bom tempo eu fui um cachorrinho de rua (pelo menos é o que as minhas mães acham). Eu fui muito mal tratado, não sei como nem por que fizeram isso comigo... Estou com o ossinho da minha perna quebrado e com minha pele muito machucada, não consigo andar direito, só me rastejo.

Eu já não tinha mais esperanças achava que ia viver o resto da minha vida na rua, mas Deus me presenteou com 3 garotas maravilhosas! Em meio a tanta gente ruim parei nos braços dessas três anjas, que estão cuidando dos meus ferimentos!

Eu estou melhorando graças a elas e a veterinária Daniela, estou tomando medicamentos.

Logo, quando minhas mães me viram pararam para me ajudar, eu fiquei muito assustado, quis fugir, pois achei que seria só mais um ser humano ruim que estava ali prestes a me machucar novamente, mas elas insistiram, me deram carinho e conversaram comigo, eu me senti especial, mesmo estando com medo. Deixei nas mãos de Deus e pedi para que não fizessem nada de ruim comigo, foi aí que eu vi que elas só queriam me ajudar. E cá estou eu, recebendo os devidos cuidados para ficar bonzinho e logo logo achar uma família que me dê muito amor e carinho!

Razões para ser feminista

- Porque eu quero ganhar o mesmo salário que o meu colega de trabalho.
- Porque eu não preciso que alguém abra a porta do carro ou carregue minhas malas.
- Porque eu quero ligar a TV e me identificar e não constatar o quanto estou longe do padrão.
- Porque eu quero o mundo mais junto, mais igualitário e melhor.
- Porque eu quero que as mulheres decidam como, quando e com quem vão transar sem que as classifiquem como vagabundas.
- Porque eu gostaria MUITO de andar na rua sem ouvir cantada ou sem ter medo.
- Porque eu não consigo aceitar que mulheres sejam o tempo todo vítimas de violência.
- Porque a maternidade tem que ser uma oportunidade e não um fardo que nos limite e nos oprima.
- Eu preciso do feminismo porque filmes, livros e séries parem de romantizar abuso e pedofilia.
- Eu preciso do feminismo porque que não quero que o Estado mande no meu corpo.

Por Kamila

Games

Devil May Cry 5 é um jogo eletrônico de ação-aventura *hack and slash* desenvolvido e publicado pela *Capcom*. É o quinto título principal da série *Devil May Cry* e foi lançado em 8 de março de 2019 para *Microsoft Windows*, *PlayStation 4* e *Xbox One*.

Dante e Nero como personagens antigos que continuam no *game* lutando junto com um novo personagem chamado "V". A jogabilidade é semelhante aos outros títulos da série *Devil May Cry*, concentrando-se em um combate de "ação elegante" em um ritmo acelerado. O jogador luta contra hordas de demônios com uma variedade de ataques e armas e recebe uma avaliação de estilo em combate com base em vários fatores, como variedade de movimentos, a duração de uma



A música no jogo muda com base no desempenho do jogador em combate. O jogo foi dirigido por Hideaki Itsuno, que dirigiu a série desde o segundo jogo da franquia *Devil May Cry*.

Opinião: não há como jogar *Devil May Cry 5* e não ficar empolgado, uma vez que o jogo não te deixa largar dele mesmo depois que você fecha a história pela primeira vez. Definitivamente é o melhor *Devil May Cry* para mim, e tenho certeza que muita gente vai concordar comigo. É realmente imperdível a nova *capcom* não somente mostra atitude como já tem de volta com força.

Resenha de Diego

Foto retirada da internet



Dauntless é um jogo da *Epic Games*, que possui elementos de RPG. O jogo possui apenas batalhas com "chefes" já que no jogo não possuímos monstros menores espalhados pelos mapas, apenas um monstro grande que temos que achar e matar sozinho ou em esquadrão. A batalha com os monstros é complicada, pois todos possuem vários mecanismos diferentes fazendo o jogador agir de ma-

neira tática, memorizando ou antecipando os movimentos do monstro durante o combate, caso contrário morrerá sem dar conta do porque está caído. Quando caímos podemos ser revividos por um aliado ou usar um seringas para reviver sem precisar de ajuda. Se o nível de perigo do monstro estiver muito alto você não poderá ser revivido por aliados, apenas se usar a

seringa. O nível de perigo do monstro aumenta conforme ele perde vida, quanto mais alto o perigo mais rápido e forte o monstro fica, vale ressaltar que o monstro não apresenta barra de vida, então o monstro só aparenta estar com metade da vida, quando foge. Cada monstro deixa um material quando é quebrado ou cortado uma parte do seu corpo, alguns materiais caem quando o monstro morre.

Os materiais servem para você fazer armas e armaduras. Algumas armas e armaduras possuem elementos, que são de acordo com o elemento que o monstro possui, os elementos variam entre fogo, gelo, raio, folha, luz e sombra, além dos neutros que não possuem elementos. *Dauntless* é um jogo gratuito e multi plataforma com suporte a *crossplay*.

Dauntless é um jogo muito viciante e bom, mas ainda falta ser adicionado mais conteúdo para as próximas atualizações.

Resenha de Dado

Música



Jovens apresentam suas opiniões na seção de entrevistas de música

A música é uma forma de arte que se constitui na combinação de vários sons e ritmos, seguindo uma pré-organização ao longo do tempo. É considerada por diversos autores como uma prática cultural e humana. Não se conhece nenhuma civilização ou agrupamento que não possua manifestações musicais próprias.

Nessa edição do jornal Folha Lázaro Marques, fizemos entrevistas com jovens de 14 a 18 anos e ouvimos diversas respostas muito interessantes sobre músicas. Tenho certeza que vocês vão gostar! Confira abaixo:

Pergunta: Qual o estilo de música você mais gosta?

Ouvimos dos jovens que foram entrevistados/entrevistadas suas opiniões variadas e fizemos uma lista das mais citadas as menos citadas. Confira abaixo:

Sertanejo
Pop internacional
Trap
Rap
Rock
Pop
Eletrônico
Funk
MPB
Clássico
Acústico
Gospel
Pagode
Rap acústico
Internacional
Kpop

Enquete realizada por Léo e Franco

Nossa próxima pergunta foi:

Como esses estilos de músicas influenciam no seu dia a dia?

Confira algumas respostas dos entrevistados e das entrevistadas:

"A música a gospel, principalmente, influência na minha vida espiritual"

"A música, clássica me faz sentir vontade de ser inteligente. Pop Rock me dá alegria. Pop internacional me faz querer ser bilingue. Acústico eu escuto porque me ilumina e me mostra verdades, consequentemente é muito bom"

"Gosto da mensagem que trás" (Rap)

"A ver a vida como ela é e amar os outros" (Trap e Sertanejo)

"Em quase tudo, Quando estou triste, por exemplo, dependendo da música que eu escutar vai me deixar feliz ou pelo menos mais aliviada" (Rock e MPB)

"Porque quando eu ouço me deixa feliz" (Pop, eletrônica, internacionais e Kpop)

Depois disso perguntamos:

E vocês? Acreditam que quando estamos triste ouvir músicas tristes deixam quem a escuta mais feliz? Mito ou verdade?

Vocês devem estar curiosos para saber, né? Então, confira:

"Acho que sim, pois, negativo com negativo dá positivo"

"É mentira, você ouve uma música triste para refletir sobre seu momento triste"

"Na minha opinião é mito, porque gosto de analisar bem a música antes de ouvir, leio a letra e etc. música triste não me deixa feliz."

"Mito. Uma música voltada para a tristeza e com a letra triste, faz as pessoas ficarem mais tristes.... Porque a pessoa vai se identificar com a tradução e só vai fazer a pessoa ficar ainda mais triste"

Como vocês puderam ver, segundo as opiniões dos nossos entrevistados e entrevistadas, isso é mito! Também perguntamos:

E você acredita que exista preconceito com mulheres ou homens nas letras das músicas?

Confira abaixo as respostas dos entrevistados e das entrevistadas:

"Sim, pois as músicas de hoje em dia são muito machistas, sempre no ato de machucar, maltratar e dominar a mulher"

"Sim. E realmente existe com mulheres, no funk e no sertanejo ou outros estilos de músicas mesmo a mulher é muito objetificada"

"Muito, porque na maioria dos Funks acontece descriminalização com as mulheres, e os palavreados sempre são direcionado as mulheres"

"Em algumas músicas de funk sim porque desvaloriza a mulher e acredito que a mulher deve ser valorizada e respeitada"

"Sim. Acredito que em gêneros musicais como trap, rap e funk, homens e mulheres são tratados como objetos sexuais, ao menos é isso que as letras das músicas transmitem por meio da linguagem chula ao ouvirmos"

"Sim, geralmente para as mulheres, músicas de baixo calão que humilha as mulheres"

E você, gostou da nossa enquete? O que você espera para o próximo jornal? Não se esqueça de ler nossas matérias especiais sobre feminismo e machismo nas primeiras páginas do jornal!

Esportes

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO

Por Guto



Foto: retirada das internet

Em 1941 o futebol feminino foi proibido por lei no Brasil.

O futebol feminino iniciou-se em 1898 na Inglaterra e a primeira partida foi entre Inglaterra e Escócia. No Brasil, a primeira partida ocorreu em São Paulo em 1921 entre Senhoritas Catarinenses x Trememberes, um bairro de São Paulo.

Em 1996 o futebol feminino foi reconhecido com modalidade esportiva nos jogos olímpicos.

Com a evolução do esporte patrocínios e boas atletas o futebol feminino tem evoluído.

Nesse ano de 2019 acontecerá a oitava edição da Copa feminina de futebol na França e pela primeira vez a Globo irá transmiti-la. Ao contrário do futebol masculino, o feminino não é tão divulgado.



O dia que meu tio saiu vestido de mulher na Mauro Ramos

Num sábado de julho de 2018, dia de muito sol, acordei esperançoso, pois o jogo do Brasil com a Bélgica seria muito difícil. Passei o dia correndo de um lado para o outro preparando um churrasco com minha família.

Todos começaram a chegar: primos, meus amigos, tias e vizinhos. Uma parte deles achava que o Brasil iria ganhar e outra que o Brasil iria perder. Alguns fizeram apostas que se perdesse iriam se vestir de mulher.

Chegou o grande momento e ligamos a TV e o jogo da seleção brasileira começou. A minha família e eu estávamos muito contentes quando a seleção brasileira estava ganhando. Mas, quando ela começou a perder, eu fiquei triste, pois pra vir a próxima Copa iria demorar...

Então, no final, meu tio teve que se vestir de mulher e andar na Mauro Ramos....

História de Ygor

